

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

DAIARA SUELLEN GABRIEL DE ÁVILA

**Direitos civis e ativismo negro feminino nas escritas de si de  
Rosa Parks e Nina Simone (1950s – 1960s)**

SÃO PAULO

2022

DAIARA SUELLEN GABRIEL DE ÁVILA

**Direitos civis e ativismo negro feminino nas escritas de si de  
Rosa Parks e Nina Simone (1950s – 1960s)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

SÃO PAULO

2022

ÁVILA, Daiara Suellen Gabriel de. *Direitos civis e ativismo negro feminino nas escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone (1950s – 1960s)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a) \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.(a) Dr.(a) \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.(a) Dr.(a) \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida de abril de 2020 até fevereiro de 2022 por meio do processo 88887.488460/2020-00, que possibilitou que eu me dedicasse a essa pesquisa de forma integral.

Ao meu orientador, Robert Sean Purdy, por tanto conhecimento compartilhado comigo de maneira empática e sensível. Obrigada pelo respeito a minha pesquisa e pelos diálogos que possibilitaram que essa pesquisa tivesse aprofundamento sobre a História dos Estados Unidos. Você é o melhor orientador que eu poderia ter.

Agradeço ainda, ao professor Marcos Sorrilha que mesmo durante a graduação já via potencial nessa temática e esteve sempre disposto a compartilhar comigo seu profundo conhecimento sobre o assunto. Serei sempre grata. Estendo os agradecimentos a professora Maria Celeste Fachin que lá atrás compartilhou comigo metodologia de pesquisa que são preciosas para mim até hoje.

Aos amigos que a Universidade de São Paulo me trouxe, Larissa Helena, Suellen, Victor, Carol Passarin e Dayane, por sempre estarem prontos para me auxiliar em qualquer coisa que eu precisasse e por compartilharem comigo as ansiedades do mestrado.

A todos os professores e funcionários da Universidade de São Paulo que fazem com que essa universidade tenha a excelência que tem e que os alunos possam desenvolver seu máximo potencial.

Aos meus amigos da vida, Jussara, Joabe, Helbert, obrigada por todos os momentos que vocês acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava e por apoiarem as minhas loucuras. Eu devo muito dessa dissertação à força que vocês me trouxeram, vocês são família para mim. Obrigada!

À Julia, minha pessoa, obrigada amiga por tudo que passamos juntas e por estar ao meu lado como uma irmã faria por todos esses dias que passei escrevendo essa dissertação. Você sempre será a melhor parte de mim.

Ao meu amigo Hugo, que em 2012 fez uma promessa de nunca me abandonar e a cumpre com perfeição desde então. Obrigada por todas as vezes que você dedicou tempo para ler a minha pesquisa, e por todas as chamadas de vida que terminavam com “você vai conseguir Daiara”, sem você essa pesquisa certamente não seria a mesma, obrigada para sempre.

Ao grupo Resistência Preta, que é o grupo de mulheres negras que me fortalecem a cada dia, nesse grupo eu encontro acalento para as ansiedades que esse processo trouxe.

Além disso, é nesse grupo em que eu me inspiro todos os dias para continuar na vida acadêmica. Vocês são mulheres incríveis, obrigada!

Às minhas tias que fazem parte de quem eu sou, e que servem para mim como inspiração. À minha irmã Denise por tudo que já passamos juntas e por sempre acreditar no meu potencial.

Sempre quando eu me sinto sozinha, eu lembro que em algum lugar do mundo alguém sempre estará pensando em mim, e esse alguém é o meu pai, Júlio César da Silva, obrigada por sempre ser sempre minha melhor referência de masculinidade.

À Flavia, minha companheira de vida, talvez os agradecimentos não caibam em palavras, mas eu vou tentar. Obrigada por me apoiar com amor e cumplicidade em todos os momentos que eu quis desistir, que eu duvidei de mim mesma e que eu não acreditei que essa dissertação seria possível. Obrigada por topa viver essa loucura comigo com tanto comprometimento. Eu te amo! Estendo os agradecimentos ao Alex, meu cunhado, que com muita serenidade sempre compartilhou comigo dos seus conhecimentos acadêmicos e de vida.

À Maria Silvia, minha mãe, que se absteve de tanto por mim. Cada linha dessa dissertação foi escrita por mim pensando em você, em te devolver pelo menos um pouco do que você me deu durante essa vida toda. Você, assim como todas as mães pretas, lutou pela sua cria assim como uma leoa, eu serei grata a você por isso para sempre. A mestre aqui é você!

Por fim, agradeço a todas as mulheres negras que vieram antes de mim e que possibilitaram que eu traçasse esse caminho e realizasse o sonho das nossas ancestrais.

*Tome um litro de água, adicione meio quilo de açúcar, o suco de oito limões, as raspas de meio limão. Despeje a água de um jarro e depois no outro várias vezes. Coe em um guardanapo limpo.*

*Vovó, a alquimista, você tirou ouro dessa vida difícil, conjurou beleza das coisas deixadas para trás. Encontrou cura onde não morava. Descobriu o antídoto em seu próprio kit. Quebrou a maldição com suas próprias mãos. Você passou essas instruções para sua filha, que as passou para a filha dela.*

*Tive meus altos e baixos, mas sempre encontro a força interior para me levantar. Serviram-me limões, mas fiz limonada. Minha avó dizia: "Nada real pode ser ameaçado". O verdadeiro amor trouxe a salvação de volta para mim. Com cada lágrima veio a redenção e meus torturadores se tornaram meu remédio. Então vamos curar. Nós vamos começar de novo.*

Warsan Shire

## RESUMO

Este trabalho analisa o ativismo feminino negro de Rosa Parks e Nina Simone durante o Movimento por Direitos Civis nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. Rosa Parks foi presa por se recusar a ceder o seu lugar no ônibus para uma pessoa branca e deu início ao boicote aos ônibus da cidade de Montgomery, e Nina Simone foi uma das cantoras que traduziram o ativismo negro em prol dos direitos civis de pessoas negras através de suas músicas de protesto. O objetivo é realizar uma leitura crítica das escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone, priorizando as autobiografias das autoras – *My Story*, de Rosa Parks, e *I Put a Spell on You*, de Nina Simone – para entender quais as formas que as ativistas escolheram se organizar politicamente no movimento. Assim, acompanhou-se, por meio dessas obras, a forma de ativismo das mulheres negras e seu papel no movimento. Através das trajetórias particulares de Parks e Simone, buscou-se ainda entender a relação das vivências delas com os eventos históricos do movimento.

**Palavras-chave:** História dos Estados Unidos; mulheres negras; Movimento por Direitos Civis; escritas de si.

## ABSTRACT

This paper analyzes the black female activism of Rosa Parks and Nina Simone during the Civil Rights Movement in the United States in the 1950s and 1960s. Rosa Parks was arrested for refusing to give up her seat on the bus to a white person and Montgomery city bus boycott began, and Nina Simone was one of the singers who translated black activism for the civil rights of black people through her protest songs. The objective is to realize a critique reading of Rosa Parks and Nina Simone's self-writing, prioritizing the authors' autobiographies – *My Story*, by Rosa Parks, and *I Put a Spell on You*, by Nina Simone – to understand the ways these activists chose to organize themselves politically in the movement. Thus, by the writings of these activists, the forms of activism of black women and their role in the movement were understood. Through the particular trajectories of Parks and Simone, it was also sought to understand the relationship of their experiences with the historical events of the movement.

**Keywords:** History of the United States; black women; Civil Rights Movement; self-writing.

## **LISTA DE ABREVIATURA**

CORE – *Congress of Racial Equality*

MIA – *Montgomery Improvement Association*

NAACP – *National Association for the Advancement of Colored People*

SCLC – *Southern Christian Leadership Conference*

SNCC – *Student Nonviolent Coordinating Committee*

WPA – *Works Progress Administration*

WPC – *Women's Political Council*



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Estimativa de votantes afro-americanos no Sul (1876-1924) .....	82
Figura 2 – A Grande Migração, 1916-1930 .....	113
Figura 3 - População negra lota as filas da sopa gratuita oferecida pelo governo americano. Destaque para o contraste entre a fome da população negra em vulnerabilidade social e a propaganda do estilo americano de vida, que protagoniza pessoas brancas.	141
Figura 4 – Nina Simone posa para foto de divulgação e exhibe o cabelo no estilo Black Power e trajes pretos que fazem referência ao Partido dos Panteras Negras e ao movimento Black Power. ....	211

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. DUAS MULHERES NEGRAS EM MOMENTOS DE LUTA .....	19
1.1. Rosa Parks (1913 – 2005).....	23
1.2. Nina Simone (1933 – 2003).....	28
1.3. A escrita de si e a autobiografia.....	36
1.4. Escrita de si de mulheres negras: Rosa Parks e Nina Simone .....	49
1.5. Autobiografias escritas a quatro mãos.....	56
2. ROSA LOUISE: O COMEÇO DA REBELDIA .....	60
2.1. Abuso sexual e o mito do homem negro estuprador .....	74
2.2. O direito ao voto .....	79
3. ROSA PARKS: UMA REBELDE DISTINTA .....	98
3.1. Boicote aos ônibus de Montgomery .....	108
3.2. Rosa Parks após o Boicote.....	124
4. DE EUNICE WAYMON PARA NINA SIMONE.....	135
4.1. Eunice Waymon antes de Nina.....	137
5. NOVA YORK, NINA SIMONE E O ARTIVISMO .....	165
5.1. Nova York .....	169
5.2. Solidão, afetividade e relacionamentos .....	172
5.3. O <i>blues</i> , o <i>soul</i> , o <i>jazz</i> e Nina Simone .....	179
5.4. A mulher cantora e a cantora mulher.....	184
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	228

*Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo, é uma necessidade vital da existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual predicamos nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e à mudança, primeiro transformada em linguagem, depois em ideia, depois em ação mais tangível. A poesia é a forma como ajudamos a dar nome ao inominável para que possa ser pensado. Os horizontes mais distantes de nossas esperanças e medos são pavimentados por nossos poemas, esculpidos nas experiências rochosas de nossas vidas cotidianas.*

Audre Lorde – Sister Outsider

## INTRODUÇÃO

Essa dissertação de mestrado analisa as escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone para entender sua participação na luta por direitos civis das pessoas negras nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. Rosa Parks dedicou sua vida adulta ao ativismo negro participando do Movimento por Direitos Civis desde sua prisão em dezembro de 1955. Parks foi presa por se recusar a ceder seu lugar no ônibus para uma pessoa branca. A cidade de Montgomery na época era uma das cidades do Sul do país que sofriam com a segregação racial institucionalizada. Nina Simone foi uma das cantoras que marcaram a cultura negra da época, compondo e interpretando músicas de protesto que serviram de inspiração para os ativistas negros; além disso Simone utilizou sua fama e reconhecimento para quebrar as barreiras do racismo e elevar a luta por direitos civis a patamares midiáticos. Rosa Parks e Nina Simone comungavam dos mesmos objetivos, contudo, divergiam na metodologia de alcance de tais objetivos, consequência das vivências diferentes das suas. Dessa forma, propõe-se aqui analisar a partir de uma ótica interseccional os relatos de Parks e Simone afim de compreender o ativismo negro feminino no movimento por direitos civis.

Documentos mostram que as primeiras organizações de negras de combate a injustiças raciais foram criadas no início do século XX, como a NAACP [Associação Nacional para o Avanço de Pessoas Negras] que foi criada em 1909. Assim como ela, outras organizações, com direcionamentos diversos surgiram com o objetivo de driblar o racismo e a segregação racial. Ainda assim, é importante salientar que a movimentação de pessoas negras organizadas na luta contra o racismo data desde antes da abolição

escravista, por isso alguns historiadores acreditam em um longo Movimento pelos Direitos Civis, e não apenas um movimento datado como outros trabalham.<sup>1</sup>

Já na primeira metade do século XX, diante de um contexto de segregação racial imposta por diferentes manobras da branquitude, os negros e negras estadunidenses colocavam-se organizados em um movimento de luta por direitos civis. Nesse contexto, esse período era caracterizado por diversas disputas na tentativa de garantir tais direitos. O *Civil Rights Movement* [Movimento pelos Direitos Civis] objetivava acabar com a discriminação racial constitucional nos estados do Sul do país, em que as leis segregacionistas eram mais influentes. Contudo, percebe-se que a discriminação racial no país não se dava apenas através das leis segregacionistas, mas por meio de um racismo que marginalizava socialmente os afro-americanos. Desse modo, o movimento estende-se para o Norte na tentativa de tornar a sociedade americana mais igualitária para negros e brancos, uma luta que se observa até hoje no país.

Nessa perspectiva, a historiografia desse período direcionou-se a estudar as diferentes formas de discriminação racial – tanto nos estados do Sul, quanto nos estados do Norte do país – e as diversas formas de atuação das pessoas negras, organizadas em grupos militantes ou não, diante desse contexto segregacionista. A partir disso, podemos empreender que o racismo no país não é geograficamente localizado e, para além disso, a atuação do Movimento pelos Direitos Civis agiu de diferentes formas nos diferentes espaços.

O primeiro capítulo dessa dissertação é dedicado a contextualização da década de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, analisando de uma forma ampla o início do movimento por direitos civis e a dinâmica do movimento nas diferentes cidades dos estados do Sul do país e no Norte. Analisaremos quais eram as demandas e quais as estratégias pensadas para garantir tais demandas. Além disso, exploraremos no primeiro capítulo a metodologia do uso das escritas de si como fontes primárias de análise histórica.

Desse modo, foram escolhidas como fontes para a pesquisa e análise da trajetória de Rosa Parks e Nina Simone suas autobiografias escritas no início da década de 1990. A partir das obras, houve a possibilidade de analisar de fundo nessa ótica das autoras os acontecimentos do período entre a década de 1950 e 1960 em que elas atuaram como militantes do movimento por direitos civis.

---

<sup>1</sup> DOWD HALL, Jacquelyn. The Long Civil Rights Movement and the Political Uses of the Past. *The Journal of American History*, v. 91, n. 4, 2005, p. 1233-1263.

O uso das autobiografias gerou a necessidade de se entender melhor as possibilidades de utilização desse tipo de documento como fonte. Nesse contexto, Michel Foucault<sup>2</sup> define as autobiografias como partes constituintes das escritas de si, que ele conceitua como os escritos voltados para o autoexame, que não tem como objetivo revelar o indizível, mas constituir o eu daquele que escreve. A partir dessa análise, buscou-se autores que fizessem a discussão da utilização das escritas de si como fontes privilegiadas de pesquisa, como Ângela de Castro Gomes<sup>3</sup>, que faz um estudo aprofundado sobre a utilização das escritas de si para escrever história e defende a ideia de que o homem moderno vê a necessidade de colocar no papel suas experiências individuais. A autora afirma que a utilização das escritas de si como fontes traz a ideia de que o indivíduo não pode ser universalizado, mas pluralizado.

Phillipe Lejeune<sup>4</sup>, um dos principais autores utilizados na pesquisa, desenvolveu vasta pesquisa em relação à escrita das autobiografias, definidas por ele como todos os escritos em que o autor se dedica a falar de si diretamente. Segundo o autor, esses escritos podem ser um diário íntimo ou as memórias autobiográficas, contanto que seja um escrito em que o autor transponha no papel sua experiência pessoal<sup>5</sup> – essa definição de Lejeune concorda com o conceito de escritas de si de Michael Foucault.

O sociólogo Pierre Bourdieu<sup>6</sup> alerta sobre algumas adversidades que o historiador vai enfrentar ao utilizar as escritas de si como fonte. O autor relembra que as autobiografias são compostas por memórias escolhidas pelos autores, o que implica a parcialidade dos fatos expostos nesses documentos. Por isso, é importante que o historiador, ciente dessa lacuna nas escritas de si, tenha sensibilidade para analisar fontes complementares que auxiliem na comprovação dos fatos. Certos de que para o historiador não existe verdade única. As escritas de si como fontes privilegiadas de análise histórica devem ser analisadas pelo viés imparcial do historiador, além de lidar com a memória implícita nesse tipo de documentação.

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*, p. 129-160. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992.

<sup>3</sup> GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escritas de si, escrita a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>4</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<sup>5</sup> Cf. LEJEUNE, 1971, p. 10.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: *Usos & Abusos da História Oral*. São Paulo: FGV Editora, 1996.

Outrossim, estamos lidando na pesquisa com escritas de si de mulheres e sobre esse tipo de documento as autoras Margareth Rago<sup>7</sup> e Romilda Costa Motta<sup>8</sup> defendem a ideia de que a História das Mulheres e a História das Relações de Gênero foram possíveis inicialmente através da escrita de si das mulheres, tendo em vista que, a partir dos papéis de gênero definidos para mulheres e homens e o ambiente privado era reservado para as mulheres e existia, portanto, uma tendência, principalmente no século XIX, de as escritas de si das mulheres revelarem o silêncio das fontes da época. As autoras concordam com o fato de que o “homem moderno” não é universal e, portanto, nem mesmo é um homem. Posteriormente, no século XX, vemos emergir, na historiografia e na sociologia, mulheres cientistas escrevendo sobre outros assuntos que não eram diretamente sobre si.

Entretanto, ao tratarmos de mulheres negras, o estudo sobre escritas de si requer mais aprofundamento em relação à subjetividade que envolve esses documentos e suas autoras. Nesse sentido, Conceição Evaristo<sup>9</sup>, escritora negra brasileira, acredita que as mulheres negras utilizam a escrita de si para lutar contra o apagamento social e para representar a denúncia das vivências dessas mulheres atravessadas pelo racismo estrutural e, no caso do nosso objeto de pesquisa, constitucional. Nessa mesma linha de pensamento, o historiador Johnnie Stover<sup>10</sup> defende a ideia de que as autobiografias de mulheres negras representam um tipo de resistência ao preconceito racial e de gênero, um verdadeiro ato de se colocar enquanto agente ativo de sua própria história.

Para auxiliar na dimensão da agência de um grupo oprimido, Walter Johnson<sup>11</sup> explica que existem diversas formas de agência quando se trata de pessoas negras e que até mesmo o ato de escrever pode se tornar um ato de resistência, tendo em vistas as limitações que o racismo impunha às mulheres negras. Outrossim, a escritora Grada Kilomba<sup>12</sup> afirma que as vivências das mulheres negras, ao enfrentarem as adversidades

---

<sup>7</sup> RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

<sup>8</sup> MOTTA, Romilda Costa. *Práticas Políticas e representações de si. Os escritos autobiográficos da mexicana Maria Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão / Pagu*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>9</sup> EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005

<sup>10</sup> STOVER, Johnnie M. *Rhetoric and Resistance in Black Women's Autobiography*. Gainesville: University Press of Florida, 2003.

<sup>11</sup> JOHNSON, Walter. *On Agency*. In: *Journal of Social History*, v. 37, n. 1, Edição Especial, 2003, p. 113-124

<sup>12</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano*. OLIVEIRA, Jess (Trad.), Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

impostas pelo preconceito racial, de gênero e de classe, podem e devem se tornar ciência, e possibilita a análise de como esses marcadores sociais atravessam a vida da comunidade negra no mundo inteiro.

Em relação aos objetos de pesquisa – Rosa Parks e Nina Simone – além de suas autobiografias, utilizamos biografias e artigos que trazem um outro olhar sobre a trajetória dessas duas mulheres. Brian Brinkley<sup>13</sup> e Joyce Hanson<sup>14</sup> se debruçaram a estudar a trajetória de Rosa Parks através das fontes jornalísticas e da própria autobiografia da ativista. Se por um lado Brinkley busca trazer em sua obra um viés mais humanizado de Parks, Hanson procura mostrar os desafios de Rosa Parks enquanto mulher negra e militante pelos direitos civis. Nessa mesma linha de raciocínio, Mary Hull<sup>15</sup> intitula Parks como a líder do Movimento pelo Direitos Civis, dando destaque às ações políticas de Rosa mais do que sua vida pessoal.

O Movimento por Direitos Civis foi um dos maiores movimentos sociais da história dos Estados Unidos, onde negros e negras se organizam para lutar por direitos civis básicos. A maioria dos historiadores data o começo do movimento a partir da decisão da Suprema Corte em segregar escolas primárias em 1954; a reação das pessoas negras frente a decisão ficou conhecida como *Brown v. Board of Education* [Brown v. Conselho de Educação]. Esse evento iniciou o fervor do movimento contra a segregação nas escolas. Em 1955 Rosa Parks foi presa por se recusar a ceder o banco de ônibus para um branco que dá o pontapé inicial ao *Montgomery Bus Boycott*, que foi uma ação organizada pela NAACP e que acabou com a segregação racial no transporte público no estado do Alabama em 1956. Nesse evento em que a figura de Rosa Parks fica nacionalmente conhecida, já que através da sua prisão em dezembro de 1955 que as organizações tiveram base para criar um caso contra a empresa de ônibus da cidade. Inserida no contexto de segregação racial do estado do Alabama, Parks é uma das muitas mulheres que se dedicaram ao trabalho de base no movimento.<sup>16</sup>

O segundo capítulo se dedica, portanto, a análise das escritas de si de Rosa Parks voltando-se para aspectos da vida da autora antes da sua prisão em dezembro de 1955. Dessa forma, nos aprofundaremos nas vivências da vida de Rosa Parks marcadas pelo racismo e sua visão de uma sociedade segregada. A infância e adolescência vividas em

---

<sup>13</sup> BRINKLEY, Douglas. *Rosa Parks*. New York: Penguin Books, 2000.

<sup>14</sup> HANSON, Joyce Ann. *Rosa Parks: a biography*. Colorado, 2011.

<sup>15</sup> HULL, Mary. *Rosa Parks: civil rights leader*. New York: Chelsea House Publishers, 2007.

<sup>16</sup> ROBBETT, Belinda. African-American Women in the Civil Rights Movement, 1954-1965: Gender, Leadership, and Micromobilization. *American Journal of Sociology*, v. 101, n. 6, 1996, p. 1661-1693.

escolas segregadas, a relação com os avós que tiveram contato direto com a escravidão, e a experiência de vida na área rural do estado do Alabama. É possível nesse capítulo ainda, entender como se deu a construção de Rosa Parks enquanto militante ativa do movimento.

Por outro lado, o terceiro capítulo dessa dissertação se dedica a entrelaçar os relatos das escritas de si de Rosa Parks e o que dizem os documentos sobre o boicote aos ônibus de Montgomery, evento divisor de águas da vida de Parks e nos rumos do movimento por direitos civis. Partindo desses recursos é possível analisar de quais formas os ativistas organizaram a dinâmica do boicote até a vitória no fim de 1956, e quais consequências que dele se sucederam. Além disso, partimos para análise dos outros eventos que Parks esteve presente e que marcaram a luta pela dessegregação das cidades na região Sul do país.

As décadas de 1950 e 1960 foram inundadas com eventos, fatos e narrativas que ilustram as ações no movimento negro organizado na luta contra a segregação racial e o racismo. Mostram ainda, que existiam diferentes agentes de mudança social no movimento como as lideranças religiosas, os jovens estudantes universitários e secundaristas e as mulheres. Nesse contexto coexistem os dois objetos de estudo dessa pesquisa, Rosa Parks e Nina Simone. Parks era militante da NAACP e foi a demandante do caso que levou ao fim da segregação nos ônibus da cidade de Montgomery e do Estado do Alabama posteriormente. Atuou ainda ao lado de outras mulheres com intuito de educar jovens estudantes negros sobre direitos civis e civilidade.<sup>17</sup> Simone, por outro lado atuou no movimento como cantora de protesto, levando a cultura e a militância negra para patamares nacionais e internacionais. Além de propor que os artistas deveriam pensar o seu próprio tempo, a cantora compunha músicas que foram consideradas inspiradoras para os militantes da época.<sup>18</sup>

A historiografia dos Direitos Civis mostra que a cultura negra foi um dos artifícios utilizados por artistas negros como forma de denúncia social e protesto, e se mostra através da música, da arte visual, do teatro e de todos os recursos que eram possíveis e acessíveis aos negros diante desse contexto. Na década de 1960, um grupo de jovens artistas organizou o *Black Arts Movement*, para valorizar e exaltar a cultura e os artistas

---

<sup>17</sup> PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. *Rosa Parks: my story*. New York: Puffin Books, 1992.

<sup>18</sup> SIMONE, Nina. CLEARY, Stephen. *I put a spell on you: the autobiography of Nina Simone*. New York: Da Capo Press, 1992.



negros.<sup>19</sup> Nessa pesquisa analisaremos a música, aspecto de suma importância para consolidação da cultura negra, como mostram os estudos de Jon Stratton<sup>20</sup> e Sean Purdy.<sup>21</sup>

Sobre a relação da cultura negra e o gênero, a historiadora Emily Lordi<sup>22</sup> mostra que as personalidades femininas enfrentaram desafios para se colocar na mídia enquanto artistas e, para além dessa perspectiva, a autora afirma que, para as mulheres negras, o desafio era ainda maior. Lordi parte da análise de Aretha Franklin e Nina Simone.

Nesse contexto, o quarto capítulo é dedicado a análise das escritas de si de Nina Simone partindo das vivências da infância em que a cantora apenas almejava ser a primeira pianista concertista negra do país até os seus esforços para garantir seu sustento provido de apresentações em bares e boates em Nova York. Nessa análise é possível fazer um paralelo com os relatos de Simone vivendo no Sul dos Estados Unidos no período da Grande Depressão e entender a partir da historiografia e de seus relatos quais foram as consequências da resseção econômica para a população negra, e o papel das mulheres negras na manutenção da economia dessas famílias. Além disso, exploraremos os desafios de Nina Simone para quebrar as barreiras de classe e raça no início da carreira.

Diante disso, o quinto capítulo é, portanto, dedicado a atuação de Nina Simone enquanto ativista e cantora, entendendo como sua participação no movimento pelos direitos civis vinha de uma inspiração feminina e de esquerda. Analisaremos ainda, algumas das composições de Simone que mostram a indignação da cantora diante do racismo, como a canção mundialmente famosa *Mississippi Goddman* onde a cantora denuncia mortes de pessoas negras no estado do Mississippi.

Em uma coleção de livros sobre mulheres artistas, Kerry Acker<sup>23</sup> escreve sobre Nina Simone e suas contribuições para a música estadunidense. A autora consegue relacionar, de forma brilhante, os acontecimentos da vida de Simone, como a mudança de cidade, o casamento, o nascimento da filha, com a carreira de cantora e a produção de seus álbuns. Dessa forma, a autora nos dá um panorama não biográfico da carreira

---

<sup>19</sup> MARTIN, Reginald. *Black Arts Movement*. The Oxford Companion to Women's Writing in the United States. New York: Oxford UP, 1995.

<sup>20</sup> STRATTON, Jon. *Popular Music, Race and Identity*. In: *The Sage Handbook of Popular Music*. Sage Reference, 2015, p. 381-400.

<sup>21</sup> PURDY, Sean. *Movimento por Direitos Civis*. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História dos Estados Unidos das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>22</sup> LORDI, Emily J. *Souls intact: The soul performances of Audre Lorde, Aretha Franklin, and Nina Simone*. In: *Women & Performance: a journal of feminist theory*. London: Routledge, v. 26, n. 1, 2016, p. 55-71.

<sup>23</sup> ACKER, Kerry. *Nina Simone*. In: *Women in the arts*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2009.

artística de Nina Simone. Do mesmo modo, Nadine Cohodas<sup>24</sup> dedicou-se a analisar, a partir de fontes biográficas e de toda a discografia da cantora, como sua tumultuosa vida pessoal se misturava com sua vida profissional e que toda essa subjetividade e intensidade que envolviam a Princesa Noire<sup>25</sup> se mostravam em suas músicas. Já Melanie Bratcher<sup>26</sup> concentrou-se nas contribuições de Nina Simone, enquanto artista negra, para a cultura negra. A partir dessa perspectiva, a autora utiliza a discografia da cantora como fonte e faz relação das canções e da trajetória de Nina Simone com outros artistas negros.

Dessarte, Rosa Parks e Nina Simone despontam nessa pesquisa como representantes do Movimento por Direitos Civis nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960. A partir de suas autobiografias objetivaremos entender os diferentes modos de militância feminina no movimento e os resultados desses diferentes modos, partindo de uma perspectiva interseccional, entendendo que o ativismo feminino negro dessas décadas serviu como base para a construção do feminismo negro no país até os dias atuais. Por outro lado, é possível ainda entender como a partir de suas trajetórias particulares os fatos históricos e experiências raciais se cruzam, em outras palavras, objetivamos construir uma análise que parte de uma visão micro, com as trajetórias individuais dos dois objetos, para uma lógica macro da história do movimento por direitos civis.

---

<sup>24</sup> COHODAS, Nadine. *Princess Noire: the tumultuous reign of Nina Simone*. North Carolina: Pantheon Books, 2010.

<sup>25</sup> Cf. COHODAS, 2010.

<sup>26</sup> BRATCHER, Melanie E. *Words and songs of Bessie Smith, Billie Holiday, and Nina Simone: sound motion, blues spirit, and African memory*. New York: Routledge, 2007.

## 1. DUAS MULHERES NEGRAS EM MOMENTOS DE LUTA

O presente capítulo é dedicado a apresentar nossos objetos de estudo. Desse modo, a organização se deu da seguinte forma: primeiramente, nós dedicamos a apresentação biográfica de Rosa Parks e Nina Simone. Em seguida, faremos uma discussão bibliográfica acerca do uso das fontes privilegiadas escolhidas, as escritas de si. E, por fim, faremos uma breve análise do contexto histórico em que a escrita dessas mulheres está inserida, além de relacionar essa escrita a uma análise bibliográfica da escrita das mulheres.

Para fins didáticos, usaremos o conceito de interseccionalidade, entendendo que as escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone são atravessadas pelos marcadores sociais de classe, raça e gênero. Inferimos que as mulheres negras, nesse sentido, não devem ser analisadas apenas pelo prisma do gênero ou pelo prisma da raça considerando que essas características estão intrínsecas a existências dessas mulheres e, portanto, são aspectos que se combinam social e politicamente. As opressões, muitas vezes, sobrepõem-se uma à outra e, portanto, não podem ser pensadas separadamente. Nesse sentido, Kimberle Crenshaw<sup>27</sup> desenvolveu nos anos 1980 o conceito de interseccionalidade, pensando, em primeira instância, em justiça social e políticas públicas que atendessem as demandas das mulheres não-brancas. Crenshaw explica que as pessoas não se encaixam em enquadramentos e, dessa forma, este é um método de entender que as experiências de opressões quando combinadas criam obstáculos que, no modo convencional do pensamento, não poderiam ser transpostos. Portanto, o conceito permite que as barreiras da estrutura da justiça social sejam superadas a fim de diminuir a desigualdade.<sup>28</sup> A interseccionalidade da atuação das mulheres negras é o que nos salta aos olhos nessa análise.

A escravidão transatlântica deixou como herança o racismo arraigado na sociedade dos Estados Unidos. É por isso que, mesmo depois da Guerra Civil ter acabado com o sistema escravocrata em todo território estadunidense em 1865, os resquícios da discriminação racial são sentidos pela comunidade negra até os dias atuais. Nesse contexto, o preconceito contra pessoas negras foi reforçado, entre outras coisas, através da legislação segregacionista no Sul do país ou socialmente no Norte, o qual delimitava os lugares que negros e negras poderiam ou não frequentar – o que incluía espaços

---

<sup>27</sup> CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, 1991, p. 1241-1299.

<sup>28</sup> AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018.

públicos, religiosos e educacionais como escolas e universidades. Outrossim, o racismo se estende para além da segregação racial constitucionalizada, com linchamentos de pessoas negras, discriminação racial no mercado de trabalho, violência e abuso policial, estupro de mulheres negras, criação e difusão do “mito do homem negro estuprador” e, conseqüentemente, condenação injusta desses homens, além as ações violentas da Ku Klux Klan.<sup>29</sup>

Tradicionalmente, a Guerra Civil americana (1861-1865) é vista como o conflito travado entre a porção escravista do país, representada pelos estados do Sul, contra a porção representada pelos estados do Norte do país, os quais se mostram, naquele momento, com tendências abolicionistas. Dentro dessa ótica, tal conflito se reduz a apenas abolicionistas contra escravistas e, infelizmente, essa visão simplicista do evento histórico reduz o conflito ao senso comum de entender que, por serem abolicionistas, os estados do Norte dos Estados Unidos não eram racistas e, por isso, essa região, no pós-emancipação, tornou-se um refúgio antirracista. Ao contrário, a historiografia mostra que a Guerra Civil se deflagrou não apenas por questões sociais, mas, principalmente, por questões econômicas, além de que o século XX e os eventos que fizeram parte dele mostram que o racismo não era geograficamente localizado no país.<sup>30</sup>

Esse contexto deve ser levado em conta para a análise da historiografia do movimento por direitos civis e para entender que a discriminação racial é uma característica comum de uma sociedade que tem como herança social a escravidão, e se expressa, portanto, de diferentes formas no Sul e no Norte dos Estados Unidos. O historiador Marcos Sorrilha afirma que essa visão reducionista das divergências que levaram à Guerra Civil americana forja o entendimento de que o racismo, nos Estados Unidos, é algo geograficamente localizado; o que, segundo o historiador, é o contrário<sup>31</sup>. O historiador Thomas Sugrue afirma ainda que houve, na historiografia sobre o movimento pelos direitos civis, uma renovação dos pensamentos. Tal renovação propõe essa discussão sobre as diferentes formas de racismo que as pessoas negras sofrem no país. Sobre a região norte, o historiador afirma que:

---

<sup>29</sup> SINGH, Nikhil Pal. *Civil Rights, Civic Myths. In: Black is a Country: Race and the Unfinished Struggle for Democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

<sup>30</sup> LONG, Heather. We Should Be Talking About Class as Much as Race Issues in America. *The Guardian*. Publicado em: 28 ago. 2013.

<sup>31</sup> SORRILHA, Marcos. O “Lugar” do Racismo nos EUA. *Deviante*. Publicado em: 29 out. 2020. Disponível em: <<https://www.deviante.com.br/noticias/o-lugar-do-racismo-nos-eua/>>. Acesso em: 4 nov. 2020.

No século XX, enquanto a população negra do Norte crescia exponencialmente como resultado da migração em massa do Sul, os cidadãos do Norte promulgaram suas próprias formas de Jim Crow. Os brancos prenderam os negros em um status econômico de classe baixa, segregaram escolas e bairros com a mesma eficácia que seus colegas do sul e criaram um mercado de trabalho de duas camadas profundamente dividido por raça.<sup>32</sup>

O fato dos negros e negras que moravam no Norte dos Estados Unidos terem direito ao voto mais acessível do que os negros do Sul, fazia com que existisse a possibilidade de eleger pessoas negras para cargos políticos, o que ajudava na luta pela garantia de direitos civis; por conseguinte, através da política o quadro de segregação poderia, de certa forma, ser revertido. Por outro lado, ainda assim houve pouca participação política de pessoas negras no Norte em decorrência do racismo. O autor salienta, também, que os aspectos como educação pública, emprego e habitação eram fatores de discriminação que mais afetavam as pessoas negras e deixavam estas em um lugar de pobreza e falta de assistência. Sugrue conceitua a segregação sistemática nessa região como *Jim Crow Northern Style* [Jim Crow ao estilo do norte], a qual proibia a entrada de pessoas negras em cinemas, piscinas públicas, parques de diversões e hotéis; e completa dizendo que essa separação acontecia, até mesmo, com pessoas negras famosas<sup>33</sup>. Todavia, é importante salientar que a segregação racial é apenas um dos aspectos, ainda que central, da discriminação racial do país.

Já na região Sul dos Estados Unidos, argumenta o pesquisador Brian Kelly, existia desde antes da Guerra Civil Americana a criação de uma cultura que se tornou estrutural no país de *White Supremacy* [Supremacia Branca]. Essa ideia supremacista dotava a sociedade branca tradicional da região de uma superioridade em relação à população negra escravizada. Essa cultura de superioridade nata das pessoas brancas serviu de base para a segregação formal representada pelas leis que ficaram popularmente conhecidas como *Jim Crow Laws* [Leis Jim Crow]. Kelly acrescenta na argumentação que a historiografia tem se renovado nos estudos sobre a segregação racial nos estados do Sul; e esses novos estudos constroem uma nova interpretação para essa sociedade e mostram que, por mais que a segregação estivesse posta para a sociedade do Sul, existia uma parte,

---

<sup>32</sup> “In the twentieth century, as the North’s black population grew exponentially as a result of mass migration from the South, northerners enacted their own forms of Jim Crow. Whites entrapped blacks in second-class economic status, segregated schools and neighborhoods every bit as effectively as their southern counterparts, and created a two-tier job market deeply divided by race.” SUGRUE, Thomas J. Northern Lights: The Black Freedom Struggle Outside the South. *OAH Magazine of History*, v. 26, n. 1, p. 9-15, p. 10. Tradução nossa.

<sup>33</sup> *Ibidem* p. 11.

ainda que pequena, da sociedade que acreditava na igualdade racial. Contudo, a luta por direitos civis, de fato, ficava, na maioria das vezes, ao encargo das pessoas negras<sup>34</sup>.

Tornar a segregação racial objeto jurídico significa que o racismo tinha respaldo governamental para acontecer e, desse modo, não havia arcabouço político e legislativo eficiente que protegesse a vida das pessoas negras. Assim, o *Civil Rights Movement* tinha como objetivo principal derrubar as leis segregacionistas as quais atentavam contra a cidadania dos negros. Nos estados do sul, a segregação racial estava representada através das constituições estaduais, delimitadoras dos espaços para negros e brancos. Todavia, tratando-se de racismo não há como limitar a segregação apenas aos espaços jurídicos; vemos, portanto, que a segregação se estende para o mercado de trabalho, preconceito do estado, terrorismo físico, além dos espaços de convivência mútua.<sup>35</sup>

Apesar de existirem diversas movimentações antirracistas, desde o período da abolição, o movimento pelos direitos civis dos negros, nos Estados Unidos, ressurgiu a partir das demandas antirracistas específicas que se apresentavam desde o início do século XX e se tornaram mais latentes a partir da segunda metade do século. A partir da década de 1950, quando as organizações tomam mais força e começam a generalizar-se e a nacionalizar-se no país, os grupos tiveram maior visibilidade, como consequência da Guerra Fria, na mídia e nas políticas nacionais e locais.

Na Era Jim Crow, a segregação racial era cada vez mais repudiada e denunciada pela população negra e por alguns brancos adeptos à luta negra.<sup>36</sup> A fim de abolir tais leis, ressurgiram, por todo o país, grupos – organizados ou não – de pessoas negras em busca de igualdade racial. Esses grupos atuavam de diferentes formas, tanto por serem compostos de pessoas com ideologias diferentes<sup>37</sup> quanto por estarem localizados em regiões diferentes. Isso é decorrente do processo de independência dos Estados Unidos, tendo em vista que a constituição americana é federalista e dá autonomia aos estados. Nessa configuração, a segregação se trata de um racismo formalmente institucionalizado por leis, tais como nos estados do Sul, e por práticas informais, como nos outros estados<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> KELLY, Brian. Labor, Race, and the Search for a Central Theme in the History of the Jim Crow South. *Irish Journal of American Studies*, v. 10, 2001, p. 55-73.

<sup>35</sup> CHA-JUA, Sundiata Keita; LANG, Clarence. The “Long Movement” as Vampire: Temporal and Spatial Fallacies in Recent Black Freedom Studies. *Journal of African American History*, v. 92, n. 2, Spring 2007, p. 265-288.

<sup>36</sup> LITWACK, Leon F. *Trouble in Mind: Black Southerners in the Age of Jim Crow*. New York: Vintage Books, 1999.

<sup>37</sup> SUGRUE, Thomas. *Sweet Land of Liberty: The Forgotten Struggle for Civil Rights in the North*. New York: Random House, 2009.

<sup>38</sup> FAIRCLOUGHT, Adam. *Better Day Coming: Blacks and Equality, 1890-2000*. London: Penguin, 2002.

Em meio ao protagonismo masculino do movimento negro do século XX, as mulheres se destacaram, embora tenham sido, em grande parte, invisibilizadas pelas lideranças do movimento e, conseqüentemente, pela historiografia do movimento atuando como lideranças as quais faziam a ponte entre o movimento e a comunidade negra. Essa atuação foi diferente em cada região de acordo com as demandas específicas das pessoas negras. Desse modo, pretendemos, nessa pesquisa, entender o protagonismo das mulheres negras dentro da luta antirracista e pelos direitos civis nos Estados Unidos, a partir da ótica de Rosa Parks e de Nina Simone, com suas escritas de si e do recorte temporal dos anos 1950 e 1960.

### **1.1. Rosa Parks (1913 – 2005)**

Nascida em fevereiro de 1913, em Tuskegee no estado do Alabama, Rosa Louise McCouley (Rosa Parks depois de casamento), neta de escravizados livres, cresceu ouvindo o avô contar histórias sobre a Ku Kux Klan e a violência. Cresceu em meio ao medo, mas se tornaria um dos símbolos antirracistas e de resistência negra a partir da sua prisão em 1955 em Montgomery, no estado do Alabama. Entretanto, anteriormente a isso, Rosa já vinha se revelando uma ativista em prol dos direitos civis: seu ativismo recôndito lhe conferiu força de vontade e coragem para lutar contra as injustiças raciais.<sup>39</sup>

Em 1912, os jornais notificaram mais de 63 casos de pessoas negras linchadas e queimadas<sup>40</sup> por supostos crimes não comprovados. Nos anos seguintes, os números aumentaram. Ao lembrar de passar a infância diante desse cenário, Rosa explica que havia uma divisão muito nítida entre negros e brancos e que a violência costurava a relação entre as pessoas, até mesmo as crianças brancas eram ensinadas a serem violentas e as negras a se protegerem.

“Ela me repreendeu muito severamente sobre como eu tinha que aprender que os brancos eram brancos e que você simplesmente não falava com os brancos ou agia assim perto de brancos. Você não retaliaria se eles fizessem algo com você”<sup>41</sup>, comenta Parks sobre a repreensão de sua avó a como a neta se colocava quanto às outras crianças brancas.

---

<sup>39</sup> HANSON, Joyce Ann. *Rosa Parks: a biography*. Colorado, 2011.

<sup>40</sup> BRINKLEY, Douglas. *Rosa Parks*. New York: Penguin Books, 2000.

<sup>41</sup> “She scolded me very severely about how I had to learn that white folks were white folks and that you just didn’t talk to white folks or act that way around white people. You didn’t retaliate if they did something to you”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. *Rosa Parks: my story*. New York: Puffin Books, 1992, p. 22. Tradução nossa.

Depreende-se que existiam limites que as pessoas negras não poderiam ultrapassar para preservar suas próprias vidas, ainda que isso custasse se calar diante situações constrangedoras, violentas e racistas. O estado do Alabama era um dos estados sulistas com grande incidência de leis cuja segregação separava negros e brancos na época. Faz parte do que os ativistas chamavam, na época, de “cinturão negro” que é a porção de estados do Sul do país que eram mais segregados, principalmente como Alabama e Mississippi. Historicamente, os estados do Sul apresentavam maior resistência à presença de pessoas negras após a Guerra Civil, apesar de possuírem o maior contingente populacional de pessoas negras.<sup>42</sup> Desse modo, as crianças negras eram obrigadas a se adaptarem ao racismo – o que não foi diferente com Rosa Parks. Como ela relatou: “Durante metade da minha vida houve leis e costumes no Sul que mantinham os afro-americanos segregados dos brancos, e que permitiam aos brancos tratar os negros sem nenhum respeito”<sup>43</sup>.

Na cidade de Montgomery, Rosa Louise se casou com Raymond Parks e adotou o sobrenome do marido. Raymond era um barbeiro e ativista antirracista que foi, por alguns anos, membro da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), associação fundada em Nova York, em fevereiro de 1909, contando com membros negros e brancos – em sua grande maioria homens – que acreditavam na democracia e protestavam contra discriminação racial, linchamentos e educação desigual; tudo isso através do confronto jurídico. Raymond Parks fez parte da NAACP da cidade de Montgomery e, durante a década de 1940, Rosa Parks teve participação efetiva na associação como secretária sênior. Nesse período, segundo Rosa Parks, os casos de linchamentos e prisões de pessoas negras estavam cada vez mais latentes na região, além da efervescência da luta negra pelo direito ao voto no estado do Alabama.

Como secretária da NAACP e uma das únicas mulheres que compunham os membros do grupo, Rosa Parks contrariava as imposições sexistas da época cujas colocações deixavam as mulheres em um ambiente doméstico, em detrimento do ambiente político. A partir disso, podemos inferir que um dos pilares dessa pesquisa é entender o duplo desafio das mulheres negras diante de um cenário de lutas sociais, o qual

---

<sup>42</sup> FIELDS, Barbara J. *Ideology and Race in American History. Region, Race, and Reconstruction. Essays in Honor of C. Vann Woodward*. KOUSSER, J. Morgan; McPHERSON, James M. (Ed.). New York: Oxford University Press, 1982, p. 143-177.

<sup>43</sup> “For half of my life there were laws and customs in the south that kept african americans segregated from caucasians and allowed white to treat black people without any respect”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 2. Tradução nossa.



é o enfrentamento à opressão de gênero combinada com as opressões racial e de classe, de modo que essas mulheres, mesmo enfrentando esse duplo desafio, estavam se engajando nas lutas pela cidadania efetivas de negros e negras, como evidência Rosa Parks no trecho:

De volta aos anos 1930, ou ainda antes, e no final dos anos 1940, eu realmente não conhecia muitas mulheres que estivessem envolvidas nas ações pelos direitos civis. Claro, eu mesma não estava tão envolvida por ser jovem demais. Mas quando se percebe o final dos anos 40 e até mesmo aos 50 e 60, as mulheres se tornaram mais ativas e tiveram mais voz. Tentavam mais serem registradas para votar, e participar de reuniões de eleitores.<sup>44</sup>

Inconscientemente, as mulheres negras que se envolviam com o ativismo antirracista e a luta pelos direitos civis combinavam as reivindicações com os direitos de igualdade perante os homens negros e brancos. Nos anos 1940, quando Rosa Parks entrou efetivamente na NAACP como secretária e se envolveu, de fato, nas lutas pelos direitos civis, ela enfrentou esse duplo desafio e, despretensiosamente, influenciou o ativismo de outras mulheres.

Na década de 1950, a NAACP de Montgomery tinha o fim da segregação racial no transporte público na cidade como um dos principais objetivos, tendo em vista que algumas prisões haviam acontecido por causa da segregação nos ônibus públicos da cidade. Dentre os casos de prisão de pessoas negras no transporte público, daremos destaque para o caso de Claudette Colvin, que foi presa na primavera de 1955, por se recusar a levantar do banco em que estava sentada para dar lugar a uma pessoa branca. Colvin era uma jovem adolescente, neta de Mr. Gus Vaughn, conhecido por se recusar a prestar serviços para os brancos e, por isso, levou seus filhos e netos para Pine Level, no interior do Estado. “Sua bisneta deve ter herdado seu senso de orgulho”<sup>45</sup>, comenta Rosa sobre a jovem Claudette. Esse caso despertou o interesse da NAACP em fazer uma petição pública que acabasse com a segregação racial no transporte público. Rosa Parks participou da movimentação para construir o processo e colheu as assinaturas que validariam a petição; essas assinaturas eram tanto de pessoas negras quanto de brancas, segundo Parks. Entretanto, o caso foi encerrado por decisão da própria NAACP, pois

---

<sup>44</sup> “Going back to the late 1930s, or even earlier, and into the late 1940s, I really didn’t know that many women who were involved in the civil-rights work. Of course, I wasn’t that involved myself being rather young. But by the time you got the late 40s and even into the 50s and 60s, women became more vocal and active. More tried to get registered to vote and went to voters’ meetings”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 81. Tradução nossa.

<sup>45</sup> “His great granddaughter must have inherited his sense of pride.” Ibidem, p. 111. Tradução nossa.

Colvin estava grávida e, além de jovem, não era casada; e esse fato poderia trazer descrédito à petição pela mentalidade machista da época.

A centralidade desse caso é a combinação das opressões machismo e racismo. O fato de mulheres solteiras e grávidas ser considerado imoral pela sociedade fez com que o caso fosse encerrado e os ativistas da NAACP não puderam usar esse caso como exemplo para reivindicar o fim da segregação naquele momento. Esse fato serve como um dos exemplos do duplo desafio já citado das mulheres negras contra o machismo e o racismo.<sup>46</sup>

Rosa Parks consciente, e corajosamente, negou-se a ceder o lugar para pessoas brancas dentro do ônibus em dezembro de 1955; isso resultou em uma prisão e, posteriormente, em um dos maiores atos coletivos da história do movimento negro. O *Montgomery Bus Boycott* foi consequência da prisão de Rosa Parks e de outras pessoas, mulheres, que haviam sido presas nas mesmas condições de Parks, na cidade de Montgomery e em outras cidades do estado do Alabama. Em primeiro de dezembro de 1955, no ônibus, Rosa se sentou nos bancos destinados a pessoas negras. No decorrer da viagem, o ônibus lotou e o motorista James F. Blake ordenou que ela e mais dois homens negros se levantassem de seus assentos para que as pessoas brancas que estavam em pé pudessem se sentar. Ela se recusou, o que a levou à sua prisão imediatamente. Parks foi acusada de violar o capítulo 6, seção 11, da lei de segregação do código da cidade de Montgomery, apesar de ela tecnicamente não ter sentado em um assento reservado para brancos. O consequente boicote aos ônibus em protesto à prisão de Parks foi um movimento em massa que durou 381 dias e impeliu a prefeitura da cidade a revogar o código de segregação racial no transporte público em dezembro de 1956.<sup>47</sup> Posteriormente, todo o estado do Alabama aboliu a segregação racial no transporte público.<sup>48</sup>

Sobre o momento da prisão, Rosa explica que foi tomada naquele momento por um cobertor de esperança e coragem que a fez permanecer sentada. A partir disso, é possível entender o quanto o sentimento de luta surgia voluntariamente nas pessoas que se sentiam agredidas pelo preconceito racial de alguma forma. Rosa, partindo dessa perspectiva, é um exemplo claro de ativismo vindo de uma manifestação popular

---

<sup>46</sup> Cf. BRINKLEY, 2000, p. 44-61.

<sup>47</sup> THURBER, Timothy N. Daybreak of Freedom: The Montgomery Bus Boycott. *History: Reviews of New Books*, v. 26, n. 4, 1998, p. 173-174.

<sup>48</sup> Cf. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim, 1992.

combinada com a não conformidade que se espalhava pela sociedade. Esse sentimento pode ser descolado do âmbito individual e pode ser analisado pelo viés social como um todo.<sup>49</sup>

De fato, o grande movimento de luta pela obtenção de direitos civis das pessoas negras não se resume apenas a ações políticas planejadas, como nos casos citados anteriormente, e tampouco nos movimentos sociais, que ainda estavam nascendo com muita timidez na década de 1950. Nota-se o surgimento de alguns personagens – nesse caso, as mulheres negras – que elevaram o sentido da luta por um viés diferente do que se tinha feito até então, dando uma possibilidade de analisar as formas heterogêneas que compuseram o ativismo negro naquele momento, chegando ao viés cultural por meio da música, da poesia e de outras manifestações artísticas. Através da escrita autobiográfica de Rosa Parks buscamos, nessa dissertação, entender as motivações do seu envolvimento no movimento de luta pelos direitos civis, bem como os sentimentos diversos que envolvem o protagonismo das mulheres negras em atos que tomam grande proporção como sua prisão em 1955.

Na década de 1960, Rosa Parks se envolveu, profundamente, com a militância antirracista e abraçou o *black nationalism* [nacionalismo negro]. Ela também começou a ler muito sobre outros militantes cujos atos deram destaque à luta antirracista, na época; daí a sua grande admiração por Malcolm X. Antes de sua peregrinação à Mecca, em 1964, Malcolm exprimia discursos de repúdio aos brancos, comparando-os muitas vezes a demônios e cobras. Esse tipo de discurso não despertava em Parks nenhuma admiração. Contudo, após a peregrinação, Malcolm X se torna mais tolerante com a integração de pessoas brancas ao movimento e, através da fundação da *Pan-African Organization of Afro-American Unity*, promove diversas ações sociais que impulsionavam a vida de jovens negros e negras. Parks teve oportunidade de conhecer Malcolm X pessoalmente poucos dias antes de seu assassinato em 1965.<sup>50</sup> “[...] Eu tinha muita admiração por ele, considerando sua formação e de onde ele veio e por ter lutado tanto para chegar a ser respeitado como um líder do islamismo negro”<sup>51</sup>, relembra Rosa Parks.

Sob outra perspectiva, Rosa Parks, apesar de ser a mulher que deu origem a uma das maiores ações organizadas do início do movimento, vem de um histórico de ativismo

---

<sup>49</sup> Cf. BRINKLEY, 2000, p. 44-66.

<sup>50</sup> HANSON, Joyce Ann. *Rosa Parks: a biography*. Santa Barbara: Greenwood Biographies, 2011.

<sup>51</sup> “I had a lot of admiration for him, considering his background and where he came from and his having had to struggle so hard just to reach the point of being respected as a leader of the Black Muslim.” PARKS, Rosa, HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 177. Tradução nossa.

trabalhando como secretária de uma das maiores organizações para o desenvolvimento de pessoas negras do país de uma forma regional – um espaço composto e liderado majoritariamente por homens – e ganhou visibilidade na luta a partir de sua prisão.

O ato de ela se negar a ceder seu lugar no transporte diz mais sobre a personalidade de Parks do que se é imaginado, pois, em épocas de segregação racial endossada pela constituição dizer “não” é um ato político tanto que engendrou uma organização estadual para acabar com a segregação racial no transporte público. Rosa Parks a partir desse ato é vista como um ícone de resiliência do movimento negro americano, até hoje, e sua lembrança encoraja novos ativistas negros a lutarem por igualdade.<sup>52</sup>

“Tradicionalmente, na sociedade americana, são os membros de grupos oprimidos e objetificados que devem se forçar a preencher a lacuna entre as realidades de nossas vidas e a consciência de nossa opressão”<sup>53</sup>, afirma a escritora negra feminista Audre Lorde. O movimento por direitos civis caracterizou um momento da história americana de mudanças, as quais vieram de lutas empreendidas, principalmente, pelas pessoas negras. As mulheres fizeram parte ativamente dessa luta e, portanto, suas histórias se entrecruzam quando tratamos de opressão e objetificação, como declara Audre Lorde. Dentro dessa perspectiva, Rosa Parks e a cantora Nina Simone se complementam enquanto personalidades únicas, mas que tem histórias convergentes tratando de opressão de gênero e raça. Metaforicamente falando, é como se essas opressões fossem a mesma linha que costura a trajetória de vida das mulheres negras.

## 1.2 Nina Simone (1933 – 2003)

A indústria fonográfica é atravessada pelos marcadores sociais de gênero e raça e, por isso, há a dificuldade de mulheres negras artistas alcançarem o reconhecimento pelo seu trabalho sem serem hipersexualizadas e diminuídas por isso. Esse contexto, atrelado ao racismo que a sociedade estadunidense vivia durante o século XX, coloca as artistas negras como protagonistas da luta contra a invisibilidade e da categorização da sua arte apenas como uma arte negra.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> WADE-LEWIS, Margaret. I Remember Rosa Parks: The Impact Of Segregation. *The Black Scholar*, v. 35, n. 4, 2015, p. 2-12.

<sup>53</sup> “Traditionally, in american society, it is the members of oppressed, objectified groups who are expected to stretch out and bridge the gap between the actualities of our lives and the consciousness of our oppression.”. LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference, p. 114-123. In: LORDE, Audre. *Sister Outsider*. New York: Crossing Press, 1984, p. 114. Tradução nossa.

<sup>54</sup> STRATTON, Jon. *Popular Music, Race and Identity*. In: *The Sage Handbook of Popular Music*. Sage Reference, 2015, p. 381-400.

Nascida em fevereiro de 1933, na cidade de Tryon, Carolina do Norte, Eunice Kathleen Waymon era a sexta de oito irmãos, frutos do casamento de Mary Kate e John Divine Waymon. A religiosidade era um dos pilares dos Waymons e todos os filhos eram versados em música. Os instrumentos musicais eram amigos da família, assim como o conhecimento da bíblia e da doutrina religiosa. As igrejas negras mostram seu papel importante, para a comunidade negra, como espaço de comunhão religiosa e social dos afro-americanos.

Mais tarde, sobre o movimento pelos direitos civis, o professor Sean Purdy<sup>55</sup> argumenta que a partir de um viés cultural, utilizando-se de músicas religiosas ou não, muitos artistas eram inspirados pelo poder negro e orgulho da raça, cuja base serviu para centenas de composições de artistas naquela época. Segundo ele, gêneros musicais como o *soul*, o *rhythm and blues* e o *funk* foram linguagens importantes para a agregação de novos seguidores ao movimento negro da época. Os artistas mais politizados ligaram suas letras diretamente à luta, como o que aconteceu com as composições de Nina Simone na década de 1960.

A cultura negra em relação à música teve um dos seus pilares galgados na música religiosa. A música gospel trouxe para os holofotes grandes nomes de mulheres negras, como a Sister Rosetta Tharpe, que é conhecida também como a mãe do *rock*.<sup>56</sup> Nessa mesma malha musical, Eunice começa sua carreira com a pretensão de se tornar a primeira pianista concertista negra dos Estados Unidos. O talento para o piano foi notado desde muito cedo e, por isso, uma das empregadoras de Mary Kate, Muriel Massinovitch, ou Mis Mazzy, como era conhecida, ofereceu aulas de piano que teriam o intuito de refinar o talento de Eunice e eram pagas através do trabalho de Mary Kate.

Mis Mazzy organizou, ainda em Tryon, um fundo financeiro, conhecido como Fundo Eunice Waymon que serviria para custear os estudos de Eunice ao longo dos anos em que a jovem teve aulas de piano; praticamente toda a cidade se envolveu com doações para impulsionar os estudos do pequeno prodígio de Tryon. Através das orientações de Miz Mazzy, Eunice teve contato com a música clássica e os grandes nomes desse segmento, como Bach, Czerny e Liszt, além de desenvolver o desejo por entrar no *Curtis*

---

<sup>55</sup> PURDY, Sean. *O Século Americano*. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>56</sup> WALD, Gayle. Rosetta Tharpe and feminist “Un-Forgetting”. *Journal of Women's History*, v. 21, n. 4, 2009, p.157-160.

*Institute of Music* (Instituto Curtis de Música) na Filadélfia, onde foi recusada, alguns anos mais tarde, em 1950. Sobre essa recusa, a cantora relembra:

A história que Carrol [irmão mais velho de Eunice] ouviu de meu tio e seus amigos, negros e brancos, era que o Instituto [Curtis] queria aceitar alunos negros, mas se aceitassem negros, então eles [do Instituto] não iriam aceitar um negro desconhecido; e se eles aceitassem um negro desconhecido, não aceitariam uma menina negra desconhecida; e se aceitassem uma menina negra desconhecida, não seria uma menina negra desconhecida e muito pobre.<sup>57</sup>

A partir do trecho exposto, pode-se empreender análises pertinentes em relação à interseccionalidade proposta nesta pesquisa. De modo que a rejeição é uma companheira constante das mulheres negras, a recusa do Instituto Curtis trouxe para Eunice uma perspectiva que ela conhecia, mas não reconhecia: a face do racismo. A partir desse ponto, observa-se o duplo desafio de Eunice, assim como Rosa Parks, de enfrentar o racismo e o machismo. A pianista vê as portas fechadas por conta desses fatores, sem desconsiderar o fator de classe que, nesse caso, torna-se evidente na forma da rejeição. Não há como afirmar se a recusa foi motivada por motivos raciais ou econômicos, embora, tendo em vista o cenário político da época, essa possibilidade se torna plausível. Contudo, o objetivo é entendermos como esses acontecimentos ligados à construção da carreira da cantora foram tão relevantes a ponto de serem destacados em sua autobiografia e como a presença dos marcadores sociais de raça, gênero e classe atravessaram sua carreira.<sup>58</sup>

No verão de 1954, um ano após a negativa no Instituto Curtis, em busca de novos horizontes na música e de um sustento para sua família, Eunice começou a fazer apresentações em bares noturnos na cidade – desse ambiente, surge o nome artístico Nina Simone, que lhe conferiu notoriedade no meio musical da região. O nome artístico servia para mascarar sua verdadeira identidade, já que ela tinha uma formação religiosa e seu receio era de não ser bem-vista pela família, principalmente pela mãe Mary Kate, que era mais rigorosa em relação às músicas não religiosas. O objetivo inicial de Simone era apenas tocar piano em algumas apresentações noturnas e, com isso, arrecadar o dinheiro necessário para bancar seus estudos. Entretanto, sua voz chamou atenção dos donos dos

---

<sup>57</sup> “The story that Carrol heard through my uncle and his friends, black and white, was that the Institute wanted to enrol black students, but if blacks were going to be admitted then they were not going to accept an unknown black, that if they were to accept an unknown black then it was not going to be an unknown black girl, and if they were going to admit an unknown black girl it wasn’t going to be a very poor unknown black girl.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. *I put a Spell on You The Autobiography of Niina Simone*. New York: Da Capo Press, 2003, 2. ed, p. 42. Tradução nossa.

<sup>58</sup> Cf. CESAR, 2018, p. 39-70.

bares em que se apresentava e, a partir disso, Nina se engajou em cantar e tocar nessas apresentações.

Como herança de sua formação clássica e religiosa, Nina hesitou inicialmente a performar músicas ditas populares. “Eu desprezava canções populares e nunca as tocava para meu próprio divertimento”, lembra Nina em sua autobiografia, “Por que eu deveria fazê-lo quando podia tocar Bach, Czerny ou Liszt?”<sup>59</sup>. No entanto, economicamente, as músicas populares enchiam as apresentações e, assim, a cantora passa a se dedicar a essas canções como meio de garantir sua renda familiar. Nos anos seguintes, Nina se mudou para Nova York acompanhada de Don Ross, seu primeiro marido, em busca de novos horizontes financeiros e, talvez, novos horizontes musicais.

Nas décadas de 1950 e 1960 com o desenvolvimento do movimento por direitos, a cultura negra também sofre influência do espírito de luta pela liberdade. A música se torna, então, uma arma importante para fazer a denúncia social de grupos marginalizados da sociedade; e alguns estilos musicais tomam espaço no cenário nacional americano, como o soul, o jazz e o blues.<sup>60</sup> Entretanto, apesar da maior visibilidade de artistas negros na cena musical nesse período, as manifestações artísticas das mulheres negras eram pontuais em cada região. Tratando da região Sul, Nina Simone foi uma das únicas mulheres negras daquela época a atingir muitas pessoas com a música, mas que, ainda assim, não é reconhecida em muitos espaços de discussão sobre o movimento pelos direitos civis.

Nessa mesma linha artística, destacou-se também a figura de Mahalia Jackson, que era conhecida como rainha do gospel e assim como Nina Simone também estava ligada fortemente ao movimento pelos direitos civis. Em 1963, foi escolhida para cantar na Marcha para Liberdade e Emprego organizada por Martin Luther King Jr, em Washington, para 200 mil pessoas. Embora suas músicas tivessem sido inspiradas pela bíblia, as letras eram como uma metáfora sobre o protesto negro. Para ela, suas músicas eram um símbolo de esperança de que há uma cura para o que há de errado e que poderiam acabar com o ódio e o medo que dividiam os brancos e negros.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> “I came to despise popular songs and I never played them for my own amusement – why should I when I could be playing Bach, or Czerny or Liszt?”. SIMONE, Nina. CLEARLY, Stephen. Op. Cit., 1992, p. 51. Tradução nossa.

<sup>60</sup> STEWART, James. B. Message in the Music: Political Commentary in Black Popular Music from Rhythm and Blues to Early Hip Hop. *The Journal of African American History*, v. 90, n. 3, 2005, p. 196-225.

<sup>61</sup> GOREAU, Laurraine. *Just Mahalia, Baby: The Mahalia Jackson Story*. Waco, Tex: Word Book, 1975.

Outro artista que se destacou, não só pelo seu talento com os instrumentos musicais, mas também pelo seu engajamento político através da *soul music*, foi Curtis Mayfield. O multi-instrumentista ficou famoso nos anos 1960 como vocalista do grupo *The Impressions*, criado em 1958. Ao longo da década, o cantor se empenhou em criar uma gravadora *Curtom Records*, cujo objetivo era impulsionar a carreira de artistas negros e negras. Já na década de 1970, Mayfield se dedicou à carreira solo e lançou seu primeiro disco solo em 1971, “o Curtis”, que contava com canções engajadas politicamente contra o racismo como “(Don't Worry) If There's A Hell Below We're All Going To Go”.<sup>62</sup>

Inegavelmente, a música é um veículo de simbolismo e identidade e, no momento de reivindicação, de uma identidade afro-americana que empoderava<sup>63</sup>, além de unir as pessoas negras. A música teve um papel fundamental para essas ações, como explica Emily Lordi:

Naquela época, o termo “*soul*” se tornara flexível e poderoso marcador de identidade negra, um termo para nutrir culturalmente (*soul food*); eventos de mídia comercializados para pessoas negras (*Soul!*, que em breve será seguido por *Soul Train*); em uma era dos direitos civis, servia como modelo de parentesco racial codificado nos termos “irmão da alma” e “irmã da alma”. Era como um “discurso através do qual os afro-americanos...reivindicaram a posse dos símbolos e práticas de sua própria comunidade”.<sup>64</sup>

Nina Simone estudou piano desde criança e sonhava ser a maior pianista concertista do país, enquanto sua carreira focava no ativismo negro a partir de acontecimentos históricos de violência contra negros nos estados do Sul do país. Indignada com tais acontecimentos, ela se dedicou a combater o racismo através de composições musicais, sendo uma das vozes femininas mais influentes do movimento negro e uma das maiores cantoras e compositoras do país na década de 1960.

---

<sup>62</sup> MAYFIELD, Todd; ATRIA, Travis. *Traveling soul: the life of Curtis Mayfield*. Chicago: Chicago Review Press, 2016.

<sup>63</sup> O conceito de empoderamento está empregado no sentido da emancipação feminina de obter consciência social para reivindicar equidade de gênero nos variados espaços sociais e das diferentes formas de atuação. FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais*. Mediações, Londrina, v. 14, n. 2, 2009, p. 11-33.

<sup>64</sup> “By that time, the term “*soul*” had become a flexible yet powerful marker of black identity, a term for culturally specific cuisine (*soul food*); media events marketed to black people (*Soul!*, soon to be followed by *Soul Train*); and a Civil Rights-era model of racial kinship encoded in the terms “*soul brother*” and “*soul sister*.” As a “discourse through which African-Americans ... claimed ownership of the symbols and practices of their own imagined Community [...]” LORDI, Emily J. *Souls intact: The soul performances of Audre Lorde, Aretha Franklin, and Nina Simone*. *Women & Performance: a journal of feminist theory*. London: Routledge, 2016, v. 26, n. 1, p. 55-71. p. 55.



Considerando que a música tem, além de tudo, a função de transmitir mensagens, o ativismo cultural, ainda que diferente da combatividade das armas de fogo, surtia um efeito potencialmente ampliado na população.<sup>65</sup>

Na canção *Mississippi Goddam*, lançada em 1964 no álbum *Nina Simone in Concert*, a cantora faz uma denúncia feroz à segregação e à violência racista em Mississippi, inclusive ao brutal assassinato do Medgar Evers, militante do NAACP. Nessa música, Nina aponta o descaso do governo federal com o estado de Mississippi e afirma que a calma seria, então, um recurso para a luta contra os assassinatos que vinham acontecendo com frequência. A indignação da cantora ao compor a letra quebrou as barreiras entre ela e o público, tornando a canção uma das mais famosas da época e um hino para os militantes do movimento. Ademais, a composição mostra como o empoderamento das pessoas negras é a chave para o fim da segregação, como explica Karry Acker:

*Mississippi Goddam* se coloca novamente contra os atrasos na segregação e atenta que o movimento pelos direitos civis não deve contentar-se com o progresso gradual. Não é uma música esperançosa; Simone parecia achar improvável que o conflito racial nos Estados Unidos pudesse ser resolvido pacificamente. Um trecho da música pode resumir melhor o ponto de vista dela: “Você não precisa morar perto de mim - / Apenas me dê a minha igualdade”.<sup>66</sup>

Nina compôs, também, *Ain't Got No/I Got Life*, na qual fala sobre a liberdade e a falta desta aos afro-americanos. A canção, lançada em 1968, faz referência às diversas mortes de pessoas negras, não somente naquele ano, mas em todo o período de luta pelos direitos civis. Acrescenta uma referência à beleza da mulher negra, que, até então, tinha sido anulada pelo padrão de beleza vigente, como Feldstein argumenta:

O ativismo político de Nina Simone e as denúncias inflamadas da política bem-educada de “ir devagar” foram bem notados na época. De fato, “*Mississippi Goddam*” foi a primeira de muitas canções que Nina Simone realizou, nas quais ela comentou e participou dramaticamente - e, assim, ajudou no ativismo reformista dos anos 60. Na década que se seguiu, ela era conhecida por ter apoiado a luta pela liberdade dos negros nos Estados Unidos mais cedo, mais diretamente e de maneira

---

<sup>65</sup> RENOV, Michael. *Civil Rights on The Screen*. In: OLSSON, Jan; BOLTON, Kingsley. (Org.). *Media, Popular Culture, and The American Century*. Sweden: National Library of Sweden, 2010.

<sup>66</sup> “*Mississippi Goddam*” closes by railing again against the delays in desegregation and warning that the civil rights movement must not content itself with *gradual* progress. It is not a hopeful song; Simone seemed to think it unlikely that racial conflict in the United States could be resolved peacefully. One couplet in the song may best summarize her point of view: “You don’t have to live next to me—/Just give me my equality.” ACKER, Kerry. *Nina Simone*. In: *Women in the arts*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2009, p. 79. Tradução nossa.

mais franca em todo o mundo do que muitos outros artistas afro-americanos.<sup>67</sup>

A partir da leitura do trecho supracitado, abrimos brecha, através de uma ótica interseccional, para uma análise de gênero e raça nos Estados Unidos, nos meados do século XX. A construção de uma feminilidade padrão ditou, por muitos anos, qual era o fenótipo de mulher digna de admiração na sociedade norte-americana, cuja padronização distanciava as mulheres negras das intenções da indústria midiática, fonográfica e de beleza. Levando em conta este contexto, a figura de Nina Simone fugia de tudo que era considerado padrão de beleza para a sociedade da época.

Anteriormente, citamos o duplo desafio das mulheres negras ao enfrentar a luta pelo fim da segregação racial nos Estados Unidos. A análise pode ir mais além ao entendermos os obstáculos vividos por Nina Simone para se tornar uma cantora conhecida e reconhecida por essa sociedade que consumia sua música, mas não sua imagem. Nessa ótica, Rafael do Nascimento acredita que a mesma estética que afastava a cantora dos padrões impostos pela sociedade a aproximava dos grandes músicos de *jazz*, como Charlie Parker, Charles Mingus e John Coltrane.<sup>68</sup>

Ademais, o fato de fazer parte de um grupo cuja estética não era considerada padrão de beleza da sociedade e de se afastar dos modelos de feminilidades reproduzidos por mulheres negras e brancas mostra que Nina Simone era irreverente, não só em relação às performances no palco, mas também em sua vida. O que salta na opinião dos críticos musicais é como ela era capaz de transferir os sentimentos através da música, ao passo que sua vida pessoal era um tanto conturbada.<sup>69</sup>

Após o nascimento da filha, em 1962, Nina se mudou com a família para Nova York, onde adquiriu mais fama e notoriedade ao longo dos anos, além de ter contato com diversos artistas que eram responsáveis por recheiar o repertório musical de Simone. Contudo, o ativismo chegou, nessa mesma década, para Nina Simone através da amizade

---

<sup>67</sup> “Simone’s political activism and fiery denunciations of the well-mannered politics of “going slow” were well noted at the time. Indeed, “Mississippi Goddam” was the first of many songs that Nina Simone performed in which she dramatically commented on and participated in—and thereby helped to recast—black activism in the 1960s. In the decade that followed, she was known to have supported the struggle for black freedom in the United States earlier, more directly, and in a more outspoken manner around the world than had many other African American entertainers. FELDSTEIN, Ruth. “I Don’t Trust You Anymore”: Nina Simone, Culture, and Black Activism in the 1960s. *The Journal of American History*, v. 91, n. 4, 2005, p. 1349-1379, p. 1350.

<sup>68</sup> CESAR, Rafael do Nascimento. A Fragata negra – tradução e vingança em Nina Simone. *Mana*, v. 24, n. 1, 2018. p. 39-70.

<sup>69</sup> TAYLOR-STONE, Chardine. Nina Simone was a Radical. *Jacobine*. Publicado em: 24 abr. 2021. Disponível em: <<https://jacobinmag.com/2021/04/nina-simone-radical-music-lorraine-hansberry>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

com a escritora e jornalista Lorraine Hansberry, cuja vida foi breve e intensa, enquanto dramaturga.

Nascida em Chicago, no seio de uma família afro-americana, Hansberry dedicou sua vida ao ativismo através da dramaturgia, o que lhe rendeu o *New York Drama Critics Circle Award*, prêmio jamais alcançado por uma mulher negra anteriormente. Essa amizade fez despertar, na cantora, a sensibilidade em relação à segregação racial no país e à própria negritude, além de dar o pontapé inicial no desejo da cantora de unir o ativismo negro à música e de levar a política a sério. “Através dela [Hansberry] eu comecei a pensar em mim mesma como uma pessoa negra num país comandado por brancos e uma mulher num mundo comandado por homens”<sup>70</sup>, afirma Nina Simone. Uma das maiores composições políticas da cantora – a canção *Mississippi Goddam* – é fruto dessa amizade.<sup>71</sup>

Nina Simone foi protagonista de uma carreira brilhante enquanto cantora, acrescida de situações pessoais que a tornaram alvo dos holofotes e colocaram em dúvida sua capacidade musical e de intérprete. Ao mesmo passo que enfrentava a rejeição de antemão, a cantora ganhava cada vez mais espaço na mídia através das chamadas músicas de protesto, as quais a colocaram em um patamar de ativista pelos direitos das pessoas negras nos Estados Unidos durante meados do século XX. Como cantora, Nina abriu as portas para outros cantores e musicistas que sonhavam com carreiras grandiosas, mas eram julgados pela cor da pele; e, como mulher, ela driblou o padrão de feminilidade e beleza imposto pela sociedade que buscava nas mulheres uma beleza enriquecida de traços brancos e ocidentais. Desse modo, Nina tornou-se uma porta-voz das mulheres negras na luta pelos direitos civis, além de reverenciar a cultura negra que estava se consolidando no momento.<sup>72</sup>

A análise da obra das personalidades femininas de Rosa Parks e Nina Simone dá a perspectiva de novas narrativas para a historiografia do movimento por direitos civis. Desse modo, a escrita de si torna-se, além de documento e fonte de pesquisa, uma ação politizada dessas mulheres ao se colocarem como voz ativa e como protagonistas de um movimento tão amplo e diversificado. Se por um lado temos a Nina Simone trazendo a cultura negra para um patamar de crítica e denúncia social e revolucionando a indústria fonográfica ao quebrar padrões embranquecidos e burgueses; temos, por outro, a Rosa

---

<sup>70</sup> SIMONE, Nina, CLEARY, Stephen. Op. Cit.,1992, p. 87.

<sup>71</sup> TAYLOR-STONE, Chardine. Op. Cit, 2021.

<sup>72</sup> Cf. CESAR, 2018, p. 39-70.

Parks – que não era vista como grande ativista apesar de trabalhar muito para isso – tornando-se, a partir de um ato inicial, um dos maiores símbolos da luta das pessoas negras. Divergentes e convergentes em relação a suas ações, essas duas personalidades nos trazem um olhar voltado para a atuação efetiva das mulheres negras no movimento negro americano.

### **1.3. A escrita de si e a autobiografia**

A década de 1960 representou a grande efervescência da luta pela liberdade do século XX: na Europa, os jovens clamavam pelo novo; nos países da América Latina, os cidadãos lutavam contra regimes políticos autoritários; e, nos Estados Unidos os negros e negras vinham de um histórico de lutas pelos direitos civis que se tornaram mais latentes nesse período. Nesse sentido, a História encarregou-se de contar os fatos históricos a partir de olhares diferentes. Muitas vezes, tais visões apagaram os “não heróis”, pessoas consideradas secundárias na construção dos fatos históricos, como é o caso das mulheres negras que trabalharemos. O documento histórico é o recurso que o historiador dispõe para entender e analisar os fatos históricos e pode apresentar diversas origens e formatos.<sup>73</sup>

Nessa pesquisa, escolhemos entender de que forma as autobiografias podem ser utilizadas como documento histórico, apesar de algumas desvantagens oferecidas por esse tipo de fonte histórica. Ademais, um dos nossos esforços será relacionar os escritos autobiográficos de Nina Simone e Rosa Parks com suas atuações dentro da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e as motivações que as levaram a escrever suas autobiografias em 1992, após a (parcial) conquista dos direitos civis de pessoas negras. Sendo assim, a análise desta pesquisa será feita a partir de uma visão particular das autoras a qual pode ser compreendida em uma perspectiva macro dos fatos históricos dos anos 1950 e 1960.

Tradicionalmente, a história produzida dentro da Academia encarregou-se de invalidar a atuação de alguns agentes históricos dos documentos analisados. Um dos objetivos da metodologia utilizada neste trabalho é, portanto, entender como os escritos autobiográficos foram responsáveis por colocar essas mulheres na história, tendo em vista o duplo desafio enfrentado por esse documento o preconceito de gênero – o machismo – e o preconceito de raça – o racismo. Nesse sentido, os escritos autobiográficos podem ser

---

<sup>73</sup> MACHADO, Marilane. Biografia e História: da academia ao grande público. *Revista Tempo e Argumento*, v. 7, n. 14, 2015, p. 253-258.

entendidos como escritas de si e, com isso, serem analisados enquanto documento histórico que possibilita a análise dos fatos históricos através do olhar dos agentes esquecidos da história.<sup>74</sup>

Dentro dessa perspectiva, buscou-se entender que os escritos autobiográficos fazem parte da pluralidade que são as escritas de si, salientando que autobiografias são comuns entre os afro-americanos desde o pós-abolição. A historiadora Lilia Schwartz<sup>75</sup> afirma que o maior abuso da escravidão nas Américas é a proibição da alfabetização e, conseqüentemente, a proibição da escrita dos escravizados. Concordando com Ângela de Castro Gomes, Schwartz afirma que, atualmente, a escrita de si é altamente valorizada apesar da subjetividade que constrói a narrativa de si. Desse modo, a escrita de si carrega uma fronteira entre a ficção e não ficção e, sobre esse ponto, faremos uma reflexão mais detalhada mais à frente. Assim, a escrita de si pode ser entendida como um tipo de literatura cujo objetivo é a constituição de si. Considerando os autores negros e negras, esse estilo tem objetivos que vão além de apenas construir a imagem de si: é um ato de emancipação dos agentes históricos esquecidos pela história.<sup>76</sup>

Ponderando a proibição da escrita durante o período de escravização nos Estados Unidos, é interessante identificar a influência dessa proibição na vida das pessoas negras, ainda que anos após a abolição. Entretanto, ao falar em escravidão, um dos pontos a serem levantados é a violência que envolve o período e, por esse motivo, deve-se reconhecer o sofrimento dos escravizados como uma forma de reflexão e produção de si e do outro. Portanto, diversos escritos pós-escravidão nos dão o panorama no sofrimento vivido nesse período e, para além disso, reavivam, na História, a perspectiva da violência como uma produção de cultura e de significados ou, até mesmo, ressignificados<sup>77</sup>.

Como exemplo de escritos desse período, têm-se os escritos de Solomon Northup<sup>78</sup>, os quais retrataram suas memórias do momento em que ele, como homem livre, morador do Norte do país, é sequestrado e vive doze anos em cativeiro nas fazendas do Sul. O livro intitulado *Doze anos de Escravidão* foi publicado pela primeira vez em

---

<sup>74</sup> Cf. SCOTT, 1989, p. 1-35.

<sup>75</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Revista Estudos Avançados*, v. 33 n. 96, 2019, p. 137-154.

<sup>76</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit., 2019.

<sup>77</sup> AWKWARD, Michel. Race, Gender, and the Politics of Reading. *Black American Literature Forum*, v. 22, n. 1, *Black Women Writers Issue*, 1988, p. 5-27.

<sup>78</sup> NORTHUP, Solomon. *Doze anos de Escravidão*. CHANG, Caroline (trad.). São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014.

1853 e ganhou interpretação cinematográfica, em 2013, pelo diretor inglês negro, Steve McQueen.

Michel Foucault também desenvolve uma análise sobre a escrita de si utilizando como fonte escritos da Idade Antiga. A partir desses textos, Foucault categoriza a escrita de si em duas fases: a *hypomnemata* e a correspondência. Segundo o autor, os textos da Antiguidade são importantes ferramentas devido ao valor dado à escrita naquela época. Uma vez que a escrita de si pode ser entendida, também, como uma conversa consigo mesmo, esses escritos são autorreflexões, tanto para quem escreve, quanto para quem os lê. “A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a olhar possível”<sup>79</sup>, afirma o autor.

Foucault define *hypomnemata* como uma espécie de bloco de notas utilizado na Idade Antiga para anotar as atividades das pessoas. O autor afirma que a escrita tem a função de retirar o autor da solidão, já que o *hypomnemata* pode ser visto como um companheiro para quem o possui. Além disso, através da escrita de si, o indivíduo tem a possibilidade de revelar os constrangimentos que surgem quando se tem alguém por perto, enquanto sua sinceridade pode ser aflorada à medida que ele transforma esse bloco de notas em seu companheiro na fuga da solidão. Para Foucault, o autor dessa modalidade exerce a escrita dos movimentos da alma, e o método é a *hypomnemata*.

Santo Agostinho, considerado um dos precursores das escritas de si, explora a introspecção, como forma de autoexame, e a busca pela própria subjetividade através da escrita, o que o aproximaria de Deus. A partir desses escritos, Foucault desenvolve, ainda mais, sua ideia de que a escrita auxilia o escritor a voltar os olhos para aquilo que é interno, em detrimento daquilo que é externo e, a partir disso, a entender suas ações dentro do coletivo:

De qualquer modo, seja qual for o ciclo de exercício em que tome lugar, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tendo toda a *askesis*: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação.<sup>80</sup>

Agostinho explica ainda que a escrita de si tem uma função *ethopoiética* e, desse modo, ela consegue transformar a verdade em *ethos*, isso quer dizer que a escrita de si

---

<sup>79</sup> FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*, p. 129-160. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992, p. 129.

<sup>80</sup> *Ibid* p. 130.

tem a capacidade de comparar e de transformar as vivências individuais do autor em vivências da sociedade como um todo, dentro do conceito de *ethos*. Concordando com o pensamento de Foucault, Mariza Pinheiro<sup>81</sup> desenvolveu uma pesquisa relacionada a essa função *ethopoiética* da escrita de si. Pinheiro afirma que o conceito de escrita *ethopoiética* constitui a memória material do indivíduo e que “a escrita de si revela o movimento do pensamento e tece as tramas da memória<sup>82</sup>”.

Durante a Antiguidade, a escrita de si desenvolvia-se, principalmente, em dois aspectos identificados por Foucault, a *hypomnemata* e a carta. Nesse trabalho focaremos mais nos aspectos explorados pelo autor em relação à *hypomnemata*, que eram os livros de registros e livros de contabilidade. A *hypomnemata* era considerada uma modalidade da escrita de si por tratar de textos que contam com as experiências pessoais do autor. Esse tipo de texto apresenta uma utilidade particular, que é a função de livros da vida ou, até mesmo, um guia de conduta dos autores. Nesses textos, pode-se ter acesso a citações, a fragmentos de obras, a exemplos de ações testemunhadas pelo autor ou a um relato lido por ele, a reflexões ou a debates participados ou ouvidos pelo autor.<sup>83</sup>

Nesse sentido, engana-se aquele que acredita que esse tipo de escrita tinha apenas a função administrativa e coletiva. Nesses relatos, é possível encontrar aspectos da vida privada dos autores que não eram compartilhados publicamente. Dentro dessa perspectiva, a memória e a escrita de si caminham juntas e são complementares uma da outra, uma vez que, a partir das memórias, os relatos são transmitidos para o papel criando, então, os textos pessoais aos quais estamos analisando aqui.

Logo, a *hypomnemata* é constituída pela memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas que podem oferecer - um *tesouro acumulado*, como é definido por Foucault -. Ela serve à releitura e à meditação ulterior e deve ser encarada como um documento material, o qual se deve usar sempre que haja a possibilidade de ler e reler esse tipo de material; ou seja, constitui-se em um documento que pode ser revisitado para estudos.<sup>84</sup>

Escrever um *hypomnemata* é construir um equipamento de discursos ao qual pode-se recorrer quando necessário. Logo, tais documentos precisam ser plantados,

---

<sup>81</sup> PINHEIRO, Mariza de Oliveira. Escrita de si como *etopoiética* informacional: cartas e diários e os “lugares” epistêmicos de memórias e identidade. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, João Pessoa, 2015.

<sup>82</sup> Ibid p. 129.

<sup>83</sup> Cf. FOUCAULT, 1992, p. 129-160.

<sup>84</sup> Cf. FOUCAULT, 1992, p. 129-160.

segundo Foucault, na alma. Entende-se aqui como alma aquilo que faz parte do foro mais íntimo do autor dos escritos, aquilo que não lhe foi possível revelar através da fala, mas sim através da escrita e que, nessa ótica, torna-se um recurso de guardar a alma do autor, assim dizendo, de preservar aquilo que a memória possibilita que o autor registre e que, para ele, é a eternização da vivência e, de fato, da própria alma.

Por mais pessoais que sejam estes *hypomnemata* não devem porém ser entendidos como diários íntimos ou como aqueles relatos de experiências espirituais (9 tentações, lutas, fracassos e vitórias) que poderão ser encontrados na literatura cristã ulterior. Não constituem uma ‘narrativa de si mesmo’, não tem valor de purificação.<sup>85</sup>

Os *hypomnemata* e os diários pessoais se diferem em relação à sua função principal, além do distanciamento temporal entre os dois. Os diários têm a finalidade de guardar os sentimentos e os anseios dos autores e esses escritos podem ou não ser publicados. Já os *hypomnemata* são registros públicos que carregam consigo registros pessoais dos autores através de seus relatos e que podem captar o indizível. Algumas vezes, esses relatos objetivam estabelecer uma relação do autor consigo mesmo e, nesse fato, segundo Foucault, há algo de paradoxal, tendo em vista que a escrita do *hypomnemata* pode contribuir para a formação de si através do pensamento por três razões, como ele expõe no trecho: “os efeitos limitadores devidos ao emparelhamento da escrita com a leitura, a prática refletida do contraste que determina as escolhas, a apropriação que ela leva a cabo”<sup>86</sup>.

No caso das autobiografias de Rosa Parks e Nina Simone, a escrita é acompanhada do relato histórico dos acontecimentos durante o período de luta pelos direitos civis das pessoas negras nos Estados Unidos, mais especificamente os acontecimentos que tornavam o movimento negro e o movimento de mulheres negras mais visíveis nos anos 1950 e 1960. Outrossim, os escritos mostram a intenção das autoras de fugir do apagamento das mulheres da história e, sobretudo, das mulheres negras.

A visão de escrita de Foucault aplicada nos escritos autobiográficos de mulheres negras pode ser entendido como um meio de libertar a alma de preocupações com o futuro e como meditação do passado. Com esses escritos é possível ponderar os acontecimentos do passado e fazer uma análise dos fatos atuais. Como a própria Nina Simone salienta em sua autobiografia:

---

<sup>85</sup> FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*, p. 129-160. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992, p. 131

<sup>86</sup> *Ibid* p. 132.



[...] Comecei a trabalhar neste livro, olhando para trás em uma vida que, depois de pensar por meses, não me arrependo. Muitos erros, alguns dias ruins e, o mais ressonante de tudo, anos de alegria - duros, mas alegres ao mesmo tempo - lutando pelos direitos de meus irmãos e irmãs em todos os lugares; América, África, em todo o mundo, anos onde o prazer e a dor se misturaram. Eu sabia então, e ainda sei, que a felicidade que senti, e ainda sinto, enquanto avançávamos juntos era de um tipo que poucas pessoas experimentam.<sup>87</sup>

O historiador Derek Tavares, desenvolvedor de uma pesquisa relacionada ao conceito de escrita de si pensado por Foucault, acredita que

Foucault reconhece na *escrita de si* dos gregos um tipo de atitude e prática no qual o ato de escrever para si e para outrem estejam vinculados a um cuidado de si. A *escrita de si* é então uma prática de autoexame, e de autojulgamento que o indivíduo efetua acerca de si mesmo. No entanto, essa escrita de si, conforme observada em Foucault (1992) está no fato ainda de escrever não somente para si, mas também para outrem, cuja função será a de agir *parresiasicamente*, ou seja, “dizer a verdade, dizer toda a verdade, ou em todo caso dizer toda verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma que é precisamente a *parresía* [...]”.<sup>88</sup>

A *parresía*, segundo Tavares, é compreendida como uma fala franca que envolve a toda enunciação um custo, tal como se encontra nos dicionários de língua grega; portanto, para Foucault, a escrita de si é uma forma que o autor encontrou de fazer um autoexame das suas experiências passadas, ao mesmo passo que pratica autocuidado. Essa perspectiva das escritas de si assemelha-se ao conceito de autobiografias desenvolvido por Philippe Lejeune, que é um dos maiores estudiosos do assunto e acredita que a escrita autobiográfica abarca uma visão carregada de subjetividade das experiências vividas.

A escrita de si pode transparecer algumas condutas, as quais o autor deseja esconder. Concordando com essa perspectiva, o especialista em autobiografias Philippe Lejeune<sup>89</sup> afirma que o autor da autobiografia firma com o leitor um pacto, o “*pacto autobiográfico*”, que envolve autor, escritor e leitor, a sinceridade é o que permeia essa

---

<sup>87</sup> “[...] I started to work on this book, looking back over a life which, after thinking about for months, I have no regrets about. Plenty of mistakes, some bad days, and, most resonant of all, years of joy – hard, but joyous all the same – fighting for the rights of my brothers and sisters everywhere; America, Africa, all over the world, years where pleasure and pain were mixed together. I knew then, and I still do, that the happiness I felt, and still feel, as we moved forward together was of a kind that very few people ever experience.” SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 1992, p. 176. Tradução nossa.

<sup>88</sup> TAVARES, Derek. Escrita de si: uma ilusão autobiográfica. *Anais do 1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentalidade e Segurança*, João Pessoa, 2014, p. 5.

<sup>89</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

relação. O historiador Phillipe Lejeune é uma referência na historiografia sobre autobiografias, tendo feito diversos trabalhos sobre o tema, alguns deles utilizados nesta pesquisa.

Nesse mesmo sentido, Ângela de Castro Gomes<sup>90</sup> afirma que há diversas formas de desenvolver a escrita de si, que existem diversas modalidades da escrita de si e que, dentro delas, há os escritos autobiográficos ou, até mesmo, os *hypomnemata*, como afirma Foucault. Isso significa que os escritos autobiográficos são também escritos de si. Dentro da fluidez dos conceitos, essas duas definições se aplicam aos escritos utilizados nessa pesquisa, considerando que, metodologicamente, a análise se transita entre os dois conceitos.

A historiadora Ângela de Castro Gomes, galgada no conceito de escritas de si de Michel Foucault, analisa as diversas modalidades da chamada produção do *eu*. Juntamente às escritas de si, ela explora essa produção interligada com a construção do indivíduo moderno, caracterizado com elementos próprios de identidade e cultura e que transfere esses valores para sua produção escrita com o objetivo de valorizar a individualidade sobreposta por um todo.

No livro *Escrita de si, escritas da história*, organizado por Gomes, a historiadora entende, a partir de diversas óticas de análise documental, como a escrita de si, escrita autorreferencial ou auto escrita são modalidades de um conjunto chamado, convencionalmente, de produção de si. A historiadora atesta que esse tipo de documentação começou a despertar o interesse dos historiadores recentemente e, por isso, é destacado como recurso do mundo moderno ocidental. Entretanto, o uso desses escritos como fonte da pesquisa historiográfica pode ser entendido a partir da análise da relação que o indivíduo estabelece com o mundo moderno e com seus documentos. Desse modo, há diversas possibilidades de produzir e analisar a produção do eu.

As práticas culturais do indivíduo moderno, que podem ser entendidas como as escritas de si e fazem parte da constituição da identidade de si, ou seja, por mais que a prática da escrita sobre o eu seja antiga, na modernidade esta tem o objetivo de constituir o indivíduo, o que Ângela chama de “indivíduo moderno”. “A chave, portanto, para entendimento dessas práticas culturais (escritas de si) é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais”<sup>91</sup>, afirma a historiadora. Ora, se o indivíduo

---

<sup>90</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*: a título de prólogo, p. 7-27. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escritas de si, escrita a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>91</sup> GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit., 2004, p. 12.

moderno emerge das suas práticas culturais, o estudo da História das mulheres e das relações de gênero pode emergir da mesma origem, levando em consideração que a escrita de si possibilitou que as mulheres tivessem voz, fugindo da ideia de o estudo do indivíduo como ser universal e masculino. Como fruto do papel que o patriarcado designou às mulheres, o ambiente privado teve mais presença feminina do que o ambiente público. Os espaços de expressão pública das mulheres foram vetados durante anos, restando a elas apenas o ambiente privado e reservado. Nesse sentido, a utilização da escrita de si como recurso documental dá aporte para o estudo da história das mulheres e das relações de gênero e é relevante.<sup>92</sup>

Entender o indivíduo da Modernidade implica em entender que a ideia de sua existência está vinculada à longa transformação das sociedades ocidentais, a qual passa por uma transição em que a lógica coletiva e rígida por tradição é substituída e não pode, portanto, sobrepor-se ao indivíduo, pois este tem, a partir de então, uma identidade singular no interior desse todo que é a sociedade. Isso quer dizer que esse indivíduo tem particularidades e deve ser visto como um ponto que constitui um todo, e não ao contrário, como era de costume. Nesse sentido, o estudo da História das Mulheres e das relações de gênero sobressai-se quando o indivíduo não é mais visto como um ser universal e masculino: as mulheres e, conseqüentemente, seus escritos, começam a ganhar espaço nas pesquisas historiográficas.<sup>93</sup> Assim, analisaremos as escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone partindo da ideia que suas experiências individuais no movimento por direitos civis fazem parte de um todo que constitui o movimento.

Quando se trata de metodologia, relacionar a escrita de si e o estudo da História das Mulheres e das relações de gênero acaba sendo um desafio para a pesquisa histórica. Pretende-se, nessa pesquisa, relacionar esses escritos com as questões raciais, o que torna o atravessamento da pesquisa ainda mais complexo. Se, por um lado, têm-se as mulheres como indivíduos, por outro não há como negar que elas são cruzadas por diferentes marcadores sociais que devem ser considerados na análise de seus escritos, como se pretende nessa pesquisa. Daí a importância dos conceitos de escritas de si discutidos aqui, ligados ao conceito de interseccionalidade.<sup>94</sup>

Alguns historiadores defendem a ideia que, a partir do reconhecimento desse “eu moderno”, o ato de escrever sobre a vida é antigo. Entretanto, a ideia de que a vida é uma

---

<sup>92</sup> Cf. GOMES, 2004, p. 7-27.

<sup>93</sup> Cf. GOMES, 2004, p. 7-27.

<sup>94</sup> Cf. RAGO, 2004, p. 19-47.

história que pode ser analisada é mais recente. Essa ideia está na base da escrita moderna. Levillan<sup>95</sup> afirma que o homem é lapidário de si mesmo porque tem o intuito de constituir uma imagem de si. Para ele, a vida é uma história e esse homem que constrói a sua própria imagem é um ser dotado de multiplicidades. Segundo Ângela de Castro Gomes, essa construção de si é demarcada por duas correntes:

De um lado, a necessidade de uma equidade moral e política constrói a ideia de indivíduo ‘abstrato’ e sujeito ao contrato social, alvo imediato de críticas tanto do pensamento conservador (para o qual há desigualdade), quanto do socialista (para o qual essa igualdade é ficção). De outro, o princípio de liberdade, também fundamental ao referido contrato, guarda a ideia de indivíduo singular, ao mesmo tempo único em relação a todos os demais e múltiplo no que diz respeito a seus papéis sociais e possibilidades de realização social.<sup>96</sup>

O indivíduo múltiplo exprime socialmente suas necessidades de identidades parciais que nem sempre são harmônicas e, por esse motivo, as escritas de si e os escritos autobiográficos trazem uma visão particular e multifacetada da vida do indivíduo e de suas vivências. O indivíduo experiencia, a partir de sua multiplicidade, “temporalidades diversas”<sup>97</sup> que são consequências da fragmentação do indivíduo. Nesse sentido, a produção do eu do indivíduo moderno dotará o mundo de significados especiais próprios, que podem ou não ser coletivos.

Diante disso, nota-se que esses escritos intencionam materializar a história do indivíduo e do grupo ao qual ele pertence. Pensar na escrita das mulheres a partir dessa ótica significa voltar a atenção para elas como agentes de um todo, os quais são historicamente construídos para que não tenham nenhum tipo de olhar voltado a elas e significa, ainda, entender que essas mulheres, enquanto indivíduos plurais, vão transferir para os escritos suas experiências no diálogo com o patriarcado e a estrutura da sociedade machista. Entender a escrita das mulheres é retirá-las do ambiente privado e voltá-las ao ambiente público. Nesses casos, a experiência passa a ser mais valorizada, bem como as ideias de foro íntimo, que, segundo Ângela, são aspectos marcantes das definições de conhecimento e ética próprias do individualismo.<sup>98</sup>

A partir dessa reflexão, entende-se que nas escritas de si não existe uma “verdade factual” e, por isso, a credibilidade dos autores é colocada em prova. Nesse tipo de

---

<sup>95</sup> LEVILLAIN, Phillipe. *Os protagonistas da biografia*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

<sup>96</sup> GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit., 2004, p. 12.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit., 2004.

documentação a construção da verdade é individualizada; logo, há uma visão parcial dos fatos, dotada de fragmentação, de subjetivação e de memória. A escrita de si é um tipo de texto no qual a narrativa é construída de forma introspectiva, o que lhe confere autoridade e legitimidade que funcionam como provas dos fatos descritos ali. Assim, a autenticidade desse tipo de texto está ligada à sinceridade do autor e à sua singularidade. Essa escrita assume a subjetividade do seu autor como parte integrante da sua linguagem, construindo sobre a escrita a “sua verdade”.<sup>99</sup>

A verdade, não mais unitária, mas sem prejuízo de solidez, passa a ser pensada em sentido plural, como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida.<sup>100</sup>

Assim sendo, não é possível descobrir através da escrita de si o que de fato “aconteceu”, uma vez que não é essa a perspectiva e nem a intensão do registro feito pelo autor e, portanto, não é essa a busca do historiador ao trabalhar com esse tipo de fonte documental. Destarte, o que passa a importar é a ótica assumida pelo registro e como ela foi expressa pelo autor; ou seja, o documento não tem a responsabilidade de dizer o que houve, embora retrate o que o autor diz que viu, sentiu ou experimentou retrospectivamente em relação a um acontecimento.

Na escrita de si, o autor demonstra um certo “domínio” do tempo, assim como o “eu” pode ser ordenado pelo sujeito, o tempo é dotado de simultaneidades controladas pelo autor. Nesse aspecto, a escolha do que é experimentado é feita de forma aberta. Segundo Ângela de Castro Gomes, essas escolhas definem, de forma aberta, o presente e o futuro possíveis. Esse tempo não pode, portanto, ser vivenciado como evolução, progresso ou aperfeiçoamento. Nas escritas de si, o tempo exposto pelo autor é vivenciado ou reexperienciado à sua escolha e, portanto, não há como ver nesse tipo de temporalidade um tipo de evolução que se vê em outros tipos de documentação.

No entanto, esse suposto domínio que o autor tem sobre o tempo serve para organizar os elementos da escrita de si e criar uma espécie de ordem temporal que fará sentido para o autor durante a escrita. Esse tempo corresponde a um lugar da memória que essas experiências ocupam.<sup>101</sup>

---

<sup>99</sup> Cf. FOUCAULT, 1992, p. 129-160.

<sup>100</sup> GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit., 2004, p. 14.

<sup>101</sup> ARAÚJO, Pedro Galas. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira*. Tese (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Os registros de memória dos indivíduos são, de uma forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários, assim como a vida do indivíduo moderno. Desse modo, esses registros tornam-se o espelho da vivência do indivíduo e, de certa forma, contenciosos. A escrita de si busca então um “efeito de verdade”<sup>102</sup>, o que descarta a possibilidade do historiador de saber o que de fato aconteceu. Com isso, outros aportes historiográficos são utilizados para comprovar os fatos. Além de que, para o historiador, o que passa a importar é o ponto de vista assumido pelo autor e como ele é expresso. Nas escritas de si, tais aspectos tornam o tempo linear e uma construção do próprio sujeito e de sua memória. Existe, dessa forma, um limiar entre a escrita de si e o texto autobiográfico. A diferença entre as duas modalidades é como o texto pode tornar-se híbrido em algum momento, mesclando elementos da história e da vida do autor.<sup>103</sup>

O uso das autobiografias é um recurso metodológico complexo, uma vez que esses textos são memórias e trazem, intrinsecamente, um alto nível de subjetividade do autor, a partir do momento de escrita sobre sua própria vida. Porém, desde os anos 1970, os historiadores estão retornando ao uso desse tipo de documento, entendendo que, ao mesmo tempo que autobiografias fornecem questões pessoais do autor, essas questões não estão necessariamente desprendidas dos fatos históricos, já que a relação entre agente<sup>104</sup> e evento é mútua e recíproca. Todavia, o trato com as autobiografias deve ser feito a partir de uma análise historiográfica e epistemológica.<sup>105</sup>

O historiador Jaume Aurell<sup>106</sup> argumenta que essa questão remete à própria questão da historiografia. Segundo ele, os fatos históricos implícitos nas autobiografias se tornam mais importantes que a forma ou o estilo de escrita do autor. Não há mais, segundo Aurell, uma objetividade entre os historiadores quando estão escrevendo relatos impessoais de eventos históricos. Sob outra perspectiva, Shirley Neuman<sup>107</sup> acredita que as autobiografias de mulheres são importantes para a construção de uma História em que elas estejam inclusas. Nessa lógica, Neuman argumenta que a masculinidade tem sido muito valorizada na historiografia e as autobiografias de mulheres, acompanhadas da

---

<sup>102</sup> FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1992, p. 132.

<sup>103</sup> ARAÚJO, Pedro Galas. Op. Cit., 2011.

<sup>104</sup> JOHNSON, Walter. On Agency. *Journal of Social History*, v. 37, n. 1, Edição Especial, 2003, p. 113-124.

<sup>105</sup> Cf. BOURDIEU, 1996.

<sup>106</sup> AURELL, Jaume. Autobiographical Texts as Historiographical Sources: Rereading Fernand Braudel and Annie Kriegel. In: *Biography. An Interdisciplinary Quarterly*. University of Hawai'i Press, v. 29, n. 3, 2006, p. 425-445.

<sup>107</sup> NEUMAN, Shirley. *Autobiography and questions of gender: An introduction*. Prose Studies: History, Theory, Criticism. London: Routledge, 1991.

ideologia de gênero, constroem não apenas uma identidade feminina, mas também homossexual e de classe – o que retira os homens como a única categoria visível.

O trabalho com as autobiografias, de acordo com Pierre Bordieu<sup>108</sup>, pode ser entendido como o trabalho de lidar com a vida do autor. Essa vida, segundo Bordieu, pode ser captada por uma expressão, ainda que munida da subjetividade, e deve contar com a cronologia do relato, assim sendo, da vida vista de uma forma cronológica. O relato autobiográfico tem a preocupação de dar sentido àquilo que está sendo contado, de uma forma mesmo que razoável, onde o objeto de estudo é entendido de forma inteligível. Isso nos distancia, segundo ele, do romance intrínseco nesse tipo de documento, pois deve apresentar uma *constância e uma consistência*:

Essa vida organizada como uma história transcorre segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, um duplo sentido do ponto de partida, de início, mas também de partida, de início, mas também de princípio de razão de ser, de causa primeira até seu término, que também é um objetivo.<sup>109</sup>

Nesse sentido, Lejeune<sup>110</sup> define as autobiografias como uma “narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa faz sobre sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”<sup>111</sup>. Ou seja, as autobiografias são narrativas escritas em prosa, que é a forma de linguagem desse tipo de documento, distanciando-se das cartas e redações comuns e até mesmo do autorretrato. Segundo ele, o cerne das autobiografias deve ser então a personalidade do autor.

Assim, entendemos como Rosa Parks e Nina Simone colocavam-se no mundo como seres políticos, a partir de sua própria de visão de militância, enquanto mulheres e integrantes do movimento negro. O autor acrescenta que é preciso criar uma identidade para o objeto da autobiografia, sendo esse objeto é composto pelo *autor*, pelo *narrador* e pelo *personagem*. A partir disso, entende-se que a subjetividade desse documento exige do pesquisador uma construção contínua de uma metodologia, a qual leva em conta que não existe uma verdade universal e que existem questões envolvidas pela verdade vista

---

<sup>108</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. Usos & Abusos da História Oral. São Paulo: FGV, 1996, p. 176.

<sup>109</sup> Ibid, p 184.

<sup>110</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<sup>111</sup> LEJEUNE, Philippe. *A autobiografia doa que não escrevem*, p. 113-192. In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 134.

e entendida pelo autor, além da verdade do historiador, o qual trata a autobiografia como uma fonte documental.

Tal como é passível de ser observado, há um ressurgimento da história narrativa, o que evidencia a relevância do uso das autobiografias como fontes documentais para a análise. Lawrence Stone<sup>112</sup> acredita que a cultura ou, até mesmo, a vontade do indivíduo são agentes transformadores e, por isso, a análise do indivíduo pode proporcionar ao historiador uma análise conjunta dos eventos históricos dentro do contexto da narrativa individual do agente histórico.

A historiadora Ana Amélia Barros fez um estudo aprofundado sobre a obra de Phillipe Lejeune e acredita que o autor adotou as autobiografias como gênero literário e o chamado pacto autobiográfico é um dos aspectos característicos desse gênero. Lejeune define o pacto autobiográfico como algo que acontece através da identificação do autor no texto, mais precisamente, na capa do livro. Ao identificar-se o autor, automaticamente está firmando com o leitor um pacto de veracidade e, reciprocamente, o leitor firma um pacto de crença. Desse modo, o ato de leitura de uma obra autobiografada é recheada de relações e laços firmados entre o autor, o personagem, que no caso é o próprio autor, e, por fim, o leitor. Nesse sentido,

[...] o autobiógrafo coloca o leitor em perigo. Ele lhe pede algo: reconhecimento, aprovação, amor. E, ao mesmo tempo, sugere ou propõe, algo mais embaraçoso ainda: a reciprocidade. O leitor é forçado a pensar em sua própria vida em termos análogos, mesmo se não tiver vontade de fazê-lo. A autobiografia é contagiosa e muitas pessoas têm medo dela. Esse é o polo.<sup>113</sup>

Não obstante, Lejeune tem uma definição própria de escrita autobiográfica que é “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”<sup>114</sup>. Partindo dessa perspectiva, podemos inferir que o autor acredita concordar com a ideia de que o indivíduo moderno escreve a partir de sua experiência particular, e essa escrita é dotada de personalidade e de perspectiva própria.

---

<sup>112</sup> STONE, Lawrence. *O Ressurgimento da Narrativa: Reflexões sobre uma Nova Velha História*. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. (Org.). *Nova História em Perspectiva*, v. 2: Debates. São Paulo: CosacNaify, 2003, p. 8-36.

<sup>113</sup> NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. *Ipotesi Revista de Estudos Literários*, v. 6 n. 2, 2018, p. 21-30, p. 23.

<sup>114</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau á internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 14.



Ana Amélia também concorda com a definição de Lejeune, e acrescenta dizendo que “por autobiografia podemos nos referir a um tipo específico de texto (em seu sentido estrito), como um conjunto de práticas de caráter variado (em seu sentido amplo) – sentidos esses que encontram em oposição”<sup>115</sup>. Lejeune reconhece as dificuldades de definir algo como um conceito e, por isso, em um sentido mais amplo, define autobiografia como “toda forma de escritos em que se fala de si diretamente (tanto o diário íntimo ou as memórias como a autobiografia propriamente dita) ou mesmo todo escrito no qual o leitor supõe que o autor transpõe sua experiência pessoal”<sup>116</sup>. À vista, podemos depreender que o autor entende a autobiografia como um gênero literário e as outras modalidades, como diários, cartas, são ramificações desse gênero literário.

Tento observar ao mesmo tempo o centro do sistema, o polo (o compromisso de escrever uma verdade sobre si) e as margens, as situações fronteiriças de todos os tipos, nas quais a influência do outro polo se faz sentir, e onde se criam interferências, ‘franjas’ onde os dois sistemas manifestam, através do conflito, o que cada um deles tem de próprio. O polo é o compromisso de dizer a verdade sobre si. É um ato *real*, que implica a possibilidade de verificação, e que compromete de fato, socialmente e juridicamente, podendo, às vezes, até chegar ao tribunal.<sup>117</sup>

Entender a autobiografia como um gênero literário, como propõe Lejeune, implica em analisar como esse se mostra variável e instável no longo tempo; por isso, existem alguns traços distintivos que, segundo o autor, devem ser aprendidos no sentido geral de uma época, isso quer dizer que o contexto histórico deve ser levado em conta ao analisar uma autobiografia. Assim como o historiador não pode ser tirado do seu tempo ao analisar um fato, também o autor da autobiografia deve ser analisado a partir do contexto histórico em que vive, levando em consideração que as experiências do sujeito são postas nesse tipo de escrita. Ademais, o pensamento varia ao longo dos anos e concepções são volúveis nesse sentido.

#### **1.4. Escrita de si de mulheres negras: Rosa Parks e Nina Simone**

Para realizar nosso estudo usaremos dois tipos de instrumentos teóricos metodológicos; sendo assim, teremos um duplo desafio pela frente. O primeiro tipo de

---

<sup>115</sup> PACE, Ana Amélia Barros Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012, p. 46.

<sup>116</sup> LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie em France*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1971.

<sup>117</sup> NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Op. Cit., 2018. p. 23.

abordagem a ser utilizado será o que nos trará base para a análise da posição da mulher dentro do movimento negro, ou seja, da discussão de gênero. Isto não somente em relação ao externo, mas sim no interno do movimento por direitos civis: os embates da mulher negra dentro do seu espaço de vivência, que era a comunidade negra; e o empoderamento da mulher negra enquanto indivíduo e provedora da luta pelos direitos civis. Portanto, essa primeira análise é uma discussão de gênero, que em todo o momento está ligada à raça; porém, nesse momento se divide da questão racial para analisarmos somente a questão de gênero e as consequências disso na análise dos nossos dois objetos de estudo. Como aponta Margareth Rago:

Não é demais reafirmar que os principais pontos da crítica feminista à ciência incidem na denúncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença. Em outras palavras, atacam as feministas, os conceitos com que trabalham as Ciências Humanas são identitários e, portanto, excludentes. Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência.<sup>118</sup>

A pesquisa e a produção da História das Mulheres e da História de Gênero iniciaram-se nas décadas de 1960 e 1970, quando, a partir de uma perspectiva social de demanda das mulheres, os historiadores e historiadoras voltaram os olhos para a História a partir de uma perspectiva de gênero. Por esse motivo, destaca-se a importância da análise da escrita de si ao tratar-se de história das mulheres, levando em conta que, por muito tempo, os papéis de gênero estiveram em voga na sociedade, e o papel feminino voltava-se mais para vida doméstica do que para o ambiente público. Assim, o espaço privado é um ambiente comum para a narrativa de mulheres, enquanto para os homens o espaço público e privado é ocupado. Criticando essa posição doméstica imposta às mulheres, a historiadora Joan Wallach Scott defende uma dissociação entre o papel da mulher e o papel do homem e, a partir dessa perspectiva, propõe uma visão expandida da dimensão da História das Mulheres e da História de Gênero. Desse modo, Scott propõe que as mulheres e os homens sejam tirados desse lugar de eterna contraposição de um com o outro e que sejam levados em consideração a partir da perspectiva de gênero. Esta, chamada, pela autora, de pós-estruturalista, vai ser uma das primeiras vertentes de estudos

---

<sup>118</sup> RAGO, Margareth. *A crítica feminista*, p. 27-31. In: *Epistemologia Feminista: Gênero e História*. CNT-Compostela, 2012, p. 27.

de gênero e propõe a quebra da chamada “essência feminina” vinculada ao sexo biológico.<sup>119</sup>

Por outro lado, nessa pesquisa analisaremos escritas de si de mulheres negras, o que mostrou a necessidade de se entender as diferenças das escritas de mulheres que tiveram a liberdade cerceada por conta da escravidão e da herança racista nas sociedades que tiveram contato com esse sistema. “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”<sup>120</sup>, afirma Conceição Evaristo sobre escrita de mulheres negras. A escritora é precursora do conceito de *escrevivência* no Brasil, o qual define a escrita de mulheres negras como um arcabouço recheado de vivências e experiências vividas pelas mulheres, as quais colocam no papel esses fatores atravessados pelo machismo, racismo e o classismo<sup>121</sup>. A partir dessa visão, buscamos entender a escrita de Rosa Parks e Nina Simone partindo de um lugar que é particular dessas duas personagens e carregado desses atravessamentos vividos pelas mulheres negras; e buscamos, ainda, relacionar essas experiências de vida com o contexto de luta por direitos civis. Ademais, sobre a questão de as mulheres negras terem vivências semelhantes, a socióloga Patricia Hill Collins reitera que: “Essa questão de as mulheres negras serem as que realmente ouvem umas às outras é significativo, especialmente dada a importância da voz na vida das mulheres negras[...]”<sup>122</sup>.

Além disso, outra abordagem é permitida a partir do objeto de estudo proposta: a questão de raça. É importante ressaltar que uma discussão de gênero e raça é o objetivo da pesquisa, contudo nesse momento serão feitas duas análises que não são necessariamente descoladas. Portanto, é necessário pensar nessas mulheres inseridas na sociedade como pessoas negras, acima de tudo. E que, para além disso, estas conseguem uma emancipação feminina partindo de um lugar diferente das mulheres brancas, por exemplo. Nesse sentido, compreende-se a mulher lutando por democracia e, ao mesmo tempo, lutando por igualdade racial. As leis segregacionistas institucionalizaram o

---

<sup>119</sup> SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. In: *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.

<sup>120</sup> EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p 16-21. Grifo nosso.

<sup>121</sup> EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

<sup>122</sup> “This issue of Black women being the ones who really listen to one another is significant, particularly given the importance of voice in Black women’s lives.” COLLINS, Patricia Hill. *The Power of Self-Definition*, p. 97-122. In: COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2008, p. 103. Tradução nossa.

racismo nos Estados Unidos, contudo não foram apenas estas as bases para a concretização do preconceito racial, tanto na década de 60, quanto antes e depois desse período. Houve no Norte do país, por exemplo, práticas racistas informais e não codificado em leis.<sup>123</sup>

Na obra *My Story* de Rosa Parks, o leitor tem contato com uma perspectiva mais intimista da trajetória política da autora, com enfoque nas vivências que culminaram no ativismo político de Parks. Desde a infância difícil, em Pine Level, até o Boicote aos Ônibus de Montgomery, a autora expressa como a luta contra o racismo foi praticamente inerente à sua existência e à sua vida. Assim sendo, podemos perceber que o ativismo político foi favorecido pela autora na obra, em detrimento dos aspectos mais íntimos e pessoais de sua vida. Talvez, para Rosa Parks, o pessoal e o político eram aspectos que não poderiam ser analisados de forma separadas. Todavia, é possível, com uma leitura mais sensível aos detalhes, perceber que a autora critica a falta de voz das mulheres dentro do movimento por direitos civis, além de uma crítica aos excessos da polícia em relação as pessoas negras. Ademais, Parks, por ter nascido pouco tempo após a abolição da escravidão e o fim da Guerra Civil Americana, vivência, na infância, momentos de segregação racial muito ligados à herança escravocrata no Sul, apresentadas na obra pelas regressões, as quais salientam aspectos da escravidão vivida por seus antepassados e a repressão de crianças negras que, assim como ela, vivenciaram de perto o medo dos brancos. Essas experiências de foro mais íntimo da autora revelam a base para seu ativismo.<sup>124</sup>

Intitulada *I put spell on you*, a autobiografia de Nina Simone, publicada pela primeira vez em 1992, conta, de forma cronológica, os aspectos da vida da cantora até chegar a ser conhecida nacional e internacionalmente como Nina Simone. Desde a convivência com a família e a igreja até à sua relação íntima com a música, a cantora relembra os acontecimentos e amizades que a levaram a se dedicar na luta contra o racismo no país, e como a música se tornou um recurso para engajar as pessoas nessa luta, além de denúncia social. Todos esses aspectos se costuram na obra a partir de acontecimentos da vida da artista, os quais denotam a diversidade e pluralidade dessa personalidade. Além disso, a obra tem um foco específico na construção da carreira da cantora e as dificuldades enfrentadas por ela durante tal construção, essas que se mostram

---

<sup>123</sup> STOVER, Johnnie M. *Rhetoric and Resistance in Black Women's Autobiography*. Gainesville: University Press of Florida, 2003.

<sup>124</sup> PARKS, Rosa, HASKINS Jim. Op. Cit., 1992.

tanto através da falta de recursos para subsidiar aulas de piano quando criança quanto através das “portas fechadas” por conta do racismo. Desse modo, a autobiografia propicia, também, uma análise mais profunda das composições de Nina Simone, pois enquanto a autora compunha e lançava suas criações, também estava diretamente relacionada à atuação no movimento por direitos civis na década de 1960 no país. A autora também dedica alguns capítulos aos anos em que atuou como militante ativa no movimento, explica os eventos ocorridos no país que a fizeram se engajar no movimento e a estrutura da sua forma de atuação no movimento.<sup>125</sup>

As autobiografias de Nina Simone e Rosa Parks foram escritas em 1992 tomando certa distância do recorte temporal feito neste trabalho, portanto, faz-se necessário entender metodologicamente a utilização das escritas de si como fontes, levando em conta o aspecto da memória do autor. A pesquisadora Mariza Pinheiro considera as escritas de si como memórias materiais, repletas de informações acerca do pensamento humano, além do que, para a autoras, esse tipo de documento revela o movimento do pensamento das pessoas, e tecem, a partir disso, a trama da memória, ou seja, as escritas de si, por se tratarem de documentos feitos a partir das experiências vividas, constituem metodologicamente a memória dos autores. A historiadora Mariza Pinheiro reitera ainda que:

A História é uma construção sempre problemática e incompleta do que existiu. É baseada em rastros, controlados, entrecruzados e comparados. Busca reconstituir o passado em conjunto explicativo. A memória depende em grande parte do desejo das evocações das informações que convierem ao ser. Já a história é uma operação intelectual, que exige análises e discursos críticos<sup>126</sup>.

Nessa perspectiva fica evidente que as memórias exprimidas nas escritas de si são escolhidas pelo autor e, portanto, não devem ser tidas como verdade absoluta, mas tidas como um efeito de verdade como afirma Michael Foucault, já citado anteriormente. Inferimos ainda que as escritas das mulheres negras podem trazer à tona as memórias mais marcantes da vida dessas mulheres, estas delimitadas por vivências entrecruzadas pelo gênero, raça e classe.

---

<sup>125</sup> SIMONE, Nina. CLEARY. Op. Cit, 1992.

<sup>126</sup> PINHEIRO, Mariza de Oliveira. Escrita de si como etopoiética informacional: cartas e diários e os “lugares” epistêmicos de memórias e identidade. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, João Pessoa, 2015, p.5

Outrossim, a década de 1990 é marcada na sociologia e na pesquisa histórica pela ascensão dos recortes de raça, classe e orientação sexual dentro dos movimentos sociais, mais especificamente o movimento feminista<sup>127</sup>. Nesse movimento de se pensar o feminismo a partir dos marcadores sociais de raça, algumas pensadoras publicam obras que são contribuições importantes para o movimento feminista negro como Audre Lorde, Patricia Hill Collins e Bell Hooks, as quais vão discutir a importância de pensar as diferenças entre as mulheres, e as especificidades e demandas das mulheres negras e não brancas, para se pensar em uma sociedade mais igualitária para as mulheres.

Audre Lorde foi a primeira mulher a cunhar o termo autocuidado feminino, em uma das suas obras nos anos 1980, a partir disso outras mulheres, principalmente mulheres negras, desenvolveram estudos sobre o termo. Nesse Sentido, Lorde defende a auto preservação da mulher negra e que a poesia para as mulheres a poesia, a escrita, não é um luxo contraposta com a visão hegemônica da poesia. A poesia seria para as mulheres algo que dá forma ao que não tem forma. Uma vez que a mulher consegue deixar aflorar o seu sentimento através da poesia ela consegue ocupar esse lugar de poder, como uma forma de enfrentamento.<sup>128</sup>

Já Patrícia Hill Collins acredita que na sociedade existam imagens de controle que fazem com que homens e mulheres cumpram papéis determinados por aquelas. Em outras palavras, Collins acredita que estas imagens fazem parte de uma relação de poder da sociedade. Para as mulheres negras, as imagens de controle recaem sobre um aspecto uniformemente negativo como *mammy*, *jezebel*, matricarca e a mãe beneficiária do assistencialismo; e, por serem imagens de controle negativas, as mulheres negras criam a necessidade das mulheres negras serem resilientes a estas imagens. As grandes mídias foram e são responsáveis por fixar essas imagens de controle tanto negativas como positivas.<sup>129</sup>

Bell Hooks retoma a história da escravidão americana na intensão de tentar entender as origens das violências vividas pelos afro-americanos, principalmente das mulheres negras. Em termos de força de trabalho, ela entende que as mulheres negras sofreram com os mitos, que concordam com as imagens de controle de Patrícia Hill

---

<sup>127</sup> Cf. RAGO, 2004, p. 19-47.

<sup>128</sup> LORDE, Audre. *Sister Outsider*. New York: Crossing Press, 1984.

<sup>129</sup> COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

Collins, e, por isso, sofreram com o apagamento epistemológico e coletivo das potências de mulheres negras.<sup>130</sup>

A historiadora Stella Maris afirma que:

Nos últimos tempos, o resgate da dimensão política vem afetando também as reflexões sobre a própria elaboração da teoria feminista. O político não está mais só concentrado na questão de gênero e na categoria mulher, mas no questionamento de uma desigual distribuição do domínio sobre o conhecimento nesse âmbito.<sup>131</sup>

A historiadora exprime a ideia de que na malha de se pensar gênero a partir dos marcadores sociais de raça, classe e orientação sexual, as produções acadêmicas e não acadêmicas passaram a fazer esse recorte, trazendo à tona a importância dessas teorias não só socialmente, mas também politicamente. Nessa mesma perspectiva, as escritas de si de Nina Simone e Rosa Parks são analisadas e com elas são levantadas algumas hipóteses de quais são os objetivos das autoras de tomarem tal distância temporal para a escritas das obras, ou, até mesmo, se havia um objetivo político na escrita dessas obras.

Apesar do recorte temporal feito neste trabalho ser dos anos de 1950 e 1960, período de maior efervescência do movimento negro associado a luta pelos direitos civis das pessoas negras, a historiografia nos mostra que anteriormente a esse período as mulheres negras já lutavam pelos seus direitos e pelos direitos das pessoas negras como um todo. Jacquelyn Down Hall<sup>132</sup> argumenta que existe muito destaque para as atuações masculinas, mas não para as femininas dentro da historiografia e destaca, por exemplo, a figura de Septima Clark que atuou majoritariamente na região da Carolina do Sul, que criou, juntamente a outras mulheres negras, um projeto de alfabetização e formação de professores intitulado *Citizenship Education*. O projeto era itinerante e o objetivo de Clark era alfabetizar jovens e adultos negros para que conseguissem assinar seus nomes e, assim, poderem se registrar para votar. Hall argumenta que o processo de formação política das mulheres negras tinha como resultado a oportunidade de evolução dessas mulheres no sentido de emancipação política. Explica, também, que o movimento por direitos civis se tornou, então, um estilo de vida das pessoas negras, e não apenas um movimento passageiro.

---

<sup>130</sup> HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. New York: Routledge, 2015.

<sup>131</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. *Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas*, p. 36-51. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas – CAPES, 2015.

<sup>132</sup> DOWD, Jacquelyn Hall. WALKER, Eugene P. "I train the people to do their own talking" Septima Clark and Women in the Civil Rights Movement. *Southern Cultures*, v. 16, n. 2, 2010, p. 31-52.

No entanto, observamos também que as experiências vividas no movimento por direitos civis são vigorosamente diferentes entre os homens e as mulheres ativistas e essas experiências se tornam mais díspares quando se trata de homens e mulheres brancos. Belinda Robnett<sup>133</sup> atenta para tais variações e propõe uma ressignificação das experiências de lideranças no movimento, argumentando que as experiências se tornam desiguais porque são pautadas na raça, cor, gênero e classe dos indivíduos e esses aspectos são cruciais para traçar a linha de atuação de cada indivíduo dentro do movimento. Robnett pondera que, no caso das mulheres negras, a liderança que essas exerciam era uma espécie de ponte para as lideranças maiores. Não se trata, portanto, de uma ligação comum entre seguidores e líderes: mulheres negras serviam de catalizadoras do que a autora chama de “micromobilização”. Belinda Robnett explica que:

A organização de gênero do movimento pelos direitos civis definiu a localização social das mulheres afro-americanas no contexto do movimento e criou uma subestrutura particular de liderança, que se tornou uma força crítica de recrutamento e mobilização para o movimento.<sup>134</sup>

Ainda sobre a mobilização local das lideranças femininas no movimento por direitos civis, temos o desafio enfrentado pelas mulheres negras periféricas que é a violência sexual. Danielle McGuire<sup>135</sup> atenta ao fato de que a violência sexual contra mulheres negras naquele momento, no sentido representativo, era uma forma de reafirmar a supremacia branca, e, mais que isso, reafirmar uma supremacia masculina sobre mulheres que eram politizadas, uma forma de castigo. Logo, uma das reivindicações das mulheres era resguardar os corpos das mulheres negras.

### **1.5. Autobiografias escritas a quatro mãos**

Torna-se importante ressaltar que as autobiografias de Nina Simone e Rosa Parks foram escritas em parceria com editores. Portanto, na escrita das autobiografias é determinante a participação dos coautores Jim Haskins<sup>136</sup>, na autobiografia de Rosa

---

<sup>133</sup> ROBNETT, Belinda. African-American Women in the Civil Rights Movement, 1954-1965: Gender, Leadership and Micromobilization. *American Journal of Sociology*, v. 101, n. 6, 1996, p. 1661-1693.

<sup>134</sup> Ibid., p. 1663.

<sup>135</sup> MCGUIRE, Danielle L. *At the dark end of the street: Black Women, Rape, and Resistance – a New History of the Civil Rights Movement from Rosa Parks to the Rise of Black Power*. New York: Vintage Books, 2010.

<sup>136</sup> Jim Haskins foi um premiado escritor, com experiência na cultura afro-americana, com mais de cem obras publicadas. Haskins também tem experiência com escrita de biografias como de Malcom X e Hank Aaron, além disso, suas obras de destacam por relatar as conquistas dos negros nos Estados Unidos e foco na difusão da cultura afro-americana.



Parks, e Stephen Cleary<sup>137</sup>, na autobiografia de Nina Simone. Estes são jornalistas profissionais responsáveis por traduzir os relatos pessoais, as memórias das autoras, em formato de livro propriamente dito, levando em consideração que nenhuma das autoras eram escritoras profissionais e, além disso, as autobiografias diferentes dos diários têm contribuição editorial.

A professora Diana Klingler que desenvolveu pesquisa sobre as escritas de si atenta à autoficção nas escritas de si e defende a ideia que dentro do que ela chama de constelação autobiográfica não existe a possibilidade de produção de uma autobiografia pura. Desse modo, o autor ao escrever as escritas de si, mais especificamente as autobiografias, cria um personagem de si. Através desse personagem, o autor busca, através da memória, verdades absolutas, mas o que ele encontra são as suas verdades. Sobre a perspectiva da verdade, ela afirma que “Herdeira da psicanálise, a noção de verdade ligada à escrita autobiográfica se associa assim com um estrato profundo, inconsciente, intangível senão através da mediação ficcional.”<sup>138</sup> Logo, a auto ficção é um dos elementos, segundo Klinger, que sustentam as escritas de si, considerando que as escritas de si fazem parte de um gênero literário e não se trata de uma reprodução fiel do passado. Daí a possibilidade da existência de um coautor na escrita de autobiografia, como acontece com Rosa Parks e Nina Simone.<sup>139</sup>

Outrossim, a historiadora Régine Robin acredita que a auto ficção é a forma como o autor das escritas de si decide falar sobre si, das suas memórias e vivências como experiência de análise. Conforme o autor se torna personagem da própria história, o texto que é escrito dessa forma se torna um texto contemporâneo. Segundo Robin, o texto contemporâneo é superposição o que é entendido pelo autor. Destarte, ela afirma que “Auto ficção é ficção que como escritor decidi dar-me, incorporando nele, no sentido pleno do termo, a experiência da análise, não só no sujeito, mas na produção do texto”<sup>140</sup>. Robin entende que a auto ficção nas escritas de si demonstra a museificação do autor, a

---

<sup>137</sup> Stephen Cleary é fundador e diretor da empresa Arista, que é uma das maiores agências produtoras de filme na Europa desde 1988, trabalhou mais de 20 anos com produção e direção de filmes, entre eles *Before the Rain* que foi vencedor de vários prêmios da categoria. Além disso, atualmente, Stephen trabalha como consultor de memórias em todo o mundo, e é professor convidado na *Victoria College of the Arts school of film and television* na Austrália.

<sup>138</sup> KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 40.

<sup>139</sup> KLINGER, Diana. Op. Cit., 2012.

<sup>140</sup> ROBIN, Régine. *La autoficción: el sujeto siempre en falta*. In: ARFUCH, Leonor (Comp.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.

construção de um museu de si. Dessa forma, a identidade nas autobiografias se constrói na escrita, contudo ela se dissolve na análise desse tipo de documento.<sup>141</sup>

A autobiografia de Rosa Parks foi escrita em conjunto com o escritor negro James Haskins, nascido em 1941 na cidade de Demopolis, no Alabama. Haskins vivenciou a segregação de perto, assim como Rosa Parks, por morar em uma cidade segregada. Mesmo vindo de uma família de classe média, o escritor não tinha permissão, quando pequeno, de frequentar a biblioteca pública da cidade. Enquanto Haskins passava pelo seu processo de formação universitária, o movimento por direitos civis estava se remodelando para chegar ao auge na década de 1960, ao mesmo tempo em que o jovem conseguiu seu diploma de bacharel em história pela Alabama State College. Com oportunidades de emprego limitadas no Sul, o jovem mudou-se nos anos 1960 para Nova York, fugindo da segregação e em busca de emprego e moradia dignos. Haskins trabalhou em Nova York como jornalista, corretor de ações de Wall Street e professor de música. O emprego como educador despertou-lhe a indignação ao ver a clara segregação não institucional nas escolas da cidade, onde os estudantes do subúrbio enfrentavam problemas diários e se quedavam sem assistência social. Tal situação encorajou James Haskins a se tornar escritor, que resultou no seu primeiro livro escrito em forma de diário: *Diary of Harlem School teacher*, publicado pela primeira vez em 1969. O livro teve uma grande aclamação nacional, que atraiu olhares das editoras.

Em 1970, Haskins começa a lecionar em universidades disciplinas relacionadas à psicologia, o que desperta o interesse do autor em pesquisar sobre a vida de grandes personalidades, uma delas foi Rosa Parks. Com Parks, Haskins construiu a obra *My Story*, publicada pela primeira vez em 1992. Nela, o autor tem a oportunidade de escrever e editar junto com Rosa Parks suas experiências de vida.<sup>142</sup>

Por outro lado, a autobiografia de Nina Simone tem como coautor Stephen Cleary, que já tinha experiência com mídia. Entre televisão e cinema, Cleary trabalhou como produtor e diretor em programas de televisão e produções cinematográficas. Atuou também como desenvolvedor de longa-metragem de forma independente. Na Europa Cleary, fundou sua própria produtora, a Arista, e produziu filmes indicados e premiados na Europa e no mundo. Considerando a experiência de Cleary com as grandes mídias e o

---

<sup>141</sup> ROBIN, Régine. Op. Cit., 2002.

<sup>142</sup> WATKINS, Mel. James Haskins, an Author on Black History, Dies at 63. The New York Times. Publicado em: 11 jul. 2005. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2005/07/11/books/james-haskins-an-author-on-black-history-dies-at-63.html>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

meio cinematográfico *I Put a Spell on You* a autobiografia de Nina Simone se tornou filme e tem, no atual cenário, a possibilidade de ser uma produção musical.<sup>143</sup>

No processo de estudar a história das mulheres, diversos desafios são encontrados, sobretudo quando tenta-se recuperar suas experiências pessoais através das escritas de si ou quando se analisa suas representações e seus discursos. Por isso, neste trabalho pretendemos aprofundar, nos próximos capítulos, nas escritas de si das personalidades escolhidas e analisar de quais formas essas mulheres escolheram organizar suas memórias nas obras, partindo do pressuposto que os marcadores sociais de raça, gênero e classe estão dispostos nas entrelinhas de seus escritos; e, para isso, utilizaremos das fontes privilegiadas das autobiografias.<sup>144</sup>

As mulheres negras lidaram e lidam com muitas adversidades, uma delas o machismo fruto do patriarcado, o classismo, fruto da construção perversa de uma sociedade capitalista e, como consequência disso, também o racismo.<sup>145</sup> Não cabe ao nosso trabalho analisar, portanto, a trajetória das mulheres negras estadunidenses desde a escravidão, nem tampouco analisar as origens do feminismo negro no país. Por isso, os documentos analisados, apesar de serem diretamente ligados à trajetória de mulheres negras que foram atravessadas pelo racismo originário da escravidão, estão descolados para uma dupla análise, a de gênero e a de raça, tendo a clareza de que a classe perpassa esta análise de forma a circundar as vivências. Para tanto, usaremos o conceito de interseccionalidade já citado anteriormente, amplamente debatido pelas autoras negras Angela Davis e Kimberle Crenshaw, que argumentam que as demandas e opressões sofridas pelas mulheres negras muitas vezes se sobrepõem como raça, gênero e classe, e que, portanto, não podem ser analisadas de forma separada. Existem intersecções que devem ser levadas em conta e analisadas conjuntamente. A teórica feminista Carla Akotirene defende que a partir da interseccionalidade se faça a articulação das clivagens identitárias, que foram reposicionadas pelos negros, mulheres, deficientes, LGBTQIA+, para que se possa, finalmente, defender a identidade política contra a matriz da opressão colonialista. Segundo a autora, essa matriz sobrevive graças às engrenagens do racismo cisheteropatriarcal capitalista.<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup> EDITORIAL. About. *Stephen Cleary*. S.d. Disponível em: <<https://www.stephen-cleary.org/stephenclearyfilm-3>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>144</sup> Cf. LOFTUS, 1996, p. 153-170.

<sup>145</sup> Cf. HENNING, 2005, p. 97-128.

<sup>146</sup> AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018.

## 2. ROSA LOUISE: O COMEÇO DA REBELDIA

Não se sabe exatamente em que lugar de Tuskegee, no Alabama, nasceu Rosa Louise McCauley. Em fevereiro de 1913, a cidade recebia como nova cidadã um dos grandes símbolos do movimento pelos direitos civis e um dos nomes mais lembrados ao se tratar do tema. Em 2019, ao refletir sobre os sentimentos dos ativistas negros, a ativista e publicitária Gabriela Oliveira diz que “é preciso muita raiva do sistema para fazer o que ela [Rosa Parks] fez.”<sup>147</sup> Em fevereiro de 2021, no que seria o aniversário de 108 anos de Rosa, a doutora em estudos feministas Carla Akotirene escreveu que “Rosa Parks pagou o preço da dignidade do povo preto, confiscou a rebeldia no Alabama, foi presa e adiante perseguida”<sup>148</sup> ao homenagear a ativista. Nas primeiras páginas da autobiografia de Parks há uma dedicatória de Martin Luther King, considerado um dos líderes do movimento pelos direitos civis, com os dizeres “a Rosa Parks, cujo testemunho criativo foi a grande força que levou ao avanço moderno em direção à liberdade.”<sup>149</sup> Essas declarações demonstram o quão as ações de Rosa Parks, mais especificamente sua prisão em 1955, que desencadeou o boicote aos ônibus na cidade de Montgomery, no Alabama, por 381 dias, a tornaram uma referência de ativismo negro e de resiliência.

Em sua autobiografia intitulada *Minha História [My Story]*, escrita em 1992, Rosa Parks olha para o passado com um olhar pessoal para a análise de alguns acontecimentos que envolveram o movimento pelos direitos civis, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. E, mais do que isso, a autora desmistifica uma visão romantizada da sua atuação política como uma trabalhadora cansada e de idade; ao contrário disso, a autora mostra como seus esforços dedicados ao movimento em relação à formação própria e de terceiros surtiram efeitos por muito tempo. O livro mostra a ternura de Rosa ao dedicar sua obra autobiográfica à mãe, Leona McCauley, e ao marido e companheiro de luta, Raymond Parks, que, no momento da escrita do livro, já haviam falecido. Além disso, a obra é escrita quando a autora já gozava de seus 79 anos de idade, com certa distância de alguns eventos históricos rememorados por ela na obra.

Na noite do primeiro dia do mês de dezembro de 1955, Rosa Parks viajava de volta para casa após um dia de expediente. Refletindo sobre a injustiça que a segregação

---

<sup>147</sup> OLIVEIRA, Gabriela; VIEIRA, Karina. Raiva. *Podcast AFETOS*. Publicado em: jan. 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3q8CgnIhidh6n2fZ4OQCCJ>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

<sup>148</sup> AKOTIRENE, Carla. Hoje chegava ao mundo Rosa Parks. Página pessoal de Carla Akotirene. Publicado em: 4 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CZjeopWLZMk/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>149</sup> KING Jr., Martin Luther. Inscrição escrita por Dr. King na contracapa de seu livro *Stride Toward Freedom*. In: PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. *Rosa Parks: My Story*. New York: Puffin Books, 1992.

nos ônibus significava, ela recusou a ordem do motorista branco James Blake, com quem já havia tido desentendimentos anteriores, para que cedesse seu assento para passageiros brancos que se encontravam de pé no transporte. A segregação dos ônibus da cidade se organizava de tal forma que os assentos da frente fossem destinados aos passageiros brancos; os assentos do fundo eram destinados aos negros e alguns assentos do centro eram organizados pelo motorista. Rosa Parks estava sentada em um dos bancos centrais com outros dois trabalhadores negros que, ao serem solicitados pelo motorista a se retirarem, acataram a ordem, enquanto Rosa Parks, com 42 anos e então secretária da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor [*National Association for the Advancement of Colored People - NAACP*], recusou-se a ceder o assento e foi presa por isso. No primeiro capítulo de sua autobiografia, intitulado “Como tudo começou.” [*How it all started*], a autora relata os sentimentos que a invadiram no momento da prisão e a repercussão de seu ato naquela noite de verão.

Quando me recusei a desistir do meu lugar no ônibus em Montgomery, não tinha ideia de que minha pequena ação ajudaria a pôr fim às leis segregacionistas no sul. Eu só sabia que estava cansada de ser negligenciada.<sup>150</sup>

Se por um lado o primeiro capítulo da sua autobiografia revela como foi o início da trajetória de Rosa Parks como militante antirracista e principalmente antissegregacionista, por outro há nessas primeiras páginas do livro memórias sobre sua infância ao lado da família no sul do país. Apesar de ter nascido em Tuskegee, Rosa Louise e seus pais logo se mudaram para Pine Level, em Montgomery County, uma cidade que fica aos arredores da cidade de Montgomery. Sobre a infância em Pine Level, a autora descreve como o tratamento para as crianças brancas e negras se dava de forma diferenciada em decorrência do preconceito racial, embora alguns espaços fossem dotados de uma certa igualdade, ou pelo menos um mínimo de atitudes respeitadas e igualitárias com pessoas negras, como nas escolas de Tuskegee, onde as relações raciais eram pacíficas. Sobre os planos da mãe, Leona McCauley, a autora conta que:

Mas Tuskegee ainda era o melhor lugar no Alabama para afro-americanos estudarem, e minha mãe queria ficar lá. A ideia dela era que meu pai arranjasse um emprego no Instituto Tuskegee. Os professores ganhavam uma casa para morar naquela época, para que tivessem um lugar para ficar. Os outros filhos que eles teriam e eu teríamos a

---

<sup>150</sup> “I had no idea when I refused to give up my seat on that Montgomery bus that my small action would help put an end to the segregation laws in the South. I only knew I was tired of being pushed around”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 2. Tradução nossa.

oportunidade de estudar no Instituto. Na época, as crianças negras do Sul tinham oportunidades muito limitadas de estudar.<sup>151</sup>

No sul dos Estados Unidos, segundo Rosa Parks, a educação para crianças negras era precária devido à falta de recursos governamentais destinados para a infraestrutura das escolas e para a remuneração e a formação de professores que aceitassem lecionar em escolas que eram geralmente periféricas e marginalizadas. James McCauley, pai de Rosa Louise, era casado com Leona McCauley e ganhava a vida como construtor de casas. A autora rememora que, por mais que a região de Tuskegee fosse boa para as relações raciais, não era boa para emprego, o que levou seu pai a procurar emprego em outras localidades no estado do Alabama.

A educação segregada ia para além da má distribuição de recursos públicos, como afirma Remo Moreira Brito Bastos que explica que o desenvolvimento cognitivo dos alunos era afetado pela segregação na educação e pelo confinamento dos estudantes em escolas deficitárias, além de salas de aula sem mesas e cadeiras, falta de remuneração, de formação para professores, de alimentação, de infraestrutura nas escolas e de oportunidades educacionais para crianças negras.<sup>152</sup> Nesse sentido, o autor afirma que:

Os resultados dessa enorme pesquisa [Relatório Coleman] mostraram, surpreendentemente, para o senso comum, que as diferenças entre as escolas de brancos e negros e as do Norte e do Sul não eram o fator primordial na explicação da diferença de desempenho dos educandos, ficando claro, no documento final, que *as diferenças socioeconômicas entre os alunos é que geravam o diferencial de desempenho entre os mais e os menos aquinhoados economicamente.*<sup>153</sup>

Por outro lado, após a decisão da corte no caso *Brown vs. Board of Education*, em 1954, que declarou inconstitucional a segregação racial nas escolas, houve um processo de integração das escolas. Essa decisão é vista como o marco inicial do Movimento por Direitos Civis e trouxe, como consequência, o enfurecimento da maioria da população branca que era contra a integração.<sup>154</sup> Os autores Gary Orfield e Chungmei Lee<sup>155</sup>

---

<sup>151</sup> “But Tuskegee was still the best place in Alabama for African Americans to get an education, and my mother wanted to stay there. Her idea was for my father to take a job at Tuskegee Institute. Teachers got houses to live in that time, so they would have a place to stay. The other children they would have and I would get an opportunity for an education at the Institute. At the time black children in the South had very limited opportunities for schooling.” Ibidem, p. 8. Tradução nossa.

<sup>152</sup> BASTOS, Remo Moreira Brito. Segregação racial e socioeconômica no sistema educacional básico dos Estados Unidos. *Revista Pro-Posições*, v. 28, n. 1, São Paulo, 2016, p. 160-181.

<sup>153</sup> Ibidem p. 168. Tradução nossa. Grifo nosso.

<sup>154</sup> BROWN v Board of Education Decision. *Civil Rights Movement Archive*. S.d. Disponível em: <<https://www.crmvet.org/tim/timhis54.htm#1954bvbe>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>155</sup> ORFIELD, G. LEE, C. Why segregation matters: Poverty and Educational Inequality. The Civil Rights Project at Harvard University. Publicado em: 13 jan. 2015. Disponível em:

apontam que se engana quem acreditava que a dessegregação significava na segunda metade do século XX apenas integração entre crianças negras e brancas nas escolas. A dessegregação significava melhorar as escolas que eram totalmente negras e garantir qualidade e oportunidade escolar para estudantes negros e latinos. “A segregação nunca foi apenas por raça: a segregação por raça está sistematicamente ligada a outras formas de segregação, incluindo a segregação por status socioeconômico, por localização residencial e, cada vez mais, por idioma,”<sup>156</sup> afirmam Lee e Orfield. Rosa Parks conta em sua autobiografia a experiência de estudar em uma escola exclusivamente para crianças negras e afirma que a participação dos pais dos alunos era muito ativa por conta da falta de recursos escolares. Sua mãe era professora primária em uma dessas escolas, e foi a primeira professora de Rosa. Sobre a escola da infância, a autora lembra que:

Alguns dos meninos mais velhos da escola eram muito bons em praticar esportes e jogar bola. Eles também eram os responsáveis pela lenha na escola. Os meninos maiores saíam, cortavam a madeira e traziam. Às vezes, um pai carregava uma carroça com um pouco de madeira e trazia para a escola, e os meninos descarregavam o transporte e traziam a madeira para dentro. Eles não tinham que fazer isso na escola branca.<sup>157</sup>

Além disso, em Pine Level, muitas famílias negras eram de meeiros [*sharecroppers*], e nesse sistema, as famílias negras trabalhavam e moravam em terras de família brancas. Podiam ficar com parte da colheita dos produtos cultivados. Esse sistema se assemelha ao sistema de colonato. O plantio e a colheita eram feitos geralmente na primavera, que no hemisfério Norte acontece entre os meses de abril, maio e junho. Por isso, nas escolas negras em algumas regiões do Sul do país, as crianças frequentavam apenas cinco meses, e não nove meses como o convencional. Os outros meses do ano letivo eram dedicados às plantações que era um trabalho familiar e exigia a presença dos filhos em idade escolar.<sup>158</sup>

---

<<https://civilrightsproject.ucla.edu/research/k-12-education/integration-and-diversity/why-segregation-matters-poverty-and-educational-inequality/orfield-why-segregation-matters-2005.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

<sup>156</sup> “Segregation has never just been by race: segregation by race is systematically linked to other forms of segregation, including segregation by socioeconomic status, by residential location, and increasingly by language.” ORFIELD, G. LEE, C. Op. Cit., 2015. Tradução nossa.

<sup>157</sup> “Some of the older boys at school were very good at running sports and playing ball. They were also the ones who were responsible for wood at the school. The larger boys would go out and cut the wood and bring it in. Sometimes a parent would load a wagon up with some wood and bring it to the school, and the boys would unload the wagon and bring the wood inside. They didn't have to do this at the white school.” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 26. Tradução nossa.

<sup>158</sup> EDITORIAL. Sharecroppers. *The American Battlefield Trust*. S.d. Disponível em: <<https://www.battlefields.org/learn/articles/sharecroppers>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Ainda sobre sua família, a autora destaca, na obra, a figura de Percival, seu bisavô, que era branco, mas que fora escravizado e trazido para Carolina do Sul, onde trabalhou por anos na fazenda da família Write, onde conheceu sua esposa Mary Jane Nobles, uma mulher negra escravizada que não tinha nenhum ancestral de pele branca. Não se sabe ao certo se o nome que consta no registro de nascimento do bisavô de Rosa Parks é de fato Percival, o que revela uma das violências da escravidão nas Américas: os escravizados tinham seus nomes escolhidos pelo escravizador, o que confere a eles uma falta de identidade e de personalidade própria, um dos muitos apagamentos causados pela escravidão.

Naquela época, na Europa, os brancos pobres às vezes eram servos contratados. Eles assinaram um acordo que, em troca de sua passagem para a América, trabalhariam para alguém por um determinado número de anos. Durante aqueles anos, eles não tinham direitos e podiam ser tratados tão mal como escravos.<sup>159</sup>

Apesar de ser um homem branco, Percival, por ser pobre, foi condicionado a escravo pela família Write. Após a Guerra Civil Americana, que termina em 1865, os escravizados foram libertos pela abolição consequente da guerra. Liberdade no final do século XIX para ex escravizados não significava de fato garantia de cidadania. Por isso, a autora relata que seu bisavô Percival continuou a trabalhar na fazenda da família Write como trabalhador assalariado até ter condições suficientes para comprar seu próprio espaço na terra. Para Rosa Parks, um dos maiores símbolos da emancipação era a possibilidade de compra de terras, como fez seu bisavô.<sup>160</sup>

Outro ponto em destaque na autobiografia de Rosa Parks, e que tem relação com a escravidão, era a função da bisavó na casa dos senhores. Mary Jane era uma escravizada que trabalhava como *mammy* para a família Write. As *mammys* eram uma modalidade de cuidadoras de bebês e crianças brancas e, por isso, o trabalho delas era mais voltado para a casa dos senhores do que mais especificamente para a *plantation*. Historicamente, a figura da *mammy* foi utilizada pelos escravizadores como símbolo da harmonia na

---

<sup>159</sup> “In those days, over in Europe, poor white people were sometimes indentured servants. They signed an agreement that in return for their fare to America, they would work for someone for a particular number of years. During those years they had no rights and could be treated as poorly as slaves.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 12. Tradução nossa.

<sup>160</sup> Ibidem, p. 13.



*plantation*, como se a presença dela na casa fizesse com que as relações raciais se tornassem mais suavizadas.<sup>161</sup>

Além disso, na literatura americana oitocentista, as *mammys* são representadas como seres dotados de muita ternura e amor pelas crianças brancas em detrimento dos seus próprios filhos que eram negros. Essa simbolização na literatura criou uma atmosfera dicotômica em torno da figura da *mammy*, que por um lado era uma mulher terna e amável que fazia de tudo pelos bebês brancos, que no futuro se tornariam seus senhores, e por outro lado era uma mãe desleixada com seus próprios filhos, por serem negros. Para sustentar essa argumentação, a historiadora Kimberly Wallace Sanders<sup>162</sup> utiliza a literatura antiabolicionista do século XIX e aborda a vivência das *mammys* em harmonia na *plantation*, defendendo a representação dessas mulheres com um amor maternal. Ela afirma que os documentos que relatam a existência dessa figura datam da Guerra Civil. O historiador Eugene Genovese afirma que “Ela [a *mammy*] continua sendo a presença negra mais evasiva e importante na Casa Grande. Entendê-la é avançar no sentido de compreender a tragédia do paternalismo da *plantation*.”<sup>163</sup> Sanders acredita que a figura da *mammy* se encaixa mais como uma característica da sociedade sulista do que da comunidade negra do Norte, como foi o caso de Mary Jane Nodles, que começou a trabalhar como *mammy* na casa dos Write apenas com seis anos de idade, muito antes de ter seus próprios filhos. As sobreposições da história da família de Rosa Parks auxiliam a entender a dinâmica da escravidão no Sul dos Estados Unidos, bem como a dinâmica que se instaurou no pós-emancipação.

Ademais, Parks atenta para o fato de que os negros e escravizados não tinham direito a terem seus próprios nomes e sobrenomes preservados e eram obrigados a tratar os brancos pelo sobrenome como sinal de respeito, enquanto os trabalhadores mais pobres e escravizados eram chamados pelo primeiro nome como um símbolo de menor importância. O autor Walter Johnson<sup>164</sup> defende a ideia de que a agência escrava é todo tipo de ação que tem como objetivo manter a humanidade dentro do sistema escravista. Desse modo, o conceito se estende para além das fugas e revoltas e se refere também às

---

<sup>161</sup> WALLACE-SANDERS, Kimberly. *A Love Supreme: Early Characterization of the Mammy*. Michigan: University Of Michigan Press, 2008.

<sup>162</sup> WALLACE-SANDERS, Kimberly. Op. Cit., 2008.

<sup>163</sup> “She remains the most elusive and important black presence in the Big House. To understand her is to move towards understanding tragedy of plantation paternalism.” Ibidem, p. 14. Tradução nossa. Grifo nosso.

<sup>164</sup> JOHNSON, Walter. On agency. *Journal of Social History*, Oxford University Press, v. 37, n. 1, 2003, p. 113-124.

pequenas ações dos escravizados que tinham intenção de manter a cultura, a religiosidade e a humanidade. John Edwards, avô de Rosa Parks, era visto pela ativista como um exemplo desse tipo de agência porque ele fazia questão de tratar os brancos pelo primeiro nome. Além disso, Edwards, além de se apresentar nos espaços públicos por seu sobrenome, recusava-se a usar o termo “*mister*” ou “*miss*” [senhor ou senhora] para pessoas brancas que não fossem seus próprios patrões. Esse tipo de tratamento era normalizado como uma prática social e demonstrava as hierarquias estabelecidas nessa sociedade escravista.<sup>165</sup> Sobre esse assunto, Parks acrescenta:

E eu me lembro que às vezes ele chamava os homens brancos pelo primeiro nome, ou pelo nome completo, e não dizia “senhor”. Os brancos nem sempre gostavam disso; na verdade, ele estava se colocando em um grande risco. Naquela época, os negros nunca deveriam chamar um branco pelo nome sem dizer “senhor” ou “senhorita”. Meu avô tinha uma atitude um tanto beligerante em relação aos brancos em geral. E gostava de rir dos brancos pelas costas.<sup>166</sup>

A autora acredita que essa era uma das únicas formas que o avô tinha como recurso para resistir e combater a hostilidade dos brancos no final do século XIX e início do século XX. “Fico feliz por não ter vivido em tempos de escravidão. Mas eu sabia que as condições de vida para minha família e para mim não eram muito melhores do que durante a escravidão”<sup>167</sup>, lembra Rosa Parks ao falar sobre o racismo e a desigualdade social ao quais ela e a sua família sofriam em meados dos anos 1920. Essa frase demonstra que apesar de a emancipação dos escravizados ter acontecido em vias teóricas, na prática o tratamento com as pessoas negras não havia sido modificado.

Tal fala de Parks possibilita entender quais foram os moldes da abolição da escravidão nos Estados Unidos. No dia primeiro de janeiro de 1863, o então presidente Abraham Lincoln assinava a Ato de Emancipação que libertou mais de quatro milhões de mulheres e homens negros escravizados no país. Entretanto, apenas em 1865 que começou de fato a vigorar no país a 13ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos, que abolia a escravidão em todo o país, exceto como punição ao crime.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> Cf. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim, 1992.

<sup>166</sup> “And I remember that sometimes he would call white men by their first names, or their whole names, and not say “Mister”. The whites wouldn't always like that too well; in fact, he was taking a big risk. At that time black people were never supposed to call a white person by name without saying “Mister” or “Miss”. My grandfather had a somewhat belligerent attitude toward whites in general. And he liked to laugh at whites behind their backs.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 16. Tradução nossa.

<sup>167</sup> “I was glad that I did not live in slavery times. But I knew that conditions of life for my family and me were in some ways not much better than during the slavery.”. Ibidem, p. 28. Tradução nossa.

<sup>168</sup> JAMES, M. McPherson. *The Abolitionist Legacy: From Reconstruction to the NAACP*. Princeton University Press, 2. ed., 2005.

“Pelo artigo suplementar 14, os negros obtiveram direitos iguais aos brancos em 1868. Dois anos mais tarde, o artigo 15 garantiu-lhes a igualdade de direito eleitoral. Estados como Carolina do Sul, Mississippi e Louisiana, porém, deram um jeito de burlar os direitos dos escravos libertados, mantendo restrições legais, os chamados *black codes*.”<sup>169</sup>

Nota-se que, mesmo com a abolição da escravidão, a escravização ainda permaneceu viável para caso de pessoas que cometeram crimes. Durante o período da Reconstrução houve tentativas de criar políticas públicas de inserção do negro na sociedade, contudo essa movimentação gerou a criação de uma série de leis segregacionistas que ficaram posteriormente conhecidas como Jim Crow.<sup>170</sup>

Douglas Brinkley escreveu, em 2000, uma biografia de Rosa Parks e nesse livro o autor conta que o termo “Jim Crow” supostamente surgiu pela primeira vez com o artista branco Thomas “Daddy” Rice, em 1828, que fazia no teatro uma dança chamada “Jump Jim Crow.” Era caracterizado de pessoa negra, ou seja, com o rosto pintado de preto e roupas que eram consideradas trapos, demonstrando qual era a visão que os brancos tinham dos negros naquele momento em que ainda havia escravidão regulamentada.<sup>171</sup> Após o fim da Guerra Civil, esse termo ganhou um significado diferente, que serviu para nomear a era em que as leis de segregação racial começaram a entrar em vigor no Sul dos Estados Unidos.

Começando por volta de 1875, negros e brancos foram legalmente separados em bondes, trens, barcos a vapor e todos os outros meios de transporte, bem como em escolas, hospitais, restaurantes, hotéis, barbearias, teatros e até bebedouros. As leis de segregação colocaram placas “brancos” e “negros” em praticamente todas as instalações [...].<sup>172</sup>

Essas placas serviam como lembretes para as pessoas negras sobre sua inferioridade, porque, além de segregados, os espaços para pessoas negras eram visivelmente menos cuidados ou conservados do que os espaços para brancos. Segregar

---

<sup>169</sup> EDITORIAL. 1 de janeiro de 1863: Estados Unidos abolem a escravidão. *Portal Geledés*. Publicado em: 1º fev. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/1-de-janeiro-de-1863-estados-unidos-abolem-escravidao/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>170</sup> EDITORIAL. 13th Amendment. Legal Information Institute. S.d. Disponível em: <<https://www.law.cornell.edu/constitution/amendmentxiii>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>171</sup> Cf. BRINKLEY, Douglas, 2000.

<sup>172</sup> “Beginning around 1875, blacks and whites were legally separated on streetcars, trains, steamboats, and every other mode of transportation as well as at schools, hospitals, restaurants, hotels, barbershops, theaters, even drinking fountains. Segregation Laws slapped ‘white’ and ‘colored’ signs on virtually every facility [...]”. BRINKLEY, Douglas. *Rosa Parks: A Life*. New York: Penguin Books, 2000, p. 31. Tradução nossa.

espaços públicos significava, além do racismo iminente, determinar para os negros e negras qual era o seu lugar na sociedade sulista. Impedir que esses limites fossem ultrapassados era função da polícia, que não hesitava em prender todos aqueles que desafiassem a lei, como foi o caso de Rosa Parks. Desde 1896, após a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos no caso *Plessy v. Ferguson* que autorizou a segregação nos estados, com o lema “separados, mas iguais”, os afro-americanos do Sul se organizaram em manifestações a favor da integração.<sup>173</sup>

Logo após o fim da Guerra Civil, em 1865, no Tennessee, foi criada a Ku Klux Klan, uma organização civil supremacista branca que praticava atos violentos contra pessoas negras. Entre as ações da organização, o linchamento através de enforcamento de homens negros foi a que mais ficou marcada pela mídia. Inicialmente, a ideia de criar um clube social que pensasse uma sociedade diferente era vista como diversão pelos seis jovens veteranos do exército dos Confederados, fundadores da Klan. Durante o período de Reconstrução, após a Guerra Civil, alguns homens negros foram eleitos e esses homens pensavam em políticas públicas voltadas para a integração dos negros e negras na sociedade. A Ku Klux Klan foi criada também como forma de retaliação a essas políticas da época.<sup>174</sup>

A Klan desenvolveu seu pensamento supremacista ao colocar em prática, inicialmente, o plano de terror contra negros donos de terras.<sup>175</sup> Rosa Parks conta que, durante a década de 1920, seu avô e muitos outros homens negros chefes de família dormiam com armas embaixo das camas para sua própria proteção, e a Klan toma uma nova roupagem, como explica o autor:

A mensagem era clara - o novo Klan estava falando sério. Isso significava expandir sua lista de inimigos para incluir asiáticos, imigrantes, contrabandistas, drogas, suborno, boates e casas de rua, violação do sábado, sexo, escapadas pré e extraconjugais e comportamento escandaloso. A Klan, com sua nova missão de vigilância social, logo teve organizadores vasculhando a nação, sondando os temores das comunidades que atingiram e, em seguida, explorando-as ao máximo.<sup>176</sup>

---

<sup>173</sup> Ibidem.

<sup>174</sup> FRANTZ, Elaine Parsons. *Midnight Rangers: Costume and Performance in the Reconstruction-Era Ku Klux Klan*. *Journal of American History*, v. 92, n. 3, 2005, p. 811–836.

<sup>175</sup> BOND, Julian. *Ku Klux Klan a history of racism and violence*. BAUDOUIN, Richard (ed.). *Montgomery: The Southern Poverty Law Center*, 6. ed, 2011.

<sup>176</sup> “The message was clear — the new Klan was serious. That meant expanding its list of enemies to include Asians, immigrants, bootleggers, dope, graft, night clubs and road houses, violation of the Sabbath, sex, pre- and extra-marital escapades and scandalous behavior. The Klan, with its new mission of social vigilance, soon had organizers scouring the nation, probing for the fears of the communities they hit and then exploiting them to the hilt”. BOND, Julian. *Op. Cit.*, 2011, p. 17. Tradução nossa.

Na autobiografia, Rosa Parks argumenta que as atividades da Ku Klux Klan se intensificaram durante a década de 1920, porque os afro-americanos reivindicavam maiores direitos civis no período após a Primeira Guerra Mundial na qual teve participação significativa de negros como soldados e trabalhadores/trabalhadoras na indústria. A partir dessa ótica, a autora, que tinha apenas seis anos na época, conta que “a Ku Klux Klan estava cavalcando pela comunidade negra, queimando igrejas, espancando e matando pessoas<sup>177</sup>”, daí a necessidade da população negra de se armar para proteger-se e evitar ataques às suas propriedades, para aqueles poucos que possuíam alguma porção de terra. Além disso, a autora afirma que “os brancos não gostavam que os negros tivessem esse tipo de atitude, então eles começaram a fazer todo tipo de atos violentos contra os negros para lembrá-los de que eles não tinham nenhum direito.”<sup>178</sup>

Desobedecer às leis que são injustas é a base do conceito de desobediência civil que circundou o movimento pelos direitos civis na segunda metade do século XX. Entender o conceito empoderava as lideranças e, conseqüentemente, empoderava os membros do movimento. Entretanto, é preciso entender o que é desobediência civil em um contexto de segregação racial.<sup>179</sup> Os bebedouros eram exemplos de unidades públicas segregadas em muitas cidades do Sul dos Estados Unidos. Rosa Parks lembra, em sua autobiografia, a curiosidade que os bebedouros dos brancos lhe causavam na infância e o fato de negros tomarem água em bebedouros proibidos se tornava um ato de desobediência civil, até mesmo para crianças que não entendiam muito bem o que a segregação significava.

Alguns filósofos acreditam que o conceito de desobediência civil já estava intrínseco na tragédia grega *Antígona*, escrita por Sófocles, onde Antígona desobedece às ordens do rei Creonte, que permite que apenas um de seus irmãos mortos na guerra tenha um ritual fúnebre de acordo com os costumes da cultura grega pagã. Antígona, contrariada com as ordens do rei, promove um ritual fúnebre para o irmão respeitando assim as leis divinas que acreditava. Na história, a jovem diz desobedecer às ordens do rei Creonte por acreditar que tal mandamento não respeitava as leis dos deuses e, por isso, cabia a ela não

---

<sup>177</sup> “The Ku Klux Klan was riding through the black community, burning churches, beating up people, killing people”. Ibidem, p. 30. Tradução nossa

<sup>178</sup> “The whites didn't like blacks having that kind of attitude, so they started doing all kinds of violent things to black people to remind them that they didn't have any rights.” Idem. Tradução nossa.

<sup>179</sup> THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. KARAM, Sérgio (Trad.). Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 5-56.

as cumprir.<sup>180</sup> A partir da leitura dessa obra e da reflexão sobre as leis do Estado americano, o filósofo abolicionista Henry David Thoreau fez sua análise partindo da dificuldade de cumprir e de respeitar leis e ordens que atentam contra a consciência humana e sejam injustas. Desse modo, ele acreditava que a desobediência civil era uma arma para que as pessoas não sejam obrigadas a cumprir leis absurdas, como a escravização.<sup>181</sup> Proibir que as pessoas negras tenham a liberdade de tomar água em bebedouros públicos era um exemplo de lei considerada injusta. Para além dessa análise, é importante entender a subjetividade que envolve tal proibição, que significa, acima de tudo, restringir a liberdade das pessoas negras à vida e à cidadania e atestar a diferença entre negros e brancos. A partir do conceito de Thoreau, ativistas também desenvolveram atividades políticas guiadas por esse ideal, como Martin Luther King, Gandhi e a própria Rosa Parks, que mesmo quando criança nota que algumas de suas indignações em relação ao tratamento com os negros na sua cidade faziam parte de um senso de desobediência civil que crescia dentro dela e de todos os negros e negras que de alguma forma não se conformavam com a segregação.<sup>182</sup>

Não obstante, a historiadora Raquel Barreto, ao analisar a autobiografia da filósofa Angela Davis, lançada originalmente nos Estados Unidos em 1974<sup>183</sup>, define a obra como uma autobiografia política, afirmando que a filósofa tinha como objetivo, ao escrever sua autobiografia aos 28 anos de idade, mostrar sua trajetória como perseguida política e participante ativa dos movimentos socialistas pela libertação da classe trabalhadora e dos negros e negras. Dessa forma, Barreto afirma que as autobiografias políticas e, conseqüentemente as escritas de si de pessoas negras, têm origem nas *slavery narratives* [narrativas de escravizados]. Além disso, declara que:

[...] possuem características afins, estruturas narrativas que seguem algumas convenções. São *relatos de vida* (ou um fragmento dela) elaborados por uma pessoa que já se encontrava na condição de liberta ou fugitiva da escravidão. Iniciavam com o nascimento (que poderia ser no continente africano), traçam o percurso do protagonista da escravidão à liberdade – que pode incluir a fuga, mas sem revelar detalhes comprometedores sobre o feito, e com omissão de informações que pudessem identificar algumas pessoas. Descrevem, também, experiências de castigos físicos e o uso da violência por parte dos senhores ou capatazes. Os títulos das narrativas possuem, usualmente,

---

<sup>180</sup> LATOUCHE, Miguel. Los dilemas de Antígona: Reflexiones en torno al problema de la desobediencia civil. *EPISTEME*, v. 31, n. 2, p. 25-44, 2011.

<sup>181</sup> THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. KARAM, Sérgio (Trad.). Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 5-56.

<sup>182</sup> Cf. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. 1992.

<sup>183</sup> DAVIS, Angela. *Uma autobiografia*. São Paulo: Boitempo, 2019.

a menção “escritos por ele/a mesmo/a”, o que pode ser interpretado como um esforço, por parte dos narradores, para reforçar a ideia da autoria e a veracidade dos fatos narrados no texto. Essas autobiografias proporcionam um testemunho vivencial sobre o cativo e foram usadas, em seu contexto, pelo movimento abolicionista como um potente instrumento de denúncia do terror da escravidão.<sup>184</sup>

A professora Joanne Braxton, estudiosa da escrita autobiográfica de mulheres negras, defende a ideia de que as autobiógrafas negras construíram uma tradição dentro de outra tradição, partindo do pressuposto que a escrita de autobiografias seja uma tradição universal e masculina, ou seja, a tradição de escrita autobiográfica no país tem origem no homem branco de classe mais alta. Contudo, ao escreverem autobiografias as mulheres negras criam uma tradição dentro do padrão. Por outro lado, as mulheres negras, segundo Braxton remodelam as heranças escravocratas presentes nas escritas femininas negras, e criavam a partir disso novas fórmulas de escrita. A professora adiciona que as autobiógrafas negras desafiavam “todas as tentativas de escravizá-las ou diminuí-las ou sua autoexpressão, de qualquer forma, as autobiógrafas negras se libertam de visões estereotipadas da feminilidade negra e definem suas próprias experiências.”<sup>185</sup> Dessa forma, ao escrever autobiografias, as mulheres negras ameaçavam a tradição patriarcal e racista herdada do sistema escravocrata, e a noção de branquitude. E, mais do que tudo isso, as mulheres negras autobiógrafas deixavam para as gerações posteriores um legado literário munido de encorajamento.<sup>186</sup>

Em sua autobiografia, Rosa Parks escolhe relatar memórias que contam mais sobre sua trajetória política, sem abordar com tanta profundidade aspectos mais íntimos de sua vida. Assim como analisa a historiadora Raquel Barreto, pode-se entender que Parks seguiu uma tradição dos escritores negros ao escrever obras autobiográficas voltadas para o que lhe fazia se movimentar enquanto cidadã, que era a luta contra o racismo. Ao longo da leitura, percebe-se que a autora afirmou sua necessidade, como mulher, de se colocar enquanto agente do movimento pelos direitos civis e se preocupou com os remanescentes do movimento na década de 1990.<sup>187</sup>

---

<sup>184</sup> BARRETO, Raquel. Angela Davis e Frederick Douglass: A escrita de si como ativismo. *Suplemento Pernambuco*. Publicado em: 10 abr. 2019. Disponível em: <<http://www.suplemento pernambuco.com.br/artigos/2259-angela-davis-e-frederick-douglass-a-escrita-de-si-como-ativismo.html?tmpl=component&print=1&page=>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>185</sup> BRAXTON, Joanne M. *Autobiography and African American women's literature*. In: MITCHELL, Angelyn; TAYLOR, Danille K. (Ed.). *The Cambridge Companion to African American Women's Literature*. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 128.

<sup>186</sup> Cf. BRAXTON, Joanne M., 2009.

<sup>187</sup> Cf. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. 1992.

Já uma jovem adulta, Rosa Louise conheceu Raymond Parks através de uma amiga em comum. Raymond era barbeiro e participava ativamente das atividades da NAACP. É definido pela esposa ao longo da autobiografia como um bom homem. Nascido em fevereiro de 1903, Raymond cresceu na cidade de Wedowee, no estado do Alabama, e foi alfabetizado pela mãe por falta de escolas negras na região. Apenas na adolescência que o jovem teve contado com uma educação institucional. Wedowee era uma cidade majoritariamente branca no século XX e Raymond era um jovem negro de pele clara e por isso, apesar do cabelo crespo, poderia se “passar” por branco.<sup>188</sup>

Tendo em vista a proibição do casamento entre negros e brancos durante o período de segregação, a miscigenação não era um fenômeno muito frequente nos Estados Unidos. A lei consistia em proibir a miscigenação e era um dos braços da segregação racial no país.<sup>189</sup> Na prática social, as relações interracialis não eram tão comuns, contudo, como fato consumado do sistema escravocrata, o estupro de mulheres negras acontecia frequentemente e esse crime gerou filhos e filhas negros de pele clara, mas ainda reféns do jugo do racismo.<sup>190</sup> Com isso, começou a existir no país, e na maioria dos países que passaram pela experiência da escravidão, uma camada de pessoas negras de pele clara que, por esse motivo, eram um pouco mais aceitas na sociedade, mas que dicotomicamente ainda sofriam com o preconceito racial. O nome conceitual para esse fenômeno é *colorismo*, cunhado na década de 1990 nos Estados Unidos, e serve para explicar a maior aceitação, aos moldes da branquitude<sup>191</sup>, dos negros de pele clara dentro de uma sociedade racista. Nesse sentido, Aline Djokic explica:

O colorismo funciona como um sistema de favores, no qual a branquitude permite a presença de sujeitos negros com identificação maior de traços físicos mais próximos do europeu, mas não os eleva ao mesmo patamar dos brancos, ela tolera esses “intrusos”, nos quais ela

---

<sup>188</sup> Cf. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. 1992.

<sup>189</sup> MELO, João Ozório. EUA celebram 50 anos de decisão judicial que foi “marco dos direitos civis”. *Conjur*. Publicado em: 16 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-jun-16/eua-celebram-50-anos-decisao-foi-marco-direitos-civis>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>190</sup> DUIGNAN, Brian. Loving v. Virginia: United States law case. *Encyclopedia Britannica*. Publicado em: 5 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Loving-v-Virginia>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>191</sup> O conceito de branquitude é utilizado como referência a identidade racial, com a intenção de identificar a população branca, enquanto sociedade, dotada de cultura e costumes. Ver: ARNESEN, Eric. Whiteness and the Historians’ Imagination. *International Labor and Working-Class History*, University of Illinois at Chicago, n. 60, 2001, p. 3–32.



pode reconhecer-se em parte, e em cujo ato de imitar ela pode também reconhecer o domínio do seu ideal de humano no outro.<sup>192</sup>

A partir desse conceito, é possível entender por que foi importante para Rosa Parks pontuar a pigmentação da pele do marido e como isso influenciava nas suas relações em sociedade, principalmente na cidade de Wedowee. Ainda assim, é importante salientar que o colorismo atenta para o fato de que pessoas negras de pele clara têm certo privilégio em relação a pessoas negras retintas, mas que o racismo continua existindo.

Aos vinte anos, Raymond Parks já se reconhecia como um homem negro e começou a reivindicar um tratamento igualitário perante os homens brancos. Essa consciência social levou o jovem a iniciar atividades voltadas à luta contra a segregação e à luta para não ser destrutado por ser negro. Rosa Parks aponta que os afro-americanos sempre tinham o sentimento de estar *under Mr. Charlie's heel* [sob o calcanhar do Sr. Charlie]. Significava “estar sempre sob o calcanhar do homem branco” é estar sempre abaixo de homens brancos, o que Raymond Parks lutava contra. Nesse sentido, a autora lembra:

Fiquei muito impressionada com o fato de que ele não parecia ter aquela atitude mansa – o que chamamos de atitude do "Tio Tom" – para com os brancos. Achei ele um homem muito legal, um homem interessante que falava com muita inteligência. [...] Parks foi também o primeiro ativista de verdade que conheci.<sup>193</sup>

Outra crítica perceptível é a citação da “atitude do Tio Tom”.<sup>194</sup> *Uncle Tom* [Tio Tom] é o personagem principal do romance considerado abolicionista de Harriet Beecher Stowe publicado originalmente nos Estados Unidos em 1852, *A Cabana do Pai Tomás*.<sup>195</sup> Escrito por uma autora cristã, os personagens do livro mostram, em suas personalidades, a imagem dos escravizados no século XIX. Tio Tomás é retratado como um homem conformado com a situação de escravidão e, principalmente, com os desenlaces e as possibilidades de vida e sobrevivência dos escravizados do sul dos Estados Unidos. Tomás era um escravizado imperturbável, apesar de conhecer a crueldade dos senhores

---

<sup>192</sup> DJOKIC, Aline. Colorismo: o que é, como funciona. Blogueiras Negras. Publicado em: 27 jan. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>193</sup> “I was very impressed by the fact that he didn't seem to have that meek attitude – what we called an "Uncle Tom" attitude – toward white people. I thought he was very nice man, an interesting man who talked very intelligently.[...] Parks was also the first real activist I ever met.” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 59. Tradução nossa.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>195</sup> STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: or, Life Among the Lowly*. DILLER, Christopher G. (Ed.) Ontario: Broadview Editions, 2009.

de escravizados da sua nova fazenda.<sup>196</sup> Entender esse personagem denota a existência de uma certa harmonia do sistema escravocrata e das relações entre brancos e negros. Stowe defende em seu romance a ideia de que no sul dos Estados Unidos as pessoas brancas, e principalmente, os senhores donos de escravizados eram mais cruéis que a sociedade branca do Norte. Entretanto, no final das contas, a escravidão continua sendo um problema: os bons senhores ainda são proprietários de escravizados. A expressão “atitude do Tio Tom” teria um sentido de demonstração do modo de ação deste enquanto escravizado conformado e que leva sua fé cristã em consideração, por isso pratica a resiliência pacífica e a máxima de não fazer mal ao próximo, como estaria escrito na Bíblia. Mesmo assim, o personagem anseia a liberdade e teme ter a sua liberdade interior roubada, ou seja, se embrutecer em relação ao sistema escravocrata.<sup>197</sup>

### **2.1. Abuso sexual e o mito do homem negro estuprador**

Rosa Louise e Raymond Parks se conheceram na primavera de 1931; um dos primeiros encontros do casal foi na discussão do caso dos Scottsboro Boys, em que Raymond e a NAACP estavam atuando. Nove jovens negros foram acusados de estuprar duas mulheres brancas. Os jovens foram presos e estavam aguardando julgamento, que durou mais de vinte anos. Douglas Linder que desenvolveu estudos em torno do longo julgamento dos jovens negros afirma:

Nenhum crime na história americana – muito menos um crime que nunca ocorreu – produziu tantos julgamentos, condenações, reversões e novos julgamentos quanto um suposto estupro coletivo de duas meninas brancas por nove adolescentes negros em um transporte ferroviário da Southern Railroad, em 25 de março de 1931. Ao longo das duas décadas que se seguiram, a luta por justiça dos “Scottsboro Boys”, como eram chamados os adolescentes negros, transformou o anonimato em celebridades, lançou e encerrou carreiras, desperdiçou vidas, produziu heróis, abriu caminho para negros nos júris do Sul, exacerbou conflitos setoriais e dividiu a esquerda política da América.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup> JORDAN-LAKE, Joy. *Whitewashing Uncle Tom's Cabin: Nineteenth-Century Women Novelists Respond to Stowe*. Vanderbilt University Press, 2005.

<sup>197</sup> NICHOLS, Charles. The Origins of Uncle Tom's Cabin. *The Phylon Quarterly*, v. 19, n. 3, 1958, p. 328–34.

<sup>198</sup> “No crime in American history – let alone a crime that never occurred – produced as many trials, convictions, reversals, and retrials as did an alleged gang rape of two white girls by nine black teenagers on a Southern Railroad freight run on March 25, 1931. Over the course of the two decades that followed, the struggle for justice of the “Scottsboro Boys,” as the black teens were called, made celebrities out of anonymities, launched and ended careers, wasted lives, produced heroes, opened southern juries to blacks, exacerbated sectional strife, and divided America's political left.” LINDER, Douglas O. Without Fear or Favor: Judge James Edwin Horton and the Trial of the “Scottsboro Boys”. *Famous American Trials*, S.d.

O estupro das duas jovens brancas aconteceu em março de 1931, apenas dois anos após a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Nesse período, denominado pelos historiadores de Grande Depressão, os Estados Unidos passavam por uma grande crise econômica que afetou, até mesmo, países europeus. Essa crise afetou todos os americanos e para a comunidade negra, que já estava em estado de vulnerabilidade social pela segregação e pelo racismo, as consequências da crise afetaram as famílias, expondo às necessidades básicas, como a falta de alimentos. Em meio a esse caos social, a acusação desses nove jovens negros representou não somente as consequências sociais da crise de 1929, mas também a reafirmação do mito do homem negro estuprador. “Mais do que qualquer outra questão de direitos civis da era da depressão, o caso Scottsboro sintetizou o estado das relações raciais nos Estados Unidos.”<sup>199</sup>, afirma Douglas Brinkley. Isso aconteceu porque tal caso trouxe à luz o nó entre a questão do abuso sexual de mulheres negras e do mito do homem negro estuprador.

Nos países capitalistas, leis antiestupro foram desenvolvidas para proteger as mulheres originadas das famílias burguesas. Nos Estados Unidos não foi diferente: leis antiestupro foram criadas para proteger os homens de classes sociais mais altas, dos quais esposas e filhas corriam risco de serem estupradas. A partir disso, nota-se que as acusações de estupro no país têm sido dirigidas majoritariamente para homens negros; raramente homens brancos eram levados à justiça por acusações de estupro. Nessa perspectiva, vale destacar que nos Estados Unidos entre os anos de 1930 e 1967, dos 455 casos de estupro levados ao tribunal, 405 eram de acusações de homens negros.<sup>200</sup> Angela Davis, ao refletir sobre o mito do homem negro estuprador, argumenta:

Na história dos Estados Unidos, a acusação fraudulenta de estupro se destaca como um dos artifícios mais impiedosos criados pelo racismo. O mito do homem negro estuprador tem sido invocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes.<sup>201</sup>

O caso dos Scottsboro Boys de 1931 levou vinte anos para ser julgado e, durante esse tempo, os nove jovens foram presos e soltos algumas vezes, além de serem

---

Disponível em: <<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/FTrials/trialheroes/essayhorton.html>>. Acesso em: 10 mar. 2022. Tradução nossa.

<sup>199</sup> “More than any other civil rights matter of the depression era, the Scottsboro case epitomized the state of race relations in the United States.” BRINKLEY, Douglas. Op. Cit., 2000, p. 39. Tradução nossa.

<sup>200</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 2016, p.177.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 178.

condenados à morte em primeira instância. A pena de morte juridicamente é também uma das responsáveis pelo genocídio das pessoas negras no país como um cataclisma de acontecimentos injustos e que levam sempre a um mesmo fim, a morte. Um dos braços do Partido Comunista em Birmingham, o Distrito 17 foi responsável pelo julgamento e libertação dos jovens de Scottsboro. Até 1931, ano da prisão dos jovens, o Distrito 17 concentrava suas ações em expor o racismo sistêmico e o “linchamento legal”. “Os jurados que praticavam o linchamento legal estavam dispostos a aceitar qualquer evidência – ou nenhuma – para justificar o envio de réus negros para a morte.”<sup>202</sup> O caso dos Scottsboro Boys foi um exemplo clássico de “linchamento legal” e o Distrito 17 enfrentou líderes corporativos, legisladores, policiais e o próprio sistema judicial. Além disso, o Distrito 17 incorporou ao levante contra a condenação dos Scottsboro Boys a Defesa Internacional do Trabalho (IDL – sigla em inglês), que abriu um escritório em Chattanooga e forneceu representação legal aos nove jovens acusados. O Distrito 17 foi uma das únicas organizações a planejarem levantes populares contra a prisão dos jovens, e essas atitudes fizeram com que jovens se interessassem pelo partido e se filiassem nessa época. Apenas em 1932 a NAACP decidiu apoiar o Distrito 17 na defesa dos réus.<sup>203</sup>

Sobre a condenação dos garotos de Scottsboro, Rosa Parks lamenta, dizendo que “Eu pensei que era horrível que eles foram condenados a morrer por um crime que não cometeram. Demonstrou o quão pouca consideração os segregacionistas tinham pela vida dos negros, e até onde iriam, para nos manter com medo.”<sup>204</sup>

Rosa Louise e Raymond se casaram na casa da família McCauley, em dezembro de 1932 na cidade de Pine Level. Enquanto Raymond ainda participava da campanha pela libertação dos nove jovens de Scottsboro, Rosa se planejava para retomar os estudos interrompidos em prol do cuidado da avó. Ao mesmo passo que Rosa Parks voltava ao ritmo de estudos, o marido se dedicava às reuniões da NAACP que tomaram os cuidados com o julgamento dos nove garotos de Scottsboro. Tais reuniões aconteciam geralmente em lugares escondidos, como recorda Rosa Parks:

---

<sup>202</sup> “Jurors who practiced legal lynching were willing to accept any evidence — or none at all — to justify sending black defendants to their deaths.” STANTON, Mary. “We Were Called Comrades Without Condescension or Patronage”. [Entrevistador: DILAWAR, Arvind]. *Jacobin*, Estados Unidos, 2020. Entrevista disponível na íntegra em: <<https://www.jacobinmag.com/2020/04/alabama-communist-party-usa-scottsboro-history>>. Acesso em: 11 mar. 2022. Tradução nossa.

<sup>203</sup> *Ibidem*.

<sup>204</sup> “I thought it was awful that they were condemned to die for a crime they did not commit. It demonstrated how little regard segregationists had for the lives of black people and the lengths they would go to, to keep us in fear”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 63. Tradução nossa.

Parks continuou indo às suas reuniões noturnas sobre o caso Scottsboro. Não fui às reuniões porque era muito perigoso. Sempre que se encontravam, colocavam alguém como vigia e alguém sempre tinha uma arma. Isso era algo que ele não queria que eu participasse ativamente, porque o pequeno comitê no qual ele estava trabalhando tinha que se reunir tarde da noite e pela manhã, quando todo mundo estava dormindo. Ele não queria que eu fosse porque seria difícil se ele de repente tivesse que correr. Ele não seria capaz de me deixar e eu não poderia correr tão rápido quanto ele. Além disso, ele disse que eu era muito jovem na época.<sup>205</sup>

Essa lembrança da autora revela por um lado o pensamento da época de que as mulheres eram mais frágeis e, por isso, não poderiam participar de eventos políticos ou cuidar da sua própria defesa. Recordar esse cuidado do marido revela que o século XX, principalmente sua primeira metade, era dotado de pensamentos patriarcais. Douglas Brinkley nota ainda que: “O heroísmo dos direitos civis de Raymond Parks foi obscurecido por sua relutância em que sua esposa se tornasse o símbolo do boicote aos ônibus de Montgomery e, como tal, o principal alvo da violência branca.”<sup>206</sup> Por outro lado, fica evidente o perigo para as pessoas negras de se organizarem e lutarem contra as injustiças raciais. Além disso, as décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos foi marcada pelo *McCarthyism* [no Brasil, ficou conhecido como pensamento macartista], que se caracterizava pela repressão política de qualquer subversão política sob acusação de comunismo. O termo faz referência ao senador norte americano Joseph McCarthy que liderou a perseguição contra os comunistas. Nesse período, os Estados Unidos estavam recém-saídos da Segunda Guerra Mundial e havia o conflito indireto com a União Soviética, que representava o sistema socialista no mundo. O anticomunismo nos Estados Unidos criou a imagem de um inimigo interno que era caracterizado como muito negativo para a nação, e, por isso, deveria ser combatido. Para tal situação, o escritório do FBI, liderado por J. Edgar Hoover, difundiu, pelo país, práticas de perseguição aos comunistas.

---

<sup>205</sup> “Parks kept going to his night meetings about the Scottsboro case. I didn't go to the meetings because it was very dangerous. Whenever they met, they had someone posted as lookout, and someone always had a gun. That was something that he didn't want me to take an active part in, because the little committee he was working with had to meet late at night and into the morning when everybody else was asleep. He didn't want me to go because it was hard enough if he suddenly had to run. He wouldn't be able to leave me, and I couldn't run as fast as he could. Also, he left that I was just too young at the time.”. Ibidem, p. 66. Tradução nossa.

<sup>206</sup> “The civil rights heroism of Raymond Parks has been obscured by his reluctance for his wife to become the symbol of the Montgomery bus boycott and as such a prime target for white violence.” BRINKLEY, Douglas. Op. Cit., 2000, p. 41. Tradução nossa.

Na década de 1960, alguns ativistas negros foram investigados pelo escritório sob julgo de serem comunistas como, por exemplo, Martin Luther King Jr.<sup>207</sup>

Através do fato de que abuso sexual era uma realidade da sociedade patriarcal em que os Estados Unidos foram construídos, o racismo utilizou-se dessa característica da sociedade para matar e encarcerar homens negros inocentes. Segundo as estatísticas, grande parte dos casos condenados eram de homens inocentes, além dos casos de linchamento, e de assassinato por legítima defesa ou defesa da honra. Ainda sobre a questão dos estupros, Angela Davis entende que:

A estrutura de classe do capitalismo encoraja homens que detêm o poder econômico e político a se tornarem agentes cotidianos da exploração sexual. A presente epidemia de estupros ocorre em um momento em que a classe capitalista está furiosamente reafirmando sua autoridade em face de desafios globais e nacionais. Tanto o racismo quanto o sexismo, centrais para a estratégia doméstica de aumentar a exploração econômica, têm recebido um encorajamento sem precedentes. Não é mera coincidência que, à medida que a incidência de casos de estupro tem aumentado, a posição de mulheres trabalhadoras tem piorado de modo visível.<sup>208</sup>

No sistema judicial, durante o século XX, a denúncia por parte das mulheres era cada vez mais desencorajada por sistemas de coerção, nem sempre violentos, como a ameaça de perda de emprego ou a diminuição de salários.<sup>209</sup> A interseccionalidade mostra-se aqui de forma clara, tendo em vista que as vítimas de violência sexual eram, em sua maioria, mulheres, negras ou não brancas [por não brancas, lê-se mulheres indígenas, latinas e asiáticas], trabalhadoras e algumas ativistas. Como afirma a estudiosa do conceito Helena Hirata:

Nessa perspectiva [teoria do ponto de vista], a ideia de um ponto de vista próprio à experiência e ao lugar que as mulheres ocupam cede lugar à ideia de um ponto de vista próprio à experiência de conjunção das relações de poder de sexo, de raça, de classe, o que torna ainda mais complexa a noção de ‘conhecimento situado’, pois a posição de poder nas relações de classe e de sexo, ou nas relações de raça e de sexo, por exemplo, podem ser domésticas.<sup>210</sup>

---

<sup>207</sup> SCHRECKER, Ellen. *Many are The Crimes: McCarthyism in America*. Little, Canada: Brown & Company, 1998.

<sup>208</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 2016, p. 202.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 205.

<sup>210</sup> HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, 2014.

Desse modo, dado o contexto social do século XX, não existe, de fato, a possibilidade de enxergar o estupro como um fenômeno isolado. A própria Rosa Parks em sua autobiografia conta casos de condenação de homens negros injustos, ao mesmo passo que cita casos de mulheres vítimas de estupro, até mesmo estupro coletivos, e tais casos ficaram sem solução.<sup>211</sup> O medo é uma arma poderosa do racismo e a supremacia branca não tinha medo de utilizá-la.

## 2.2. O direito ao voto

Desde a independência dos Estados Unidos, em 4 de julho de 1776, a Constituição garantia o voto a todos os americanos. Lê-se americanos aqueles que tinham nascido no território das treze colônias e eram considerados cidadãos do país, ou seja, pode-se entender que eram excluídos da cidadania indígenas americanos, negros que ainda estavam escravizados na época e mulheres. Após o fim da Guerra de Secessão em 1865, houve o período de Reconstrução (1865-1877), no qual tiveram avanços políticos em relação às pessoas negras. Os chamados Republicanos Radicais, que eram progressistas a favor da igualdade entre negros e brancos, promoveram mudanças federais que levaram a avanços em relação à igualdade.<sup>212</sup> A Reconstrução é um período em que se via a possibilidade de mudanças nas relações raciais no país através de mudanças legais, da liberação de votos para negros e brancos como iguais a partir da 15ª Emenda Constitucional, de uma certa unidade entre negros e brancos e de propostas para igualdade econômica, como a *The Freedman's Bureau* [Agência de Libertos], programa desenvolvido pelos estados para auxiliar as famílias negras a adquirirem terras, fundar escolas e universidades. Essas reformas foram possíveis a partir de eleições de homens negros para cargos públicos. A cidade de Nova Orleans era um exemplo de cidade na qual a equidade racial e a integração aconteciam de fato.<sup>213</sup> Em Nova Orleans, houve o fim da segregação nos bondes, em 1867. Em 1869, os primeiros modelos de escolas integradas foram experimentados, e, entre 1886 e 1896, houve a legalização do casamento entre negros e brancos. Ademais, a cidade elegeu 32 senadores estaduais que eram negros, integrou os júris, as agências públicas e a polícia. Outro ponto importante para negros e negras foi a 14ª Emenda Constitucional que tornava cidadãos todos aqueles nascidos nos

---

<sup>211</sup> Cf. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim, 1992.

<sup>212</sup> DARLING, Marsha J. Tyson (ed.). *Race, Voting, Redistricting, and the Constitution: Sources and Explorations on the Fifteenth Amendment*. New York: Routledge, 2001.

<sup>213</sup> KATZ, Ellen D. Reinforcing Representation: Congressional Power to Enforce the Fourteenth and Fifteenth Amendments in the Rehnquist and Waite Courts. *Michigan Law Review*, v. 101, 2003, p. 2341–2408.

Estados Unidos ou naturalizados, ou seja, ampliava a cidadania não só para pessoas negras, mas também para todos os imigrantes.<sup>214</sup>

Mesmo com tais avanços, houve contenção por parte da população branca que não era a favor da integração. Na década de 1860, foram criados, por governos dos estados sulistas, os chamados “Códigos Negros”, na tentativa de controlar e inibir a liberdade de ex-escravizados. Desse modo, em muitos estados, afro-americanos desempregados eram encarcerados sob a acusação de vadiagem e, com isso, poderiam ser transformados em escravizados ou realizar trabalhos análogos à escravidão. Além disso, esses códigos impediam ou dificultavam que negros pudessem desenvolver um sistema de plantio próprio, porque eram forçados a trabalhar para os brancos nas fazendas. Muitas vezes, os negros eram proibidos de entrar nas cidades sem permissão jurídica, ou seja, havia também a limitação de mobilidade de pessoas negras. Um exemplo de tais códigos é a Constituição da Flórida que, em 1865, proibiu que negros depusessem contra brancos em julgamentos. Outrossim, durante o período da Reconstrução esses códigos foram revogados.<sup>215</sup>

Na década de 1870, houve a ascensão de governos sulistas que apoiavam a segregação entre negros e brancos que ficaram conhecidos, pelos supremacistas brancos, como governos de “redenção” no Sul. Esses governos eram compostos por Democratas que começaram a ganhar poder no Sul, enquanto os Republicanos se dividiram no resto do país e ocuparam o governo federal. Esses novos líderes sulistas tinham a intenção de “redimir” o Sul através da revogação das políticas instauradas durante o período da Reconstrução: os líderes acreditavam na supremacia branca e queriam, portanto, limitar o poder dos negros. A partir da ascensão dos governos de “redenção”, os políticos simpáticos à supremacia branca criaram leis de segregação entre brancos e negros em todos os espaços públicos nos estados. Esse conjunto de leis ficou popularmente conhecido como “Jim Crow”, como já citado. Já no Norte, mesmo não havendo leis segregacionistas, a segregação também acontecia na prática social como fruto do racismo, como as restrições no mercado de trabalho, a marginalização dos bairros negros, etc.<sup>216</sup>

A luta do afro-americanos pelo direito ao voto gerou algumas batalhas jurídicas. A primeira vitória dessas batalhas foi a promulgação da 15ª Emenda, em 26 de fevereiro

---

<sup>214</sup> DARLING, Marsha. J. Tyson. Op. Cit., 2001.

<sup>215</sup> BUCK, Christopher. Fifteenth Amendment. In: ALEXANDER, Leslie & RUCKER, Walter. *Encyclopedia of African American History*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, v. 3, 2010, p. 768-770.

<sup>216</sup> *Ibidem*.



de 1869, ratificada em 30 de março de 1870, que proibia que os estados negassem o direito ao voto para pessoas, baseando-se na cor, raça ou na condição prévia de escravidão. Sobre essa lei, o autor Christopher Buck afirma:

A décima quinta emenda foi um catalisador das extensões do sufrágio. Traçando a evolução dos direitos ao voto dos americanos, levou meio século para estender esse mesmo direito às mulheres sob a 19ª Emenda em 1920, com os indígenas americanos recebendo o direito de voto em 1924. Não é de surpreender que a linguagem daltônica da Décima Quinta Emenda (raça, cor ou condição anterior de servidão) tinha uma consciência aguda da cor. Assim, uma "insígnia de escravidão" persistente era o que se poderia chamar de "escravidão política", no sentido de que os negros, antes da Décima Quinta Emenda (e depois), eram impedidos de votar, não tinham representação política e, obrigatoriamente, obedeciam às leis do estabelecimento político branco.<sup>217</sup>

Infelizmente, mesmo com o vigor dessa emenda, existiam alguns empecilhos para que as pessoas negras pudessem votar. A luta pelo direito ao voto tornou-se uma das demandas mais importantes do movimento pelos direitos civis. As leis Jim Crow tiraram de fato o direito de voto de afro-americanos através de fraude no registro dos votantes negros, de coerção por parte de pessoas brancas e de exames de alfabetização – que a própria Rosa Parks teve que passar mais de uma vez. Alguns impostos eram cobrados para votar e muitas pessoas negras não tinham condições de pagar para ter o direito de votar.<sup>218</sup> Existiam, também, provações morais, como os testes de “Bom Caráter”: a pessoa tinha que comprovar a sua integridade moral. Além disso, havia outras técnicas, como afirma Douglas Brinkley: “Outro dispositivo para afastar os negros eram as ‘primárias brancas’, que afirmavam que os partidos políticos eram organizações voluntárias e, portanto, podiam discriminar nas eleições primárias que determinavam o candidato do partido.”<sup>219</sup> Além disso, o que dificultava o voto de pessoas negras e foi considerado inconstitucional durante o movimento pelos direitos civis era as *Grandfathers Clauses* [Clausulas do avô] que determinava, a partir de 1895, que todas as pessoas que tinham

---

<sup>217</sup> “The Fifteenth Amendment was a catalyst of suffrage extensions. Tracing the evolution of American voting rights, it took a half-century to extend this same right to women under the Nineteenth Amendment in 1920, with American Indians receiving the right to vote in 1924. Not surprisingly, the Fifteenth Amendment’s color-blind language (“race, color, or previous condition of servitude”) was acutely color-conscious. Thus, one lingering “badge of slavery” was what one might call “political slavery,” in the sense that blacks, prior to the Fifteenth Amendment (and after), were barred from balloting, had no political representation, and perforce followed the laws of the white political establishment.”. *Ibidem*, p. 768. Tradução nossa.

<sup>218</sup> Cf. BRINKLEY, Douglas. 2000.

<sup>219</sup> *Ibidem*, p. 46.

descendentes eleitores também poderiam ter o direito ao voto, mesmo que fossem considerados analfabetos.

Incapazes, por causa da data, de se valerem da isenção, os afro-americanos foram impedidos de votar por analfabetismo ou por meio da administração discriminatória de testes de alfabetização, enquanto brancos analfabetos foram autorizados a se registrar sem fazer nenhum teste.<sup>220</sup>

O estabelecimento de tal cláusula destruía indiretamente o objetivo da 15ª Emenda Constitucional e, por isso, em 1915, a Suprema Corte decidiu que as *Grandfathers Clauses* eram inconstitucionais no caso *Guinn v. United States*, em Oklahoma. Mesmo com tal decisão, a Suprema Corte permitia que os testes de alfabetização ocorressem.<sup>221</sup>

A política partidária desempenhou um papel importante no estabelecimento do sufrágio universal entre os homens afro-americanos. Três anos antes da ratificação da 15ª Emenda, o Congresso aprovou a Lei de Reconstrução de 1867, exigindo que os estados do Sul concedessem aos negros direitos de sufrágio. Ainda assim, em 1868, 11 dos 21 estados do Norte negaram aos negros o direito de voto. Os estados do Sul foram obrigados a ratificar tanto a Décima Quarta como a Décima Quinta Emendas como condição para sua readmissão na União após a Guerra Civil.<sup>222</sup>

Todos esses fatores fizeram com que o voto das pessoas negras tivesse uma queda drástica no final do século XIX e no começo do século XX, como mostra a Figura 1:

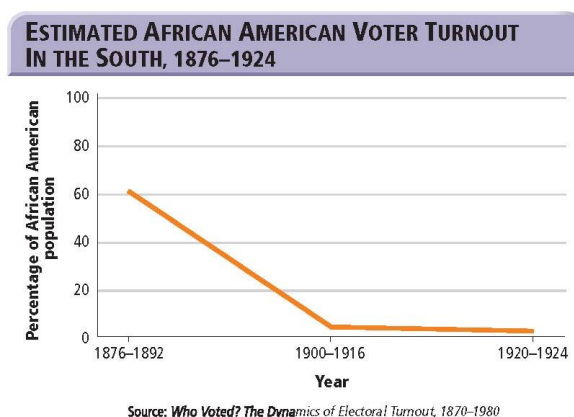


Figura 1 – Estimativa de votantes afro-americanos no Sul (1876-1924)<sup>223</sup>

<sup>220</sup> EDITORIAL. Amendment-15. Legal Information Institute. S.d. Disponível em: <<https://www.law.cornell.edu/constitution-conan/amendment-15/section-1-2/grandfather-clauses>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>221</sup> GREENBLATT, Alan. The Racial History Of The 'Grandfather Clause'. *Code Switch*, NPR. Publicado em: 22 out. 2013. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/codeswitch/2013/10/21/239081586/the-racial-history-of-the-grandfather-clause>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>222</sup> Cf. BUCK, Christopher, 2010.

<sup>223</sup> KLEPPNER, Paul. *Who Voted? The Dynamics of Electoral Turnout, 1870-1980*. New York: Praeger Publishers, 1982.

Diante desse contexto histórico, Rosa Parks relata suas vivências em relação à busca pelo direito ao voto.<sup>224</sup> Nos Estados Unidos, existe a necessidade de que os cidadãos se registrem para votar, tendo em vista que o voto no país é facultativo. Depois de registrado, o cidadão tem o direito de escolher pelo voto delegados que vão formar um colégio eleitoral responsável por escolher o representante nacional – esse colégio eleitoral é composto por delegados. A partir de imposições para registro de votante, algumas pessoas negras eram impedidas de se registrar por supostamente não terem alcançado a pontuação suficiente no teste de alfabetização e os candidatos não tinham direito de rever a prova ou até mesmo de contestar a reprovação.<sup>225</sup> Dessa forma, muitas pessoas negras eram excluídas da prática eleitoral no país. Nesse sentido, Rosa Parks explica:

Os segregacionistas dificultaram muito o registro de pessoas negras para votar. Para serem registrados, os negros precisavam de pessoas brancas para atestá-los. Um pequeno número de negros que gozavam das boas graças dos brancos foi registrado dessa forma. Mas uma vez registrados, eles não queriam que outros negros fizessem o mesmo. [...] A maioria dos negros estava com medo. Os que gozavam das boas graças dos brancos não queriam perder sua posição privilegiada. O resto achava que nada poderia ser feito. Realmente não havia nenhum movimento ativista pelos direitos civis do qual massas de pessoas participassem até o boicote aos ônibus de Montgomery em 1955.<sup>226</sup>

“Todo o processo democrático foi destruído”, lamenta Rosa Parks ao falar sobre a luta pelo direito ao voto durante o século XX. O historiador Douglas Brinkley analisa o período de luta pelo voto como um período violento da história do Movimento por Direitos Civis, pois muitos brancos se utilizavam da violência para coagir negros e negras a não se registarem para votar e pessoas que ajudavam na alfabetização da comunidade negra eram perseguidas como subversivos.<sup>227</sup> Esse é o caso do advogado Arthur Madison, que ajudou juridicamente pessoas negras a se registarem para votar e acabou sendo preso por isso. Além disso, há a atuação extraordinária de Septima Clark, a qual Rosa Parks era grande admiradora e se inspirava em suas ações.

---

<sup>224</sup> Cf. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim, 1992

<sup>225</sup> A imposição de empecilhos para o acesso ao registro do voto era prática mais comum no Sul dos Estados Unidos, no Norte existiam mais negros registrados para votar, e até mesmo eleitos.

<sup>226</sup> “The segregationists made it very difficult for black people to register to vote. In order to get registered, blacks had to have white people to vouch for them. A small number of blacks who were in good favor with the white folks did get registered in that way. But once they got registered, they did not want other blacks to do the same. [...] Most blacks were afraid. Those who were in good favor with white folks didn't want to lose their privileged position. The rest didn't think anything could be done. There really wasn't any activist, public civil-rights movement that masses of people participated in until the Montgomery bus boycott in 1955.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p.71-72. Tradução nossa.

<sup>227</sup> Cf. BRINKLEY, Douglas. 2000.

Septima Clark atuou como professora primária de adultos negros para que esses pudessem se registrar. Além disso, a professora ensinava os alunos sobre cidadania e sobre a Constituição dos Estados Unidos para que estes tivessem capacidade intelectual de escolher seus governantes. O objetivo de Clark era que seus conhecimentos pudessem ser reproduzidos para outras pessoas negras, criando uma rede de troca de conhecimento dentro da comunidade negra que culminasse no registro de voto de todos os negros e negras. Contudo, a professora foi perseguida e presa, como acusada de comunismo. Segundo Rosa Parks, Clark desafiou a autoridade dos brancos tomando tais atitudes. Jacquelyn Hall e Eugene Walker entrevistaram Septima Clark e concluíram:

Reconsiderar a vida de Clark desafia muitas de nossas ideias sobre o Movimento dos Direitos Civis, incluindo sua cronologia e a infraestrutura da qual dependia. Devido à sua própria experiência de vida, Clark entendeu que a mudança era um processo longo e que o ativismo de base eficaz permanecia inseparável da educação de base contínua. Mas ela também teve que navegar nas divisões internas do Movimento com base na classe e no gênero. Como professora e ativista cívica, Clark passou a maior parte de sua vida trabalhando em redes centradas na mulher. Sem dúvida, isso a informou sobre o reconhecimento dos papéis cruciais das mulheres na realização dos objetivos dos Direitos Civis, bem como as razões pelas quais elas não receberam reconhecimento por suas contribuições.<sup>228</sup>

Inspirada no ativismo destemido de Septima Clark, Rosa Parks decidiu se registrar para votar em 1945, quando tinha trinta e dois anos de idade. Ela foi aceita no teste de alfabetização, após a terceira tentativa, e foi submetida ao pagamento da taxa de \$1,50 ao ano. Na sua primeira oportunidade de voto, ela relata:

Lembro-me da primeira eleição para governador em que votei. Votei em Jim Folsom, que estava concorrendo contra um homem muito reacionário e muito racista chamado Handry Ellis. Não houve incidentes desagradáveis, e eu senti que tinha passado por muitos problemas para fazer algo tão simples e sem intercorrências.<sup>229</sup>

---

<sup>228</sup> “Reconsidering Clark’s life challenges many of our ideas about the Civil Rights Movement, including its chronology and the infrastructure upon which it depended. Due to her own lived experience, Clark understood that change was a long-haul process and that effective grassroots activism remained inseparable from on-going grassroots education. But she also had to navigate the Movement’s internal divisions based on class and gender. As a teacher and civic activist, Clark had spent most of her life working within woman-centered networks. Undoubtedly, this informed her recognition of women’s crucial roles in realizing Civil Rights goals as well as the reasons why they did not receive recognition for their contributions.”. DOWD, Jacquelyn Hall. WALKER, Eugene P. “I train the people to do their own talking” Septima Clark and Women in the Civil Rights Movement. *Southern Cultures*, v. 16, n. 2, 2010, p. 31-52, p. 35. Tradução nossa.

<sup>229</sup> “I remember the first election for governor that I voted in. I voted for Jim Folsom, who was running against a very reactionary and very racist man named Handry Ellis. There were no unpleasant incidents, and I felt that I had gone through an awful lot of trouble to do something so simple and uneventful”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 76. Tradução nossa.

Durante seu processo de registro para voto, Rosa Parks conheceu Edgar Daniel Nixon, ativista e então presidente da NAACP de Montgomery. Nixon e o advogado Arthur Madison estavam dedicados a ajudar negros e negras a se registrarem para votar em 1943, quando conheceram Rosa Parks, que estava passando pelo mesmo processo.

A NAACP era uma organização nacional criada por negros e brancos, com sede em Nova York. Os fundadores da organização acreditavam na democracia e criaram o grupo, em 1909, para protestar contra a discriminação racial. A data escolhida para a inauguração foi dia 12 de fevereiro em homenagem à data de nascimento do presidente Abraham Lincoln. A organização possuía ainda um dos jornais negros de maior circulação, o *The Crisis*, cujo editor principal era W.E.B. Du Bois, um grande intelectual negro. A NAACP era uma organização focada em questões legais, ou seja, na defesa dos direitos dos negros no âmbito político em detrimento de grandes mobilizações políticas. “Eles formaram o grupo para protestar contra a discriminação racial, linchamento, brutalidade e educação desigual”<sup>230</sup>, aponta Rosa Parks em sua autobiografia. Em Montgomery, a NAACP começou com apenas algumas ações localizadas na década de 1940, tomando mais corpo apenas durante a década de 1950. Mas já nos anos 1930, durante o julgamento do caso dos Scottsboro Boys, a NAACP atuou com veemência lutando pela liberdade dos nove jovens.<sup>231</sup>

Entretanto, em relação à participação das mulheres, a NAACP invisibilizava a atuação das mulheres, mesmo quando esta acontecia de forma organizada e massiva. Tendo em vista as atividades de mulheres como Septima Clark, Rosa Parks, Jo Ann Robinson, Claudette Colvin e Ella Baker, pode-se avaliar que as mulheres eram as grandes responsáveis pelo trabalho de base do movimento negro da década de 1950 e 1960. Foi através dessas mulheres que muitos homens tiveram condições de atuar no movimento e de serem reconhecidos como líderes, enquanto as mulheres não tiveram tal reconhecimento durante o período.<sup>232</sup>

Rosa Parks conta que ela não tinha conhecimento de nenhuma mulher membro da NAACP de Montgomery até ver um artigo no jornal *Alabama Tribune*, que estampava a

---

<sup>230</sup> “They formed the group to protest against racial discrimination, lynching, brutality, and unequal education.” Ibidem, p.80. Tradução nossa.

<sup>231</sup> NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representado o ‘novo’ negro norte-americano: W.E.B. Du Bois e a revista The Crisis, 1910-1920*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>232</sup> ROBNETT, Belinda. African-American Women in the Civil Rights Movement, 1954-1965: Gender, Leadership and Micromobilization. *American Journal of Sociology*, v. 101, n. 6, 1996, p. 1661-1693.

foto de uma amiga de infância, Johnnie Carr, que era a única membra mulher da organização em Montgomery, o que inspirou e instigou Rosa Parks a se juntar a organização, que aconteceu em dezembro de 1943, quando ela aceitou o cargo de secretária. Segundo a autora, era um cargo não remunerado, mas gratificante para ela.

Lembro-me de quando entrei para a NAACP e me tornei secretária, as únicas duas mulheres que compareciam às reuniões éramos Johnnie Carr e eu. O Sr. E. D. Nixon era presidente na época e, de vez em quando, a Sra. Nixon ia a uma reunião, mas acho que ela simplesmente acompanhou as reuniões porque ele estava sempre presente. Lembro que estava trabalhando muito tentando publicar artigos do Sr. Nixon, enviando cartas e indo a reuniões, e ele simplesmente ria. Ele costumava dizer: “Mulheres, não precisam estar em lugar nenhum, a não ser na cozinha”.<sup>233</sup>

Esse relato de Rosa Parks revela dois aspectos do ativismo das mulheres dentro do movimento pelos direitos civis: o primeiro é o claro preconceito de gênero por parte dos homens dentro das organizações e o segundo é o pouco destaque para a participação das mulheres em tais organizações, que pode se dar devido à exclusão promovida pelos homens ou por vontade própria. Os fatos mostram que nem sempre as mulheres eram bem-vindas nas organizações e, muito menos, reconhecidas como lideranças. Por mais que a historiografia dos direitos civis venha a acompanhar os novos tempos e a colocar as mulheres em evidência no movimento, ainda há a carência de trabalhos que falem sobre as lideranças femininas. Por outro lado, é intrigante refletir sobre a intenção de Rosa Parks ao resgatar essa memória, o que revela o claro incômodo da autora em relação à fala do presidente da NAACP e como ela mesma conseguiu, através do seu ativismo, quebrar com as barreiras da domesticidade imposta para as mulheres na época. Seja qual for a real intenção da autora ao destacar tais aspectos de suas vivências como secretária da NAACP, o que salta aos olhos é que sua inspiração e base vêm sempre de outras mulheres, que ela tenta colocar em evidência ao longo de sua obra autobiográfica, como é o caso de Johnnie Carr, que foi uma das grandes lideranças organizadoras do boicote aos ônibus de Montgomery.

---

<sup>233</sup> “I remember when I first joined the NAACP and became the secretary, the only two women who attended the meetings were Johnnie Carr and me. Mr. E. D. Nixon was president then, and once in while Mrs. Nixon would come to a meeting, but I think she just kept up with the meetings because he was always on the scene. I remember I would be working hard trying to get articles out of Mr. Nixon, sending letters, and going to meetings, and he would just laugh. He used to say, ‘Women, don’t need to be nowhere but in the kitchen.’” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit, 1992, p. 82. Tradução nossa.

No cargo de secretária da NAACP, Rosa Parks teve contato com diversos casos de racismo. A autora escolheu em sua autobiografia falar sobre alguns casos que envolviam violência sexual sofrida por mulheres negras e de alguns casos de violência policial contra homens negros. Um dos casos citados por ela foi o da Sra. Recy Taylor, uma mulher negra, natural de Abbeville, que estava voltando para casa e foi forçada por seis jovens brancos armados a entrar em um carro, onde ela foi estuprada por eles, em 4 de setembro de 1944. Segundo Rosa Parks, esse caso comoveu não só a comunidade negra, mas a comunidade branca, tanto que foi criado um Comitê para Justiça Igual para Sra. Taylor [*Committee for Equal Justice for Mrs. Taylor*]. Entretanto, o tribunal decidiu não indiciar os jovens mesmo depois da confissão do motorista do carro que nomeou os outros rapazes que participaram do crime. No verão de 1945, o caso chegou até a NAACP de Montgomery – a cidade de Abbeville não tinha uma filial própria e a cidade mais próxima com uma sede da organização era Montgomery. Rosa Parks moveu esforços como secretária para auxiliar financeira e psicologicamente a vítima, e o próprio xerife da cidade, além de maltratá-la, ordenou que não se envolvesse com o movimento negro da cidade. Isso mostra como os ativistas negros eram malvistas pelas autoridades locais.

“Claro, o contrário era verdadeiro se uma mulher branca gritasse estupro e acusasse um homem negro. As coisas que os jovens negros sofreram por causa das mulheres brancas!”<sup>234</sup> lamenta Rosa Parks em relação ao tratamento dado aos homens negros acusados de estupro de mulheres brancas, principalmente. Nesse sentido, a autora dá destaque ainda ao caso de Jeremiah Reeves, um jovem negro entregador que desenvolveu um relacionamento secreto com uma mulher branca, que o recebia em sua casa com frequência. Em um dia específico, um vizinho flagrou o casal se despedindo e, percebendo o flagra, a mulher começou a gritar e pedir por socorro, acusando Jeremiah de estupro. A polícia chegou ao local e levou Jeremiah Reeves a prisão, aos dezessete anos. O evento se tornou público e a mãe do jovem levou o caso do filho a NAACP de Montgomery, em busca de ajuda para a defesa do filho, que foi condenado à morte pelo tribunal. A organização lutou durante alguns anos pela libertação de Reeves, sem sucesso. Parks estava diretamente envolvida com o caso da família Reeves, tendo lido e arquivado até alguns poemas produzidos por Jeremiah enquanto ele estava no corredor da morte. Apesar dos vários recursos empregados pela NAACP e pela mãe de Jeremiah, o jovem

---

<sup>234</sup> “Of course, the opposite was true if a white woman cried rape and accused a black man. The things that young black men suffered because of white women!”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 85. Tradução nossa.

permaneceu no corredor da morte até completar maioria (21 anos) e foi executado na cadeira elétrica.<sup>235</sup> Durante o período em que esteve preso, Reeves escreveu poemas e poesias – os poemas se tornaram públicos após um tempo. Parks se inspirava na luta de Jeremiah e da família pela vida, e lamenta “Foi uma tragédia ele ter perdido a vida. Às vezes, era muito difícil continuar quando todo o nosso trabalho parecia em vão.”<sup>236</sup> Enquanto esteve no cargo de secretária da NAACP, Rosa Parks fazia questão de detalhar todos os casos em que trabalhou em arquivos que pudessem ser usados posteriormente, mesmo que os casos não fossem solucionados. Posteriormente, os arquivos serviriam como documentos históricos.

Na década de 1930, a eleição de Franklin Delano Roosevelt, em 1933, pelo Partido Democrata, e o chamado *New Deal*, deu esperanças ao povo americano que vivia a Grande Depressão. A população negra e a classe operária sofreram muitas consequências da crise, embora as iniciativas do *New Deal*, com características liberalistas e intervencionistas, terem ajudado essa população. Segundo o historiador Douglas Brinkley:

O *New Deal*, no entanto, deu aos afro-americanos esperança de que as perversas práticas discriminatórias do Sul pudessem acabar em breve. Na verdade, a administração Roosevelt nomeou negros talentosos para cargos governamentais importantes e de alto perfil [...] Embora os afro-americanos estivessem gratos pelo gesto e pela ajuda do *New Deal* durante a Grande Depressão, eles consideraram essas nomeações principalmente simbólicas.<sup>237</sup>

No excerto, Brinkley acredita que algumas ações do governo Roosevelt e o *New Deal* foram benéficas para a comunidade negra e ajudaram na recuperação da Grande Depressão. No programa, o governo federal criou oportunidades de emprego para tentar levantar a economia através dos novos salários. Infelizmente, nem todos os programas de reforma do governo federal afetaram a comunidade negra, tendo em vista que o presidente sendo do partido Democrata era barrado pelo braço do partido Democrata no Sul que era composto por pessoas segregacionistas, racistas e supremacistas. Além disso, a primeira-

---

<sup>235</sup> Ibidem.

<sup>236</sup> “It was a tragedy that he lost his life. Sometimes it was very difficult to keep going when all our work seemed to be in vain.”. Ibidem, p. 86. Tradução nossa.

<sup>237</sup> “The New Deal, however, gave African Americans hope that the South's vicious discriminatory practices might soon end. In fact, the Roosevelt administration appointed talented blacks to important, high-profile government posts [...] Although African Americans were grateful for the gesture and for the New Deal help through the Great Depression, they viewed this token appointments as mainly symbolic.”. BRINKLEY, Douglas. Op. Cit., 2000, p. 46-47. Tradução nossa. Grifo nosso.



dama tinha um declínio por medidas sociais, o que auxiliou na conquista de recursos dos negros durante o governo Roosevelt.

Na década seguinte, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos Aliados, os soldados americanos sobreviventes retornaram para o país com honras, mas também voltaram para as cidades segregadas e sem o direito de voto. Alguns ex soldados negros iam tentar se registrar para o voto fardados, o que era considerado uma afronta para os brancos.<sup>238</sup> Segundo Rosa Parks, esse período pós-guerra se tornou um ciclo em que a violência contra negros aumentou. Segundo a autora esse período foi delimitado pelo avanço de pautas raciais e, conseqüentemente, de violência repressiva contra negros. Como lembra no trecho:

Houve casos de violência contra negros em todo o lado, não apenas no Alabama. Lembro-me de um caso na Carolina do Sul. Um homem negro chamado Isaac Woodard Jr., foi dispensado do Exército na Carolina do Sul e estava em um ônibus e seus olhos foram arrancados por um homem branco que o golpeou na cabeça. O nome do homem branco era Shore. O júri todo branco saiu apenas quinze minutos antes de absolver Shore. O advogado de Shore declarou ao júri: 'Se você decidir contra Shore, deixe a Carolina do Sul avançar novamente.' Ele estava se referindo ao fato de que os estados do Sul haviam se separado da União antes da Guerra Civil.<sup>239</sup>

O caso citado no trecho ocorreu em 1946, logo após o fim da guerra, e revela que mesmo os soldados negros que lutaram na guerra não eram respeitados enquanto pessoas nos Estados Unidos. Na autobiografia de Rosa Parks tem uma foto de um jovem negro com uniforme de soldado da Segunda Guerra Mundial, Sylvester McCauley, irmão mais novo da autora, que deixou a esposa grávida do primeiro filho do casal para lutar na guerra. Durante seu período na guerra, Sylvester acreditava que voltaria para uma Carolina do Sul engajada no desenvolvimento de uma harmonia racial, o que não era a realidade, como afirma Douglas Brinkley:

A campanha *Double V* da NAACP capturou a imaginação de Sylvester e, de meio mundo de distância, ele acreditava no nascimento de uma nova era de harmonia racial no Sul e que as algemas do fanatismo do

---

<sup>238</sup> Cf. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. 1992.

<sup>239</sup> "There were cases of violence against blacks all over, not just in Alabama. I remember a case in South Carolina. A black man named Isaac Woodard Jr., was discharged from the Army in South Carolina and was on a bus and his eyes put out by a white man who struck him across the head. The white man's name was Shore. The all-white jury was out just fifteen minutes before they acquitted Shore. Shore's attorney had stated to the jury, 'If you rule against Shore, then let South Carolina succeed again.' He was referring to the fact that the southern states had seceded from the Union before the Civil War." PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 93-94. Tradução nossa.

Alabama desapareceriam com a mesma certeza de que Hitler em seu *bunker* alemão. Acabou sendo um sonho irreal.<sup>240</sup>

A *Double V Campaign* [Campanha do V em Dobro] ao qual o autor se refere foi o *slogan* da campanha dos afro-americanos em prol da democracia, V significava vitória, tanto nas frentes de batalha da guerra, quanto nos Estados Unidos contra a segregação. Na campanha, a justiça social viria acompanhada de democracia. A primeira vez em que se ouviu falar dessa campanha foi em 1942, através de um artigo do jornal afro-americano, *Pittsburgh Courier*— um dos jornais de maior circulação no país com cerca de 350.000 exemplares vendidos mensalmente durante a guerra.<sup>241</sup> A partir dele, outros jornais negros também engendraram a campanha do V em Dobro. A motivação principal para a criação da campanha e do *slogan* foi uma resposta à carta “*Devo me Sacrificar para Viver ‘Meio Americano’?*” escrita por um leitor de 26 anos, James Thompson. Além disso, a campanha também serviu como resposta às intenções do presidente da época Franklin D. Roosevelt que induziu editores dos principais jornais negros do país a reduzir publicações que demonstravam o descontentamento e apatia da população com a guerra. Porém, a reação foi o contrário.<sup>242</sup> Historiadores acreditam que existia nesse momento uma guerra dupla para os negros: de um lado a Segunda Guerra Mundial e por outro a guerra contra a segregação racial.

Isto posto, Rosa Parks nota em sua autobiografia que, ao mesmo passo que houve um aumento da violência, houve também um aumento do engajamento de negros e negras na luta por direitos civis. As décadas de 1940 e 1950 representavam, para os ativistas negros, o início de uma nova era na luta pelos direitos civis. Em 1949, Rosa Parks era secretária sênior do braço da NAACP em Montgomery e atuava em quase todos os casos de racismo e injustiça racial que chegavam na organização. Ela desenvolveu ainda projetos com a juventude negra, a qual ela acreditava ser um dos pilares para o desenvolvimento de uma sociedade livre do racismo. Rosa Parks também acreditava no letramento racial como forma de emancipação, como ela mesma retrata no trecho:

---

<sup>240</sup> “The NAACP’s Double V Campaign had captured Sylvester’s imagination, and from half a world away he believed in the birth of a new era of racial harmony in the South and that the manacles of Alabama’s bigotry would disappear just as surely as Hitler in his German bunker. It turned out to be a pipe dream.”. BRINKLEY, Douglas. Op. Cit., 2000, p. 62-63. Tradução nossa.

<sup>241</sup> EDITORIAL. Courier. *Chronicling America*. Library of Congress. Publicado em: 7 out. 2013. Disponível em: <<https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/2009263251/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>242</sup> GERSHENHORN, Jerry. Double V in North Carolina: The Carolina Times and the Struggle for Racial Equality During World War II. *Journalism History*, v. 32, n. 3, 2006, p. 156-167.

Naquela época, eu era secretária do departamento sênior da NAACP, que era para os idosos, e conselheira do Conselho Juvenil da NAACP. Gostei de trabalhar com jovens. Os melhores alunos da escola constituíam o maior grupo do Conselho de Jovens. Um de nossos projetos era fazer com que os jovens tentassem tirar livros da biblioteca principal, e levar para a pequena filial do outro lado da cidade que era a biblioteca de negros.<sup>243</sup>

A ativista acreditava na juventude negra como uma continuidade no ativismo negro e tinha intenções de desenvolver os jovens para que lutassem contra o racismo, assim como aconteceu com ela, mesmo na vida adulta. Foi assim que Rosa Parks conheceu Virginia Durr, uma mulher branca ativista envolvida na causa negra desde a juventude, as duas se conheceram em 1954.

No direito norte-americano, pode-se afirmar que a preocupação com as ações estruturais teve início com o caso *Brown v Board of Education*, por meio do qual Linda Brown, que era uma criança negra de pouca idade, era obrigada a atravessar toda a sua cidade a pé (Topeka, Kansas) para poder chegar à sua escola (pública), apesar de existirem outras escolas públicas muito mais próximas de sua residência, mas Brown não podia frequentá-las por uma única razão: essas escolas não aceitavam crianças negras. [...] Foi assim que diante da recusa das autoridades públicas em matriculá-la numa escola mais próxima, é que Brown ajuizou uma ação contra o Conselho de Educação Estadual (*Board of Education of Topeka*).<sup>244</sup>

A Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu que a segregação das escolas públicas era inconstitucional, mesmo as escolas brancas e negras tendo qualidade igual – o que não era uma realidade em muitas das escolas segregadas sulistas. A decisão do dia 17 de maio de 1954 foi unânime no tribunal, com nove votos a favor no caso. Declarou-se que “instalações educacionais segregadas são inerentemente desiguais” e violaram, desse modo, a Cláusula de Proteção Igualitária da Décima Quarta Emenda da Constituição dos Estados Unidos. Ainda assim, o documento da decisão não especificava como seria feita a dessegregação racial nas escolas, nem em relação ao método, nem em relação à prática. Por isso, algumas escolas, mesmo após a decisão, continuaram segregadas o que levou a uma segunda decisão do tribunal em 1955 que ficou conhecida como *Brown II* e ordenou que os estados dessegregassem as escolas “com toda a

---

<sup>243</sup> “By this time I was both secretary of the Senior Branch of the NAACP, which was for the older people, and adviser to the NAACP Youth Council. I enjoyed working with young people. The high school students were the largest group in the Youth Council. One of our projects was getting the young people to try to take out books from the main library instead of going to the little branch across town that was the colored library.” PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 94. Tradução nossa.

<sup>244</sup> BRITTO, Livia Mayer Totola; KARNINKE, Tatiana Mascarenhas. “O Caso Brown v. Board of Education...”. *Anais do IV Congresso de Processo Civil Internacional*, Vitória, 2019, p. 273-278.

velocidade deliberada”. A NAACP e outras organizações negras vinham lutando contra a segregação nas escolas desde a década de 1920. Ainda que tardia, a decisão do Supremo representou um avanço nas lutas por direitos civis no país. Ainda que as escolas no Norte não fossem legalmente segregadas, o racismo era uma realidade em todo o país. Portanto, a decisão se estende para a luta pelo fim do racismo nas instituições educacionais públicas em todo país.<sup>245</sup> Como a Rosa escreveu:

Nas décadas de 1920 e 1930, a NAACP começou a lutar por salários iguais para professores negros. Lembro que minha mãe falava sobre como os professores negros eram mais mal pagos do que os brancos. Ela finalmente deixou o condado de Montgomery porque os salários dos professores negros eram muito baixos. A NAACP ajudou professores negros em muitas partes do Sul a lutar por salários iguais.<sup>246</sup>

Para além desse marco, o caso se tornou importante porque deu início ao que a Michelle Alexander denomina como *advocacy*<sup>247</sup>, que seria o empenho dos advogados negros e brancos em acabar com as leis segregacionistas através de recursos legais. Segundo a autora, a *advocacy* dedicava-se, no entanto, a defender os negros com boa reputação que não foram acusados de crimes contra a moral burguesa, por isso a dificuldade de esses defensores dos direitos civis se voltarem para questões do encarceramento em massa que o país enfrentava. Por outro lado, as bacharelas em direito Livia Mayer Totola Britto e Tatiana Mascarenhas Karninke defendem que o caso Brown também deu início às medidas estruturantes, as quais dariam suporte à dessegregação no século XX, e ao garantismo, o qual faria com que se fizesse presente o cumprimento das leis e da Constituição.<sup>248</sup>

O século XX traz um fenômeno não esperado pelos judiciários e advogados: a mudança da mentalidade do corpo jurídico e da população que, apesar de racista, ainda apresentava alguns defensores da dessegregação. A Suprema Corte dos Estados Unidos, ao dar ganho de causa ao caso Brown, cortou o mal da segregação racial pela raiz e, mais

---

<sup>245</sup> BROWN v Board of Education Decision. *Civil Rights Movement Archive*. S.d. Disponível em: <<https://www.crmvet.org/tim/timhis54.htm#1954bvbe>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>246</sup> “Back in the 1920s and 1930s, the NAACP had started fighting for equal pay for black teachers. I remember that my mother used to talk about how black teachers were paid more poorly than white teachers. She finally left Montgomery County because the salaries for black teachers were so low. The NAACP helped black teachers in many parts of the South fight for equal salaries.” PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 98. Tradução nossa.

<sup>247</sup> ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 75-108.

<sup>248</sup> Cf. BRITTO, Livia Mayer Totola; KARNINKE, Tatiane Mascarenhas, 2019.

do que isso, moveu ações concretas para que a decisão fosse acatada em todos os estados do Sul do país, o que foi a matriz para a gênese das medidas estruturantes.<sup>249</sup>

A quebra com o passado no caso Brown foi tão grande que a Suprema Corte dos Estados Unidos, no corpo da *opinion* do caso, consignou que o Tribunal novamente se reuniria para ver a real evolução do que foi decidido, como efetivamente ocorreu: em 1955, a Suprema Corte se reuniu, para reargumentar o caso, que ficou conhecido como *Brown v. Board of Education II*, para analisar as resistências oferecidas quanto à implementação do que foi decidido, em especial às oferecidas no Sul do país.<sup>250</sup>

A luta pela dessegregação e pela igualdade racial nas instituições de ensino públicas no país significava lutar por mais qualidade de ensino para crianças negras e melhores condições de formação e de trabalho para professores negros. Consequentemente, a organizações como a NAACP foram essenciais na luta pela dessegregação nesse processo. Rosa Parks lembra que, após a vitória no caso *Brown v. Board of Education*, uma onda de esperança se abateu entre os afro-americanos, principalmente aqueles que eram ativistas.

Fred Gray era um dos advogados da NAACP empenhados no caso que, após a vitória na decisão da Suprema Corte, voltou para Montgomery para montar seu próprio escritório de advocacia com o intuito de defender os afro-americanos. “Fiquei muito satisfeita quando ele [Fred Gray] estabeleceu um escritório de advocacia. Agora tínhamos um segundo advogado negro para nos aconselhar sobre questões jurídicas,”<sup>251</sup>, relembra Rosa Parks. O outro advogado negro da cidade era Charles Langford. Nesse mesmo ano, em 1954, uma outra advogada negra, Mahala Ashley Dickerson, grande amiga de Rosa Parks, também abriu um escritório de advocacia na cidade de Montgomery com a intenção de advogar em prol das pessoas negras e dos direitos civis. No entanto, o empreendimento não teve o suporte necessário da própria comunidade negra – como os outros advogados citados – e fechou. Segundo Parks, o escritório abriu falência porque “eles não lhe deram trabalhos suficientes para ela ganhar a vida, e ela era mãe solteira de filhos trigêmeos”<sup>252</sup>, admite a autora.

---

<sup>249</sup> BRITTO, Livia Mayer Totola; KARNINKE, Tatiane Mascarenhas. Op. Cit., 2019.

<sup>250</sup> Ibidem, p. 278.

<sup>251</sup> “I was really pleased when he opened up an office in downtown Montgomery and established a law practice. Now we had a second black attorney to advise us on legal matters.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 100. Tradução nossa. Grifo nosso.

<sup>252</sup> “They did not give her enough business for her to make living, and she was single mother with triplet sons.”. Idem.

O fracasso do escritório Mahala Dickerson diz muito sobre o machismo incutido na sociedade do começo do século XX: mesmo dentro da comunidade negra, uma mulher solteira e mãe solo não era bem-vista. Em outra ótica, é interessante entender qual é o objetivo da autora ao trazer o caso de Dickerson a sua autobiografia. Rosa Parks tenta quebrar o silêncio em relação à atuação das mulheres negras, ao mesmo passo que demonstra, ainda que timidamente, sua indignação ao descaso e apagamento das mulheres na história do movimento pelos direitos civis.<sup>253</sup>

Após a decisão da Suprema Corte no caso Brown, os ativistas negros começaram a fazer planos para a dessegregação das escolas do Sul, além de se prepararem para outros cenários de dessegregação. No verão de 1955, aconteceu em Highlander Folk School, na cidade Monteagle no Tennessee, um *workshop* com o título “Desagregação Racial: Implementando a Decisão da Suprema Corte”. Rosa Parks, incentivada por Virginia Durr e Edgar Nixon, participou desse *workshop*. Nessa época Parks, além de trabalhar voluntariamente como secretária da NAACP, trabalhava como doméstica na casa da família Durr, cuidando da filha do casal. Em sua autobiografia intitulada *Outside the Magic Circle* [Fora do Círculo Mágico], Virginia Durr conta em algumas passagens sobre sua relação com Rosa Parks. Sobre essa aproximação de Virginia Durr e Rosa Parks, Douglas Brinkley argumenta:

À medida que o ativismo de Rosa Parks crescia, seu feminismo adormecido também florescia. Como a maioria das mulheres afro-americanas da época – 60 por cento em 1950 –, Parks trabalhava meio período como costureira doméstica e governanta para famílias brancas em melhor situação, mas ela se recusou terminantemente a ser transformada em *mammy*, o estereótipo servil e sorridente da mulher negra.<sup>254</sup>

Nascida em fevereiro de 1903, na cidade de Birmingham, no Alabama, Virginia Durr tornou-se uma das mulheres mais conhecidas no Alabama pelo histórico de participação como ativista dos direitos civis, apesar de ser uma mulher branca. A ativista era casada desde 1925 com o jornalista e advogado Clifford Durr, com quem teve cinco filhos. Por ter se formado em Nova York, Virginia teve influência antirracista em sua formação acadêmica e educacional, e por isso, ao voltar para o Sul e se deparar com

---

<sup>253</sup> HARMON, David. Mahala Ashley Dickerson. Encyclopedia of Alabama. Publicado em: 29 jan. 2018. Disponível em: <<http://encyclopediaofalabama.org/article/h-1443>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>254</sup> “As Rosa Parks’ activism grew, her dormant feminism also flourished. Like most African-American women of the time – 60 percent in 1950 – Parks worked part-time as a domestic seamstress and housekeeper for better-off white families, but she flatly refused to be Mammy-fied into the servile, grinning stereotype of the black female.” BRINKLEY, Douglas. Op. Cit., 2000, p. 78. Tradução nossa. Grifo nosso.

idades segregadas, sentiu-se motivada a lutar pelo fim da segregação racial. Em 1933, Virginia se mudou com a família para Washington, após a nomeação do marido para consultor jurídico da corporação *Reconstruction Finance*. Em Washington, o casal conheceu e se envolveu mais com o ativismo. Além de conhecer pessoas importantes através da influência política de Clifford, esse novo horizonte mudou o pensamento conservador do casal. Virginia Durr se juntou ao *Woman's National Democratic Club* e foi uma das fundadoras da Conferência para do Bem-Estar Humano do Sul (SCHW – sigla em inglês), do qual ela se tornou vice-presidente do subcomitê de direitos civis, em 1941. O SCHW era um grupo interracial fundado em 1938 com o objetivo de reduzir a segregação racial no Sul e de melhorar as condições de vida de negros e brancos. Como membra ativa do grupo, Virginia Durr atuou ao lado de Eleanor Roosevelt para abolir as taxas para o registro de votante para pessoas negras e trabalhou em conjunto com lideranças políticas liberais com o objetivo de obter apoio jurídico, o que resultou na aprovação da Lei de Direitos ao Voto, em 1965 – o que Virginia lembra como um dos momentos mais felizes de sua vida.<sup>255</sup> Em 1954, já em Montgomery, a Sra. Durr conheceu Rosa Parks, que explica que:

A sra. Durr escreveu em sua autobiografia, *Outside the Magic Circle*, que eu não tinha mala nem maiô e que ela me deu essas coisas. Não tenho exatamente a mesma lembrança. Ela tem razão quando diz que eu não tinha mala, porque não ia viajar, mas também não levei para Highlander, pelo que me lembro.<sup>256</sup>

O excerto extraído da autobiografia de Rosa Parks, em que a autora se refere à ida ao *workshop* sobre dessegregação na escola Highlander, no Tennessee, abre brecha para duas análises pertinentes diante do contexto histórico. A primeira é a utilização do pronome de tratamento “senhora” ao se referir a Virginia Durr: esse tipo de referência denota não só respeito por parte de Parks, mas também um certo distanciamento entre as duas na hierarquia social – Durr, por ser branca e empregadora de Rosa Parks, era vista como superior na sociedade. A outra análise é a ideia de que as mulheres negras estão sempre relacionadas à pobreza em uma perspectiva da branquitude.

---

<sup>255</sup> JOHN. Virginia Foster Durr and the Salvation of Alabama. *Wetmachine*. Publicado em: 30 jun. 2011. Disponível em: <<https://wetmachine.com/my-thoughts-exactly/virginia-foster-durr-and-the-salvation-of-alabama/#more-2681>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>256</sup> “Mrs. Durr wrote in her autobiography, *Outside the Magic Circle*, that I didn't have suitcase or a bathing suit and that she gave me those things. I don't have quite the same recollection. She's right that I didn't have a suitcase, because I wasn't going any traveling, but I didn't take one to Highlander either, as I recall.” PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. *My Story*. New York: Puffin Books, 1992, p. 101. Tradução nossa.

A Highlander Folk School foi fundada em 1932 em Monteagle no Tennessee, pelo educador socialista branco, Myles Horton. No início, as atividades da escola se baseavam na alfabetização e capacitação de adultos para o mercado de trabalho. Porém, no início da década de 1950, a escola direciona suas atividades para as relações e questões raciais. No Sul, a Highlander era um dos poucos lugares onde podiam acontecer reuniões, além de servir como espaço de treinamento de liderança para ativistas de direitos civis. O fundador Myles Horton acreditava que a educação para a cidadania em períodos de movimento social seria a melhor forma de criar lideranças democráticas.<sup>257</sup> A escola contribuiu pela formação de muitos dos líderes do movimento por direitos civis como Martin Luther King, Septima Clark, John Lewis, Ralph Abernathy e muitos outros. Horton também dialogava com outros educadores internacionais como Paulo Freire.<sup>258</sup>

A estadia de Rosa Parks no *workshop* da escola Highlander prova o quão preparada politicamente ela era. Nesse espaço de aprendizado, Parks conheceu e se tornou amiga de Septima Clark. Bernice Robinson foi outra pessoa importante para Rosa Parks em seu ativismo. Robinson era uma cabeleireira negra que trabalhava na alfabetização de jovens negros duas noites por semana, onde ensinava coisas básicas, como assinar o próprio nome ou escrever cartas para parentes que estavam no exército. Depois das aulas ministradas pela cabeleireira, oito de quatorze estudantes passaram no teste para o registro de voto. Essas lembranças vêm na autobiografia como forma de admiração e de inspiração que a autora sentia por essas mulheres.<sup>259</sup>

Passei dez dias em Highlander e fui a diferentes *workshops*, principalmente sobre como dessegregar escolas. Foi tudo muito organizado. Todos nós tínhamos deveres e eles eram listados no quadro de avisos todos os dias. Nós compartilhamos o trabalho e a brincadeira. Um dos meus maiores prazeres lá era apreciar o cheiro de *bacon* fritando e café sendo preparado e saber que os brancos estavam fazendo a preparação em vez de mim. Havia natação no lago artificial, vôlei, quadilha. Era muito agradável estar com as pessoas de Highlander. Esquecemos da cor de cada um. Eu tinha quarenta e dois anos e foi uma das poucas vezes na minha vida até então em que não senti hostilidade por parte dos brancos. Eu tive experiências com pessoas de diferentes raças e origens as encontrando em *workshops* e vivendo juntos em paz

---

<sup>257</sup> EDITORIAL. Highlander Folk School. *Stanford University: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute*. S.d. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/highlander-folk-school>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>258</sup> HORTON, Myles. With Judith & Herbert Kohl. *The Long Haul: An Autobiography*. New York: Teachers College Press, 1998; HORTON, Myles e FREIRE, Paulo. *We Make the Road by Walking: Conversations on Education and Social Change*. Philadelphia: Temple University Press, 1990.

<sup>259</sup> OLSON, Lynne. *Freedom's Daughters: the unsung heroines of the civil rights movement from 1830 to 1970*. New York: Simon & Schuster, 2009.



e harmonia. Senti que poderia me expressar honestamente, sem quaisquer repercussões ou atitudes antagônicas de outras pessoas.<sup>260</sup>

Após passar um tempo na escola Highlander, Rosa Parks retornou para Montgomery e para seu emprego na Montgomery Fair, que era uma loja de departamento em que Parks trabalhava como costureira e uma das coisas que mais incomodavam a ativista era a segregação nos ônibus. Naquele mesmo ano, as coisas iriam mudar na cidade.

---

<sup>260</sup> “I spent ten days at Highlander and went to different workshops, mostly on how to desegregate schools. Everything was very organized. We all had duties, and they were listed on bulletin board each day. We shared the work and the play. One of my greatest pleasures was enjoying the smell of bacon frying and coffee brewing and knowing that white folks were doing the preparing instead of me. There was swimming in the man-made lake, volleyball, square dancing. It was quite enjoyable to be with the people at Highlander. We forgot about what color anybody was. I was forty-two years old, and it was one of the few times in my life up to that point when I did not feel any hostility from white people. I experienced people of different races and backgrounds meeting together in workshops and living together in peace and harmony. I felt that I could express myself honestly without any repercussions or antagonistic attitudes from other people.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p.105-106. Tradução nossa.

### 3. ROSA PARKS: UMA REBELDE DISTINTA

“Não acho que nenhuma lei de segregação irritou mais os negros em Montgomery do que a segregação de ônibus.”<sup>261</sup>, afirma Rosa Parks, nas primeiras linhas do oitavo capítulo de sua autobiografia, intitulado “Você está presa”. A segregação racial atuava massivamente no transporte público, com a criação de leis que deixavam negras e negros à margem da mobilidade social. Nesse capítulo será feita análise do boicote aos ônibus de Montgomery e a atuação de Rosa Parks como requerente no caso.

No final da década de 1940, as pessoas negras tinham que seguir regras específicas para utilizar os ônibus públicos na cidade de Montgomery. A entrada nos ônibus, por exemplo, era feita normalmente pela porta traseira do ônibus, mas alguns motoristas forçavam os negros a entrarem pela porta da frente para pagarem a passagem antes mesmo de adentrarem no ônibus – essa ação era decorrente da ideia de que os negros não pagariam a passagem. Os ônibus geralmente tinham 36 assentos. Durante a segregação, os dez primeiros bancos eram reservados para pessoas brancas, mesmo que não houvesse passageiros brancos embarcados no ônibus a regra não poderia ser quebrada e, portanto, esses bancos ficariam vazios. Os dez últimos bancos eram reservados para os negros, porque os negros eram obrigados a sentar-se na porção traseira do ônibus – caso algum branco desejasse se sentar nos brancos de trás, a regra dizia que os negros deveriam ceder os lugares para os brancos, mas que não poderiam se sentar nos bancos da frente. Os dezesseis assentos restantes que se encontravam no meio do veículo poderiam ser ocupados por negros ou por brancos, de acordo com a vontade do motorista. Dentro dessa complexidade de uma viagem de ônibus, havia com frequência alguns conflitos entre os motoristas, em sua maioria brancos, e os passageiros negros.

Eles carregavam armas e tinham o que chamavam de poder de polícia para reorganizar os assentos e fazer cumprir todas as outras regras de segregação nos ônibus. Alguns motoristas de ônibus eram mais malvados do que outros. Nem todos eram odiosos, mas a segregação em si é cruel e, em minha opinião, não havia como tornar a segregação algo decente, legal ou aceitável.<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> “I don't think any segregation law angered black people in Montgomery more than bus segregation.” Ibidem, p. 108. Tradução nossa.

<sup>262</sup> “They carried guns and had what they called police power to rearrange the seating and enforce all the other rules of segregation on the buses. Some bus drivers were meaner than others. Not all of them were hateful, but segregation itself is vicious, and to my mind there was no way you could make segregation decent or nice or acceptable.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 77. Tradução nossa.

No inverno de 1943, Rosa Parks foi colocada para fora de um ônibus em Montgomery pela primeira vez por não ter seguido as regras. O motorista que fez isso tratava mal todas os passageiros negros e ela presenciou outras vezes o mesmo motorista forçar uma jovem garota negra a sair do ônibus porque ela tinha entrado pela porta da frente – ele a fez descer e entrar novamente pela porta de trás.

[...] o ônibus veio e a parte de trás estava lotada de negros. Eles estavam até nos degraus que subiam pela porta dos fundos. Mas na frente havia lugares vagos até os da dianteira. Então eu entrei na frente e passei por um pequeno grupo de pessoas em pé atrás, e olhei para a frente e vi o motorista parado ali olhando me devorando. Ele me disse para sair do ônibus, ir até a porta dos fundos e entrar. Eu disse a ele que já estava no ônibus e não via necessidade de descer do ônibus, e como iria me espremer, afinal? Então ele me disse que se eu não pudesse entrar pela porta dos fundos, teria que descer do ônibus – “meu ônibus”, disse ele. Eu fiquei onde estava. Ele voltou e pegou a manga do meu casaco; não meu braço, apenas a manga do meu casaco.<sup>263</sup>

No trecho, Rosa Parks relata como foi o primeiro episódio de violência que ela experienciou no ônibus. O motorista não utilizou sua arma naquele momento, mas pegou Rosa pela manga da blusa com muita força e colocou-a para fora do ônibus. “Ele estava parado perto de mim e disse: ‘Desça do meu ônibus’. Eu disse: ‘Vou sair’. Ele parecia que estava pronto para me bater. Eu disse: ‘Eu sei de uma coisa. É melhor você não me bater’. Ele não me bateu”<sup>264</sup>, lembra ela. As outras pessoas negras no ônibus pareciam cansadas de estar em pé ali – e ainda mais cansadas para defenderem Rosa. Algumas das pessoas ainda se perguntaram por que ela simplesmente não acatou as ordens do motorista, como todas as pessoas negras faziam. “Isso foi na década de 1940, quando as pessoas aguentavam muito sem revidar”<sup>265</sup>, lamenta Rosa Parks.

Em 1900, os cidadãos negros da cidade se organizaram em um boicote aos bondes até que a Câmara Municipal revogasse as leis que restringiam os bancos para pessoas negras. A partir desse boicote, a nova legislação determinava que o passageiro negro não

---

<sup>263</sup> “[...] the bus came along, and the back was crowded with black people. They were even standing on the steps leading up from the back door. But up front there were vacant seats right up to the very front seats. So I got on at the front and went through this little bunch of folks standing in the back, and I looked toward the front and saw the driver standing there looking at me. He told me to get off the bus and go to the back door and get on. I told him I was already on the bus and didn't see the need of getting off the stepwell, and how was I going to squeeze on anyway? So he told me if I couldn't go though the back door I would have to get off the bus – “my bus”, he called it. I stood where I was. He came back and he took my coat sleeve; not my arm, just my coat sleeve.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 78. Tradução nossa.

<sup>264</sup> “He was standing over me and he said, ‘Get off my bus.’ I said, ‘I will get off’. He looked like he was ready to hit me. I said, ‘I know one thing. You better not hit me.’ He didn't strike me.”. Ibidem, p. 79. Tradução nossa.

<sup>265</sup> “That was the 1940s, when people took a lot without fighting back.”. Idem.

era obrigado a levantar do banco sem que tivesse um outro banco vago para que este pudesse se deslocar. Essa pequena mudança na legislação foi um ganho para a comunidade negra. Entretanto, ao longo dos anos, a legislação segregacionista mudou e decretou novas leis e regras que afetaram o transporte público, principalmente os ônibus. “Em 1945, dois anos após o incidente, o estado do Alabama aprovou uma lei que exigia que todas as empresas de ônibus sob sua jurisdição apliquem a segregação. Mas a lei não especificava o que os motoristas de ônibus deveriam fazer em casos como o meu”<sup>266</sup>, recorda Rosa Parks sobre ter sido expulsa do ônibus em 1943.

Na década de 1950, Montgomery tinha mais ou menos 50.000 afro-americanos vivendo na cidade e a maioria deles utilizava os ônibus, muito mais do que os brancos que tinham mais condições de comprar carros para se locomoverem na cidade. De modo genérico, os ônibus eram utilizados em sua maioria por pessoas negras. Segundo Parks, era muito humilhante ter que utilizar ônibus segregados duas vezes ao dia, cinco dias por semana para ir até a cidade trabalhar para os brancos. De fato, a segregação racial não se limitava apenas aos ônibus, mas também às moradias: os bairros negros eram periféricos e afastados dos bairros centrais que eram ocupados pelos brancos. Os negros e negras se deslocavam diariamente para o trabalho na região central da cidade.<sup>267</sup>

A NAACP, por intermédio do presidente E. D. Nixon, tentou fazer diversas intervenções em relação aos conflitos que aconteciam nos ônibus de Montgomery. A negociação era feita com as empresas de ônibus e não diretamente com a Câmara Municipal. Por isso, os recursos muitas vezes não obtinham sucesso. A primeira vez em que o Sr. Nixon se encontrou com as companhias de ônibus da cidade foi para intervir na questão de negros terem que pagar a passagem na porta da frente e depois terem que dar a volta para entrar pela porta de trás do ônibus. Como resposta, os donos das empresas de ônibus disseram: “O seu pessoal começou isso. Eles fazem isso porque querem”,<sup>268</sup> ou seja, existia entre os empresários a ideia de que tal atitude era uma reação causada pelos próprios negros. Outro caso ressaltado pelo presidente da NAACP foi sobre a rota do ônibus diurno. Havia uma pequena comunidade de pessoas negras que tinha que atravessar a pé uma longa ponte para pegar o ônibus diurno, cuja rota não passava por tal

---

<sup>266</sup> “In 1945, two years after that incident, the State of Alabama passed a law requiring that all bus companies under its jurisdiction enforce segregation. But that law does not spell out what bus drivers were supposed to do in a case like mine.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 108. Tradução nossa.

<sup>267</sup> GARROW, David J. The Origins of the Montgomery Bus Boycott. *Southern Changes*, v. 7, n. 5, 1985, p. 21-27.

<sup>268</sup> “Your folks started it. They do it because they want to.”. *Ibidem*, p. 109.

comunidade. Nixon tentou intervir com as companhias de ônibus, também sem sucesso: a resposta que obteve dessa vez foi “que, contanto que as pessoas estivessem dispostas a caminhar 800 metros e depois pagar para viajar o resto do caminho até o centro da cidade, não precisariam estender a linha de ônibus.”<sup>269</sup>, relata Rosa Parks. Tais falas demonstram a indisposição de negociação das empresas de ônibus em melhorarem a mobilidade das pessoas negras.

Apesar de a maioria das organizações negras serem compostas em sua maioria de homens, Montgomery era exceção. Fundando em 1949, o Conselho Político da Mulher [*Women’s Political Council – WPC*], liderado inicialmente por Mary Fair Burks, tinha como objetivo principal incentivar os afro-americanos a elevarem o pensamento e viverem acima da mediocridade; em outras palavras, o conselho objetivava incentivar a comunidade a agir enquanto grupo organizado para buscar melhorias para os afro-americanos. Além disso, o conselho buscou estreitar as relações entre os funcionários municipais e a comunidade negra, promovendo um envolvimento cívico a fim de abordar políticas racistas e de acabar com elas.<sup>270</sup> Em 1955, a presidente do WPC era Jo Ann Robinson, uma professora de inglês em Alabama State College e uma das membras fundadoras do conselho nos anos 1940. Robinson também sofreu com a agressividade dos motoristas dos ônibus em Montgomery: em 1949 ela foi verbalmente atacada por um deles por ter acidentalmente se sentado em um dos bancos que era demarcado para apenas pessoas brancas. Esse ataque não foi suficiente para mobilizar a comunidade em prol de um boicote organizado, como recorda Rosa Parks:

Ao longo dos anos, ela [Jo Ann Robinson] teve sua cota de desentendimentos com motoristas de ônibus, mas no começo ela não conseguia fazer as outras mulheres do Conselho ficarem indignadas. Ela era de Cleveland, Ohio, e a maioria delas eram nativas de Montgomery. Quando ela reclamou da grosseria dos motoristas de ônibus, elas disseram que isso era um *fato da vida em Montgomery*. Ela costumava protestar contra a empresa de ônibus em nome do Conselho Político das Mulheres. Finalmente, ela conseguiu que a empresa concordasse que os ônibus parassem em todas as esquinas nos bairros negros, assim como faziam nos bairros brancos. Mas esta foi uma pequena vitória.<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> “[...] that as long as the people were willing to walk the half mile and then pay to ride the rest of the way downtown, they had no need to extend the bus line.”. Idem.

<sup>270</sup> EDITORIAL. Women’s Political Council (WPC) of Montgomery. *Stanford University: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute*. Publicado em: 1º mar. 1949. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/womens-political-council-wpc-montgomery>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

<sup>271</sup> “Over the years she had her share of run-ins with bus drivers, but at first she couldn't get the other women in the Council to get indignant. She was from Cleveland, Ohio, and most of them were natives of

Somente na segunda metade do século XX que as lideranças do WPC conseguiram de fato concentrar recursos e esforços para ir contra os abusos nos ônibus. Para isso, Jo Ann encontrou-se com o prefeito da cidade, William A. Gayle, e com o conselho municipal, que se mostraram desinteressados no que ela tinha como reivindicação. Ela tinha o apoio da Igreja Batista na Avenida Dexter, da qual era membra ativa. Dessas reivindicações, as mulheres do WPC conseguiram apenas promessas de que os motoristas dos ônibus seriam mais corteses com os passageiros negros e que os ônibus parariam em todas as esquinas dos bairros negros.<sup>272</sup>

O que a [Jo Ann Robinson] irritou, e muitos mais de nós, foi que os negros eram mais de sessenta e seis por cento dos passageiros. Foi injusto nos segregar. Mas nem a empresa de ônibus nem os comissários da cidade ouviriam. Lembro-me de ter conversado sobre como um boicote aos ônibus da cidade realmente prejudicaria a coletividade de ônibus em seu bolso. Mas também me lembro de perguntar a algumas pessoas se estariam dispostas a ficar nos ônibus para melhorar as coisas para nós, e elas disseram que tinham que ir muito longe para trabalhar. Portanto, não parecia haver muito apoio para o boicote. A NAACP de Montgomery estava começando a pensar em abrir um processo contra a cidade de Montgomery por causa da segregação de ônibus. Mas eles tinham que ter o reclamante certo e um caso forte. O melhor demandante seria uma mulher, porque uma mulher obteria mais simpatia do que um homem.<sup>273</sup>

Rosa Parks atenta para o fato de que a pessoa necessária para se tornar reclamante da segregação nos ônibus haveria de ser uma mulher. Não bastando ser uma mulher, deveria ser uma mulher que tivesse uma boa conduta e moral dentro dos padrões da sociedade branca e que, acima de tudo, não tivesse nada de ruim ou uma má reputação

---

Montgomery. When she complained about the rudeness of the bus drivers, they said that was a fact of life in Montgomery. She had often brought protest to the bus company on behalf of the Women's Political Council. Finally she managed to get the company to agree that the buses would stop at every corner in black neighborhoods, just as they did in the white neighborhoods. But this was a small victory.” PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. *My Story*. Puffin Books: New York, 1992, p.110. Grifo nosso. Tradução nossa. Grifo nosso.

<sup>272</sup> ROBINSON, Jo Ann Gibson; GARROW, David J. *The Montgomery Bus Boycott and the Women Who Started It: The Memoir of Jo Ann Gibson Robinson*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1987.

<sup>273</sup> “What galled her, and many more of us, was that blacks were over sixty-six percent of the riders. It was unfair to segregate us. But neither the bus company nor the city commissioners would listen. I remember having discussions about how a boycott of the city buses would really hurt the bus company in its pocketbook. But I also remember asking a few people if they would be willing to stay off the buses to make things better for us, and them saying that they had too far to go to work. So it didn't seem as if there would be much support for boycott. The Montgomery NAACP was beginning to think about filing suit against the city of Montgomery over bus segregation. But they had to have the right plaintiff and a strong case. The best plaintiff would be a woman, because a woman would get more sympathy than a man.”. Idem. Tradução nossa.

que pudessem ser usados contra ela, “[...] e não tivesse feito nada de errado além de se recusar a desistir de seu assento.”<sup>274</sup>, reforça Rosa Parks.

Na primavera de 1955, uma jovem negra, Claudette Colvin, se recusou a ceder seu banco para uma pessoa branca. Colvin estava acompanhada de uma outra senhora negra e estavam sentadas na mesma sessão destinada para pessoas negras. Quando o motorista do ônibus ameaçou as duas mulheres de chamar a polícia, a senhora se levantou e deixou o ônibus, mas Claudette se recusou a deixar o ônibus alegando que teria pagado a passagem e não tinha, portanto, razão para sair. Ao chegarem, os policiais arrastaram a jovem de dentro do ônibus e a levaram presa.

Bem, o nome dela era familiar para mim e descobri que Claudette Colvin era bisneta do Sr. Gus Vaughn, o homem negro sem mistura com todas as crianças de Pine Level que se recusavam a trabalhar para o homem branco. Sua bisneta deve ter herdado seu senso de orgulho. Tive um interesse particular na garota e no caso dela.<sup>275</sup>

Depois da prisão da jovem, um grupo de ativistas organizou uma petição junto às companhias de ônibus da cidade e aos órgãos municipais pedindo um tratamento mais amistoso e não agressivo dos motoristas e dos policiais para com as pessoas negras. Além disso, a petição pedia que não houvesse sinais de segregação nos ônibus. Nesse momento, a petição não exigia o fim da segregação racial no transporte público da cidade, apenas uma melhor organização espacial dos veículos. Outra demanda da petição era que fossem contratados motoristas negros. Os órgãos municipais e a companhia de ônibus demoraram dois meses para responder a petição feita pelos ativistas e todo os pedidos nela contidos foram recusados. Em relação a essa recusa, Rosa Parks afirma:

Não desci com os outros para apresentar aquela petição à empresa de ônibus e às autoridades municipais porque não senti que nada pudesse ser realizado. Decidi que não iria a lugar nenhum com um pedaço de papel nas mãos pedindo favores aos brancos. Eu mesmo tomei essa decisão, como indivíduo.<sup>276</sup>

---

<sup>274</sup> “and have done nothing wrong but refuse to give up her seat.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 111.

<sup>275</sup> “Now, her name was familiar to me, and it turned out that Claudette Colvin was great granddaughter of Mr. Gus Vaughn, the unmixed black man with all the children back in Pine Level who refused to work for the white man. His great granddaughter must have inherited his sense of pride. I took a particular interest in the girl and her case.”. Idem.

<sup>276</sup> “I did not go down with the others to present that petition to the bus company and the city officials, because I didn't feel anything could be accomplished. I had decided that I would not go anywhere with a piece of paper in my hand asking white folks for any favors. I had made that decision myself, as an individual.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 112.

Acompanhada de Rosa Parks, Edgar Nixon e Jo Ann Robinson, Claudette Colvin foi levada até o tribunal para ser julgada. A jovem estava disposta a se tornar reclamante para uma reivindicação contra a segregação nos ônibus. Por isso, a NAACP deu início à preparação para o processo, além de levantar fundos para custear a defesa da jovem. Essa movimentação foi feita pela NAACP e pela própria Claudette, que fez discursos em prol do fim da segregação em vários lugares da cidade. No entanto, E. D. Nixon descobriu que Claudette estava grávida e além de ser uma jovem adolescente, não era casada. Esse foi o fim do caso: a NAACP decidiu não utilizar o caso de Claudette Colvin como motivação para iniciar um processo de dessegregação dos ônibus de Montgomery. Mais tarde, durante o boicote dos ônibus, em 1956, Claudette Colvin se tornou uma das ativistas mais ativas pelo fim da segregação. Sobre o caso de Colvin, Rosa Parks explica que “Se a imprensa obtivesse essas informações, eles teriam um dia de luta. Eles a chamariam de menina má, e seu caso não teria chance. Então, decidimos esperar até que seguissemos em frente e investíssemos mais tempo, esforço e dinheiro.”<sup>277</sup>

O ativismo negro na cidade de Montgomery era concentrado, também, nas igrejas, mais especificamente na Igreja Batista, de onde saíram algumas lideranças nacionais dos direitos civis, como Martin Luther King, Jr.. Desse modo, o pensamento da época, apesar de antirracista, era envolvido pelo conservadorismo cristão. Os ativistas ainda não lutavam pelos direitos das mulheres e não lideravam as discussões sobre a liberdade dos corpos femininos. Por esse motivo, o caso de Claudette Colvin abre um espaço para se entender por meio de uma perspectiva interseccional quais as influências do machismo e do racismo na vida das mulheres negras. Além de ser uma jovem de dezesseis anos, Colvin era considerada por muitos como uma menina rebelde, apenas pelo fato de não se calar diante de injustiças, como sua prisão no ônibus em 1955.<sup>278</sup> Partindo de uma visão patriarcal e dos padrões moralistas cristãos e brancos, o fato de a jovem estar grávida denotava que ela era alguém sem moral. Desse modo, a jovem enfrentou não só a opressão de raça dentro de um ônibus segregado, mas também a opressão de gênero por não poder ser a reclamante do caso contra a segregação nos ônibus. A Adriana Piscitelli defende a ideia de que a interseccionalidade propõe o trabalho com as categorias de articulação: a

---

<sup>277</sup> “If the with press got hold of that information, they would have a field day. They'd call her a bad girl, and her case wouldn't have a chance. So the decision was made to wait until we went ahead and invested any more time and effort and money.” Idem. Tradução nossa.

<sup>278</sup> GORDON, Samantha. "Power Dynamics of a Segregated City: Class, Gender, and Claudette Colvin's Struggle for Equality". *Women's History Theses. Women's History Graduate Program. Sarah Lawrence College*, 2015.



interseccionalidade oferece ao pesquisador ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades, como é o caso de Claudette Colvin que combina em si, como indivíduo, múltiplas características que, diante de uma sociedade racista e misógina, podem gerar desigualdades. A pesquisadora adiciona que: “Essas abordagens divergem também em termos das margens da agência concebidas aos sujeitos, isto é, as possibilidades no que se refere à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente.”<sup>279</sup>

Influenciada por Patricia Hill Collins, a historiadora Mara Viveros Vigoya acredita que a interseccionalidade tende a abordar tanto questões macrossociológicas como microssociológicas. Entende-se, a partir daí, que o *black feminism* nos Estados Unidos se utiliza da interseccionalidade para reivindicar políticas para as mulheres negras, que, no fim, seriam políticas benéficas para todas as mulheres e para sociedade como um todo. Dessa forma, ao voltar os olhos para as diferentes experiências das mulheres negras em relação ao sexismo, conclui-se que tais reivindicações seriam benéficas para a sociedade como um todo.<sup>280</sup> Como seria o caso Claudette Colvin, que foi alvejada por dois aspectos opressores da sociedade, o fim desses aspectos seria benéfico para toda sociedade americana, e não apenas para as mulheres negras.

Outro caso de uma cidadã presa por se recusar a ceder o assento do ônibus para um branco foi Louise Smith, que pagou fiança e não quis protestar contra a prisão. Rosa Parks afirma que a corte não se dedicava a petições vindas de pessoas negras. Por isso, julgou-se necessário uma petição maior com presença e apoio de mais pessoas. Nesse caso, seria necessário que uma vítima aceitasse se tornar reclamante e, além disso, enfrentar a pressão que essa petição representaria.

Eu sabia que precisava de um demandante que estava além de qualquer possibilidade, porque estava nas discussões sobre os possíveis processos judiciais. Mas não foi por isso que me recusei a ceder meu assento no ônibus a um homem branco na quinta-feira, 1º de dezembro de 1955. Não pretendia ser presa. Se eu estivesse prestando atenção, não teria entrado naquele ônibus.<sup>281</sup>

---

<sup>279</sup> PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, São Paulo, 2008, p. 267.

<sup>280</sup> Cf. VIGOYA, Mara Viveros, 2016.

<sup>281</sup> “I knew the needed a plaintiff who was beyond reproach, because I was in on the discussions about the possible court cases. But that is not why I refused to give up my bus seat to a white man on Thursday, December 1, 1955. I did not intend to get arrested. If I had been paying attention, I wouldn't even have gotten on that bus.”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 113. Tradução nossa.

No dia 1º de dezembro de 1955, a NAACP encontrou a reclamante perfeita: Rosa Parks. Ela foi presa nessa quinta-feira por ter se recusado a ceder o banco do ônibus para um homem branco. Na obra *My Story*, Rosa Parks relata sob sua visão o dia da prisão. Naquele dia, ela estava participando da organização de um *workshop* que aconteceria nos dias 03 e 04 e seria para jovens adolescentes. A autora conta sobre as dificuldades enfrentadas por ela para conseguir permissão com o presidente do Conselho Trenholm do estado do Alabama e conseguir um lugar para a realização do *workshop*.

No final do dia, então, quando Rosa Parks entrou no ônibus na Court Square em direção à sua casa, o motorista do ônibus era James Blake, o mesmo que a tinha colocado para fora do ônibus doze anos antes, em 1943. Ela viu um lugar vago no meio do ônibus e sentou-se.

A próxima parada era no Empire Theatre, e alguns brancos embarcaram. Eles ocuparam os assentos brancos e um homem ficou de pé. O motorista olhou para trás e notou o homem de pé. Então ele olhou para nós. Ele disse: “Deixe-me ficar com aqueles bancos da frente”, porque eles eram os bancos da frente da seção negra. Ninguém se mexeu. Nós apenas nos sentamos exatamente onde estávamos, nós quatro. Então ele falou uma segunda vez: “É melhor vocês se acalmarem e me deixarem ficar com aqueles lugares.”<sup>282</sup>

Em um ato de coragem, inspirado pelas diversas vezes que ela presenciou pessoas negras sendo destrasadas nos ônibus de Montgomery e pelas vezes que ela mesma tinha sido destrasada até por aquele mesmo motorista, Rosa Parks se recusou a se levantar do seu banco e ceder, mais uma vez, para as injustiças raciais. Sobre esse momento a autora lembra:

As pessoas sempre falam que não desisti do lugar porque estava cansada, mas não é verdade. Eu não estava fisicamente cansada, ou não mais cansada do que normalmente estava no final de um dia de trabalho. Eu não era velha, embora algumas pessoas achem que eu era velha na época. Eu tinha quarenta e dois anos. Não, o único cansaço que eu estava, era cansada de ceder.<sup>283</sup>

---

<sup>282</sup> “The next stop was The Empire Theater, and some whites got on. They filled up the white seats, and one man was left standing. The driver looked back and noticed the man standing. Then he looked back at us. He said, ‘Let me have those front seats,’ because they were the front seats of the black section. Didn’t anybody move. We just sat right where we were, the four of us. Then he spoke a second time: ‘Y’all better make it light on yourselves and let me have those seats.’”. Ibidem, p. 115.

<sup>283</sup> “People always say that I didn’t give up my seat because I was tired, but that isn’t true. I was not tired physically, or no more tired than I usually was at the end of a working day. I was not old, although some people have an image of me as being old then. I was forty two. No, the only tired I was, was tired of giving in.”. Ibid, p. 116.

Por muitos anos, os livros didáticos cumpriram o papel de construir a imagem de Rosa Parks como uma senhora, uma simples costureira que, muito cansada do trabalho, não se levantou do banco do ônibus e foi presa por isso. No entanto, a nova historiografia do movimento por direitos civis reconhece que Rosa Parks vem de uma experiência de militância e atuação ativa na NAACP, desenvolvendo diversos projetos de educação para jovens negros, atuando em casos que eram defendidos pela organização e participando de *workshops* para lideranças negras. Em outras palavras, ao se negar ceder, mais uma vez, o assento para um branco, Rosa Parks praticou um ato não só de coração, mas uma coragem consciente das consequências que isso poderia gerar.<sup>284</sup>

Rosa Parks foi presa e o motorista do ônibus, James Blake, acusou-a de desobediência e imprudência. Durante o transporte até a delegacia, a autora ressalta alguns diálogos entre ela e os dois policiais que foram chamados para prendê-la, que demonstram a indignação dos policiais diante do ato de Parks. Havia a inconformidade dos policiais brancos que não entendiam qual a necessidade de não ceder o assento: eram policiais que estavam dentro de um sistema de privilégios brancos e, acima disso, um sistema racista que fazia com que os brancos não notassem a problemática na segregação. Por isso, durante a viagem até a delegacia, a autora conta que foi questionada diversas vezes do porquê ela não ter cedido seu banco naquela noite. Rosa Parks não foi fisicamente agredida quando foi presa. Ademais, a autora ressalta alguns pontos do tratamento dos policiais durante o tempo que permaneceu na delegacia sob custódia, como ela recorda:

Quando entramos no prédio, perguntei se poderia beber um pouco de água, porque minha garganta estava muito seca. Havia uma fonte e eu estava bem ao lado dela. Um dos policiais disse que sim, mas quando me abaixei para beber, outro policial disse: 'Não, você não pode beber água. Você tem que esperar até chegar à prisão'. Então, não tive a chance de beber um gole de água. Eu não ia fazer nada além de molhar minha garganta. Não ia beber muita água, embora estivesse com muita sede. Isso me deixou com raiva, mas eu não respondi.<sup>285</sup>

---

<sup>284</sup> Schwartz, Barry. Collective Forgetting and the Symbolic Power of Oneness: The Strange Apotheosis of Rosa Parks. *Social Psychology Quarterly*, v. 72, n. 2, 2009, p. 123-142.

<sup>285</sup> "As we entered the building, I asked if I could have a drink of water, because my throat was real dry. There was a fountain, and I was standing right next to it. One of the policemen said yes, but by the time I bent down to drink, another policeman said, 'No, you can't drink no water. You have to wait until you get to the jail.' So I was denied the chance to drink a sip of water. I was not going to do anything but wet my throat. I wasn't going to drink a whole lot of water, even though I was quite thirsty. That made me angry, but I did not respond." PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 118.

Em alguns estados do Sul dos Estados Unidos, havia bebedouros segregados, inclusive nas delegacias. Esse não era o caso da delegacia da cidade a qual Rosa Parks foi encaminhada, mas a atitude do policial de impedi-la de tomar água mostra que não apenas ela deveria se manter ali, mas que ela não poderia utilizar dos bebedouros que eram utilizados por pessoas brancas. Além de proibir que a acusada bebesse água, era, também, uma forma de tortura física e psicológica dos policiais. Por se tratar de uma lembrança escolhida para fazer parte de sua autobiografia, essa passagem foi algo marcante durante a estadia de Rosa Parks na delegacia.

Rosa Parks foi indiciada e chamada para um julgamento que seria no quinto dia de dezembro. Virginia Durr e Edgar Nixon foram junto ao marido e à mãe de Rosa Parks até a delegacia intervir para que ela conseguisse sair da prisão naquele mesmo dia. A partir desse momento, a NAACP se organizou para que o caso de Rosa Parks se tornasse o início de um processo para as reivindicações contra a segregação nos ônibus. “E eu havia trabalhado em casos suficientes para saber que uma decisão não poderia ser tomada sem um queixoso. Portanto, concordei em ser o demandante,”<sup>286</sup> asseverou Rosa Parks.

### **3.1. Boicote aos ônibus de Montgomery**

O boicote de 1900 da cidade de Montgomery gerou uma lei que dizia que as pessoas negras não deveriam ter que ceder seus assentos se houvessem outros assentos vagos, o que – dado o contexto da época – foi um grande avanço. Em contrapartida, gerou também uma lei que proibia os boicotes ao transporte público na cidade. Cinquenta anos depois a situação dos ônibus da cidade era tão ruim quanto no início do século.

Dada a divisão nos bancos dos ônibus, é imprescindível entender a simbologia dessa divisão. Delegar os bancos da frente às pessoas brancas e os bancos de trás às pessoas negras tem uma simbologia muito racista, pois significava delegar-se às pessoas negras seu espaço de inferioridade. Isso derruba a teoria de “separados, porém iguais”, porque igualdade não imperava nos ônibus da cidade. O tratamento dos motoristas de ônibus era uma das reclamações dos afro-americanos de Montgomery: na maioria dos relatos os motoristas tinham um tratamento muito agressivo com os negros, além de terem porte de armas durante as viagens. Ademais, o fato de as pessoas negras entrarem pela frente para pagar a passagem e depois retornarem para entrar novamente no ônibus pela porta de trás também refletia as indignações dos negros e negras. Foi dentro desse

---

<sup>286</sup> “And I had worked in enough cases to know that a ruling could not be made without a plaintiff. So I agreed to be the plaintiff.” Ibidem, p.124.

redemoinho de ações humilhantes e desrespeitosas que surgiu a ação contra a companhia de ônibus de Montgomery, em 1955, a partir da prisão de Rosa Parks nesse mesmo ano.

Por muito tempo agora, os negros de Montgomery e de tantas outras regiões suportaram a paralisia incapacitante do medo, nos ônibus de nossa comunidade. Em muitas ocasiões, os negros foram intimidados, humilhados e oprimidos simplesmente por serem negros. Não tenho tempo esta noite para me aprofundar na história desses casos numerosos, muitos dos quais estão agora perdidos na densa névoa do esquecimento (*Sim*), mas ao menos um deles ergue-se a nossa frente em evidentes proporções (*Sim*).<sup>287</sup>

O trecho foi retirado de uma fonte primária da transcrição do discurso do jovem Martin Luther King proferido na Igreja Batista de Montgomery, em cinco de dezembro de 1955. O reverendo foi chamado à cidade para apoiar o julgamento de Rosa Parks que aconteceria no mesmo dia. Jo Ann Robinson, como presidente do Conselho Político das Mulheres, organizou um boicote aos ônibus que seria, *a priori*, de apenas um dia para fazer corpo e pressão ao julgamento de Rosa Parks para que o caso fosse levado ao tribunal. Além de organizar o boicote, o Conselho Político de Mulheres distribuiu panfletos informativos para a população que diziam:

Isso é para segunda-feira, 5 de dezembro de 1955.  
Outra mulher negra foi presa e jogada na prisão por se recusar a se levantar do assento do ônibus e entregá-lo a um branco.  
É a segunda vez desde o caso Claudette Colvin que uma mulher negra é presa pelo mesmo motivo. Isso precisa ser parado.  
Os negros também têm direitos, pois se os negros não andassem de ônibus, eles não poderiam operar. Três quartos dos cavaleiros são negros, mas estamos presos ou temos que ficar em lugares vazios. Se não fizermos nada para impedir essas prisões, elas continuarão. Na próxima vez, pode ser você, sua filha ou mãe.  
O caso dessa mulher será divulgado na segunda-feira. Estamos, portanto, pedindo a todo negro que fique fora dos ônibus na segunda-feira em protesto contra a prisão e o julgamento. Não pegue o ônibus para o trabalho, para a cidade, para a escola ou para qualquer lugar na segunda-feira.  
Você pode se dar ao luxo de ficar um dia fora da escola. Se você trabalhar, pegue um táxi ou caminhe. Mas, por favor, crianças e adultos, não andem de ônibus só na segunda-feira. Por favor, fique longe de todos os ônibus na segunda-feira.<sup>288</sup>

---

<sup>287</sup> KING, Jr, Martin Luther. *Discurso no Primeiro Comício da Associação Pelo Progresso de Montgomery*. Apresentação de Rosa Louise Parks. In: KING, Jr, Martin Luther. *Um Apelo à Consciência: Os melhores discursos de Martin Luther King*. CLAYBOURNE, Carson; SHEPHERD, Kris (Orgs.); LOPES, Sérgio (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

<sup>288</sup> “This is for Monday, December 5, 1955. / Another Negro woman has been arrested and thrown into jail because she refused to get up out of her seat on the bus and give it to a white person. / It is the second time since the Claudette Colvin case that a Negro woman has been arrested for the same thing. This has to be stopped. / Negroes have rights, too, for if Negroes did not ride the buses, they could not operate. Three-

O texto anterior é a transcrição do panfleto que foi distribuído durante os preparativos para o julgamento de Rosa Parks. Nele, percebe-se que a intenção inicial era informar as pessoas negras do motivo de boicotarem os ônibus e articular um boicote de apenas um dia. Esse panfleto foi impresso na primeira página do jornal *Montgomery Advertiser*, no domingo pré-julgamento. O ponto mais interessante a se destacar é que já se começou a construir a imagem de Rosa Parks como uma senhora distinta que não “merecia” ter sido presa, além de ressaltar a importância da demandante ser uma mulher que apresentasse aspectos morais inquestionáveis para a moralidade da época. Edgar Nixon acreditava que Rosa Parks era a demandante perfeita para o caso por estar aquém de qualquer dúvida moral que pudesse ser posta e além dele, Martin Luther King Jr. também via Rosa Parks como uma mulher distinta, como ele mostra no discurso:

Rosa Parks é uma pessoa distinta. E, já que havia de acontecer, fico feliz que tenha acontecido com uma pessoa como Rosa Parks, pois ninguém pode duvidar da intensidade de seu compromisso cristão e de sua devoção aos ensinamentos de Jesus. E fico feliz, já que havia de acontecer, que tenha acontecido com uma pessoa que ninguém pode acusar de ser um fator de desordem na comunidade (*Isso mesmo*). Rosa Parks é uma cristã distinta, humilde, e ainda de grande caráter e integridade. E, apenas por ter se recusado a levantar, foi detida.<sup>289</sup>

PhD em teologia pela Universidade de Boston e pastor dirigente da Igreja Batista da Avenida Dexter em Montgomery, no Alabama, Martin Luther King veio de uma criação que o denotou uma oratória exemplar. Por isso, aos 26 anos ele já era um dos maiores líderes do movimento por direitos civis, tendo iniciado a sua jornada pela igualdade de direitos durante o boicote aos ônibus na cidade de Montgomery. King tinha como lema para sua militância a desobediência civil. Inspirado em Mahatma Gandhi, King acreditava que as leis segregacionistas eram leis injustas e, mais do que isso, impediam que os afro-americanos exercessem a sua cidadania plena o que ia de encontro com a liberdade que a democracia americana propunha. Portanto, era um dever não só dos cidadãos negros, mas de todos os cidadãos americanos lutar por direitos

---

fourths of the riders are Negroes, yet we are arrested, or have to stand over empty seats. If we do not do something to stop these arrests, they will continue. The next time it may be you, or your daughter, or mother. This woman's case will come up on Monday. We are, therefore, asking every Negro to stay off the buses Monday in protest of the arrest and trial. Don't ride the buses to work, to town, to school, or anywhere on Monday. / You can afford to stay out of school for one day. If you work, take a cab, or walk. But please, children and grown-ups, don't ride the bus at all on Monday. Please stay off all buses Monday.” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 126-127. Tradução nossa.

<sup>289</sup> KING, Jr, Martin Luther. Op. Cit, 2006.

civis e contra a segregação. King era um integracionista e, por isso, acreditava na união de negros e brancos na luta por direitos civis. Se, por um lado, na sociedade americana havia um grupo de supremacistas brancos, havia também alguns poucos brancos em prol das causas do movimento por direitos civis; e o reverendo acreditava que essas pessoas deveriam se juntar aos negros na luta. Nos seus vários discursos, King destacou a sua fé cristã e se utilizou da oratória eclesiástica para se comunicar com a comunidade negra. Impossível não notar como as igrejas negras tiveram grande papel na conquista de direitos civis, até, porque a maioria da comunidade negra era frequentadora das igrejas. Esse espaço tornou-se involuntariamente um espaço de troca de ideais que foi aproveitado pelo movimento por direitos civis. O professor Allison Calhoun-Brown acredita que as igrejas negras foram capazes de mobilizar o movimento por direitos civis, pois os religiosos têm estrutura social para entender o lema da não violência e da desobediência civil.<sup>290</sup>

Na segunda-feira, além do discurso de Luther King na Igreja Batista e dos panfletos distribuídos pelo Conselho Político de Mulheres – que organizou o boicote –, Edgar Nixon fez questão de garantir que a imprensa cobrisse toda a movimentação em volta do julgamento de Rosa Parks, a fim de dar notoriedade para o caso nos jornais brancos de grande circulação, como o *Montgomery Advertiser*, um dos jornais de maior circulação da época. A jornalista responsável por cobrir essa matéria foi Joe Azbell. Além disso, as empresas de táxi se organizaram, nesse dia, para transportar, de forma segura, ao trabalho, as pessoas negras participantes do boicote, enquanto outros trabalhadores foram caminhando para o trabalho. Rosa Parks relembra como foi esse dia:

Naquele dia, eu não tinha ideia de qual seria o resultado, mas acho que todos ficaram surpresos com aquela demonstração de gente ficando fora dos ônibus. Foi uma surpresa para todos, eu acho. Como disse o Sr. Nixon: 'Nós nos surpreendemos'. Nunca antes os negros demonstraram com tanta clareza o quanto aqueles ônibus urbanos dependiam de seus negócios. Mais importante, nunca a comunidade negra de Montgomery se uniu em protesto contra a segregação nos ônibus.<sup>291</sup>

A defesa de Rosa Parks foi feita por Fred Gray. Este e outros advogados foram precursores da *advocacy*, movimento por direitos civis com a intenção de conquistar e

---

<sup>290</sup> CALHOUN-BROWN, Allison. The Black Church, Nonviolence, and the Civil Rights Movement. *Political Science and Politics*, v. 33, n. 2, 2000, p. 168-174

<sup>291</sup> “That day I had no idea what the result was going to be, but I think everybody was quite amazed at that demonstration of people staying off the buses. It was a surprise to everybody, I think. As Mr. Nixon said, 'We surprised ourselves.' Never before had black people demonstrated so clearly how much those city buses depended on their business. More important, never before had the black community of Montgomery united in protest against segregation on the buses.” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 132.

garantir direitos civis para as pessoas negras através de meios legais. A NAACP era adepta da *advocacy* e, por isso, surgiu a ideia de utilizar o caso da prisão de Rosa Parks como demanda para lutar por direitos nos ônibus. Gray trabalhou ativamente na integração das escolas no estado do Alabama e em casos individuais em que negros de tinham acessos negados à universidade.<sup>292</sup> No dia do julgamento de Rosa Parks, o advogado de 26 anos se deparou com um júri relativamente pequeno que declarou a ré culpada e condenada a pagar uma taxa de \$10,00 acrescida de mais quatro dólares que pagariam os custos do julgamento. Entretanto, nem Rosa Parks, nem seu advogado e nem a comunidade negra aceitaram a sentença. A partir do julgamento, as negociações com a empresa de ônibus começaram, na esperança de alcançar algumas reivindicações iniciais. Os ministros das igrejas negras da cidade se juntaram e criaram uma organização para negociar de forma uniforme com a companhia de ônibus, a *Montgomery Improvement Association* (MIA – sigla em inglês) que era presidida por Martin Luther King.<sup>293</sup>

Com a recusa da companhia de ônibus em atender as demandas da comunidade afro-americana de Montgomery, as organizações decidiram continuar com o boicote: não se sabia ao certo quanto tempo o boicote duraria, mas certamente nenhum dos militantes imaginava que o boicote duraria 381 dias. Este ficou conhecido como o início do moderno movimento pelos direitos civis, marcando uma renovação no movimento.

Partindo dessa ideia, faz-se necessário o entendimento do que motivava a segregação no transporte público. Na década de 1950, a cidade de Montgomery contava com 106 525 habitantes, dos quais 50.000 eram pessoas negras.<sup>294</sup> Olhando por esse ângulo, infere-se que representando quase 50% da população da cidade, os negros e negras participavam ativamente da vida econômica da cidade. A maioria da população negra da cidade morava em bairros de periferia e acessavam o centro de ônibus para trabalho e lazer. Dessa forma, portanto, os cidadãos negros eram os que mais acessavam os ônibus da cidade. O professor de sociologia Loïc Wacquant argumenta que o surgimento dos guetos nos Estados Unidos está ligado a questões sociais e raciais de

---

<sup>292</sup> ENTIN, Jonathan L. 'Destroying everything segregated I could find': Fred Gray and integration in Alabama. *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, v. 7, n. 4, 2004, p. 252-278.

<sup>293</sup> EDITORIAL. Montgomery Improvement Association (MIA). *Stanford University: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute*. Publicado em: 5 dez. 1955. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/montgomery-improvement-association-mia>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>294</sup> EDITORIAL. Quick Facts Montgomery County, Alabama. United States Census Bureau. S.d. Disponível em: <<https://www.census.gov/quickfacts/montgomerycountyalabama>>. Acesso em: 10 mar. 2022.



confinamento socioespacial de pessoas negras. Em outras palavras, o surgimento dos guetos foi uma estratégia de delegar os espaços para pessoas negras, o que pode ser definido como segregação socioespacial, dentro da prática social do país. Segundo o sociólogo, houve um esforço ao longo dos anos para transformar o termo “gueto”, tentando desvinculá-lo das questões raciais incutidas nele enquanto conceito. O autor acredita que:

Em princípio, pode parecer que esta redefinição envolva meramente um ajuste técnico, necessário para capturar estruturas emergentes de exclusão urbana que borram ou transpassam a linha de cor. Olhando mais profundamente, percebe-se, porém, que esta mudança é um golpe conceitual, direcionado por considerações “políticas” táticas: ela efetivamente *expurga a raça* da equação causal e *rebaixa o gueto à favela*, embora tudo indique que a divisão preto/branco continue a ser um determinante primordial da expropriação no centro urbano.<sup>295</sup>

A criação dos guetos no Norte do país foi uma consequência da grande migração de pessoas negras do Sul para Norte no século XX, que aconteceu por conta da fuga da segregação e a busca para melhores oportunidades econômicas. Contudo, o Norte estava tão impregnado com o racismo quanto o Sul, mesmo não havendo segregação racial formal, o racismo no Norte se mostrava com restrições menos óbvias como no Sul. Um fator importante que atraía as famílias negras para o Norte eram as maiores oportunidades de emprego industrial e os maiores salários. A Figura 2 mostra a movimentação dos afro-americanos do Sul para o Norte do país durante o século XX:

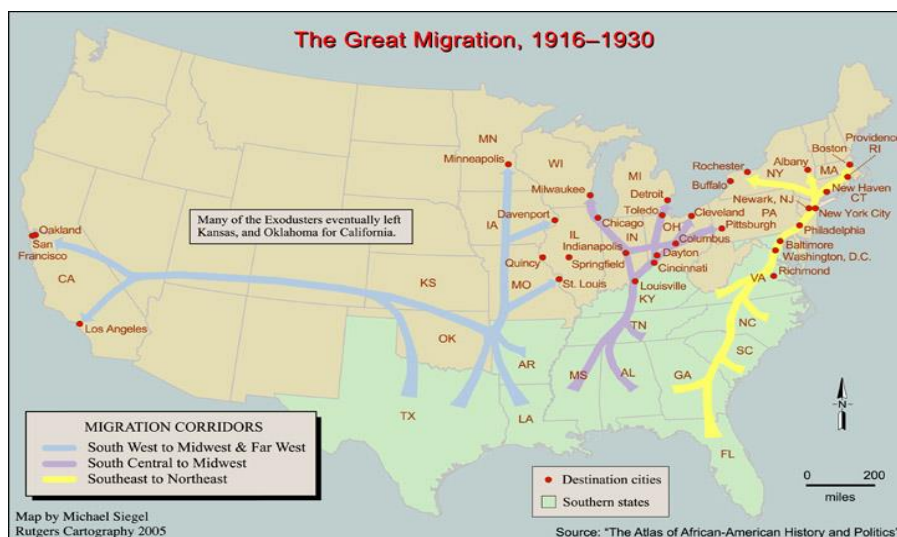


Figura 2 – A Grande Migração, 1916-1930<sup>296</sup>

<sup>295</sup> WACQUANT, Loïc. “Uma cidade negra entre os brancos’. Revisitando o gueto negro da América.” *Política & Sociedade*, 2004, p. 265.

<sup>296</sup> SMAILLWOOD, Arwin D; ELLIOT, Jeffrey M. *The atlas of African-American history and politics: from the slave trade to modern times*. Boston: McGraw-Hill, 1998.

Entender a geografia do racismo nos Estados Unidos é entender também a pobreza e como um se entrelaça ao outro. Devido à superlotação nas cidades do Norte, houve o surgimento dos guetos e, com ele, a constante despreocupação do poder público com as regiões onde a população era mais vulnerável, fenômeno que acontece no país até os dias atuais. Além disso, os guetos sofrem com a estigmatização territorial que denota que os moradores dessas regiões são pessoas de mal caráter e criminosas apenas por morarem em tal localidade. Em outras palavras, havia um processo de exclusão social além do confinamento socioespacial, um processo de exclusão na cidade com quem morava nos guetos, que em sua maioria eram negros, latinos e mães solo.<sup>297</sup>

Por outro lado, os donos de indústria viam os guetos como fonte de extração de mão de obra barata e se beneficiavam dessa exclusão oferecendo aos cidadãos afro-americanos salários e benefícios trabalhistas melhores que as do Sul (mas menos que trabalhadores brancos no Norte), o que atraía trabalhadores. Corretores de imóveis se aproveitavam da segregação espacial para lucrar mais com imóveis, fato que ficou conhecido entre os geógrafos e historiadores como *blockbusting*. Com a superlotação dos bairros de periféricos habitados em sua maioria por afro-americanos e latinos, as famílias negras começaram a comprar imóveis em bairros, ainda pobres, mas brancos. A chegada das famílias negras nesses bairros causou uma onda de violência racial contra as casas dos negros e protestos que reivindicavam a segregação dos bairros. Muitos brancos literalmente fugiram para outros bairros; com isso, os corretores aproveitavam para vender as casas dos brancos por preços mais caros para afro-americanos, o que define o conceito de *blockbusting*.<sup>298</sup>

Montgomery tinha a geografia segregada e os bairros negros, além de estarem localizados na periferia da cidade, eram os mais esquecidos pelo poder público. Uma das reclamações da população negra em relação ao transporte público era a falta de pontos de ônibus nos bairros mais marginalizados, como era o caso do ônibus diurno que não passava nos bairros mais distantes e levava os moradores a atravessar uma ponte e caminhar longas distâncias para chegar à parada de ônibus.<sup>299</sup>

Refletir sobre o Boicote dos Ônibus de Montgomery como um movimento organizado é também pensar sobre mobilidade – não só a mobilidade referente ao acesso

---

<sup>297</sup> HIRSCH, Arnold. Massive Resistance in the Urban North: Trumbull Park, Chicago, 1953-1966. *The Journal of American History*, v. 82, n. 2, 1995, p. 522-550.

<sup>298</sup> WACQUANT, Loïc. Op. Cit., 2004, p. 265.

<sup>299</sup> PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992.

limitado das pessoas negras às regiões centrais da cidade, mas a mobilidade como uma rede elaborada para promover o deslocamento de pessoas negras enquanto durasse o boicote. Os documentos sobre o evento mostram o sentimento de solidariedade que moveu as pessoas negras da cidade e foram movidos esforços para reverter o que a segregação tinha feito durante anos. As pessoas começaram a entender, portanto, que a mobilidade é algo que vai além de não poder sentar-se em qualquer lugar dentro de ônibus, era a liberdade de trânsito dentro da cidade.<sup>300</sup> Esse evento tornou-se parte da história dos Estados Unidos, como previu Martin Luther King no discurso em 05 de dezembro de 1955:

Aqui mesmo em Montgomery, quando os livros de história forem escritos no futuro, alguém terá que dizer, “Ali viveu um povo (*Muito bem*), ‘um povo negro, de negra face e carapinha’ (*Sim*), um povo que teve a coragem moral de lutar pelos seus direitos. E, por isso, injetou um novo significado nas veias da história e da civilização.” E nós faremos isso. Deus consente que o façamos antes que seja tarde. Enquanto prosseguimos com o nosso programa, pensemos em tudo isso.<sup>301</sup>

O geógrafo e pedagogo Derek Alderman propõe uma revolução no modo de ensinar o boicote aos ônibus de Montgomery para os estudantes da educação básica. Nessa perspectiva, o autor faz uma releitura do Movimento pelos Direitos Civis como um movimento econômico de levante contra a supremacia branca nos Estados Unidos no meio do século XX, tendo Martin Luther King como a liderança mais conhecida. Aqui, há uma problemática, tendo em vista que havia diversas lideranças no movimento, inclusive lideranças femininas. De fato, Martin Luther King, dentro de toda simbologia que representava, era um grande líder, mas não estava isolado nesse posto. “Singular e capitalizado” é como Alderman classifica eventos que no século XXI, tomaram uma proporção menos politizada, exatamente pela produção de ídolos singulares – o que cria uma visão higienizada e normativa do movimento como um todo. Jacquelyn Down Hall trabalha com a ideia de um longo movimento pelos Direitos Civis, e não como um movimento datado.<sup>302</sup> A proposta é reexaminar o movimento e o boicote dos ônibus de Montgomery como o “ato de reconstruir a história está inextricavelmente ligado às

---

<sup>300</sup> Cf. ALDERMAN, Derek H., 2013.

<sup>301</sup> KING, Jr, Martin Luther. Op. Cit., 2006.

<sup>302</sup> DOWD, Jacqueline Hall. Longo Movimento por Direitos Civis e os Usos Políticos do Passado. VIEL, Jefferson Martins (trad.). *Journal of American History*, v. 91, n. 4, mar. 2005.

práticas políticas, ou práxis, de transformação do presente e do futuro.”<sup>303</sup> Com outras palavras: há a possibilidade de olhar para o movimento a partir de uma ótica que proporcione uma análise mais politizada dos eventos, enfatizando ações individuais e locais e as ações maiores e coletivas. Isto é, pensar no empoderamento individual das pessoas que se engajaram nas atividades do movimento na expectativa de viver uma vida mais digna, como foi o que aconteceu com os cidadãos de Montgomery quando boicotaram os ônibus da cidade. Nem todas aquelas pessoas eram consideradas militantes e líderes ativistas, mas com ações individuais tornaram-se corpo ativo do movimento.

A MIA, criada em 1956 por Martin Luther King, e outras lideranças religiosas da cidade ficaram responsáveis pelas negociações com a empresa de ônibus da cidade e com os representantes da prefeitura. Inicialmente, a organização levantou uma série de reivindicações necessárias para acabar com o boicote, como o melhor tratamento nos ônibus, a contratação de mais motoristas negros, o fim da necessidade de ter que entrar pela porta de trás do ônibus e a melhor organização nos assentos. Entretanto, a empresa de ônibus não aceitou as reivindicações, o que levou à continuação do boicote. Todavia, com tantos dias de boicote era necessário se pensar como transportar as pessoas negras, já que, no começo de 1956, aproximadamente 17.000 pessoas negras estavam fora dos ônibus públicos o que gerou a necessidade de um transporte alternativo para elas. A partir disso, criou-se um comitê de transporte que era responsável por organizar as viagens das pessoas utilizando táxis. Algumas empresas de táxis, a maioria de pessoas negras, faziam o transporte dessas pessoas todos os dias. Os táxis pegavam os passageiros em lugares estratégicos da cidade principalmente em bairros negros, e deslocava-os para o centro da cidade. Essas viagens eram feitas a um preço acessível de \$0,10, o que cobria os gastos com o transporte e ao mesmo tempo possibilitava que mais pessoas pudessem acessar esse meio de transporte. Como ações individuais, muitos negros e negras caminhavam até a escola e/ou trabalho como forma alternativa de traslado e de protesto. Aliás, “as calçadas ficavam tomadas de pessoas negras”<sup>304</sup> afirma Rosa Parks. O Comitê de Transporte ficou responsável por mapear as melhores rotas que os táxis poderiam fazer para pegar os passageiros, como afirma Derek Alderman:

A cada dia, aproximadamente 325 carros particulares operados por motoristas voluntários pegavam passageiros em 43 estações de despacho e 42 estações de coleta. Das 5h às 10h, os boicotadores foram

---

<sup>303</sup> ALDERMAN, Derek H. Reexamining the Montgomery Bus Boycott: Toward an Empathetic Pedagogy of the Civil Rights Movement. *The Professional Geographer*, v. 65, n. 1, 2013, p. 137.

<sup>304</sup> “the sidewalks were filled with people”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 132.

apanhados perto de seus bairros em estações de despacho, com dezenas de carros partindo a cada dez minutos para transportar as pessoas para as áreas onde trabalhavam ou para uma estação central de câmbio, onde poderiam se transferir para outro carro. A partir das 13h00 às 20h, os trabalhadores seriam transportados das estações de coleta próximas aos seus empregos e devolvidos à estação de despacho onde começavam o dia. As programações do *carpool* foram postadas em locais públicos e estima-se que o sistema transportou mais de 1.000 pessoas por dia e um total de aproximadamente 200.000 passageiros durante todo o boicote (Gilliam 1989).<sup>305</sup>

Para analisar a organização espacial e geográfica do boicote, o Derek Albernan utiliza a autobiografia de Jo Ann Robinson como uma forma estratégica de buscar novas narrativas para tal evento, principalmente narrativas femininas. Robinson foi uma das grandes lideranças do boicote na presidência do *Woman's Political Council*. Além dela, outras mulheres foram invisibilizadas, como o autor afirma:

[...] extrair das memórias de Robinson também é útil para direcionar nossa atenção para o papel que outras mulheres desempenharam no boicote aos ônibus além de Rosa Parks. Vale ressaltar que embora o foco em Rosa Parks pareça reconhecer as contribuições das mulheres, a imagem prevalecente de Parks é a dela realizando um ato de frustração pessoal (por se recusar a ceder seu assento) ao invés de *protesto tático*, o que Robinson e Parks certamente fizeram durante o boicote.<sup>306</sup>

É evidente a busca de Alderman por uma Rosa Parks diferente da imagem construída ao longo da história, vendo-a como uma militante ativa do movimento que, ao cometer o ato de coragem de não ceder seu assento, praticou um protesto tático e consciente. Nessa mesma perspectiva, Jeanne Theoris e Say Burgin argumentam para a necessidade de estudar Rosa Parks na educação básica a partir de novas óticas, não na onda de passividade incutida a ela pela mídia e pela historiografia tradicional. Além disso, os autores atentam que ao lado de Martin Luther King, Rosa Parks era uma liderança que tinha uma representatividade diferente, com mostra o trecho:

---

<sup>305</sup> “Each day, approximately 325 private cars operated by volunteer drivers picked up passengers from forty-three dispatch stations and forty-two pickup stations. From 5 a.m. to 10 a.m., boycotters were picked up near their neighborhoods at dispatch stations, with dozens of cars leaving every ten minutes to transport people to areas where they worked or to a central exchange station where they could transfer to another car. From 1 p.m. to 8 p.m., workers would be transported from pickup stations near their jobs and returned to the dispatch station where they began their day. Carpool schedules were posted in public places and it is estimated that the system transported in excess of 1,000 people a day and a total of approximately 200,000 riders during the entire boycott (Gilliam 1989).”. ALDERMAN, Derek H. Op. Cit., 2013, p. 177. Tradução nossa.

<sup>306</sup> “[...] drawing from Robinson’s memoir is also helpful in directing our attention to the role that other women played in the bus boycott beyond Rosa Parks. It is worth pointing out that although the focus on Rosa Parks would appear to recognize the contributions of women, the prevailing image of Parks is one of her carrying out an act of personal frustration (by refusing to give up her seat) rather than tactical protest, which Robinson and Parks certainly did throughout the boycott.”. Ibidem, p. 177. Tradução nossa.

Quando Blake disse a ela para desistir de seu assento, Parks pensou em Emmett Till, o garoto de quatorze anos que havia sido linchado no Mississippi em agosto [de 1955], e na recente absolvição dos dois homens, Roy Bryant e J. W. Milam, que haviam matado ele. Quatro dias antes, ela compareceu a uma reunião lotada onde o principal organizador do caso Till veio trazer as más notícias da absolvição e a necessidade de continuar lutando. Ela pensou nos muitos anos que lutou por justiça criminal para homens negros acusados injustamente de crimes e para mulheres negras que não conseguiam encontrar justiça depois de serem estupradas. Posteriormente, ela escreveu que, quando o motorista do ônibus disse que a mandaria prender, ela pensou: ‘Vamos olhar para Jim Crow como o criminoso que ele é, e o que ele fez com uma vida multiplicado milhões de vezes nos Estados Unidos’. Não se tratava de sentar-se ao lado de um branco: “Nunca fui o que vocês chamariam de integracionista. Eu sei que fui chamada assim (...) integrar os ônibus não significaria mais igualdade.”<sup>307</sup>

De volta ao boicote, as frotas de táxis para o transporte de afro-americanos eram custeadas por doações e as taxas para as viagens tinham um preço menor do que o convencional, o que gerou uma lei municipal que proibia as empresas de táxis a cobrarem menos de \$0,40 pela corrida. Essa lei fez com que diversos motoristas fossem presos e as empresas de táxis multadas. Essa foi uma das estratégias dos políticos da cidade para tentar acabar com o boicote. A MIA, através de arrecadações, custeou a compra de algumas peruas que fariam o transporte dos afro-americanos e nessa compra houve a atuação das mulheres:

O sistema de *carpool* foi complementado posteriormente com a compra de uma dúzia de peruas, cada uma registrada em nome de uma igreja afro-americana diferente. Parte do dinheiro usado para comprar e abastecer as peruas veio de um grupo de mulheres afro-americanas lideradas por Georgia Gilmore, uma trabalhadora de refeitório demitida por seus esforços de organização. As mulheres vendiam produtos assados em salões de beleza e esquinas para levantar fundos e alimentar boicotadores (Milner 1989). O plano original por trás das peruas era que os afro-americanos organizassem sua própria *Montgomery Transit Company*, mas os comissários da cidade negaram a proposta.<sup>308</sup>

---

<sup>307</sup> THEOHARIS, Jeanne; BURGIN, Say. *Dez maneiras de ensinar Rosa Parks. In: A Terra é Redonda*, 13 abr. 2021. GABRIEL, Daiara; PURDY, Sean (Trad.). History Resources, African American Women in leadership, The Gilder Lehrman Institute of American History, 2019.

<sup>308</sup> “The carpool system was supplemented later by the purchase of a dozen station wagons, each registered in the name of a different African American church. Some of the money used to purchase and fuel the station wagons came from a group of African American women led by Georgia Gilmore, a cafeteria worker fired for her organizing efforts. The women sold baked goods at beauty salons and on street corners to raise funds and feed boycotters (Milner 1989). The original plan behind the station wagons had been for African Americans to organize their own Montgomery Transit Company, but city commissioners denied the proposal.”. ALDERMAN, Derek H. Op. Cit., 2013, p. 177. Tradução nossa.

O trecho mostra que existia a ideia, ainda que muito incipiente, da criação de uma empresa de transporte público organizada e liderada por pessoas negras, o que mostra os frutos que o boicote poderia gerar: não apenas ideais de liberdade, mas ideais de mobilidade digna para afro-americanos da cidade.

Além da reação da política da cidade, tiveram reações violentas promovidas pela sociedade civil. Em janeiro de 1956, a casa de Martin Luther King foi bombardeada enquanto sua esposa Coretta King e a filha do casal estavam lá. Dois dias após esse ataque, Edgar Nixon também teve sua casa bombardeada. Tais ataques representaram a insatisfação dos supremacistas com o avanço do boicote, ao mesmo tempo que testemunharam o sucesso dos boicotadores. Rosa Parks recebia constantes ameaças de morte por telefone, como ela relata:

Houve violência real contra o povo nesta época. A casa do Dr. King foi bombardeada no final de janeiro. Dois dias depois, a casa do Sr. Nixon foi bombardeada. Ninguém tentou bombardear minha casa, mas recebi muitos telefonemas ameaçadores. Eles diziam coisas como: 'Você é a causa de tudo isso. Você deveria ser morta.' Era assustador receber aquelas ligações e realmente me incomodava quando mamãe atendia o telefone e era uma dessas ligações.<sup>309</sup>

O boicote estava afetando financeiramente a empresa de ônibus de Montgomery, já que os ônibus estavam fazendo diversas viagens praticamente vazios. A empresa *National City Lines* era dona da Companhia de Ônibus de Montgomery em 1956<sup>310</sup> e, sem o dinheiro das passagens dos afro-americanos, estava quase indo à falência. Por isso, em fevereiro de 1956, um grupo de pessoas brancas entrou com um recurso judicial para acabar com o boicote utilizando a lei municipal de 1900 que proibia boicote ao transporte público na cidade. A partir do recurso dessa lei que foi regulamentada em 1921, 156 manifestantes foram presos. Uma das fotos mais famosas de Rosa Parks registrando suas digitais na delegacia vem da segunda prisão da ativista devido à aplicação dessa lei. Além de Parks, King também foi preso. Aos presos, foram oferecidas duas opções: pagar uma multa de aproximadamente US\$ 500 ou permanecer na prisão por mais 386 dias. Com a ajuda dos advogados envolvidos no movimento, recursos foram aceitos e os presos foram sendo libertos aos poucos. Martin Luther King Jr. passou apenas duas semanas na prisão.

---

<sup>309</sup> “There was real violence against the people by this time. Dr. King's home was bombed at the end of January. Two days later Mr. Nixon's home was bombed. Nobody tried to bomb my home, but I did get a lot of threatening telephone calls. They'd say things like, 'You're the cause of all this. You should be killed.' It was frightening to get those calls, and it really bothered me when Mama answered the telephone and it was one of those calls.” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 147. Tradução nossa.

<sup>310</sup> Desde 1974 a empresa se chama Montgomery Area Transit System.

A mídia teve um papel importante na frustração dessas prisões considerando a grande repercussão que o boicote tinha alcançado no momento.<sup>311</sup> “Estou orgulhoso de meu crime. O crime de juntar meu povo em um protesto não violento contra a injustiça<sup>312</sup>”, afirmou King sobre sua prisão.

Todos nós tiramos impressões digitais. Fotógrafos de notícias tinham ouvido falar das acusações e estavam lá para fotografar nossas impressões digitais. A minha impressão digital foi publicada na primeira página do *The New York Times*. Anos depois, as pessoas usariam essa foto pensando que era da minha primeira prisão. A MIA pagou a fiança de todos, fomos soltos e voltamos para casa até o início dos julgamentos. Meu marido seria uma testemunha, assim como a mulher que morava do outro lado do beco.<sup>313</sup>

A mulher citada por Rosa Parks no trecho era a esposa de Hilliard Brooks, que foi morto pela polícia dentro de um ônibus. Além de ser assassinado, o homem foi acusado de ser arruaceiro e bêbado e, por isso, sua esposa lutava por justiça por sua morte.

O protesto de Montgomery era classificado como não violento a partir dos ideais de King de praticar resistência à segregação sem o uso da violência física. Para Dr. King, o movimento de luta por direitos civis era uma luta do bem contra o mal, como afirma no discurso de 05 de dezembro:

Aqui nos reunimos, aqui nos reunimos esta noite, porque agora estamos cansados. E quero dizer que não defendemos a violência. Nunca fizemos isso. Quero que por toda Montgomery e por toda a nação se saiba que somos cristãos (*Sim*). Acreditamos na religião cristã. Acreditamos nos ensinamentos de Jesus (*Muito bem*). A única arma que temos em nossas mãos nesta noite é a arma do protesto (*Sim*) [*Aplausos*]. E é só.<sup>314</sup>

Steward Burns organizou uma obra que analisa o boicote de Montgomery na qual dá destaque à metodologia de King enquanto líder e ativista do lema da não violência e como ele conseguiu introduzir esse ideal de protesto dentro do movimento, como o autor explica:

---

<sup>311</sup> BRANCH, Taylor. *Parting The Waters: America*. In *The King Years, 1954-63*. New York: Simon & Schuster/Touchstone, 1989.

<sup>312</sup> BRANCH, Taylor. Op. Cit., 1989.

<sup>313</sup> “We were all fingerprinted. News photographers had heard about the indictments and were there to photograph us being fingerprinted. The picture of me being fingerprinted was carried on the front page of *The New York Times*. In later years people would use that picture thinking it was from my first arrest. The MIA paid everybody's bail, and we were released and went home until the trials started. My husband was going to be a witness, and so was the woman who lived across the alley from us”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 148. Tradução nossa.

<sup>314</sup> KING, Jr, Martin Luther. Op. Cit., 2006.



Sua contribuição sinalizadora para o protesto não violento foi incorporar os princípios e técnicas de Gandhi à cultura da igreja negra que o criou e fazê-lo de maneiras, às vezes sutis e matizadas, que não distorceram ou interromperam esta cultura da igreja, mas em vez disso permitiram que ela se manifestasse efetivamente seu legado latente de resistência.<sup>315</sup>

A metodologia utilizada por King era introduzir a filosofia da não violência nas experiências religiosas. Como seus discursos eram feitos nas igrejas, tal estratégia fazia com que as pessoas se mostrassem empáticas à filosofia e, mais que isso, sentissem-se parte do movimento por estar partilhando da filosofia pacífica juntamente com o líder. Desse modo, os militantes se sentiam como guerreiros humanos que lutavam contra a injustiça acompanhados por Deus, como uma comparação metafórica feita por King em seus discursos. Ademais, King utilizava o termo *goodwill* que seria o amor de Deus agindo na vida das pessoas em prol da justiça: é como se o amor tivesse o poder de transformação social; ou seja, o amor de Deus teria um efeito de transformação social. A vitória no boicote seria, portanto, o triunfo do bem sobre o mal. A partir dessas ideias, King plantou sementes que criaram alianças com organizações negras, com religiosos católicos, protestantes e judeus.<sup>316</sup>

No dia 13 de novembro de 1956, o Conselho Municipal de Montgomery expediu uma ação que impedia a circulação das frotas de táxis na cidade. Segundo a justiça, tais carros circulavam com “contratos privados não licenciados”. Os carros ficaram parados por alguns dias, o que fez com que as peruas compradas pela MIA tivessem que funcionar com a capacidade redobrada. Além do mais, houve o fato que muitos trabalhadores caminharam até o trabalho. Houve diversos ataques da Ku Kux Klan nas pessoas que caminhavam.<sup>317</sup> Nesse mesmo período, a Suprema Corte dos Estados Unidos decretou inconstitucional a segregação nos ônibus de Montgomery, decisão que não chegou aos tribunais da cidade até dia 21 de dezembro do mesmo ano, o que fez com que os afro-americanos caminhassem por quase mais um mês inteiro, tamanha a perseverança dessas pessoas em alcançar o fim da segregação.

---

<sup>315</sup> “His signal contribution to nonviolent protest was to incorporate Gandhian principles and techniques into the black church culture that had nurture him, and to do so in ways, sometimes subtle and nuanced, that did not distort or disrupt this church culture but instead enabled it to manifest effectively its latent legacy of resistance.”. BURNS, Stewart. *Overview...The Provin Ground. In: BURNS, Stewart. Daybreak of Freedom... The Montgomery Bus Boycott*. The University of North Carolina Press, 1997, p.23. Tradução nossa.

<sup>316</sup> Cf. BURNS, Stewart, 1997.

<sup>317</sup> Cf. BURNS, Stewart, 1997.

O caso *Browder v. Gayle*, que dessegregou os ônibus em Montgomery, teve maiores repercussões no estado do Alabama e, por isso, em 05 de junho de 1956, todos os ônibus do estado foram dessegregados, já que a Suprema Corte dos Estados Unidos julgou inconstitucional a segregação dos ônibus por violar a Décima Quarta Emenda Constitucional. Ainda assim, algumas autoridades se negaram aceitar o decreto.

Na manhã seguinte, conforme planejado, ele [pastor Fred Shuttlesworth] levou cerca de 250 cidadãos negros para desafiar a segregação dos assentos nos ônibus de Birmingham, apoiados por King. Ele e outros vinte foram presos. Campanhas de dessegregação de ônibus estavam ocorrendo também em Atlanta, Miami, Mobile, New Orleans e outras cidades.<sup>318</sup>

Após animadas reuniões em massa naquela noite do dia 20 de dezembro, a comunidade negra voltou aos ônibus pela manhã, 381 dias após o início do boicote,<sup>319</sup> dando fim à segregação dos ônibus na cidade a partir de 20 de dezembro de 1956.

A integração dos ônibus de Montgomery não correu bem. Os atiradores atiraram contra os ônibus, e a cidade impôs toques de recolher aos ônibus, não os deixando correr depois das cinco da tarde, o que significava que as pessoas que trabalhavam das nove às cinco não podiam ir para casa. Um grupo de brancos tentou formar uma linha de ônibus exclusiva para brancos, mas não funcionou. As casas e igrejas de alguns ministros foram bombardeadas, como mencionei. Mas, eventualmente, a maior parte da violência morreu. Os negros não teriam medo dos ônibus mais do que teriam medo deles quando se recusassem a viajar.<sup>320</sup>

Como mostra o relato de Rosa Parks, não houve aceitação imediata da população branca, ao invés disso o que ocorreu foram reações violentas, não só em Montgomery, mas em outras cidades em que o processo de dessegregação havia começado. Por outro lado, nem todos os brancos reagiram mal ao fim da separação nos ônibus como mostra Derek Alderman:

---

<sup>318</sup> “The next morning, as planned, he held about 250 black citizens to challenge segregated seating on Birmingham buses, backed by King. He and twenty others were arrested. Bus desegregation campaigns were taking place also in Atlanta, Miami, Mobile, New Orleans, and other cities.” BURNS, Steward. Op. Cit., 1997, p. 29. Tradução nossa. Grifo nosso.

<sup>319</sup> BURNS, Steward. Op. Cit., 1997, p. 26

<sup>320</sup> “Integrating the Montgomery buses did not go smoothly. Snipers fired at buses, and the city imposed curfews on the buses, not letting them run after five p.m., which meant that people who worked from nine to five couldn’t ride the buses home. A group of whites tried to form a whites-only bus line, but that didn’t work. The homes and churches of some ministers were bombed, as I mentioned. But eventually most of the violence died down. Black people were not going to be scared off the buses any more than they were going to be scared onto them when they refused to ride.” PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 149. Tradução nossa.

Relatos históricos tradicionais tendem a enfatizar como alguns brancos “deram” carona aos boicotadores, um retrato bastante passivo dos afro-americanos. Representações de altruísmo branco e egoísmo são mais precisamente entendidas em relação à influência exercida pelas empregadas domésticas no local de trabalho e como elas construíram ativamente oportunidades para “ganhar” caronas durante o boicote, ilustrando o papel da mobilidade diária criada por mulheres no apoio ao boicote.<sup>321</sup>

O boicote, enquanto movimento unificado, ficou conhecido pelos historiadores como o começo do moderno movimento pelos direitos civis, uma vez que, a partir do fim da segregação nos ônibus no Alabama, os ativistas perceberam que o movimento que poderia ser classificado como tímido foi substituído por estratégias e táticas de combate frontal ao racismo e a segregação. Ademais, fica evidente como o movimento teve que se adequar ao modelo de democracia burguesa que era possível reivindicar naquele momento. O liberalismo propunha uma dessegregação lenta e gradual que vai ser criticada pelas lideranças negras durante a década de 1960.<sup>322</sup>

Outrossim, o boicote serviu como instrumento pedagógico para educar os espectadores brancos que acompanharam o evento por meios midiáticos. Não menos importante, a compreensão do boicote e de seus frutos deve ser feita pela ótica de garantia de direitos civis e de identidade racial e mobilidade de pessoas negras no país. Derek Alderman argumenta que existia uma conexão entre o discurso democrático por liberdade e as lideranças do movimento que tentaram costurar a democracia americana e a liberdade dos negros.

Nessa perspectiva, o trauma coletivo dos afro-americanos causado pelo racismo deveria ser averso ao discurso democrático. Em outras palavras, existe um *quitting point* que permitiu a simbolização coletiva das vivências dos negros americanos, o que promoveu, também, a empatia dos não negros a causa. O termo *quitting point*, segundo Derek Alderman, seria o ponto de ligação entre a luta dos afro-americanos nas décadas de 1950 e 1960 e os estudantes negros da atualidade, pedagogicamente o que poderia despertar o interesse dos estudantes nesse assunto.<sup>323</sup> Em outras palavras: o ponto de ligação entre os eventos do movimento por direitos civis que representam a resiliência

---

<sup>321</sup> “Traditional historical accounts have tended to emphasize how some whites “gave” boycotters rides, a rather passive portrayal of African Americans. Depictions of white altruism and selfishness are more accurately understood in relation to the leverage maids exerted in the workplace and how they actively constructed opportunities to “gain” rides during the boycott, illustrating the role of everyday, female-created mobility in supporting the boycott.”. ALDERMAN, Derek H. Op. Cit., 2013, p. 179. Tradução nossa.

<sup>322</sup> Cf. BURNS, Steward, 1997.

<sup>323</sup> Cf. ALDERMAN, Derek, 2003.

dos afro-americanos dos anos 1950 e 1960 e tal sentimento reverberou nos afro-americanos que viveram e vivem no país até hoje.

Nas palavras de Rosa Parks, “O movimento de ação direta pelos direitos civis havia começado.”<sup>324</sup>

### 3.2. Rosa Parks após o Boicote

Durante o boicote, Rosa Parks perdeu seu emprego como costureira em Montgomery e enfrentou problemas com o marido, que foi acometido de depressão. Devido esses motivos, a família Parks se mudou para Detroit no Norte dos Estados Unidos após o boicote, já que Montgomery já não era tão segura. Além das ameaças de morte, Rosa Parks não conseguia emprego na cidade de Montgomery. O que mostra que, mesmo com alguns ganhos, as pessoas negras ainda eram afligidas com a falta de empregos e com a segregação em outros espaços. Apesar da grande visibilidade que o boicote conferiu a Rosa Parks, após a prisão, a situação financeira da família não teve melhora e alguns amigos próximos fizeram arrecadações de dinheiro para ajudar a família da Parks. Mesmo assim, Rosa Parks continuava marcando presença em espaços de luta por direitos e inspirando diversos ativistas pelo país.

As ameaças de morte incessantes foram a principal razão dos Parks para deixar Montgomery; a segunda era que a comunidade de negócios brancos da cidade havia tornado o casal desempregado, rotulando-os de ‘encrenqueiros’. Mas foi o ressentimento amargo de seus supostos amigos que mais feriu Rosa Parks. Antes de dezembro de 1955, ela havia sido uma ‘Girl Friday’ entre seus colegas afro-americanos – uma trabalhadora, militante dos direitos civis, e voltada para o cuidado de sua mãe e marido enfermos. Então, quase literalmente da noite para o dia, ela se tornou a mulher mais célebre – e notória – da história do Alabama, com sua foto estampada em jornais de todo o país. De repente, Parks se viu aclamada como uma quase santa virtualmente em todos os lugares que ela ia nas comunidades negras, e em pouco tempo seus colegas no Movimento pelos Direitos Civis de Montgomery começaram a ficar com ciúmes dessa atenção.<sup>325</sup>

---

<sup>324</sup> “The direct action civil-rights movement had begun”. PARKS, Rosa. HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 160. Tradução nossa.

<sup>325</sup> “The incessant death threats were the Parks' primary reason for leaving Montgomery; the second was that the city's white business community had rendered the couple unemployable by labeling them 'troublemakers.' But it was the bitter resentment of their supposed friends that wounded Rosa Parks most. Before December 1955, she had been a 'Girl Friday' among her African-American peers – a hardworking laborer with a civil rights bent devoted to caring for her ailing mother and husband. Then, almost literally overnight, she had become the most celebrated – and notorious – woman in Alabama history, her picture splashed across newspapers nationwide. Suddenly, Parks found herself lauded as a near saint virtually everywhere she went in black communities, and before long of her colleagues in Montgomery's civil-rights movement began to grow jealous of the attention.” BRINKLEY, Douglas. Op. Cit., 2000, p. 175. Tradução nossa.

Esse trecho foi retirado da biografia de Rosa Parks, escrita pelo historiador Douglas Brinkley. Em sua autobiografia, Rosa Parks não cita eventos em que se sentiu desprezada pelos colegas de movimento. No entanto, existe a possibilidade de esse evento ter ocorrido em menores proporções e, por isso, não valia a pena ser incluído em sua obra autobiográfica, ou pode ter sido apenas uma escolha da autora. Sobre a mudança para Detroit, a autora relata:

As ameaças telefônicas continuaram mesmo após a decisão da Suprema Corte. Meu marido dormia com uma arma por perto por um tempo. Bertha Butler, uma amiga nossa em Montgomery, dizia que minha mãe ligava para ela algumas noites e conversava por longos períodos apenas para ocupar as linhas, de modo que as ligações de ódio demorassem algum tempo. Uma vez, quando eu estava na rua, um homem branco me reconheceu e fez um comentário odioso. Minha foto tinha saído dos jornais e era duvidoso que algum dia eu conseguisse um emprego regular em uma empresa de brancos em Montgomery.<sup>326</sup>

Em 1957, foi criada uma das maiores organizações do movimento por direitos civis liderada por Martin Luther King, a *Southern Christian Leadership Conference* (SCLC), que fez frente de luta por direitos civis no final da década de 1950 e durante a década de 1960. A organização tinha como princípio a filosofia da não-violência e era integrada majoritariamente por religiosos e líderes das igrejas negras do Sul, que era exatamente onde a SCLC mais atuava.

Uma das convenções da SCLC que Rosa Parks destacou em sua autobiografia foi uma conferência em Birmingham que aconteceu durante a Campanha de Birmingham, em 1963. Um destaque foi o chefe de polícia Bull Connor, que agia em conluio com a Ku Klux Klan para reprimir o movimento, o que tornava a repressão ainda mais violenta.<sup>327</sup> No início da década de 1960, Birmingham era uma das cidades mais segregadas: os negros se organizavam para reivindicar por melhores condições de vida e, principalmente, por melhores condições jurídicas para os afro-americanos. Os protestos na cidade começaram com um boicote para pressionar os donos das grandes empresas da cidade a abrirem vagas de emprego para pessoas de todas as raças. O protesto tinha intenção de

---

<sup>326</sup> “The threatening telephone calls continued even after the Supreme Court decision. My husband slept with a gun nearby for a time. Bertha Butler, a close friend of ours in Montgomery, says that my mother would call her some nights and talk for long periods just to jam the lines so the hate calls wouldn't get through for a while. Once, when I was on the street, a white man recognized me and made a hateful remark. My picture had been in the papers, and it was doubtful that I could ever get a regular job in a white business in Montgomery.” PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 161. Tradução nossa.

<sup>327</sup> LOWERY, Charles D.; MARSZALEK, John F.; ADAMS, Thomas Upchurch (Eds.). *Birmingham Confrontation. In: The Greenwood Encyclopedia of African American Civil Rights: From Emancipation to the Twenty-First Century*, 2. ed., Greenwood Press, 2003.

dessegregar os espaços públicos, bem como restaurantes, lojas e escolas. Na campanha houve a vasta participação de jovens estudantes universitários negros e brancos que inspirados nos discursos de King, criaram, em 1960, a *Student Nonviolent Coordinating Committee* [SNCC]. A Campanha de Birmingham foi um dos exemplos de estratégia da tática da não violência e de movimento de massa onde houve protestos de ação direta não violenta, como relata Rosa Parks:

Dr. King estava fechando a convenção com alguns anúncios quando um homem branco da plateia pulou no palco e bateu no rosto do Dr. King com o punho, girando-o até a metade. Pegou a todos de surpresa e, antes que alguém pudesse reagir, o homem estava batendo no Dr. King novamente. Dr. King estava tentando se proteger dos golpes. E então, de repente, o Dr. King se virou para encarar o homem e apenas deixou cair as mãos ao lado do corpo. O homem branco ficou tão surpreso que apenas olhou por um momento, o suficiente para que o reverendo Wyatt Tee Walker e alguns outros se interpusessem entre eles.<sup>328</sup>

Com a ajuda da divulgação massiva na mídia, as imagens de violência contra os protestantes que se mantinham em um ato não violento foram divulgadas, e o chefe da polícia que coordenava os ataques violento na cidade foi retirado do cargo. Os historiadores acreditam que a Campanha de Birmingham foi uma das bases para o Lei dos Direitos Civis em 1964.

Ainda em 1963, houve a Marcha para Washington por Trabalho e Liberdade, organizada por sindicatos e diversas organizações de direitos civis, que ficou conhecida como a Grande Marcha na Washington. Nela, Dr. King proferiu o seu mais famoso discurso *I Have a Dream* (“Eu tenho um sonho”) para uma plateia de negros e brancos de todo o país, que marchou contra a segregação e em reivindicação por mais empregos, moradia decente e serviços públicos para negros e brancos. No discurso, King lembra a audiência que a liberdade para negros seria um benefício para toda a sociedade. Apesar da grande importância política e histórica da marcha, é possível visualizar algumas problemáticas machistas, como mostra Rosa Parks:

Eu também estive na marcha de 1963 em Washington para pressionar por leis federais de direitos civis. As mulheres não tinham permissão para desempenhar um papel importante. O comitê de planejamento da

---

<sup>328</sup> “Dr. King was closing the convention with some announcements When a white man from the audience jumped up on the stage and hit Dr. King in the face with his fist, spinning him halfway around. It took everybody by surprise, and before anyone could react, the man was hitting Dr. King again. Dr. King was trying to shield himself from the blows. And then suddenly Dr. King turned around to face the man and just dropped his hands by his sides. The white man was so surprised that he just stared for a moment, long enough for the Reverend Wyatt Tee Walker and some others to get between them.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 165. Tradução nossa.

marcha não queria que Coretta Scott King e as outras esposas dos líderes masculinos marchassem com seus maridos. Em vez disso, houve procissão separada para eles. Também não houve palestrantes do sexo feminino no programa [...]<sup>329</sup>

Ainda que as mulheres não pudessem participar dos planejamentos da marcha, ela foi bem-sucedida e rendeu a Martin Luther King o prêmio Nobel da paz em 1964. Durante a marcha houve o “Tributo às Mulheres”, em que os organizadores lembravam a participação de algumas mulheres no movimento como Rosa Parks e a dançarina e ativista Josephine Baker, que veio da Europa apenas para participar da marcha. Mahalia Jackson e Mirian Anderson foram as únicas mulheres que tiveram voz na marcha através das músicas que foram convidadas a cantar.

Aquelas de nós que não cantaram não puderam dizer nada, pelo que me lembro – exceto por Lena Horne, que foi apresentada e que então se levantou e proclamou em voz alta: 'Liberdade'. Hoje em dia, a mulher não suporta ficar tanto em segundo plano, mas naquela época os direitos da mulher ainda não haviam se tornado uma causa popular.<sup>330</sup>

Ao analisar uma fonte primária escrita, o historiador tem como princípios três pilares: o contexto em que o documento foi escrito, o autor que escreve e o texto em si. Por isso, ao analisar a autobiografia de Rosa Parks, não se pode retirá-la do momento histórico em que foi escrita, o início da década de 1990, quando os movimentos feministas nos Estados Unidos estavam repensando o papel das mulheres na sociedade e o papel das mulheres negras na sociedade americana, além da interseccionalidade entre as demandas das mulheres negras partindo do princípio de que há uma conexão entre as vivências das mulheres negras, que perpassam por opressões de gênero, raça e classe. O relato de Rosa Parks sobre a Marcha de Washington deixa claro as perversidades do racismo, que fez com que as mulheres deixassem de lado a luta por igualdade de gênero para que pudessem lutar por liberdade e igualdade racial. Mesmo dentro desse movimento de luta contra a segregação, o preconceito de gênero fica evidenciado e, até mesmo, normalizado. Rosa Parks toma uma distância temporal para lembrar dos acontecimentos dos anos 1960, o

---

<sup>329</sup> “I was also at the 1963 March on Washington to push for federal civil-rights laws. Women were not allowed to play much of a role. The March planning committee didn't want Coretta Scott King and the other wives of the male leaders to march with their husbands. Instead there was separate procession for them. There were also no female speakers in the program [...]”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p.166. Tradução nossa.

<sup>330</sup> “Those of us who did not sing didn't get to say anything, as I recall-except for Lena Horne, who was introduced and who then stood and loudly proclaimed, 'Freedom.' Nowadays, woman wouldn't stand for being kept so much in the background, but back then woman's rights hadn't become a popular cause yet.”. Ibidem, p. 166. Tradução nossa.

que a permite um comparativo das relações de gênero do passado e do seu presente. Não cabe a esse trabalho julgar a postura das mulheres dos anos 1960, além de exaltá-las.

Entre outros eventos é imprescindível citar o *Civil Rights Act* em 1964, que foi a conquista da lei pelos direitos civis – que iniciou o processo de dessegregação no país – assinada pelo presidente da época Lyndon Johnson, o qual disse “nós devemos superar”<sup>331</sup>. Tal lei permitia que os negros e negras votassem e utilizassem os espaços públicos. Entretanto, o processo para alcançar esses direitos de fato foi mais longo e duro do que na teoria, tendo em vista que houve reação da supremacia branca, como afirma Rosa Parks no trecho: “Essa Lei dos Direitos Civis de 1964 não resolveu todos os nossos problemas. Mas deu aos negros alguma proteção e alguma forma de obter reparação por tratamento injusto. Ainda havia mais direitos para vencer, e o movimento pelos direitos civis continuou.”<sup>332</sup>

Em Selma, Alabama, houve resistência no direito de registro ao voto das pessoas negras. Por mais que esse direito já estivesse garantido por lei, na prática, a realidade era diferente, e afro-americanos tinham seus registros negados por motivos diversos. Por isso, Luther King, liderando a SCLC, começou a campanha Selma em 1963. Uma das estratégias de confronto não violento foi uma marcha da cidade de Selma até Montgomery, parando no capitólio da cidade, onde estava o conselho de Estado e o governador, George Wallace. A primeira tentativa de marcha foi frustrada pela polícia de Selma, chefiada por Jim Clark, o qual recebeu os manifestantes com chicotadas, bombas de gás e cassetetes. O evento foi transmitido ao vivo pela mídia presente e chocou a população que assistia toda a violência, ficando conhecido como “Domingo Sangrento”. Diversos militantes foram presos, inclusive Luther King. Além de que, um jovem negro foi morto por policiais enquanto tentava marchar pacificamente em frente à prisão que abrigava os militantes encarcerados. Jimmie Lee Jackson teve sua morte noticiada nos jornais dentro e fora do estado que ajudou atrair mais pessoas ao movimento.

A partir da resposta violenta das autoridades de Selma, Luther King convidou todos os cidadãos negros e brancos para participarem da marcha novamente. Dessa vez, ele foi atendido por negros e brancos, católicos e protestantes, que se juntaram à marcha. Assim, a marcha não foi parada por policiais, mas Luther King se recusou a passar

---

<sup>331</sup> “We shall overcome”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p.167

<sup>332</sup> “That Civil Rights Act of 1964 did not solve all our problems. But it gave black people some protection, and some way to get redress for unfair treatment. There were still more rights to win, and the civil-righths movement continued.”. Ibidem, p. 168. Tradução nossa.



acreditando haver perigos no caminho. Tal episódio ficou conhecido popularmente como “Terça-feira da reviravolta”. Naquela noite, membros da Ku Kux Klan atacaram, a pauladas, três ministros brancos que vieram de Boston para compor a marcha ao lado dos militantes: James Reeb foi o que ficou mais ferido e lhe foi negado tratamento no hospital público de Selma e teve que ser transferido para outro hospital, onde faleceu. Dr. King, então, decidiu esperar a justiça deliberar a favor dos manifestantes e tornar a marcha legal, o que aconteceu em 7 de março de 1965 quando a Suprema Corte deliberou que os manifestantes poderiam marchar dentro dos ditames da lei. A marcha contou com aproximadamente 25 mil pessoas, que andaram lado a lado por 85 km de Selma até Montgomery, no Alabama.<sup>333</sup>

Estar naquela marcha foi uma experiência estranha. Parecia que eu tinha saído do Alabama em pouco tempo, mas muitos jovens haviam crescido naquela época. Eles não sabiam quem eu era e se importavam menos comigo porque eles não me conheciam. Os manifestantes naquela última caminhada deveriam estar usando jaquetas de cores especiais ou outras roupas, e eu não estava usando a cor certa. Eles simplesmente me colocaram para fora da marcha, dizendo que eu não deveria estar ali. Eu saí daquela marcha três ou quatro vezes diferentes. Sempre que eles me colocavam para fora, eu ficava de lado até que alguém passasse e dissesse: 'Sra. Parks, venha e entre em marcha.' Eu dizia: 'Eu participei, mas eles me colocaram para fora.'<sup>334</sup>

A marcha de Selma para Montgomery, em 1965, foi mais um exemplo de manifestação não violenta liderada por Luther King. Em agosto do mesmo ano, foi assinada a *Voting Rights Act*, que dava a chance de reavaliar os registros negados que a partir de então seria feito agora por agentes federais.

Após o fim da marcha, Viola Liuzzo, uma dona de casa branca que compôs a marcha, foi assassinada por membros da Ku Kux Klan quando voltava para casa. A violenta morte de pessoas brancas que compuseram o movimento ao lado dos afro-americanos demonstrava o quanto a supremacia branca julgava inadmissível brancos

---

<sup>333</sup> EDITORIAL. History & Culture. Selma to Montgomery. *National Historic Trail Alabama*. Publicado em: 20 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.nps.gov/semo/learn/historyculture/index.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>334</sup> “Being on that march was a strange experience. It seemed like such a short time that I had been out of Alabama, but so many young people had grown up in that time. They didn't know who I was and couldn't care less about me because they didn't know me. Marchers on that final lap were supposed to be wearing special-colored jackets or other clothing, and I wasn't wearing the right color. They just kept putting me out of the march, telling me I wasn't supposed to be in it. I got put out of that march three or four different times. Whenever they would put me out, I would just stand on the sidelines until somebody would pass by and say, 'Mrs. Parks, come on and get in the march.' I would say 'I was in it, but they put me out'.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p. 171. Tradução nossa.

acreditarem em direitos iguais para negros, e como estes deveriam ser combatidos tanto quanto os negros, ou se não com maior violência, para servirem de exemplo.

Mesmo com o fim da marcha, senti que nem tudo estava bem. Ela [Viola Liuzzo] era de Detroit e, por algum motivo, ninguém a avisou que ela não deveria ir e voltar com negros em seu carro à noite. Eu fiquei muito chocada, mas no Sul, naquela época, era apenas uma daquelas coisas na vida que você poderia esperar. Assisti a uma cerimônia em memória de Viola Liuzzo, quando conheci seu marido e filhos.<sup>335</sup>

Em 1964, John Conyers, um advogado negro ligado ao movimento por direitos civis, candidatou-se para ser congressista no Primeiro Congresso Distrital em Michigan e teve Rosa Parks como apoiadora de sua candidatura. Parks não só apoiou como se tornou secretária administrativa após sua eleição, onde trabalhou até 1988 quando se aposentou. Nesse emprego, Rosa Parks era responsável por abrigar ou encontrar casas para pessoas sem teto. Ela começou a trabalhar no escritório de Conyers em primeiro de março de 1965, mesmo ano que um dos seus ídolos, Malcolm X, foi assassinado. Por sorte, Parks teve oportunidade de conhecê-lo pessoalmente antes de sua morte precoce em fevereiro de 1965.

Apesar de não ser adepto da filosofia de não-violência, Malcolm acreditava que a luta contra a opressão racista deveria ser feita da mesma forma com que os brancos avançavam violentamente contra os negros. Apesar de seu discurso mudar ao longo dos anos de militância, o ativista não acreditava, a princípio, em uma integração entre brancos e negros na luta por direitos civis, entendendo que nenhum branco poderia se entregar inteiramente à luta por falta de identificação social com a causa.

Eu o conheci uma semana antes de sua morte. Ele tinha vindo a Detroit para falar e eu estava sentada na primeira fila. Sua casa em Nova York havia sido bombardeada e todas as suas roupas foram danificadas pela água e fumaça, mas ele veio para Detroit mesmo assim, porque havia assumido um compromisso. Falei com ele e ele autografou o programa para mim. Ele havia mudado sua maneira de falar e de se expressar. Eu já o tinha ouvido falar antes, mas agora sua mensagem era totalmente diferente. Eu tinha muita admiração por ele, considerando sua origem e de onde ele vinha e por ter lutado tanto para chegar ao ponto de ser respeitado como um líder do *Black Muslim*. Ele era um homem muito

---

<sup>335</sup> “Even through the march was over, I felt that everything was not well. She was from Detroit, and for some reason nobody had warned her that she should not be going back and forth with black people in her car at night. I was very shocking, but in the South at that time, it was just one of those things in life you might as well expect. I attended a memorial service for Viola Liuzzo, when I met her husband and children.”. *Ibidem*, p. 172. Tradução nossa.

brilhante. Mesmo quando ele estava com o *Black Muslim*, não discordei totalmente dele.<sup>336</sup>

Três anos após o assassinato de Malcolm X, o King foi assassinado no dia 4 de abril de 1968. Ele estava em Memphis, no Tennessee, onde faria um discurso e uma marcha para apoiar trabalhadores negros da coleta de lixo que estavam em greve. King foi baleado e não resistiu aos ferimentos. “Eu fiquei devastada”, relembra Rosa Parks. O funeral de King foi reservado, mas houve em Memphis uma marcha em sua memória. Naquele abril de 1968, o movimento perdeu o maior líder negro dos últimos anos, uma verdadeira inspiração para o movimento negro, mesmo após a sua morte e até mesmo atualmente. “Parecia que estávamos perdendo todos que considerávamos bons”, lamenta Rosa Parks sobre a morte de King e Malcolm X.

O assassinato de Martin Luther King reverberou em revoltas em diversas cidades de Washington D.C., Chicago, Baltimore, Kansas City e em outras cidades do país. Ademais, o candidato à presidência da época, Robert F. Kennedy, deu um discurso sobre a morte do ativista em Indianápolis, onde ele incentivava aos ativistas a continuarem o legado da não violência de King. Por outro lado, Stokely Carmichael acreditava em uma resposta dura ao assassinato.<sup>337</sup>

Além dessas perdas, na década de 1970, Rosa Parks lamenta a perda do marido Raymond Parks, aos 74 anos de idade, acometido por um câncer, e do irmão Sylvester, com poucos meses de diferença, da mesma doença. Sua mãe, Leona McCauley sofria com câncer e faleceu no final da década, com 91 anos de idade.

Em 1987, Rosa Parks realiza um dos seus maiores sonhos que era criar um centro de amparo à juventude negra, o *Instituto Rosa e Raymond Parks*, que promovia autodesenvolvimento e ajudava os jovens negros a continuar o processo educacional e obter um futuro melhor. O instituto era dirigido por Elaine Steele, que era diretora executiva e promovia algumas viagens para Rosa Parks para que ela realizasse palestras

---

<sup>336</sup> “I met him the week before he died. He had come to Detroit to speak, and I was sitting in front row. His home in New York had been firebombed and all his clothes had been damaged by water and smoke, but he came to Detroit anyway because he'd made a commitment. I spoke to him and he autographed the program for me. He had changed his manner of speaking and the way expressed himself. I had heard him speak before, but now his message was altogether different. I had a lot of admiration for him, considering his background and where he came from and his having had to struggle so hard just to reach the point of being respected as a leader of the Black Muslim. He was very brilliant man. Even when he was with the Black Muslim, I didn't disagree with him altogether.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p.177. Tradução nossa.

<sup>337</sup> EDITORIAL. 1968: Martin Luther King shot dead. On this Day. BBC. Publicado em: 4 abr. 1968. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/april/4/newsid\\_2453000/2453987.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/april/4/newsid_2453000/2453987.stm)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

e falasse com os jovens, assim como aspirava desde quando começou sua trajetória de militância antirracista. Parks explica no trecho:

Eu imagino o instituto como um ambiente de centro comunitário que oferecerá programas para os jovens para ajudá-los a continuar seus estudos e ter esperança no futuro. Essa é uma meta que sempre esteve presente em meu coração. Era algo sobre o qual meu marido também falava muitas vezes, pois ele não tinha conseguido uma educação quando era jovem. Por meio do instituto, espero dar bolsas de estudo para jovens que queiram e oferecer cursos em habilidades de comunicação, habilidades econômicas, consciência política e saúde que os ajudará a alcançar seu potencial mais alto e fornecer as habilidades comercializáveis que lhes permitirão contribuir como cidadãos produtivos. Eu gostaria que eles tivessem o mesmo senso de esperança, dignidade e orgulho que foi plantado em mim por minha família e professores.<sup>338</sup>

Ademais, o ônibus em que Rosa Parks foi presa tornou-se parte da linha da Avenida Cleveland, que posteriormente teve seu nome trocado para Rosa Parks Boulevard. Em novembro de 1989, um memorial em homenagem a Rosa Parks foi erguido, uma escultura da ativista desenhada por Maya Lin, arquiteta que criou o Memorial da Guerra do Vietnã, em Washington. Na estátua estavam também os nomes de quarenta ativistas homens e mulheres mortos durante o movimento pelos direitos civis e uma frase de Luther King: “[...] até que a justiça desça como águas e o espírito da justiça como um riacho poderoso”<sup>339</sup>. Sobre ter se tornado um símbolo da luta pelos direitos civis e muitas vezes considerada a “mãe dos direitos civis”, Rosa Parks afirma:

Com o passar do tempo, as pessoas tornaram meu lugar na história do movimento pelos direitos civis cada vez maior. Chamam-me de Mãe do Movimento dos Direitos Civis e Santa Padroeira do Movimento dos Direitos Civis. Tenho mais diplomas honorários, placas e prêmios do que posso contar e agradeço e prezo cada um deles. Os entrevistadores ainda só querem falar daquela noite em 1955, quando me recusei a ceder meu lugar no ônibus. As organizações ainda querem me dar prêmios por aquele ato, há mais de trinta anos. Fico feliz em ir onde for

---

<sup>338</sup> “I envision the institute as a community-center environment that will offer programs for youth to help them continue their education and have hope for the future. That is a goal that has always been close to my heart. It was something that my husband also talked about many times, for he had not been able to get an education as a youngster. Through the institute, I hope to give scholarships to deserving young people and to offer courses in communications skills, economic skills, political awareness, and health awareness that will help them realize their highest potential and provide the marketable skills that will enable them to be contributing, productive citizens. I would like them to have the same sense of hope, dignity, and pride that was instilled in me by my family and teachers.”. PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. Op. Cit., 1992, p.182. Tradução nossa.

<sup>339</sup> “[...]until justice rolls down like waters and righteousness like a mighty stream”. Ibidem, p .185. Tradução nossa.

convidada e em aceitar todas as honras que me forem dadas. Eu entendo que sou um símbolo.<sup>340</sup>

Apesar de nunca ter se considerado uma pessoa pública de fato, Rosa Parks reconhece a importância do seu ato em 1955 e nota que sua vida teve uma grande mudança desde sua prisão e seu engajamento no movimento. Argumenta ainda que, apesar de terem conquistado muitos direitos desde o fim da segregação, o racismo ainda assolava os afro-americanos nos anos 1990 e, por isso, a necessidade da autora em escrever sua própria autobiografia a partir de suas vivências. É assim que a autora finaliza sua autobiografia, afirmando:

Nos últimos anos, tem havido um ressurgimento de atitudes reacionárias. Estou preocupada com as recentes decisões da Suprema Corte que tornam mais difícil provar o padrão de discriminação racial no emprego e com o fato de que o governo nacional não parece muito interessado em investigar violações dos direitos civis. O que me preocupa é que tantos jovens, incluindo estudantes universitários, se declararam supremacistas brancos e que tem havido cada vez mais incidentes de racismo e violência racial nos *campi* universitários. Não foi generalizado, mas ainda é problemático. Parece que ainda temos um longo caminho a percorrer.<sup>341</sup>

Considerando as escritas de si de Rosa Parks, as biografias sobre ela, conclui-se que Rosa Parks foi uma entre tantas mulheres que sofreu com a segregação racial, que é uma das formas de racismo que a população afro-americana sofreu e sofre nos Estados Unidos. Dentro desse contexto, ela serviu como ponte para alcançar o fim na segregação nos ônibus no estado do Alabama. Parks foi analisada como uma senhora cansada, e mostrou, por meio das escritas de si, que esse estigma se tornou obsoleto, levando em consideração o ativismo ativo de Parks. Como ativista Rosa Parks teve papel de inspirar

---

<sup>340</sup> “As time has gone by, people have made my place in the history of the civil-rights movement bigger and bigger. They call me Mother of Civil Rights Movement and the Patron Saint of the Civil Rights Movement. I have more honorary degrees and plaques and awards than I can count, and I appreciate and cherish every single one of them. Interviewers still only want to talk about that one evening in 1955 when I refused to give up my seat on the bus. Organizations still want to give me awards for that one act more than thirty years ago. I am happy to go wherever I am invited and to accept whatever honors are given me. I understand that I am a symbol.”. *Ibidem*, p. 185. Tradução nossa.

<sup>341</sup> “In recent years there has been a resurgence of reactionary attitudes. I am troubled by the recent decisions of the Supreme Court that make it harder to prove the pattern of racial discrimination in employment and by the fact that the national government does not seem very interested in pursuing violations of civil rights. What troubles me is that so many young people, including college students, have come out for white supremacy and that there have been more and more incidents of racism and racial violence on college campuses. It has not been widespread, but still it is troublesome. It seems like we still have a long way to go.”. *Ibidem*, p. 187. Tradução nossa. Em novembro de 1992, o presidente eleito dos Estados Unidos era o republicano George W. Bush, ao qual a autora se refere no trecho.

e empoderar outras mulheres negras que se sentiam excluídas do movimento, e tal inspiração continua ativa até hoje.

#### 4. DE EUNICE WAYMON PARA NINA SIMONE

Entre produções escritas, filmadas, obras e trabalhos acadêmicos muito já foi dito sobre Nina Simone. Desde o ano de falecimento da cantora, em 2003, até os dias atuais, já foram publicadas cinco biografias sobre ela<sup>342</sup> e foram lançados, também dois documentários sobre a vida dela em 2015 (*The Amazing Nina Simone* e *What Happened, Miss Simone?*) e, em 2016 estreou no Brasil o filme de ficção intitulado *Nina*. Cada uma dessas gravações e publicações aborda a vida da cantora em diferentes aspectos, no entanto é perceptível que esse material se esforça para representar Simone de uma maneira única, ou seja, a partir de uma narrativa convencional do que foi a vida da artista. Essa narrativa convencional dá espaço para abordagem de eventos traumáticos da vida e da carreira de Simone, como racismo ou aspectos ligados à sua amizade com os líderes da *The Student Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC – sigla em inglês), o Partido dos Panteras Negras, ou, até o seu relacionamento abusivo com seu segundo marido, Andrew Stroud.

A forma como esses eventos são narrados, com ou sem intenção, tornam Nina Simone uma figura de personalidade forte, marcante e enigmática. Descrita por uns como destemida e corajosa e por outros como assustadoramente triste, ela é sempre retratada como alguém que possuía sentimentos diversos e ambivalentes, com alguns dilemas quase impossíveis de se resolver; tudo isso costurado por um grande talento musical que era impossível de se ignorar, mas que, ainda assim, era visto como resultado de uma vida de sofrimentos e excessos.<sup>343</sup> Entretanto, este trabalho busca, através da fonte privilegiada, a autobiografia de Nina Simone, abrir o prisma de personalidade da cantora, ousadamente livre dos estereótipos que recaem sobre ela.

Uma pesquisa rápida na internet sobre Nina Simone nos leva rapidamente para uma das falas mais impactantes da cantora, que em uma entrevista, diz:

O dever de um artista, para mim, é refletir os tempos. Acho que isso é verdade para pintores, escultores, poetas, músicos. No que me diz respeito, a escolha é deles. Mas eu escolho refletir os tempos e situações em que me encontro. Isso para mim é meu dever. E neste momento crucial de nossas vidas, quando tudo é tão desesperador, quando cada dia é uma questão de sobrevivência, não acho que você possa ajudar,

---

<sup>342</sup> ACKER, Kerry. *Nina Simone*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004. HAMPTON, Sylvia; NATHAN, David. *Nina Simone: Break Down and Let It All Out*. Charlotte: Sanctuary Pub. Ltd., 2004. BRUN-LAMBERT, David. *Nina Simone: The Biography*. London: Aurum Press, 2009. COHODAS, Nadine. *Princess Noire: the tumultuous reign of Nina Simone*. Chapter Hill: The University of North Carolina Press, 2010. LIGHT, Alan. *What Happened, Miss Simone?* Edimburgo: Canogate Books, 2016.

<sup>343</sup> Cf. César, Rafael do Nascimento, 2018.

mas se envolva. Os jovens, brancos e negros, sabem disso, por isso estão tão envolvidos na política. Vamos dar forma e moldar este país ou ele não será mais moldado e moldado de forma alguma. Então eu não acho que você tem escolha, como você pode ser um artista e não refletir os tempos. Isso para mim é a definição de um artista.<sup>344</sup>

No trecho, a cantora revela um dos pilares da sua carreira artística, como cantora e militante por direitos civis, o qual é refletir sobre seu tempo e os acontecimentos nele intrínsecos. Desse tipo de pensamento, surge a busca constante da cantora por sua liberdade enquanto mulher negra e pela liberdade das pessoas negras. Na obra autobiográfica *I Put a Spell on You*, cuja primeira edição foi lançada em 1992, há uma introdução escrita pelo escritor e crítico musical Dave Marsh que define a cantora, entre outras palavras, como “a cantora da liberdade<sup>345</sup>”. Segundo Marsh, Nina Simone era uma das únicas cantoras que fazia arte buscando e esperando viver como uma pessoa livre, e, por isso, a cantora se dedicou veementemente ao Movimento por Direitos Civis, porque durante alguns anos esse movimento representou para ela a busca pela liberdade que ela tanto ansiava.

“Esse é o mundo que você criou para si Nina, agora você deve viver nele<sup>346</sup>”. A frase do romancista e proeminente escritor negro James Baldwin é uma inspiração para a escrita da autobiografia, na qual a autora expõe sua vida a partir das memórias e da sua perspectiva sobre os acontecimentos. Logo no prólogo, a autora ressalta a dificuldade de se lembrar com clareza de todas as suas vivências para relatar com fidelidade em sua autobiografia e explica que o processo de rememorar algumas experiências mostra como estas afetaram-na ao longo dos anos. Daí a mágica da distância temporal dos fatos escritos. A autora ressalta, ainda, que, para a sorte dos leitores, as memórias mais felizes são as mais claras em sua mente. Portanto, pode-se concluir que essa obra foi escrita dentro de um espectro de subjetividade que envolve as lembranças da vida da autora. A autobiografia foi escrita quando a autora tinha 59 anos:

---

<sup>344</sup> “An artist's duty as far as I'm concerned is to reflect the times. I think that is true of painters, sculptors, poets, musicians. As far as I'm concerned it's their choice. But I choose to reflect the times and situations in which i find myself. That to me is my duty. And at this crucial time in our lives when everything is so desperate, when every day is a matter of survival, I don't think you can help but be involved. Young people, black and white, know this, that is why they are so involved in politics. We will shape and mold this country or it will not be shaped and molded at all any more. So I don't think you have a choice, how can you be an artist and not reflect the times. That to me is the definition of an artist.” SIMONE, Nina. *Nina Simone: An Artist's Duty*. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (51 seg). Publicado pelo canal: Nina Simone. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99V0mMNf5fo>>. Acesso em: 17 mar. 2022. Tradução nossa.

<sup>345</sup> MARSH, Dave. *I know how it feels to be free: Nina Simone (1933-2033)*. In: SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. *I Put a Spell On You: the autobiography of Nina Simone*. Cambridge: Da Capo Press, 2003, 2. ed.

<sup>346</sup> “This is the world you have made for yourself Nina, now you have to live in it.” SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., p. IX. Tradução nossa.



Já cruzei o mundo muitas vezes e cada grande cidade guarda sua própria caixa de tesouro de memórias. Tive amantes de muitos países diferentes e me apaixonei por países inteiros e, no caso da África, por todo um continente. As pessoas dizem que você deve se avaliar pelos amigos que tem, e quando olho para os meus fico mais do que contente em ser eu. Ao longo da minha vida, criei um mundo para mim, exatamente como Jimmy disse que faria, e o melhor de tudo é que ainda estou feliz por morar nele, depois de todos esses anos.<sup>347</sup>

Nina Simone é uma cantora que ficou mundialmente conhecida por suas letras emblemáticas que denunciavam o racismo que ela vivenciava nos Estados Unidos, mas seria muito reducionismo pensar em Nina Simone apenas como uma ativista dos direitos civis. Ela, de fato, era mas é necessário pensar na cantora como uma artista completa que desenvolveu um estilo próprio de performance, influenciada por sua trajetória na música e na vida. A interseccionalidade que envolve a carreira de Nina Simone se evidencia nos aspectos relacionados a ela ser uma mulher e sofrer, na indústria, opressão de gênero por não se encaixar nos padrões esperados de uma mulher, principalmente no início da sua carreira em 1950, e por se tratar de uma mulher negra, que sofria, também, com o racismo durante toda a sua vida.

#### **4.1. Eunice Waymon antes de Nina**

O primeiro capítulo da obra da vida de Nina Simone é dedicado a suas origens e mostra sua ancestralidade indígena. Nos arredores da Carolina do Norte, mais especificamente em um condado chamado Chesney Couty, havia uma indígena que lutou por sua vida, a tataravó de Eunice Waymon que se casou com um africano escravizado, cujo nome não é mencionado. Antes de se tornar condado, Chesney County era uma grande *plantation* escravocrata no século XIX e por isso o casal teve filhos que nasceram em um contexto de escravidão. Simone evoca o fato de saber pouco sobre sua árvore genealógica, entretanto afirma que a família é marcada pela miscigenação.<sup>348</sup> Apesar disso, há o conhecimento, na família, que, além de indígenas e africanos, existiram, também, irlandeses. Ou seja, alguns membros da família tinham a pele mais clara do que

---

<sup>347</sup> “I’ve criss-crossed the world many times and every big city holds its own treasure-box of memories. I’ve had lovers from many different countries and I’ve fallen in love with whole countries, and, in the case of Africa, with a whole continent. People say you should measure yourself by the friends you have, and when I look at mine I’m more than content to be me. Through my life I made a world for myself just Jimmy said I would, and the best thing of all is that I’m still happy to live in it, after all these years.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed. Tradução nossa.

<sup>348</sup> Cf. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. 2003.

outros como herança da mistura. Sobre a família do pai de Eunice pouco se sabe além do fato do casamento com a mãe da cantora em 1922, como mostra o trecho:

Eles se casaram em Inman em 1922. No ano seguinte, meu irmão John Irvine nasceu e, no ano seguinte, minha irmã Lucille. Papai manteve mamãe ocupada e no ano seguinte ela deu à luz gêmeos, meus irmãos Carrol e Harold. Com apenas seis semanas de idade, Harold contraiu meningite espinhal. Naquela época, não havia muito que se pudesse fazer a respeito de uma doença como essa, e se supunha que Harold morreria. Ele não fez isso, mas ele era muito jovem para uma luta tão dura e a doença o deixou paralisado de um lado. Quando Harold cresceu, a família consideraria suas primeiras semanas como prova de seu espírito de luta. Harold era realmente duro - tão duro que você quase poderia chamá-lo de mau. Talvez seja porque ele nunca perdoou o mundo pela injustiça que ele infligiu a ele.<sup>349</sup>

Apesar da família ter sofrido bastante com a paralisia de um dos gêmeos, se mantiveram unidos, e o pai trabalhava muito para sustentar os filhos. Por isso, a autora descreve o pai como um gênio que poderia fazer qualquer coisa, todavia, olhando por outra ótica, é evidente que o pai era mais um dos chefes de família negros que se adaptava às novas circunstâncias para conseguir trabalho, mesmo sem ter frequentado escola. Eunice ressalta que, sendo um homem negro no início do século XX, significava que ele estava em patamar inferior na sociedade, principalmente em se tratando da sociedade supremacista no Sul do país. Mesmo assim, ele conseguia garantir o respeito tanto de negros como de brancos.<sup>350</sup>

Na década de 1920, a família Waymon se mudou do condado de Chesney para a Carolina do Norte e, em 1929, nasceu Dorothy a quinta filha do casal. Quando a família se muda para Tryon, que ao longo dos anos se tornou uma cidade com grande movimentação turística, por ter ganhado a fama de ser uma cidade muito hospitaleira com os visitantes. Apesar de toda hospitalidade, Tryon era uma cidade segregada. A relação entre os negros e brancos da cidade era cordial, apesar da segregação; todavia, fica explícito que os serviços públicos da cidade eram voltados ao bem-estar dos brancos da

---

<sup>349</sup> “They married in Inman in 1922. The next year my brother John Irvine was born, and the year after that my sister Lucille. Dad kept Mom busy and the next year she gave birth to twins, my brothers Carrol and Harold. At just six weeks old Harold caught spinal meningitis. In those days there wasn't much that could be done about a disease like that, and it was assumed Harold would die. He didn't, but he was very young for such a hard fight and the disease left him paralyzed down one side. When Harold was grown, the family would hold up his first few weeks as evidence of his fighting spirit. Harold was tough all right - so tough you could almost call him mean. Maybe that was because he never forgave the world for the injustice it had inflicted on him.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003 (2ed), p. 2. Tradução nossa.

<sup>350</sup> Ibidem, p. 03.

cidade, considerando que os espaços públicos privilegiados eram reservados para a população branca em detrimento da população negra.

As relações entre a comunidade negra e branca sempre foram muito cordiais: é claro que não havia política de justiça racial em Tryon, era apenas uma pequena cidade tranquila com um conselho que cuidava apenas para garantir que nada acontecesse para estragar a vida pacífica que os brancos levavam.<sup>351</sup>

Apesar da situação, havia alguns espaços integrados, anteriores ao movimento de dessegregação, como, por exemplo, campeonatos esportivos entre as escolas. Segundo relatos, era comum times das escolas brancas jogando contra times de escolas negras.<sup>352</sup> As igrejas também participavam dessa integração tímida na cidade: alguns líderes brancos participavam de congregações que eram negras, além da comunidade trocar trabalhos sociais com a comunidade branca.<sup>353</sup> A vida na cidade era baseada na vida religiosa, que era muito forte na época, por isso Eunice teve em sua infância a presença latente dos ensinamentos bíblicos, não apenas pela tradição da cidade, mas também pela religiosidade exacerbada da mãe Mary Kate Waymon:

A vida social se desenvolvia principalmente em torno da igreja. As maiores igrejas da cidade eram os metodistas e os batistas, seguidos pelos episcopais. Mais abaixo estava a igreja da Santidade, os Santos-roladores, que eram desprezados pelos outros. Era uma coisa social, porque a congregação da Santidade vinha principalmente da parte mais pobre da cidade. De todas as igrejas, a Santidade era a mais integrada, porque no nível mais baixo Tryon era racialmente mestiço de qualquer maneira. Descendo a rua de onde morávamos, havia uma família com mãe e filhos negros. Ninguém comentou sobre isso - assim era para os mais pobres dos pobres.<sup>354</sup>

A família Waymon era Metodista: o pai era diácono da igreja e a mãe era uma anciã da igreja, um dos cargos mais prestigiados da igreja, porque ela ficava responsável

---

<sup>351</sup> “Relations between the black and white community were always very cordial: of course there was no policy of racial justice in Tryon, it was just an easygoing small town with a council which existed only to ensure nothing happened to spoil the peaceful life the white folks led”. Ibid, p. 5. Tradução nossa.

<sup>352</sup> CANADY, Andrew McNeill. The Limits to Improving Race Relations in the South: The YMCA Blue Ridge Assembly in Black Mountain, North Carolina, 1906-1930. *The North Carolina Historical Review*, v. 86, n. 4, 2009, p. 404-436.

<sup>353</sup> SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003 (2ed).

<sup>354</sup> “Social life mainly revolved round church. The biggest churches in town were the Methodists and the Baptists, followed by the Episcopalians. At the bottom was the Holiness church, the Holy-rollers, who were looked down on by the others. It was a social thing, because the Holiness congregation came mostly from the poorest part of town. Of all the churches the Holiness was the most integrated, because at the lowest level Tryon was racially mixed anyhow. Down the street from where we lived there was a family with mother and black children. Nobody remarked on it - that how was for the poorest of the poor.”. Ibidem, p. 05. Tradução nossa.

por ajudar o Ministro da igreja a cuidar do ambiente, juntamente com os diáconos. Em outras palavras, o casal Waymond levava os trabalhos eclesiásticos muito a sério e criou os filhos dentro desse espectro religioso. “A vida em casa seguia regras muito rígidas: nunca havia bebida alcoólica em casa e não havia palavrões. Uma família cristã<sup>355</sup>”, recorda Simone em uma passagem em sua autobiografia.

No final de 1929, os Estados Unidos passam pelo maior processo de depressão na história do capitalismo, o qual não afetou só o país, mas, também, os países que mantinham comércio ativo com os Estados Unidos. Houve queda nas taxas de venda de produtos, porque as pessoas perderam o poder de compra, simultaneamente muitas empresas faliram o que gerou uma onda de desemprego, elevando a taxa a níveis altíssimos.<sup>356</sup> Desempregados, os cidadãos começaram a passar fome. A família Waymon sentiu duramente os efeitos da crise, como relata a autora no trecho:

Mas então veio a Depressão. Tryon era uma cidade turística e as primeiras coisas a parar quando o dinheiro ficava curto eram luxos como uma viagem às montanhas. O comércio de verão começou a diminuir e, no inverno de 1931, o lugar parecia uma cidade fantasma. Mais da metade da lavagem a seco que papai cuidava em sua loja vinha de visitantes da cidade, e o negócio simplesmente desapareceu. Embora meu pai e seu parceiro tenham dispensado os motoristas que tinham, o trabalho de transporte tornou-se cada vez mais assustador e eles não estavam ganhando dinheiro para pagar os pagamentos do caminhão. Todo o dinheiro que a barbearia ganhava era para alimentar a família. Havia um pouco salvo, mas logo foi gasto. Certa manhã, meus irmãos olharam pela janela na frente da casa e a caminhonete havia sumido. Mamãe sempre cuidou muito bem do jardim, plantando vegetais, conservando frutas e criando algumas galinhas. Foi uma sorte ela ter feito isso, porque naquele inverno o jardim os impediu de passar fome. No Natal de 1931, a barbearia, a lavanderia e o caminhão haviam desaparecido. Papai foi pego [pela crise].<sup>357</sup>

---

<sup>355</sup> “Life at home was run along very strict rules: there was never a liquor in the house and there was no profanity. A Christian household”. Idem. Tradução nossa.

<sup>356</sup> LEVINE, Lawrence W. American Culture and The Great Depression. *The Yale Review*, v. 74, n. 2, 1985, p. 196-223.

<sup>357</sup> “But then the Depression came. Tryon was a resort town and the first things to go when money gets short are luxuries like a trip to the mountains. The summer trade started to dry up, and by the winter of 1931 the place was like a ghost town. More than half of the dry cleaning Daddy handled in his shop came from visitors to the town, and that business just vanished. Even though my father and his partner laid off the drivers they had, haulage work became more and more scare and they weren't making the money to meet the payments on the truck. Any money that the barber shop made went on feeding the family. There was a little saved, but that soon got spent. One morning my brothers looked out of the window at the front of the house and the truck was gone. Momma had always taken really good care of garden, growing vegetables, canning fruit and keeping a few chickens. It was lucky she did, because that winter the garden kept them from starving. By Christmas 1931 the barber shop, dry cleaners and the truck were gone. Daddy was busted.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003 (2<sup>nd</sup> ed), p. 04, Tradução Nossa.



Figura 3 - População negra lota as filas da sopa gratuita oferecida pelo governo americano. Destaque para o contraste entre a fome da população negra em vulnerabilidade social e a propaganda do estilo americano de vida, que protagoniza pessoas brancas.<sup>358</sup>

A foto (Figura 3) ficou mundialmente famosa por mostrar o contraste entre a propaganda do modo americano de viver, a qual instigava na população o consumismo exacerbado, com a fila de pessoas famintas esperando por receber alimento subsidiado pelo governo. Todavia, tal foto mostra ainda um contraste racial na Grande Depressão: a população negra, além de não fazer parte do modelo americano de estilo de vida, foi a que mais sofreu com os efeitos da crise econômica. A família Waymond também foi afetada pelos programas de alimentação coletiva do governo, como afirma Simone no trecho:

No ano seguinte, papai teve uma folga. O Governo Federal estava fornecendo alimentos para os pobres por meio da Agência Nacional de Socorro e localizou os caminhões de entrega para nossa área em Tryon. Eles precisavam de motoristas locais, e meu pai recebeu uma oferta de emprego. Havia dois benefícios: primeiro, havia um salário regular novamente - embora fosse minúsculo, era regular; segundo, papai estava recolhendo comida do depósito e entregando em todos os lugares. Não apenas os homens do depósito receberam um pouco de comida extra para levar para casa, mas os motoristas formaram uma rede de pessoas que trocariam alimentos entre si.<sup>359</sup>

<sup>358</sup> A foto foi postada na página 9 da revista *Life* no dia 15 de fevereiro de 1937 e é de autoria da fotógrafa americana Margaret Bourke-White. Disponível em: <<https://www.iconica.com.br/site/tag/margaret-bourke-white/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>359</sup> “The next year Daddy got a break. The Federal Government was providing food to the poor through the National Relief Agency and they located the delivery trucks for our area in Tryon. They needed local drivers, and my father was offered a job. There were two benefits: first, there was a regular wage again -

Historiadores defendem a ideia de que o *New Deal* não beneficiou a todos os cidadãos americanos da mesma forma, levando em consideração que Franklin Roosevelt era originário do Partido Democrata, dependente dos democratas do Sul do país, supremacistas brancos, o que significa que as medidas do *New Deal*, a nível estadual, constantemente não foram alcançadas pela comunidade negra, a qual estava à margem das políticas dos democratas.<sup>360</sup> Houve discriminação racial em todos os órgãos estaduais do *New Deal*, que deram menos assistência ou nenhuma assistência à comunidade negra, que sofreu, conseqüentemente, de pobreza de uma forma desproporcional, considerando como o desemprego se somava à discriminação racial e à segregação racial no Sul. A atuação das mulheres, negras e brancas, para movimentar a economia durante a crise, evidencia-se, como mostra Robert Boyd:

Não surpreendentemente, as conseqüências da Grande Depressão no mercado de trabalho diferiram fortemente por gênero e raça, bem como por região. Uma pesquisa de 1937 revelou que mulheres e homens negros do Norte tinham as maiores taxas de desemprego, seguidos por mulheres brancas e negras do sul, mulheres e homens brancos do Norte e homens negros e brancos do sul. Homens sulistas relativamente as taxas baixas são geralmente atribuídas à prevalência de empregos pouco qualificados e dominados por homens no extenso setor agrícola de mão-de-obra intensiva do Sul. Esses dados foram coletados em um dos piores pontos da Grande Depressão: o último dos "sete anos magros" (1931-1937), quando "os efeitos do colapso industrial foram acumulados sobre os efeitos da desvantagem agrícola".<sup>361</sup>

No trecho anterior, o autor, a partir de uma revisão bibliográfica, analisa como o gênero, raça e classe são categorias que se combinam e se evidenciam em um período de crise. No Norte do país, nota-se que as mulheres negras, em particular, estavam sob uma intensa pressão para buscar novas alternativas de empregos, considerando que os homens, principalmente os homens negros, estavam fora do mercado de trabalho e dos empregos

---

although it was tiny, it was regular; second, Daddy was raking food from the depot and delivering it all around. Not only did the men at the depot get given a little extra food to take home, but the drivers built up a network of people who would trade food among themselves.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003 (2<sup>nd</sup> ed), p. 06. Tradução nossa.

<sup>360</sup> GARRATY, John A. Unemployment during the great depression. *Labor History*, v.17, n. 2, 1976, p. 133-159.

<sup>361</sup> “Not surprisingly, the Great Depression’s labor market consequences differed sharply by gender and race, as well as by region. A 1937 survey revealed that northern black women and men had the highest unemployment rates followed by southern white and black women, northern white women and men, and southern black and white men. Southern men’s relatively low rates are generally attributed to the prevalence of low-skilled, male-dominated jobs in the South’s sprawling, labor-intensive farming sector (Frazier, 1949, p. 600). These data were collected at one of the Great Depression’s worst points: the last of the ‘seven lean years’ (1931–1937), when ‘effects of industrial collapse were piled upon the effects of agricultural disadvantage’”. BOYD, Robert L. Gender, race, and unpaid work in family-owned businesses during the Great Depression. *The Social Science Journal*, 2020, p. 10. Tradução nossa.

industriais; daí a necessidade dessas mulheres buscarem empregos assalariados durante a Grande Depressão. O mesmo acontecia no Sul, entretanto as mulheres brancas foram responsáveis por movimentar a economia sobre a pressão de se colocarem em empregos que garantissem remuneração. A historiografia mais recente da Grande Depressão mostra que nesse período houve níveis surpreendentemente altos de “empreendedorismo de sobrevivência”, o que evidencia a teoria de que os grupos menos favorecidos como mulheres e negros se sentem encorajados ao empreendedorismo diante de um contexto de recessão e crise econômica como era o da Grande Depressão.<sup>362</sup> Além disso, o historiador Sean Purdy afirma

Ocorreu desemprego massivo de mulheres negras, pois sua principal fonte de trabalho minguou quando a classe média deixou de servir-se de trabalhadores domésticos. Entretanto, bem mais acostumadas a trabalhar fora de casa que as mulheres brancas, 38% das negras estavam empregadas em 1939 comparado a 24% das mulheres brancas. No Harlem, apartamentos e casas foram superlotados com a mais alta taxa de densidade populacional na cidade de Nova York. Candidatas ao emprego de doméstica se reuniam em grupos nas esquinas – conhecidas como “mercados de escravos” –, esperando ser contratadas pelas famílias brancas. A prostituição tornou-se uma das poucas opções para algumas mulheres negras.<sup>363</sup>

Mary Kate Waymon foi uma dessas mulheres negras sulistas a se dedicar, não somente, a serviços domésticos, que trariam alimento a família, mas como trabalho informal fora de casa, como relata Nina Simone no trecho:

Mamãe nunca tinha trabalhado fora de casa, mas agora tinha que trabalhar. Papai aceitava qualquer tipo de trabalho que pudesse conseguir, mas na maioria das vezes ele não conseguia nenhum tipo de trabalho. Minha mãe arrumou um emprego limpando as janelas do centro da cidade nas manhãs de sábado e Carrol, que na época tinha seis anos, uma vez foi ajudá-la. Ele insistiu nisso a manhã toda, em seguida, voltou para casa ao lado dela carregando o balde. Quando voltaram para casa Carrol correu pelos fundos para se esconder para que ninguém o visse chorar de vergonha de ver sua mãe trabalhando assim, à vista de quem passasse. Mamãe nunca mais pediu a ele para ajudar a limpar as janelas. Quando as coisas ficaram muito ruins, o governo montou um centro de apoio onde as mulheres podiam costurar uniformes do exército por alguns dólares por semana. Esse trabalho era o que eles geralmente davam para os presidiários, mas foi assim que minha família sobreviveu a 1932.<sup>364</sup>

---

<sup>362</sup> Ibidem.

<sup>363</sup> PURDY, Sean. *O Século Americano*. In: KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 208.

<sup>364</sup> “Momma had never worked outside the home but she had to now. Daddy took any type of work that he could get, but most of the time he couldn't get any type of work at all. My mother took a job cleaning the windows in the town centre on Saturday mornings and Carrol, who was then aged six, once went along to

Diante desse contexto, em 1935, houve levantes antirracistas e levantes dos trabalhadores em reivindicações por mais empregos, que eram organizados em sua maioria por operários no Norte do país, e por trabalhadores camponeses no Sul, com destaque pelo papel do Partido Comunista dos Estados Unidos.<sup>365</sup> Frente a privação de direitos, que na teoria já estavam garantidos, a década de 1930 ficou marcada também pelo levante do movimento negro em busca do direito ao voto.<sup>366</sup> No Sul do país, os afro-americanos, em tentativas de registrarem-se para votarem, passaram, forçadamente, por uma série de testes e comprovações, as quais certificaram que era possível ceder o direito de registro aos negros e às negras. Já no Norte, as restrições eram menores. Por isso, apenas 2% da população negra no país era registrada e tinha de fato direito de participação nas eleições. Através do voto dos afro-americanos, seria possível eleger, ainda que em menor proporção, candidatos que, ao menos, fossem empáticos com a causa negra, e por isso, era tão importante a conquista do registro.<sup>367</sup>

A política sulista, dominada pelos democratas e supremacistas brancos, tornava cada vez mais difícil o registro dos afro-americanos, uma luta que durou até a década de 1960, com a assinatura da *Voting Rights Act* [Lei do Direito ao Voto] pelo presidente Lyndon Johnson. Ademais, a década de 1930 é marcada pelos levantes sindicais e da esquerda americana, tanto no sul quanto no Norte do país, mesmo que a nível local, a população desempregada se revoltava contra o governo Hoover que não criava medidas para acabar com o desemprego. Após a eleição de Roosevelt, em 1932, a população negra, não contemplada com as reformas propostas pelo *New Deal*, também movimentou o país em greves e movimentos sindicais, em busca de mais empregos, e dignos, para a população negra.<sup>368</sup> Vê-se nesse período a soma dos sindicatos dos trabalhadores na luta contra o

---

help her. He stuck at it all morning then walked home beside her carrying the bucket. When they got back to the house Carol ran round the back to hide so no one would see him crying at the shame of seeing his mother working like that, in full view of anybody who passed by. Momma never asked him to help clean windows again. When things got really bad the government set up a relief center where women could go to sew army uniforms for a couple of dollars a week. That work was what they would usually give to the guys in the penitentiary, but it was how my family survived 1932.” SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003 (2ed), p. 06. Tradução nossa.

<sup>365</sup> NAISON, Mark. *Communists in Harlem During the Depression*. Champaign: University of Illinois Press, 2004. KELLEY, Robin D. G. *Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.

<sup>366</sup> EDITORIAL. Passage of the Voting Rights Act. *Civil Rights Movement History 1965: Selma & The March to Montgomery*. Civil Rights Movement History. S.d. Disponível em: <<https://www.crmvet.org/tim/tim65b.htm#1965vra65>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>367</sup> EDITORIAL. Voting Rights Acts. *National Voting Rights Museum and Institute*. S.d. Disponível em: <[http://nvrmi.com/?page\\_id=41](http://nvrmi.com/?page_id=41)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>368</sup> BRANDON, Roseman. Equal Opportunities Do Not Always Equate to Equal Representation: How *Bartlett v. Strickland* is a Regression in the Face of the Ongoing Civil Rights Movement. *North Carolina Central Law Review*, v. 32, n. 1, 2009.



racismo, buscando ações afirmativas para a população negra. Havia de fato muita mobilização e poucas vitórias, entretanto, ainda em menor escala, conquistas existiram, como, por exemplo, na década de 1940, a instauração de cotas para negros nas indústrias reguladas pelo governo federal. Depois, o Partido Comunista dos Estados Unidos e aliados criaram também, o *National Negro Congress* [Congresso Nacional Negros] para pressionar o governo de Roosevelt para melhorar programas para pobres trabalhadores, especialmente negros.<sup>369</sup>

Nas artes, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por novas atividades em relação a raça e classe; a cultura negra, enquanto arte, solidificava-se. Em 1935, o governo de Roosevelt criou a Works Progress Administration [WPA], que tinha como objetivo principal empregar pessoas através de projetos de obras públicas, como a construção de edifícios públicas e estradas. Dirigida por Harry Hopkins, a WPA forneceu empregos e salários para a população durante a Grande Depressão.<sup>370</sup> Ainda, a WPA também empregou artistas, músicos, escritores, atores e diretores de grandes projetos de arte; investiu também, no teatro, mídia e na alfabetização de pessoas. Historiadores foram contratados para entrevistar ex-escravizados ainda vivos na época e filhos de ex-escravizados, ato que gerou documentos importantes para pesquisas sobre a escravidão no país. A partir desses documentos, outros historiadores, até os dias atuais, têm fontes primárias para análise histórica.<sup>371</sup> No teatro, W.E.B DuBois<sup>372</sup>, que foi um dos maiores intelectuais negros do século XX, estreou como produtor de uma peça intitulada *Haiti: the drama of the black Napoleon* [Haiti: o drama do Napoleão Negro], em que o autor atraía o público para entender a importância simbólica da Revolução do Haiti para as Américas.<sup>373</sup> De fato, com escreve Purdy:

A severidade da crise econômica e a aparente incapacidade do governo para resolvê-la haviam provocado ampla desilusão com relação ao sistema, o que se refletiu com nitidez no surgimento em massa de renovados movimentos, no desenvolvimento de uma cultura de protesto social e nos questionamentos difundidos na sociedade como um todo.<sup>374</sup>

---

<sup>369</sup> GELLMAN, Erik S. *Death Blow to Jim Crow: The National Negro Congress and the Rise of Militant Civil Rights*. Charlotte: The University of North Carolina Press, 2012.

<sup>370</sup> ARNESEN, Eric. *Encyclopedia of U.S. Labor and Working-Class History*. New York: Routledge, 2007.

<sup>371</sup> DENNING, Michael. *The Cultural Front: The Laboring of American Culture in the Twentieth Century*. The Haymarket Series, New York: Verso, 1996.

<sup>372</sup> W.E.B. Dubois foi o primeiro afro-americano a receber o título de doutor pela Universidade de Harvard e é autor de diversos livros consagrados nos campos de Sociologia e História, atuou por anos no movimento por direitos civis e antirracista até sua morte aos 95 anos em 1963.

<sup>373</sup> ZUCKERMAN, Phil (Org.). *The Social Theory of W.E.B. Du Bois*. Estados Unidos: Sage Publications, 2004.

<sup>374</sup> PURDY, Sean. Op. Cit., 2007, p. 197.

Outrossim, na música, o *jazz* e o *blues* foram influenciados pelos investimentos da WPA e protagonizaram um levante artístico e político no país. Em 1933, em meio a Grande Depressão e a efervescência cultural que o *New Deal* proporcionou, nasceu a sexta filha do casal Waymon, Eunice Waymon, que mais tarde ficaria mundialmente conhecida como a cantora Nina Simone.<sup>375</sup>

A crise de 1929, que se alastrou pela década de 1930, atenuou a fome. Por isso, em sua autobiografia, Nina Simone salienta que umas de suas primeiras memórias de infância estão relacionadas à comida e à música. A mãe, religiosa fervorosa, sempre cantava para os filhos músicas religiosas, enquanto cozinhava; era um momento de conexão que criou uma relação de empatia entre Mary Kate e Eunice. Simone argumenta que, durante a infância, a família passou por diversas dificuldades financeiras, como, por exemplo, ter que se mudar para uma casa menor do que a casa que tinham durante o começo da vida de casados, pois uma casa menor traria menos gastos. Entretanto, por um infortúnio, uma tragédia se abateu sobre a família Waymon: sua nova casa foi incendiada no meio da noite através de um acidente. Como já tinham mudado por questões financeiras e sofreram o acidente, a família mudou, novamente, para uma casa cedida pela igreja metodista. Era um abrigo temporário, para que a família se recuperasse e encontrasse uma nova casa. Além de que, John Devine Waymon, o pai de Eunice, foi acometido com uma doença intestinal e teve que ser operado às pressas. Com o pai impossibilitado de trabalhar, a mãe Mary Kate teve que dobrar as jornadas de trabalho para sustentar a família, além dos irmãos mais velhos que se dedicaram a escola e a trabalhos informais para ajudar a família. Eunice, com apenas seis anos de idade, ficou responsável pelos cuidados do pai, o que fez com que os dois criassem uma relação muito próxima e empática, como ela ressalta em sua autobiografia.<sup>376</sup> Dados esses incidentes, a família se quedara ainda mais empobrecida do que durante a Grande Depressão, e Eunice via sua infância se esvaír pelos dias que tinha que cuidar do pai ainda tão pequena.

Tudo o que aconteceu comigo quando criança envolveu música. Fazia parte da vida cotidiana, tão automático quanto respirar. Além de piano, papai tocava violão e gaita e liderava o coro na igreja; Mamãe tocava piano e cantava também. Meus irmãos e irmãs tocavam piano e cantavam no coro da igreja, grupos de gospel menores, clubes de alegria e em outros eventos sociais. Todo mundo tocou música. Nunca houve nenhum treinamento formal; aprendemos a brincar da mesma forma que

---

<sup>375</sup> STEWART, James B. Message in the Music: Political Commentary in Black Popular Music from Rhythm and Blues to Early Hip Hop. *The Journal of African American History*, v. 90, n. 3, 2005, p. 196-225.

<sup>376</sup> SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed. p. 6.

aprendemos a andar, era natural. Na época em que nasci não tínhamos piano em casa, tínhamos órgão de pedal. Quando nossa casa foi incendiada, o órgão de pedal foi a primeira coisa resgatada do fogo.<sup>377</sup>

Como a autora relata no trecho acima, a família Wymon e a música eram velhos amigos, como uma coisa natural que fluía na família, assim como a religiosidade. A pequena Eunice já reagia à música com apenas dois anos de idade e sentava-se ao lado do teclado para ouvir o som do instrumento e, poucos meses depois, ela já tocava suas primeiras notas e, logo, a primeira música, a qual era uma das preferidas da mãe, o que deixou-a muito emocionada. Mary Kate acreditava que a filha tinha um dom divino para a música. A família tinha ainda uma boa reputação na cidade, na comunidade da igreja e na comunidade negra, que no século XX se confundiam<sup>378</sup>, porque as igrejas, principalmente as igrejas negras, concentravam as movimentações sociais e culturais da comunidade negra e se tornavam, a partir disso, um centro de vivências e de apoio da comunidade.<sup>379</sup> Em Tryon não era diferente: John, o pai, era um os líderes da igreja metodista e um dos pilares da comunidade negra durante a Grande Depressão. Os filhos eram excepcionais, como afirma a autora, e exemplares, mostrando o quanto a sociabilidade na cidade girava em torno das igrejas, que eram responsáveis também por ditar certas regras moralizantes.

Esse mostra um lado dicotômico dessas igrejas: se por um lado eram espaços de troca entre a comunidade negra, por outro eram difusoras de uma cultura moral acordante com o pensamento religioso da época. Como mostra Nina Simone no trecho:

Mamãe tinha um nome para qualquer tipo de música que não fosse religiosa, que fosse 'do mundo'. Ela chamou de música 'real'. Se eu tocasse uma música que tinha ouvido em algum lugar, ela diria: 'Não toque essas músicas reais.' Por muito tempo pensei que 'real' era o nome para um estilo de música, como 'blues' ou 'gospel'.<sup>380</sup>

---

<sup>377</sup> “Everything that happened to me as a child involved music. It was part of everyday life, as automatic as breathing. As well as piano Daddy played guitar and harmonica and led the choir in church; Momma played piano and sang too. My brothers and sisters all played piano and sang in the church choir, smaller gospel groups, glee clubs and at other social events. Everybody played music. There was never any formal training; we learned to play the same way we learned to walk, it was that natural. At the time I was born we didn't have a piano in the house, we had a pedal organ. When our house was burned down, the pedal organ was the first thing rescued out of the fire.”. Ibidem, p. 14. Tradução nossa.

<sup>378</sup> Idem.

<sup>379</sup> CALHOUNS-BROWN, Allison. Upon This Rock: The Black Church, Nonviolence, and the Civil Rights Movement. *Political Science and Politics*, v. 33, n. 2, 2000, p. 168-174.

<sup>380</sup> “Momma had a name for any sort of music that wasn't religious, that was 'of the world'. She called it 'real' music. If I played a tune I'd heard somewhere she'd say: 'Don't play of those real songs.' For a long time I thought that 'real' was the name for a style of music, like 'blues' or 'gospel'.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 16. Tradução nossa.

Mary Kate, segundo Simone, era mais fiel a igreja e aos ministros da igreja do que à própria família, tamanha a dedicação da matriarca da família Waymon à religião e, por isso, na casa da família não se ouvia outro tipo de música que não fosse música religiosa. Os filhos não podiam tocar em outro lugar a não ser na igreja. Mary Kate acreditava que o dom dos filhos eram divinos dados apenas para adoração a Deus. Eunice, com apenas seis anos de idade, já era pianista regular na igreja metodista de Tryon, momento o qual nasceu na cantora o sonho de ser a maior e primeira pianista negra dos Estados Unidos; o sonho era ser concertista, não apenas nas igrejas, mas para grandes públicos. Além da música ser algo natural na família, a complacência também era verdadeira entre os irmãos Waymon, como uma filosofia.

A filosofia em nossa família era que você não ofuscava ninguém; você desenvolveu o talento que tinha, mas ele estava lá para ser compartilhado com todos os outros, não acumulado. Então, quando comecei a tocar hinos inteiros de ouvido, a primeira lição que aprendi foi não ser cabeça-dura sobre isso, e eu não era. Assim que os habitantes da cidade começaram a me ouvir mentir, começaram a me chamar de 'prodígio', mas eu não sabia o que palavras como aquelas significavam e ninguém em casa achou importante o suficiente para explicar.<sup>381</sup>

Apesar do ritmo da família Waymon, e de Eunice conseqüentemente, ser o gospel, o que a autora chama de “holy music” [música sagrada], a cantora Nina Simone afirma que foi essa a base da sua carreira musical, apesar de no auge da carreira a cantora se dedicava mais ao blues e jazz como ritmos dominantes, a *holy music* foi a base da carreira da cantora. Essa realidade é a realidade de algumas outras cantoras negras que cresceram no meio religioso: vale ressaltar a carreira de Sister Rosetta Tharpe, a qual ficou conhecida como a mãe do rock. Para a comunidade negra, igrejas negras eram espaços onde desenvolviam relações maiores do que apenas laços religiosos, e, por isso, a arte florescia com tanta facilidade nos jovens negros e negras. Assim afirma Allison Calhoun-Brown no trecho:

Na igreja, pode-se encontrar política, artes, música, educação, desenvolvimento econômico, serviços sociais, associações cívicas, oportunidades de liderança e empreendimentos comerciais. Também se pode encontrar uma rica tradição espiritual de sobrevivência e libertação. Quer seus líderes repudiassem a "maldição de Cam",

---

<sup>381</sup> “The philosophy in our family was that you didn't outshine anyone; you developed the talent you had, but it was there to be shared with everyone else, not hoarded away. So when I came along playing entire hymns by ear the first lesson I learned was not to be big-headed about it, and I wasn't. As soon as the townspeople got to hear me lay they started to call me a 'prodigy', but I didn't know what words like that meant and no one at home thought it important enough to explain.”. Idem. Tradução nossa.

adotassem a visão religiosa revolucionária de Nat Turner ou pregassem a doutrina mais reservada de que "Jesus vai consertar isso depois de um tempo", as igrejas negras sempre aceitaram assegurar e garantir a liberdade dos negros como uma de suas missões centrais.<sup>382</sup>

Dominando a guitarra como ninguém, Sister Rosetta Tharpe, através de seus acordes novos, deu origem ao ritmo que hoje conhecemos como rock n' roll. Vinda de uma família negra do Sul, desde pequena a cantora e musicista se dedicava a apresentações na igreja. Nascida em março de 1915, filha de Willis Atkins e Katie Bell Nublin, Rosetta faz sua primeira performance musical em um ambiente público apenas aos quatro anos de idade, que foi quando sua carreira musical começou e não parou mais.<sup>383</sup> Quando os pais se separaram na década de 1920, a mãe Katie Bell se muda com a filha Rosetta para Chicago no Norte do país, acompanhando o grande fluxo migratório de pessoas negras para as cidades nortistas. Já adolescente, Rosetta participava de circuitos de apresentações nas igrejas e já movia um público fiel a suas performances. Sempre acompanhada da mãe, a cantora trazia para o gospel a influência do blues e do jazz, ritmos que faziam parte desse boom migratório de afro-americanos para o Norte.<sup>384</sup> É importante salientar, portanto, que os negros e negras que chegavam no Norte traziam com eles não apenas mão de obra para trabalhar na grande indústria, mas cultura negra nascida nas grandes plantations, o que denotava um teor subjetivo e diferenciado para o meio cultural da época. Rosetta, na onda dessa efervescência cultural, absorveu os ritmos e transformou-os em um estilo próprio de composição e melodia, somada às crenças religiosas. Na década de 1930, Rosetta era uma das poucas mulheres, sobretudo, mulheres negras, a dominar um instrumento considerado masculino, que era a guitarra. O que representava, além de tudo uma quebra dos padrões da época. Após um casamento mal-sucedido, Rosetta Nublin se torna Rosetta Tharpe que estampou as capas de jornais em 1938 por ser a primeira cantora gospel a fechar com uma gravadora, que produziria seu

---

<sup>382</sup> "In church, one could find politics, arts, music, education, economic development, social services, civic associations, leadership opportunities, and business enterprises. One could also find a rich spiritual tradition of survival and liberation. Whether their leaders repudiated the "curse of Ham," embraced the revolutionary religious vision of Nat Turner, or preached the more reserved doctrine that "Jesus will fix it after a while," black churches have always accepted securing and guaranteeing the freedom of black people as one of their central missions." CALHOUN-BROWN, Allison. *Upon This Rock: The Black Church, Nonviolence, and the Civil Rights Movement. Political Science and Politics*, v. 33, n. 2, 2000, p. 169. Tradução nossa.

<sup>383</sup> WALD, Gayle. Rosetta Tharpe and Feminist "Un-Forgetting". *Journal of Women's History*, v. 21, n. 4, 2009, p. 157-160.

<sup>384</sup> WALD, Gayle. *Shout, Sister, Shout! The Untold Story of Rock-and-Roll Trailblazer Sister Rosetta Tharpe*. Boston: Beacon Press, 2007.

primeiro disco, a Decca Records. Nessa época a cantora já era conhecida dentro e fora da comunidade religiosa como Sister Rosetta Tharpe.

Durante os anos que se seguiram, somou sucessos. Todos queriam ver e ouvir a prodigiosa irmã, percorreu os Estados Unidos da América, encheu salas de espetáculos, é uma das poucas vozes femininas negras a animar os soldados norte-americanos, durante a guerra. Grava *Down by the Riverside* and *Strange Things Happening Every Day*, num período em que a segregação era a norma, denotam que as normas são algo que Rosetta nasceu para quebrar e foi assim que foi a sua vida.<sup>385</sup>

A música citada no trecho acima, *Strange Things Happening Every Day*, foi composta e interpretada por Sister Rosetta Tharpe, que, assim como Nina Simone, utilizou da sua arte para denunciar os maus tratos que os negros sofriam com a segregação racial no país. Tharpe enfrentava a face do racismo diariamente tanto em suas apresentações no Norte quanto no Sul e, antes do movimento por direitos civis tomar corpo, a cantora já quebrava o silêncio dos artistas em relação à violência contra os negros. Aliás, quebrar padrões era uma especialidade de Tharpe, já que uma das suas parceiras na música, Marie Knight, também era sua companheira de vida. As duas mantiveram por um certo tempo uma relação amorosa, às escondidas, devido ao extremo preconceito da época com casais homossexuais. Não obstante, isso não esconde o fato que além de mulher, negra, guitarrista, Rosetta ainda era bissexual, transitando entre o santo, por se tratar de uma cantora gospel, e o profano, que é como os religiosos enxergavam pessoas LGBTQIA+. Gayle Wald, que fez pesquisa biográfica sobre Rosetta Tharpe, acredita que suas ações podem ser consideradas feministas em questão de prática feminista, mesmo antes do conceito, como mostra no trecho:

Essa intuição ressoou com os resultados de minhas primeiras pesquisas sobre Rosetta Tharpe, que confirmaram sua genialidade e, ao mesmo tempo, confirmaram que essa genialidade havia sido retirada dos registros históricos. Na verdade, de uma perspectiva historiográfica, o fato mais convincente sobre este dínamo da guitarra, que passou de uma criança prodígio no circuito de encontro de tendas pentecostal na década de 1920 a um dos mais conhecidos artistas da década de 1940, foi que ela havia sido ativamente apagada da memória e da história musical. Se uma biografia pudesse impedir esse apagamento, se pudesse "restaurar" Tharpe à memória, então, pensei, poderia ser um empreendimento radical e feminista - precisamente o oposto do que

---

<sup>385</sup> STRÖHER, Ademir Fábio Quinot. Você sabia que foi uma mulher que criou “Rock N’Roll”? Pensador Anônimo, S.d. Disponível em: <<https://pensadoranonimo.com.br/voce-sabia-que-foi-uma-mulher-que-criou-rock-nroll/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

passei a considerar como o "conservador" e masculinista tendências da biografia.<sup>386</sup>

Dessa forma, o autor tenta retirar a cantora da lógica conservadora de sua época e analisar sua biografia através de um perfil desvencilhado dos modelos burgueses e patriarcais artísticos colocas na época. Assim como Nina Simone, Sister Rosetta Tharpe gravitava entre o sagrado e o profano, levando em conta sua estadia em Chicago durante as primeiras décadas do século XX, em que a cidade era palco do grande fluxo imigratório de negros para o norte, os quais traziam com eles a cultura negra do Sul, a qual misturada com os costumes do Norte, resultavam em ritmos novos como o jazz e o blues. Tharpe presenciou o renascimento desses ritmos e a efervescência cultural fruto desse ressurgimento, ao mesmo passo que se dedicava à música gospel como um princípio. Talvez tenha nascido da dicotomia entre o sagrado e o profano, que Rosetta tenha ajudado a desenvolver um novo estilo de música que hoje conhecemos como o rock n' roll.

Em 1938, os Waymon conseguiram recursos suficientes para se estabilizar na cidade de Tryon, situação a qual permitiu que a filha mais nova Eunice frequentasse a escola de maneira regular, enquanto a irmã mais velha Lucille ficava responsável pelo cuidado da casa e dos irmãos mais novos enquanto os pais trabalhavam fora. Descrita pela irmã como uma mulher muito bonita e que sabia tudo sobre maquiagem, Lucille se tornou uma espécie de substituta da mãe para os irmãos mais novos, principalmente para a irmão mais nova Eunice, que sentiu muito a falta dela quando Lucille se casou, quando Eunice tinha dez anos. A falta da mãe foi substituída pela presença da irmã e pela subsequente falta dela.

Nessa mesma época, dividida entre casa, escola, e igreja, Eunice acompanhava a mãe em alguns dias de trabalho. Mrs. Miller, uma das empregadoras de Mary Kate, percebeu o talento da filha da empregada e decidiu, por conta própria, investir em aulas de piano para Eunice, acreditando que seu talento precisava ser aprimorado. As aulas eram ministradas nas manhãs de sábado por Muriel Massinovitch, pianista inglesa, casada com um pintor russo, que era chamada carinhosamente de Miz Mazzy. Na autobiografia,

---

<sup>386</sup> “This intuition resonated with the results of my early research about Rosetta Tharpe, which both confirmed her genius and, simultaneously, confirmed that this genius had been struck from the historical record. Indeed, from a historiographical perspective, the most compelling fact about this guitar dynamo, who went from being a child prodigy on the Pentecostal tent-meeting circuit in the 1920s to being one of the most well-known recording artists of the 1940s, was that she had been actively erased from musical memory and history. If a biography could arrest this erasure, if it could “restore” Tharpe to memory, then, I reasoned, it could be a radical and a feminist undertaking—precisely the opposite of what I had come to regard as the “conservative” and masculinist tendencies of biography.” WALD, Gayle. Op. Cit., 2009, p. 157.

Nina Simone conta que a partir das aulas de música clássica com a tutora seu gosto por músicos como Bach se aprimorou e que:

No início, a metodologia dela me assustou porque só tocávamos Bach e ele parecia tão complicado e diferente que demorei um pouco até começar a relaxar. A Sra. Massinovitch era muito disciplinada na maneira de ensinar, muito rígida, embora tudo o que ela queria que eu fizesse fosse formulado da maneira mais polida possível. Naquelas primeiras aulas, parecia que a única coisa que ela dizia era: “Você deve fazer assim, Eunice, Bach gostaria que fosse assim, faça de novo!” E eu fazia.<sup>387</sup>

Os sábados de aula de piano se tornaram muito prazerosos tanto para a aluna quanto para a professora: se por um lado, para Miz Mazzy era um prazer ensinar uma criança com tanto talento quando Eunice, por outro, com a falta da mãe e da irmã mais velha, Eunice transferiu o afeto maternal para a professora, que era muito carinhosa com ela, segundo a autora, pois Eunice iniciou suas aulas de piano com apenas seis anos de idade. Além do afeto desenvolvido entre elas, havia, também, trocas em relação à arte e, principalmente, em relação à música e foi através de Miz Mazzy que Eunice começou a entender a música clássica de uma forma diferente, como a autora relata no trecho:

Com o passar do tempo, comecei a entender por que a Sra. Massinovitch só me permitia praticar Bach e logo eu o amava tanto quanto ela. Ele é tecnicamente perfeito. Quando você toca a música de Bach, você tem que entender que ele é um matemático e todas as notas que você toca somam-se a algo - elas fazem sentido. Eles sempre resultam em clímax, como ondas do mar ficando cada vez maiores, até que depois de um tempo, quando tantas ondas se acumulam, você tem uma grande tempestade. Cada nota que você toca é conectada à próxima nota, e cada nota deve ser executada perfeitamente ou todo o efeito é perdido. Depois que entendi a música de Bach, nunca quis ser outra coisa senão uma pianista de concerto; Bach me fez dedicar minha vida à música, e foi a Sra. Massinovitch quem me apresentou ao seu mundo. Eu tinha começado uma jornada que se tornou muito maravilhosa e emocionante a cada semana.<sup>388</sup>

---

<sup>387</sup> “At first her tuition frightened me because we only played Bach and he seemed so complicated and different that it took a while before I started to relax. Mrs. Massinovitch was very disciplined in the way she taught, very strict, even though everything she wanted me to do was phrased in the politest way possible. In those first lessons it seemed like the only thing she said was, “You must do it this way Eunice, Bach would like it this way, do it again!” And so I would.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 23. Tradução nossa.

<sup>388</sup> “As time went on I began to understand why Mrs Massinovitch only allowed me to practice Bach and soon I loved him as much as she did. He is technically perfect. When you play Bach's music you have to understand that he's a mathematician and all the notes you play add up to something - they make sense. They always add up to climaxes, like ocean waves getting bigger and bigger until after while when so many waves have gathered you have a great storm. Each note you play is connected to the next note, and every note has to be executed perfectly or the whole effect is lost. Once I understood Bach's music I never wanted to be anything other than a concert pianist; Bach made me dedicate my life to music, and it was



O trecho acima mostra que, no começo de sua carreira musical o grande sonho de Eunice era se tornar uma pianista concertista, profissão que diz muito sobre seu envolvimento com o piano desde muito pequena na família e da relação que os Waymon mantinham com a música e os instrumentos musicais. Ao final de um ano sendo ensinada por Miz Mazy, a Sra. Miller não teve mais recursos financeiros para custear a educação da menina. Sem recursos da família, ela se viu obrigada a interromper as aulas com a professora. Entretanto, a professora Sra. Massinovitch criou um fundo financeiro, Fundo Eunice Waymon, com o intuito de manter os estudos da aluna, pois se os Waymon não tinham como pagar os estudos da filha, então a cidade o faria. E foi assim que, com a ajuda dos moradores de Tryon e, principalmente, dos fiéis das igrejas negras em que Eunice já tinha se apresentado, o fundo permitiu que ela continuasse as aulas de piano, não só pelo ano que se seguia, mas quanto tempo fossem necessárias as aulas. Ainda mais, ela poderia investir em estudos futuros relacionados à música. “Cada igreja fez uma coleta para o Fundo, o jornal iniciou um apelo e o conselho coletou em meu nome. Tornei-me conhecida; os brancos apontavam para mim na rua e me chamavam de "garotinha da Sra. Massinovitch". E era verdade, embora não gostasse da maneira como diziam isso”<sup>389</sup> recorda Simone.

Quando Eunice iniciou as aulas com Massinovitch, ela tinha apenas seis anos e as aulas continuaram até a menina ter doze anos e precisar abandonar as aulas para frequentar o ensino médio. Portanto, foram mais de cinco anos sendo ensinada pela professora, com financiamento do fundo financeiro que esta havia criado para a aluna. As expectativas em Eunice eram as mais altas, afinal toda a comunidade apostava financeiramente no talento da jovem pianista, apesar que tanta pressão fazia com que Eunice não se sentisse segura o suficiente. Em casa, a pressão era outra: a família sempre lhe ensinara a não deixar os elogios subirem a cabeça e ser grata a Deus por toda visibilidade. Toda essa experiência ainda foi atravessada por novas experiências, como relata no trecho:

[...] brancos que eu nunca conheci antes vieram até mim na drogaria e me deram tapinhas na cabeça. Eu estava sendo treinada por Miz Mazzy para aparições públicas, e o tempo todo sentia orgulho em minha

---

Mrs Massinovitch who introduced me to his world. I had set out on a journey which became ore wonderful and thrilling each week.”. Idem. Tradução nossa.

<sup>389</sup> “Every church took up a collection for the Found, the paper started an appeal and the council collected on my behalf. I became well known; white folks would point to me on the street and call me "Mrs Massinovitch's little girl". And so I was, although I didn't like the way they said it.”. SIMONE, Nina; Cleary, Stephen. 1991. Op. Cit., 2003, p 24. Tradução nossa.

comunidade por ser uma garota negra sobre a qual escreviam no jornal e recebia toda a atenção. [...] Música tinha se tornado um negócio tão sério para mim de repente. Havia muito orgulho negro e dinheiro investido em mim, e uma boa quantia dos brancos também.<sup>390</sup>

Por mais que Eunice se apresentasse na igreja desde muito nova, sua primeira apresentação pública para uma audiência não religiosa só aconteceu aos oito anos e, ainda que estivesse relativamente conhecida na cidade, isso não resguardou Eunice a se dar conta, e da pior forma, que Tryon, assim como outras cidades, era racista. Como ela conta num trecho sobre um de suas apresentações em público.

Quando eu tinha onze anos, fui convidado para dar um recital na prefeitura. Sentei-me ao piano com minha elegância treinada enquanto um homem branco me apresentava, e quando eu olhei para cima, meus pais, que estavam vestidos com suas melhores roupas, estavam sendo expulsos de suas cadeiras da primeira fila em favor de uma família branca que eu nunca tinha visto antes. E papai e mamãe estavam se deixando mover. Ninguém mais disse nada, mas eu não iria vê-los tratados assim e me levantei com meu vestido engomado e disse que se alguém esperava me ouvir tocar, seria melhor ter certeza de que minha família estava sentada bem ali na primeira fila onde eu poderia vê-los, e para o inferno com equilíbrio e elegância. Então eles os moveram de volta. Mas meus pais ficaram constrangidos e vi alguns dos brancos rindo de mim.<sup>391</sup>

A autora descreve tal acontecimento como a primeira vez que ela se deu conta de que o racismo era uma realidade para as pessoas negras e que quando ela andava pelo bairro branco de Miz Mazzy e Sra. Miller, os brancos a olhavam de maneira diferente. Desde esse acontecimento ela começou a parar nas farmácias desses bairros para observar o que a presença dela causava nos brancos da região e era uma mistura de indiferença a desdém. “No dia seguinte ao recital, andei por aí sentindo como se tivesse sido esfolado e cada leve, real ou imaginária, me cortava em carne viva. Mas a pele ficou preta

---

<sup>390</sup> “[...] white folks I never met before came up to me in the drugstore and patted me on my head. I was being trained by Miz Mazzy for public appearances, and all the time I felt the pride in my community that was a black girl who was being written about in the newspaper and getting all attention. [...] Music had become such a serious business for me all of a sudden. There was a lot of black pride and money invested in me, and a fair amount of white money too.” Ibidem, p. 25. Tradução nossa.

<sup>391</sup> “When I was eleven years old I was asked to give a recital in the town hall. I sat at the piano with my trained elegance while a white man introduced me, and when I looked up my parents, who were dressed in their best, were being thrown out of their front row seats in favor of a white family I had never seen before. And Daddy and Momma were allowing themselves to be moved. Nobody else said anything, but I wasn't going to see them treated like that and stood up in my starched dress and said if anyone expected to hear me play then they'd better make sure that my family was sitting right there in the front row where I could see them, and to hell with poise and elegance. So they moved them back. But my parents were embarrassed, and I saw some of the white folks laughing at me.” SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 26. Tradução nossa.

novamente, um pouco mais dura, um pouco menos inocente e um pouco mais negra,”<sup>392</sup> escreve a autora.

A década de quarenta trouxe mais dois membros para a família Waymon, Frances que nasceu em 1942 e Sam que nasceu em 1944. Os dois irmãos mais novos de Eunice nasceram em meio a Segunda Guerra Mundial, enquanto a menina que já despontava para a adolescência já começava se tornar independente, principalmente ao sonho de se tornar pianista concertista. Apesar da guerra ter afetado muitas famílias e, inclusive, famílias negras, para Eunice as notícias da guerra eram menos importantes do que as operas que ela ouvia todos os dias na rádio.

Pesquisas recentes sobre feminismo negro têm relacionado a interseccionalidade à questão das mulheres negras e não brancas, com o objetivo de entender as categorias de marcadores sociais que colocam as mulheres negras à margem das políticas públicas e jurisdição, tanto nos Estados Unidos como em outros países. A América Latina é uma das regiões pioneiras em pensar a interseccionalidade como marcador social de agência de mulheres. De mãos dadas com o feminismo, esse conceito tem inserido as mulheres negras e não brancas na cena social. Todavia, a interseccionalidade pode e deve ser pensada como uma análise de gênero para homens também. A construção de uma masculinidade hegemônica, a qual criou padrões de masculinidade e papéis de gênero, fez com que os homens negros ficassem renegados à marginalidade. Obviamente, a masculinidade hegemônica não é o único fator da marginalização dos homens negros, o racismo é o marcador social que mais exclui homens negros da sociedade, atentando para o fato de que até os dias atuais os homens negros são os mais mortos pela polícia e os que lotam o sistema carcerário nos países.<sup>393</sup> Desde a escravidão, a imagem do homem negro é dotada de animalizações, no sentido sexual ou não, além da subjugação em relação aos brancos. Os homens, na maioria das vezes, não tinham acesso à casa grande, na proporção do acesso das mulheres, e, por isso, tinham mais trabalho braçal. Desse modo, é quase impossível analisar os homens negros, da sociedade atual, desvinculados dos marcadores sociais.<sup>394</sup>

---

<sup>392</sup> “The day after the recital I walked around feeling as if I had been flayed and every slight, real or imagined, cut me raw. But the skin grew black again a little tougher, a little less innocent, and a little more black.”. Ibidem, p. 27. Tradução nossa.

<sup>393</sup> MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidades e violências – Gênero e mal estar na sociedade contemporânea*. In: SHPUN, Mônica Raisia (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.

<sup>394</sup> VALADARES, Guilherme Nascimento (Org.). *Papo de Homem*. São Paulo: BlogBooks – Singular, 2009.

Nos Estados Unidos, o quadro não é diferente: a supremacia branca fez escorrer o sangue de muitos homens negros: frequentemente acusados de crimes que não cometeram, e, conseqüentemente, destinados ao encarceramento e à pena de morte, ou os linchamentos públicos, os quais expunham os corpos de homens negros, na maioria das vezes, em árvores. A face violenta do racismo no país é apenas uma das partes que levam o homem negro à marginalização, pois a masculinidade hegemônica combinada com a segregação racial afetava os homens em outros sentidos. John Waymon sabia que as coisas eram mais difíceis para ele por ser um homem negro, porém tinha dificuldade de admitir tal fato, por medo de ser acusado de vitimismo. Além disso, existia a crença de que se este fosse um homem correto, dentro dos limites morais da sociedade embranquecida, tudo melhoraria. Depois da crise dos anos 1930, o país se reerguera; entretanto, a família Waymon ainda passava por dificuldades financeiras, como relata Nina Simone:

Em 1943, papai parou de trabalhar na lavanderia e começou a trabalhar na cidade, como uma espécie de faz-tudo. Não sei por que ele desistiu de seu emprego estável; acho que, depois de ver a família voltando e os filhos mais velhos a caminho, ele decidiu reservar um tempo para si mesmo. Com o passar dos anos, suas lutas quase o mataram: papai sabia como as coisas eram muito mais difíceis porque ele era negro, mas nunca mencionou isso a ninguém, e o espírito que tinha, o desejo de conquistar seus próprios méritos, nunca o deixou.<sup>395</sup>

A obrigação imposta socialmente ao patriarca da família Waymon é a realidade da grande maioria dos homens, principalmente na primeira metade do século XX, em que os papéis de gênero ainda eram estruturas inabaláveis. Esse fato, atrelado às dificuldades impostas pelo racismo, tornou a experiência de vida de John Irvine Waymon ainda mais árdua. Atualmente, percebe-se que os Estados Unidos é um dos países que mais encarcera homens negros, somado que estes sofrem com a violência policial mais que homens brancos.<sup>396</sup> No dia 25 de maio de 2020, George Floyd foi assassinado durante uma operação policial. A brutalidade da abordagem do policial Derek Chauvin foi gravada e mostra os últimos minutos de vida de Floyd. O assassinato gerou comoção mundial e a

---

<sup>395</sup> “In 1943 Daddy quit working in the dry-cleaning business and started jobbing around town, as a kind of handyman. I’m not sure why he gave up his steady job; I think once he saw the family back n track and the older children on their way he decided to take some time for himself. Over the years his struggles had damn near killed him: Daddy knew how much harder things were because he was black but he never mentioned it to anyone, and the spirit he had, the desire to achieve in his own merits, never left him.”. SIMONE, Nina; CLEARLY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 29. Tradução nossa.

<sup>396</sup> ALEXANDER, Michelle. *A Nova Segregação: Racismo e encarceramento em Massa*. DAVOGLIO, Pedro (Trad.). São Paulo: Boitempo, 2018.

abertura de um processo de investigação das ações da polícia. O movimento negro americano reivindicava justiça por Floyd, o qual representa diversos homens negros que foram assassinados pela polícia americana nos últimos anos. De fato, George Floyd foi assassinado apenas por ser negro e a justiça americana, um ano depois do evento, condenou o policial Chauvin pelo crime.<sup>397</sup> Tal deliberação representou, para os homens negros, o início de uma possível mudança no sistema judiciário, quando este olha para esse tipo de caso como eles realmente são, parte de um projeto de genocídio de pessoas negras. Todavia, o mesmo não aconteceu com o homem acusado pelo assassinado do jovem Trayvon Martin,<sup>398</sup> assassinado aos 17 anos, em fevereiro de 2012, na Flórida; ou com o policial que assassinou Breona Taylor, em 2020.<sup>399</sup> Esses e outros tantos casos caíram nas garras da justiça branca americana.

Em casa, Eunice não recebia o apoio que almejava da família, o que fez com que houvesse entre ela e a família um *gap*, o qual impedia o compartilhamento de seus anseios. Simultaneamente, sofria por não receber atenção suficiente no meio aos oito filhos do casal Waymon. Ao mesmo tempo que a autora relata ter sofrido com esse desinteresse do resto da família, tornou-se, cada vez mais, independente e resiliente em relação aos seus objetivos e ao seu futuro na música:

O fato de que meu talento me diferenciava de minha família e amigos era algo a que eu simplesmente teria que me acostumar - eu já sabia disso; mas minha solidão era exagerada porque, de todas as garotas com quem andava, eu era a única sem namorado; havia um menino na escola de que eu realmente gostava, mas ele não queria saber. Naturalmente, comecei a pensar que havia algo de errado comigo.<sup>400</sup>

Essa continuou até ela se apaixonar por um jovem descendente de indígenas chamado Edney, que foi a primeira experiência afetiva amorosa a qual Eunice teve

---

<sup>397</sup> LUNGUMBU, Sandrine. 1 ano da morte de George Floyd: 'Não há nada para se comemorar'. *BBC*. Publicado em: 25 maio 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57236428>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>398</sup> EDITORIAL. Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida. *BBC*. Publicado em: 25 mar. 2021. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323\\_entenda\\_trayvon\\_florida\\_cc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>399</sup> EDITORIAL. Breona Taylor: What happened on the night of her death?. *BBC*. Publicado em: 8 out. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-54210448>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>400</sup> "The fact that my talent stood me apart from my family and friends was something that I would just have to get used to - I knew that even then; but my loneliness was exaggerated because of all the girls I hung round with I was the only one without a boyfriend; there had been one boy at school I really liked, but he didn't want to know. Naturally I started to think that there was something wrong with me.". SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 31. Tradução nossa.

contato. “Eu o quis desde o momento em que o vi”,<sup>401</sup> Simone escreve sobre a paixão adolescente. Esse episódio mostra a realidade dela e muitas crianças negras, que se sentem preteridas desde muito cedo, pois tal preterimento pode ser traduzido nas relações afetivas, bem como em outros tipos de relações.

Do lado profissional, Eunice começava a se preparar para começar o high school e planejar seu futuro. Ela já estava em suas últimas lições de piano com Miz Mazzy, pagas pelo Fundo, e teria a capacidade de financiar seus estudos, pois o projeto da professora estava consistente financeiramente. Nessa mesma época, apesar de distantes, Mary Kate revelou a filha seu sonho de que a menina se tornasse a primeira pianista concertista negra dos Estados Unidos. Essa lembrança é interessante, tendo em consideração que, muitas vezes, a mãe parecia não se preocupar com questões raciais. Fato que demonstra como, por mais que não tão óbvio, o racismo afeta as pessoas negras de maneira diferente, mas transpassa à diferença e os acompanha. “Ela nunca disse abertamente que a cor tinha algo a ver com suas ambições, mas eu sabia disso do mesmo jeito”,<sup>402</sup> pontua Simone. Por outro lado, a professora de piano, Miz Mazzy, desejava que a aluna prodígio estudasse na Allen High School for Girls, escola avançada e privada, em que negros só eram aceitos se pudessem pagar pelos custos do estudo. Lugar que foi para onde a pequena Eunice foi mandada aos doze anos para estudar. O período na Allen High School foi importante para que a pequena Eunice se desse conta que sua carreira musical dependia apenas dela e não dos professores. Porém, manteve aulas semanais na escola e, aos finais de semana, as aulas com Miz Mazzy continuaram, por um certo tempo. A professora ensinava cada vez menos e ouvia cada vez mais, pois o talento musical de Eunice estava se aprimorando. Infelizmente, o namoro com Edney não durou muito tempo após a mudança de Eunice para se formar na Allen High School. De maneira furtiva, Nina Simone relata algumas atitudes abusivas de Edney durante o namoro, tais como empurrar a garota contra a parede em busca de sexo forçado ou, até, atitudes sutis como exigir que ela se mudasse de volta a Tryon, abandonando seus estudos. Por isso, o jovem casal rompeu o namoro e Eunice se afundou nos estudos, a fim de se formar, o que aconteceu em junho de 1950. As relações abusivas vivenciadas por Nina Simone serão tratadas neste trabalho ainda adiante.

Na década de 1950, a família Waymon, com dificuldades financeiras, mudou-se para Filadélfia. Eunice, porém, foi para Nova York, incentivada pela professora Miz

---

<sup>401</sup> “I wanted him from the moment I saw him.”. Idem. Tradução nossa.

<sup>402</sup> “she never said outright that color had anything to do with her ambitious, bur I knew it all the same.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 32. Tradução nossa.

Mazzy, para estudar, com o intuito de se inscrever para uma vaga no Instituto Curtis. Essa escola de música ficava na cidade grande de Filadélfia, Pensilvânia, e era um dos institutos musicais mais renomados da região, com graduados estimados como Samuel Barber, George Walker e Anna Moffo. O legado do instituto é maior do que seu tamanho e valorizava a tradição na música.<sup>403</sup> Morando no Harlem, a jovem fazia aulas semanais de música na renomada Juillard School of Music com um novo professor, Dr. Carl Friedberg, para se preparar para o exame no Instituto. O Harlem, na época, era sede de grande movimentação cultural negra, fruto da grande migração de negros para a região na primeira metade do século XX. Segundo Nina, as noites eram muito agitadas e as mulheres se vestiam muito bem, diferente das ruas tranquilas e conservadoras de Tryon, no Sul do país. Apesar de muito estudo, Eunice foi rejeitada para estudar no Instituto Curtis:

Eu não tinha arrogância em relação ao meu talento, apenas nunca me ocorreu que a promessa não aconteceria. Quando fui rejeitado pelo Instituto Curtis, foi como se todas as promessas feitas a mim por Deus, minha família e comunidade foram quebradas e eu tinha mentido para toda a minha vida. Eu simplesmente não conseguia acreditar que tinha acontecido, e tudo em que conseguia pensar era no que havia desistido ao longo dos anos para chegar onde estava no dia em que ouvi que Curtis não me queria, o que não estava em lugar nenhum. Foi tão difícil entender.<sup>404</sup>

Ao analisar o documento histórico, principalmente uma autobiografia, o historiador deve entender qual a finalidade das escolhas do autor ao selecionar as memórias a serem expostas na obra. Nina Simone escreve, com muito pesar, a rejeição no instituto, a qual, além de representar um passo para seu futuro na música, representava o seguimento em sua formação na música, que vinha sendo feita desde os seis anos de idade. Apesar de todos esses fatores que relacionam tal rejeição, o mais pesaroso deles é a notícia que o irmão Carrol trouxe, como ela relata no trecho:

Nunca me ocorreu imaginar quantos alunos negros havia estudado no Instituto Curtis: era uma pergunta que eu deveria ter feito. A história que Carrol ouviu por meio de meu tio e seus amigos, negros e brancos,

---

<sup>403</sup> EDITORIAL. What Makes Curtis Unique. Curtis Institute. S.d. Disponível em: <<https://www.curtis.edu/about/unique/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>404</sup> “I had no arrogance in regard to my talent, it just never occurred to me that had been promised would not come about. When I was rejected by the Curtis Institute it was as if all the promises ever made to me by God, my family and community were broken and I had been lied to all my life. I just couldn't believe it had happened, and all I could think about was what I had given up over the years to get to where I was the day I heard Curtis didn't want me, which was nowhere. It was so hard to understand.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p 41. Tradução nossa.

era que o Instituto queria matricular alunos negros, mas se negros fossem admitidos, eles não iriam aceitar um negro desconhecido, que se fossem aceitos uma negra desconhecida então não seria uma negra desconhecida, e se eles iam admitir uma negra desconhecida não seria uma menina negra desconhecida muito pobre. Pessoas que sabiam - disseram-me - pessoas brancas que sabiam, disseram que a razão de eu ter sido rejeitado era porque eu era negro.<sup>405</sup>

Tal como evidente no trecho acima, a interseccionalidade de opressões se faz presente, levando em consideração que mesmo sendo uma menina muito talentosa, o fato de ser mulher, negra e pobre fez com que Eunice fosse rejeitada para a vaga no instituto. Portanto, por mais que o destaque ao evento seja carregado de subjetividade que a memória representava para a autora, é irrefutável como tais categorias se combinam e geram uma opressão. “O maravilhoso desse tipo de discriminação é que você nunca sabe ao certo se é verdade, porque ninguém vai se virar e admitir ser racista”,<sup>406</sup> afirma Simone. Eunice acreditava que aquele era um momento em que sua vida mudaria completamente: “eu terminei com a música”,<sup>407</sup> ela lamenta.

A pergunta que eu poderia ter feito, como por que sempre eram mulheres negras como mamãe que limpavam as casas de brancos como a sra. Miller, eu nunca fiz. Eu nunca fiz. Eu sabia que o preconceito existia, mas nunca imaginei que pudesse ter um efeito tão direto no meu futuro. Ninguém me disse que não importa o que eu fizesse na vida, a cor da minha pele sempre faria diferença. Aprendi essa lição amarga com Curtis.<sup>408</sup>

A rejeição no Instituto despertou em Eunice um ponto que o feminismo negro chama de “descobrir-se” negra. Obviamente, ao se olhar no espelho a jovem se via como alguém com a pele mais escura, porém, ao se descobrir negra, a menina começou a entender que parte das rejeições que viveu e viveria na vida eram decorrentes ao simples

---

<sup>405</sup>“I had never occurred to me to wonder how many black students there were studying at the Curtis Institute: it was a question I should have asked. The story that Carrol heard through my uncle and his friends, black and white, was that the Institute wanted to enroll black students, but if blacks were going to be admitted then they were not going to accept an unknow black, that if they were accept an unknow black then it was not going to be an unknown black girl, and if they were going to admit an unknown black girl it wasn't going to be very poor unknown black girl. People who knew - I was told - white people who knew, said the reason I was turned down was because I was black.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. 2. ed., p. 42. Tradução nossa.

<sup>406</sup> “The wonderful thing about this type of discrimination is that you can never know for sure if it is true, because no one is going to turn around and admit to being a racist.” Ibidem, p. 43. Tradução nossa.

<sup>407</sup> “I was finished with music.”. Idem. Tradução nossa.

<sup>408</sup> “The question I might have asked, like why it was always black women like Momma who cleaned the houses for white people like Mrs. Miller, I never did. I never did. I knew prejudice existed, but I never thought it could have such a direct affect on my future. Nobody told me that no matter what I did in life the colour my skin would always make a difference. I learned that bitter lesson from Curtis.”. Ibidem, p. 44. Tradução nossa.



fato dela ser uma mulher e negra. Descobrir-se negro ou negra é o momento em que o indivíduo entende que seu corpo apenas por existir é um corpo político e, mais que isso, entende as injustiças da sociedade a partir de uma ótica racial.<sup>409</sup> Dentro do contexto racista e segregacionista que os Estados Unidos viviam na década de 1950, Eunice percebeu que ser negra, do ponto de vista supremacista branco, era ser automaticamente inferior.

De volta à Filadélfia, para junto da família, Eunice tentou fugir da música por um tempo, em decorrência do trauma da rejeição do Instituto Curtis e para ajudar os pais no sustento da casa. Ela conseguiu um emprego como assistente de fotografia em um estúdio, trabalho o qual a autora classifica como “vida estúpida”. Depois disso, ela conseguiu um emprego como assistente e acompanhava uma senhora branca nas aulas de canto no *The Arlene Smith Studio*, trabalho qual a garota ganhava um dólar por hora. Nesse mesmo estúdio, Eunice foi convidada a dar algumas aulas de música sem supervisão e foi a primeira vez que ela ganhou dinheiro cantando e tocando como uma profissional da música. Esse emprego despertou na jovem a ideia de montar seu próprio estúdio de música, o qual começou com apenas oito alunos.

Na rotina dividida entre trabalho e aulas de piano, a jovem não tinha muitos amigos e nem contato com muitas pessoas além dos estudantes que ensinava música e o professor de música clássica com quem tomava lições de piano. Essa certa solidão fez com que o psiquiatra Gerry se tornasse também um amigo próximo, assim como Faith Jackson, que é considerada pela autora como sua única amiga real durante esse período. Jackson trabalhava como garota de programa, através do pseudônimo Kevin Matthias, e causava inveja à Eunice, mas não do dinheiro, não da carreira, mas sim da liberdade. A questão da liberdade é um ponto importante para Nina Simone desde muito jovem: por isso ela é descrita por Dave Marsh como a “cantora da liberdade”, pois uma das maiores frases da cantora veio de uma entrevista, na qual a cantora define o que é liberdade em sua perspectiva:

É um sentimento. Liberdade é apenas um sentimento. É como tentar explicar para alguém como é estar apaixonado. Como você vai explicar isso para alguém que nunca sentiu? Você não consegue. Mas você sabe quando acontece. Houve algumas vezes no palco em que eu realmente me senti livre. E isso é uma coisa incrível. É realmente incrível. Eu te digo o que liberdade significa para mim: nenhum medo! Realmente

---

<sup>409</sup> PIRES, Gabriela. Fragmentos do descobrir-se negra. *Geledés*. Publicado em: 22 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/fragmentos-do-descobrir-se-negra-por-gabriela-pires/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

nenhum medo. Se eu pudesse ter isso por metade da minha vida... É algo que realmente se sente. Como um novo jeito de enxergar.<sup>410</sup>

Assim como mostra o trecho acima, a busca constante pela liberdade para Nina Simone era não ter medo e, por isso, ela sentia inveja da liberdade da amiga prostituta, a qual tinha liberdade correndo nas veias. Em 1954, em busca de uma liberdade artística e entrando ainda na ambivalência entre a música clássica e a música popular, Eunice aceita o convite para se apresentar no Mid Town Bar em Atlantic City, que ficava a menos de 100 quilômetros da Filadélfia. As apresentações aconteceriam durante o verão e renderiam para a cantora \$19,00 dólares por semana. O nome Nina Simone, que apesar de soar afrancesado, vem de um namorado hispânico que a chamava de *niña* e o Simone é em homenagem a atriz francesa Simone Signoret, servindo como forma de esconder da mãe, que desaprovava que a filha se apresentasse para público não religioso e em bares: “Então, quando o verão chegou, deixei a Filadélfia como Eunice Waymon e cheguei em Atlantic City como Nina Simone.”<sup>411</sup>, rememora a autora. Sua primeira noite apresentando-se dentro de um bar, local ela nunca tinha entrado anteriormente, foi surpreendente: apesar da ansiedade, Simone apenas fechou os olhos e cantou. Após o espetáculo, o dono do bar, Harry Steward, sugeriu que, nas próximas apresentações, ela cantasse enquanto tocasse o piano e, assim, ela o fez.

O acordo era que eu me apresentasse das 21h às 4h, com intervalo de quinze minutos a cada hora. Com isso, ganhava noventa dólares por semana, mais gorjetas e todo o leite que podia beber. Naquela primeira noite, a única coisa que não me deixou nervosa foi tocar. Eu conhecia centenas de canções populares e dezenas de peças clássicas, então o que fiz foi combiná-las: chegava preparada com peças clássicas, hinos e canções gospel e improvisava nelas, ocasionalmente escorregando em uma parte de uma canção popular. Cada música - que não é a maneira certa de descrever o que eu estava tocando - durava entre trinta e noventa minutos. Eu apenas me sentei, fechei os olhos e me afastei da música.<sup>412</sup>

---

<sup>410</sup> RODIS, Peter. ‘Liberdade’ por Nina Simone – trecho do documentário “Nina: a historical perspective”. *Revista Prosa Verso e Arte*, 1970. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/as-cores-da-minha-alma-nina-simone/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

<sup>411</sup> “So when summer came I left Philly as Eunice Waymon and arrived in Atlantic City as Nina Simone.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 49. Tradução é nossa.

<sup>412</sup> The deal was I performed from 9pm to 4am, with a break of fifteen minutes every hour. For that I got ninety dollars a week plus tips and as much milk as I could drink. That first night the only thing I wasn't nervous about was that to play. I knew hundreds of popular songs and dozens of classical pieces, so what I did was combine them: arrived prepared with classical pieces, hymns and gospel songs and improvised on those, occasionally slipping in a part from a popular tune. Each song - which isn't the right way to describe what I was playing - lasted anywhere between thirty an ninety minutes. I just sat down, closed my eyes and drifted away on the music.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 50. Tradução é nossa.

Em outras palavras, aquele era um momento de descobertas musicais para a jovem de apenas 21 anos, a qual nunca tinha performado para uma plateia tão profana, como categorizaria a mãe. Cantar nesse bar foi o começo da carreira de Nina Simone como cantora e instrumentista de música popular. Apesar da relutância, ela percebeu que precisava se aproximar mais da música popular para conquistar o público, o que não a impedia de interligar os dois estilos transformando suas apresentações em performances únicas. Ademais, Nina Simone, que vem de uma formação de música clássica, desde as suas primeiras apresentações, adotou uma postura clássica com a audiência, que será criticada mais tarde, ainda assim, nesse começo de carreira era visto como excêntrico. Simone não continuava sua apresentação se a plateia não estivesse prestando atenção: o silêncio era um dos princípios das performances, mas era difícil alcançar esse tipo de comportamento em um bar que recebia os turistas no verão. “Se eles não queriam ouvir, eu também não queria tocar<sup>413</sup>” afirma a cantora.

Porque eu tinha que tocar horas por noite, comecei a improvisar, mas eu não sabia que poderia fazer isso até que fosse necessário. Quando me sentei ao piano na minha primeira noite, não tinha ideia do formato da música que tocaria. Simplesmente saiu sem que eu pensasse, a primeira música original que nunca toquei. Me reprimi a ponto de não ter tocado nenhuma de minhas próprias canções antes porque não sabia que as tinha ali; eu não sabia até que elas saíram. Elas surgiram com a técnica de Bach, mas eram minhas canções, e eu escrevia novas todas as noites.<sup>414</sup>

Naquele bar em Atlantic City, às escondidas, nascia uma das maiores cantoras dos Estados Unidos, que descobria entre o clássico e o popular, o sagrado e o profano, seu estilo de música único, que transparecia em todas as facetas de sua performance. Tornar-se-ia, mais tarde, uma das referências musicais quando se trata de originalidade. No entanto, com o fim do verão, de volta à Filadélfia, a rotina já não era a mesma: surgiu a oportunidade de ensinar crianças e outras oportunidades de trabalho, as quais necessitavam de agenciamento. O agente escolhido foi Harry Steward e, a partir daí, Nina Simone se tornou cantora dos bares mais populares da cidade e ganhava um salário considerável para isso. Enquanto isso, a mãe Mary Kate não sabia qual era a origem do dinheiro que a filha trazia para casa, até que ela descobriu e, naturalmente, repreendeu a filha, uma reação que segundo Simone, “machucou, mas não surpreendeu”. O medo dos pais era perder a filha para o diabo, pensamento condizente com a ordem religiosa da

---

<sup>413</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>414</sup> Idem.

época. Todavia, já em 1956, Nina tocava em bares quase todas as noites e combinava o trabalho noturno com aulas constantes de piano com o novo professor Vladimir Sokhaloff, um professor no Curtis Institute, na mesma época em que começou um relacionamento com seu primeiro marido Don Ross, que era um moço branco que ia vê-la se apresentar todos os dias no bar em Atlantic City. O *affair* acompanhou o casal até a Filadélfia. “Ele me amava e eu precisava ser amada”, afirma Simone, sobre o relacionamento precoce.

Após o casamento, Nina Simone se muda com o marido para Nova York, onde suas performances diferenciadas vão ser notadas e valorizadas, a partir daí a carreira de Nina Simone começa a se consolidar.

## 5. NOVA YORK, NINA SIMONE E O ARTIVISMO

Uma das especificidades da arte de Nina Simone, tem-se o *ativismo*<sup>415</sup>, que é a ideia de utilização de linguagens diversas ou plataformas diversas para expressar visões de mundo. O conceito de ativismo tem origem no campo das ciências sociais com confluência do campo das artes surgindo a partir da ideia do entrelace da arte como ferramenta de manifestação política.<sup>416</sup> Durante metade da sua vida, Nina Simone vivencia a segregação racial e o racismo de perto e expressa, em sua arte, a sua indignação diante do sistema que oprime pessoas apenas pela sua cor de pele. Além disso, Simone participou ativamente do movimento por direitos civis, tornando-se uma das cantoras com a cara do movimento. Através da sua arte, a cantora não só despertou o pensamento crítico em si, mas como nos fãs o que multiplicou o espectro do ativismo, contribuindo, assim, para criação de espaços de comunicação e de opinião no campo político. O cientista social Paulo Raposo, ao tentar articular as dissidências do ativismo e criar insurgências, conceitua o termo como:

Um neologismo conceitual de instável consensualidade que no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polêmicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. [...] A sua natureza estética e simbólica amplificada, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Ativismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística-nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística.<sup>417</sup>

No trecho, o autor explica que, pelo ativismo, o artista tenta fazer a ligação entre arte e política com as diversas linguagens que a arte pode proporcionar ao artista. Nina Simone, enquanto artista, propõe-se a refletir o seu tempo e utiliza, portanto, a música para reivindicar direitos civis para os afro-americanos. Desse modo, nota-se um movimento de resgate da função social da arte que pode acontecer de maneira intencional ou sem planejamento. Paulo Raposo explica, também, que a forma de ativismo sem planejamento ou intensão prévia pode ser definida como *balakava*, a qual significa aquilo

---

<sup>415</sup> Ativismo é termo que expressa a união entre ativismo político e arte, na América Latina alguns artistas adotaram o termo para caracterizar sua arte como forma de expressão. LESSA, Patrícia. Visibilidades y ocupaciones artísticas en territorios físicos y digitales. PADRÓS, Núria; COLLELLDEMONT, Eulàlia; SOLER, Joan. Actas del XVIII Coloquio de Historia de la educación: arte, literatura y educación. v. 1. Espanha: Editora da UniVic, 2015, p. 211-224.

<sup>416</sup> Cf. RAPOSO, Paulo. 2015.

<sup>417</sup> RAPOSO, Paulo. Ativismo: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4, n. 2. 2015, p. 3-12, p. 5.

que passa as montanhas. Ele entende esse tipo de ativismo e arte como parte dos novíssimos movimentos sociais e/ou um conjunto de insurreições temporárias que não chegaram a completar seu destino.<sup>418</sup>

Outrossim, o ativismo também pode ser visto, como afirma Ortega, ao analisar o ativismo como ação e estratégia tática para novas narrativas artísticas, “como uma fórmula nova e mais eficaz para abalar as consciências necessárias para permitir o desenvolvimento de ações estratégicas e se consolidar por meio da criação de outras possíveis táticas políticas para o futuro com certa notoriedade.”<sup>419</sup> Em outras palavras, o autor propõe que o ativismo, no século XXI, seja analisado como uma estratégia que engloba a arte nômade que reflete as relações sociais e formas diferentes de articulação e protesto. Nina Simone já fazia tal forma de ativismo nos meados do século XX, antes mesmo do conceito de ativismo ter se desenvolvido e se consolidado. Nina Simone traz uma arte que é política e antirracista e inspira outros artistas. Dado tal dado, não se pode analisar as composições autorais de Nina Simone retirando-as do contexto social e político com que elas foram produzidas. Ademais, nota-se que a arte de Nina Simone envolve uma certa subjetividade das vivências da cantora. Como escreveu Francisco Ortega:

Podemos considerar a origem da arte social, tal como a entendemos atualmente, sendo aquela que define aquelas ações com carga política e transgressora que está implícita nos diferentes processos de mudança que nossa sociedade vive, nos primeiros movimentos feministas ocorridos nos anos 60 e nas primeiras aparições do vídeo, a par do surgimento do conceptualismo que trará novos olhares para o mundo da arte e das primeiras manifestações artísticas em que o corpo passou a ser o suporte que sustentou e transformou a mensagem, a desempenho dos anos 1970. Esta nova concepção da arte como comunicadora e do corpo como suporte, deu origem ao nascimento de práticas artísticas como o acontecer juntamente com a contribuição do movimento europeu Fluxus. No contexto latino-americano, na década de 1970, a luta política e o surgimento de uma arte de resistência propiciaram um estilo característico de action art; uma concepção do corpo como território de negociações e confrontos que servirá de base especulativa para projetar uma nova posição ideológica frente às realidades do meio.<sup>420</sup>

---

<sup>418</sup> Idem.

<sup>419</sup> “Como una nueva fórmula más eficaz para realizar la sacudida de conciencias necesarias que permitan el desarrollo de acciones estratégicas y sean consolidadas mediante la creación de otras tácticas políticas posibles de futuro con cierta notoriedad, se configura el concepto de activismo.” ORTEGA, Francisco V. El activismo como acción estratégica de nuevas narrativas artístico-políticas. *Calle14*, v. 15, n. 10, 2015. p. 100-111. Tradução nossa.

<sup>420</sup> “Podemos considerar el origen del arte social, tal y como lo entendemos actualmente, siendo el que define aquellas acciones con una carga política y trasgresora que se implica en los distintos procesos de cambios que experimenta nuestra sociedad, en los primeros movimientos feministas que tuvieron lugar en

O ativismo também pode estar relacionado ao ressurgimento dos movimentos feministas nas décadas de 1960 e 1970, como explica o autor do trecho acima. O fato é que, desde que a arte se ligue com movimentos sociais, no sentido do processo político, o qual envolve o contexto histórico de cada época, o ativismo se faz presente antes do conceito. O feminismo enquanto movimento de libertação das mulheres pode acompanhar a arte, empoderando mulheres artistas a libertarem-se dos padrões de gênero e artistas, como Nina Simone enfrenta, através da arte, as facetas do racismo. Como movimento libertário e empoderamento feminino, o feminismo, com frequência, utiliza-se do ativismo como forma de expressão política contra a opressão de gênero, assim como afirma Patrícia Lessa no trecho:

Os ativismos e os feminismos ajudam a pensar os múltiplos lugares de expressão do olhar artístico e ativista que luta contra os mecanismos que obrigam a adesão às normas sociais, que em suas práticas e teorias dissolvem as fronteiras dos paradigmas dominantes pela mediação de forças rebeldes em sua expressão de criatividade performativa. Diferentes propostas cruzam o texto em diálogo com o feminismo libertário para pensar estratégias de transformação dos espaços públicos e ver o ativismo como instrumento de visibilidade, transferência e ruptura.<sup>421</sup>

Dessa forma, pode-se entender o feminismo e o ativismo como movimentos interligados, os quais podem coexistir com independência entre si, apesar do contrário acontecer frequentemente. Partindo do pressuposto de que os feminismos são plurais e que feminista é aquela mulher que acredita que não existem papéis de gênero previamente impostos, logo, pode-se então considerar que Nina Simone foi uma feminista, ainda que ela mesma não se considerasse como tal.

---

los años sesenta y en las primeras apariciones del video, junto con el surgimiento del conceptualismo que traerá nuevos puntos de vista al mundo del arte, y las primeras manifestaciones artísticas donde el cuerpo se convertía en el soporte que sostenía y transformaba el mensaje, la performance de la década de los setenta. Esta nueva concepción del arte como comunicador y el cuerpo como soporte, dieron lugar al nacimiento de prácticas artísticas como el happening junto con la contribución del movimiento Fluxus europeo. En el contexto latinoamericano, en la década de los setenta, la lucha política y la emergencia de un arte de resistencia propiciaron un estilo característico del arte de acción; una concepción del cuerpo como territorio de negociaciones y confrontaciones que servirá de base especulativa para proyectar un nuevo posicionamiento ideológico frente a las realidades del entorno.”. ORTEGA, Francisco V. Op. Cit., 2015. Tradução nossa.

<sup>421</sup> “Los activismos y los feminismos ayudan a pensar los múltiples lugares de expresión en la mirada artística y activista que lucha contra los mecanismos que obligan a sujetarse a las normas sociales, que en sus prácticas y teorías disuelven las fronteras de los paradigmas dominantes por intermedio de la fuerza contestataria en su expresión de creatividad performativa. Diferentes propuestas atraviesan el texto en diálogo con el Feminismo Libertario para pensar en estrategias de transformación de los espacios públicos y ver el activismo como instrumento de visibilidad, traslados y ruptura.”. LESSA, Patrícia. Op. Cit., 2015. Tradução nossa.

O ativismo pode ser analisado também como um movimento de insurgência que não contém um plano de transformação definido ou planejado. Tal insurgência pode ser associada à emergência ou àquilo que surge de dentro, o qual não é, necessariamente, projetado, mas que surge de um desejo do artista de opor-se; e, nesse caso, esse opor-se refere-se a questões sociais e políticas. Como, por exemplo, o movimento da escola de Frankfurt, o qual tinha a equação arte e política muito presente, voltando sua crítica à estetização da política praticada pelo fascismo. Em outras palavras, a arte somada à política da Escola de Frankfurt<sup>422</sup> desenvolve uma crítica insurgente à estética do fascismo.<sup>423</sup> A estética e a política têm formas de organizar aquilo que é sensível, o que possibilita a construção da visibilidade e da inteligibilidade dos acontecimentos. Ou seja, há uma construção perene.

Outro exemplo dessa relação orgânica entre arte e política é o levante da juventude parisiense, em 1968, o qual pode ser associado à reformulação de novos agentes – os novíssimos movimentos sociais – em que o ativismo se consolidou como *modus operandi* na luta anticapitalista dos estudantes. Nos Estados Unidos, vê-se o levante dos afro-americanos contra o racismo e a segregação racial contado com organizações negras e artistas engajados. Ao entender o trabalho de Gisela Latorre e Chela Sandoval, os quais foram responsáveis por introduzir o conceito de ativismo no meio acadêmico, Paulo Raposa atenta para o fato que:

Para as autoras significava a prática e a obra criada por indivíduos que buscam uma relação orgânica entre arte e ativismo, exigindo por isso não apenas uma volição estética, mas um modo de consciência e um posicionamento político no mundo. Uma vez mais fica em aberto a questão do cumprimento deste destino a que a arte com refinamento político propõe.<sup>424</sup>

Nina Simone, entre suas composições, performances, vestimenta e postura dentro e fora do palco, mostra-se uma mulher irreverente e resiliente, imbuída com coragem para fugir das composições falocêntricas, presentes na indústria fonográfica das décadas de

---

<sup>422</sup> A Escola de Frankfurt é o nome dado ao grupo de pesquisadores associados Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, na Alemanha. O grupo aplicou o marxismo a uma teoria social interdisciplinar radical, além de ser o primeiro centro de pesquisa marxista afiliado a uma universidade renomada na Alemanha. Em outras palavras, os membros da Escola de Frankfurt tentam desenvolver a teoria da sociedade a partir da teoria marxista e da filosofia hegeliana, dentro eles estão nomes como Max Horkheimer, T.W. Adorno, Erich Fromm, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. As relações sociais dentro do sistema capitalista são analisadas a partir de conceitos marxistas, que é conhecida como a teoria crítica. Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Frankfurt School". *Encyclopedia Britannica*. Publicado em: 22 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Frankfurt-School>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>423</sup> Cf. RAPOSO, Paulo. 2015.

<sup>424</sup> RAPOSO, Paulo. Op. Cit., 2015, p. 8.



1950 e 1960, nos Estados Unidos. Nesse período, vemos consolidação da identidade negra convergente com as perspectivas dos anseios da população negra. Ela fugia da ideia de fragilidade feminina, presente na sociedade da época e, conseqüentemente, na indústria, a qual colocava as mulheres em posição estigmatizada de extremos, ora frágil e dependente, ora hiperssexualizada. Nina Simone nadava, portanto, contra a corrente.<sup>425</sup>

### 5.1. Nova York

A mudança para a cidade de Nova York foi um dos passos para que a carreira de Nina Simone começasse a se consolidar no país, além de que na cidade ela teve maior contato com os grandes nomes do movimento negro nas diversas artes, daí a importância dos anos em Nova York na autobiografia da autoria.

Um agente novaiorquino chamado Jerry Fields, assistindo algumas apresentações de Simone, e encantado com a unicidade das performances, convidou-a se mudar para Nova York e se apresentar nos bares da cidade. Com uma boa reputação no meio artístico, o agente ofereceu um salário maior na cidade de Nova York, além de exigir exclusividade no agenciamento da carreira da cantora. E, contrariando a mãe, Nina se mudou com o marido para Nova York em 1956, para ser agenciada por Jerry Fields. Na cidade, se juntou com o guitarrista Al Shackman e faziam apresentações juntos, oportunidade perfeita para ligar os acordes de guitarra com os arranjos de piano e voz, os quais eram feitos por Nina Simone.

Em parceria com Shackman, ela gravou sua primeira música “Little Girl Blue”. Ela conta a história de uma pequena garota que, sentada e sem esperanças, conta as gotas da chuva que caem, esperando dali um acalento para sua tristeza. Apesar de parecer melancólica, a canção marca a característica da arte de Nina Simone em combinar ritmos. Após o lançamento dessa música, algumas gravadoras procuraram a cantora, a fim de gravar um disco, inclusive a gravadora Bethlehem. Os convites foram recusados *a priori*, porque Nina Simone não perseguia a fama, tocar em clubes não era a grande ambição de sua vida, mas também não era algo que a deixava frustrada. Mesmo assim, após negociações, a cantora fechou o contrato com a gravadora Bethlehem através do agente deles Sid Nathan:

No final da gravação, Sid me deu um pedaço de papel para assinar, o que fiz sem ler. Era um contrato de gravação padrão. Não tinha gerente,

---

<sup>425</sup> LORDI, Emily J. Souls intact: The soul performances of Audre Lorde, Aretha Franklin, and Nina Simone. *Women & Performance: a journal of feminist theory*, v. 1, n. 26, 2016, p. 55-71.

nem advogado, nem contador. Para que eu preciso deles? Eu era um pianista clássico, não uma estrela pop. Foi um erro que, no final, me custou mais de um milhão de dólares.<sup>426</sup>

Assim, o álbum *Little Girl Blue* foi gravado em 1958, em Nova York, mas a cantora ainda não acreditava no sucesso desse primeiro disco: “caso nada desse certo, continuei nos clubes na Filadélfia, para me manter disponível”.<sup>427</sup> Infelizmente, o álbum não teve muitos recursos da gravadora e nem assistência de divulgação do trabalho, pois o agente Sid Nathan se recusava, segundo a autora, a dar um aporte de agenciamento para o novo álbum. Nesse mesmo ano, Simone e o marido se estabeleceram de vez na cidade de Nova York porque era a cidade onde a efervescência cultural era maior do que nas cidades do Sul.

Tudo isso foi somado a um casamento mal sucedido: após o casamento, o marido se tornou ausente por conta de uma dependência do álcool, a qual tornou-o alcoólatra. Morando em Nova York, a vida noturna se tornou ainda mais agitada, o que levou ao fim do breve casamento, em 1959. Longe de casa, recém divorciada e se sentindo sozinha, Simone se dedicou integralmente à carreira e em se manter na cidade. Nesse ano, Simone assinou contrato com a gravadora Columbia Pictures [Colpix], na qual gravou o álbum *The Amazing Nina Simone*. Ao mesmo tempo, a gravadora Bethlehem usufruindo dos direitos autorais, lançou o álbum *Nina Simone e seus amigos*, que continham músicas gravadas, mas que não foram para o primeiro álbum da cantora. Quando Nina Simone se referiu a perder muitos dólares por não prestar atenção em detalhes do contrato, era a isso que ela se referia. Claramente o começo da carreira da cantora na indústria fonográfica foi marcado por altos e baixos em relação a gravadoras, contratos e agentes, até que ela começou a ser agenciada por Bertha Case, que segundo a autora foi sua primeira empresária real. Case foi promotora do primeiro concerto de Nina em 12 de setembro de 1959, na prefeitura da cidade de Nova York, gravado pela gravadora Colpix e gerador de um álbum com o nome *Nina Simone at Town Hall*, que, felizmente, fez muito sucesso: “foi uma noite de sucesso como nos filmes” contando com a presença da imprensa. Anos depois, em 2005, o jornal *The Guardian* escreveu:

A extraordinária Simone aos 26 anos, fez sua estreia em Nova York em 1959. O sonho de infância da diva era se tornar uma estrela do piano

---

<sup>426</sup> “At the end of the recording Sid gave me a piece of paper to sign, which I did without reading it. It was a standard recording contract. I had no manager, no lawyer and no accountant. What would I need them for? I was a classical pianist, not some pop star. It was a mistake that, in the end, would cost me over million dollars.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 60. Tradução nossa.

<sup>427</sup> Ibidem, p. 61.

clássico, mas o racismo a forçou a tocar em bares. Simone assim lembrou que quando ela finalmente conseguiu chegar a uma prestigiosa sala de concertos, ela "caminhou como uma rainha egípcia - lenta, calma e séria", mal conseguindo acreditar que finalmente não havia garotas com cigarro distraíndo os apostadores, e um piano não desafinado.<sup>428</sup>

“De repente eu era a nova coisa quente”, Simone escreve. Ela ficou conhecida, a partir de então, como uma cantora de jazz, apesar de não se classificar como tal. O público que lotava as apresentações da cantora era formado por fãs de jazz, os quais viam no mix de ritmos e acordes de Simone algo muito característico do ritmo em alta. Simone encontrou seu público ali, como ela recorda no trecho:

A imprensa de Nova York enlouqueceu comigo e achei difícil entender por que estava sendo saudado como uma nova estrela. Eu já tinha um álbum de sucesso, eu não sabia, então por que tanta emoção? A reação da multidão naquela noite foi outra coisa também. Eu tocava em clubes há anos e, embora as pessoas gostassem de mim, nunca tinha ficado tão selvagem quanto antes. Eu tinha jogado meu set usual, então o que havia de novo? A verdade vem para casa nas próximas semanas: foi meu público que mudou - eu encontrei meu público em Midtown novamente aqui em Nova York.<sup>429</sup>

Assim como mostra o trecho acima, após o concerto em 1959, a cantora ficou amplamente conhecida na cidade e foi convidada para se apresentar no centro de jazz da cidade, *The Village Gate*, onde a plateia era artística e individual e frequentadas por pessoas como John Coltrane, Art Pepper e George Adams e os escritores James Baldwin, Leroi Jones e Lorraine Hansberry. Além de música, debates culturais, em voga no começo da década de 1960, rodeavam as mesas do *The Village*, enquanto jornalistas, diretores e produtores faziam parte da plateia também. “A política misturava-se tanto com o que acontecia em Gate que agora me lembro dos dois lados da mesma moeda, política e jazz” recorda Nina. Uma das canções que compõem o repertório de *Nina Simone at Town Hall*,

---

<sup>428</sup> “The extraordinary Simone at 26, making her New York concert debut in 1959. The diva's childhood dream had been to become a classical piano star, but racism had forced her to play bars instead. Simone thus recalled that when she made it to a prestigious concert hall at last, she "walked on like an Egyptian queen - slow, calm and serious", barely able to believe there were finally no cigarette girls distracting the punters, and no out-of-tun piano.” FORDHAM, John. *Nina Simone, Nina Simone at the Town Hall*. The Guardian. Publicado em: 11 mar. 2005. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2005/mar/11/jazz.shopping>>. Acesso em: 10 mar. 2022. Tradução nossa.

<sup>429</sup> “The New York press went crazy over me, and I found it hard to understand why I was being hailed as a new star. I already had a hit record, I wasn't unknown, so why all the excitement? The reaction of the crowd that night was something else, too. I'd played clubs for years, and although people liked me they had never gone as wild as that before. I had played my usual set, so what was new? The truth came home over the next couple of weeks: it was my audience that had changed - I'd found my Midtown audience again here in New York.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 66. Tradução nossa.

é “*Black is The color of My true love’s hair*”, regravada diversas vezes baseada na composição original de Jörgen Elofsson, ganhou na interpretação de Nina Simone novos arranjos de voz e piano, os quais tornaram a música um hino para os amantes da época.

Mais trabalho trouxe consigo, também, mais dinheiro e o reconhecimento que não aconteceu desde a infância. A década de 1960 foi marcada na vida de Nina Simone como o início da realização de suas ambições, enquanto no resto do país o movimento por direitos civis despontava com novas táticas e estratégias de ações e novos líderes. Não precisar tocar em bares e clubes e viver apenas dos concertos era uma das novas ambições de Nina Simone. Porém, nesse período em que a atividade cultural e intelectual de Nova York estava em alta, era possível encontrar Nina Simone performando no The Village Gate e em outros bares menores. “Eu estava rica, ou não mais pobre” conta e continua:

Depois que os críticos do Town Hall começaram a falar sobre o tipo de música que eu estava tocando e tentaram encontrar um espaço para arquivá-la. Era difícil para eles porque eu tocava músicas populares em um estilo clássico com uma técnica de piano clássico influenciada por cocktail jazz. Além disso, incluí espirituais e canções infantis em minhas performances, e esse tipo de música foi automaticamente identificado com o movimento folk. Então, dizer que tipo de música eu tocava deu problemas aos críticos porque havia algo de tudo ali, mas também significou que eu era apreciado em todos os aspectos - por fãs de jazz, folk, pop e blues, bem como por admiradores de música clássica.<sup>430</sup>

## 5.2. Solidão, afetividade e relacionamentos

Nina Simone conheceu o chefe de polícia Andrew Stroud, em um dos seus shows em 1960. O casal se casou em 1961, em uma cerimônia modesta em Nova York. O casamento de Andy Stroud e Nina Simone é um dos aspectos da vida da cantora que mais causa controvérsia entre os estudiosos de sua vida, pois Simone vivia com o marido um relacionamento abusivo mesmo antes do relacionamento se tornar um casamento oficialmente. Na autobiografia, a autora relata o primeiro episódio de agressão física deferida contra ela por, até então namorado, Andy, e ela diz:

---

<sup>430</sup> “After Town Hall critics started to talk about what sort of music I was playing and tried to find a neat slot to file it away in. It was difficult for them because I was playing popular songs in a classical style with a classical piano technique influenced by cocktail jazz. On top of that I included spirituals and children’s songs in my performances, and those sorts of songs were automatically identified with the folk movement. So saying what sort of music I played gave the critics problems because there was something from everything in there, but it also meant I was appreciated across the board - by jazz, folk, pop and blues fans as well as admirers of classical music.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 68. Tradução nossa.

Andy se levantou e saiu, então eu o segui até a rua e o encontrei procurando um táxi. Quando me aproximei dele, ele se virou e me bateu. Então ele se virou para encontrar seu táxi e me bateu novamente. Veio um táxi e ele me empurrou, entro no carro e deu meu endereço ao motorista. Ele me bateu no táxi, na calçada do lado de fora do meu prédio, no saguão do prédio, no elevador até o décimo segundo andar e no corredor que dava para o apartamento.

Quando entramos no apartamento, eu já estava sangrando. Andy andava em círculos como um louco, gritando e virando-se furtivamente. Eu estava tentando dizer a ele que não havia nada para ter ciúmes, mas ele não estava ouvindo.

[...] Ele tinha enlouquecido. Foi assim por horas, [...] <sup>431</sup>

O relato acima expressa uma agressão que ocorreu após um fã de Nina Simone entregar para a cantora um bilhete com o seu telefone, uma ocorrência comum no mundo de *show business*. Na década de 1960, mesmo com uma suposta proteção jurídica, mulheres, principalmente mulheres negras, eram agredidas com certa frequência pelos seus maridos, como é o caso de Nina Simone. Neil Websdale acredita que o sufrágio feminino foi um dos passos que levou a independência das mulheres, como ele afirma no trecho:

Essas decisões ofereceram o potencial de proteção real para as esposas contra maridos violentos. Essas decisões também legitimaram a lei ao oferecer um aparato que, em tese, poderia auxiliar as mulheres agredidas. É meu argumento que votar teve o mesmo efeito, a saber, a legitimação do patriarcado. As reformas legais nas áreas de violência doméstica e direitos de sufrágio refletem a relação dialética entre a mudança legal / política e a estrutura do patriarcado. <sup>432</sup>

Dentro dessa lógica, o autor argumenta que a ascensão do capitalismo está ligada ao controle de gênero, em outras palavras, controle sobre a mulher, para preservação da família. Concordando com essa ideia, todavia de uma forma um pouco mais detalhada, Tithi Bhattacharya defende a teoria da reprodução social como uma das motivações de se

---

<sup>431</sup> “Andy got up and walked out so I followed him on to the street and found him looking for a cab. When I walked up to him he turned around and hit me. Then he turned back to find his cab, then he hit me again. A cab came and he pushed me in it, got himself and gave the driver my address. He hit me in the cab, on the pavement outside my apartment building, in the lobby of the building, on the elevator up to the twelfth floor and along the passageway to apartment. / When we got inside the apartment I was already bleeding. Andy walked around like a madman, shouting and turning over furniture. I was trying to tell him that there was nothing to be jealous of, but he wasn't listening. / [...] He'd lost his mind. It went on like that for hours, [...]”. Ibidem, p 77. Tradução nossa.

<sup>432</sup> “These rulings offered the potential of real protection for wives against violent husbands. Such rulings also legitimized the law by offering an apparatus that, in theory, could assist battered women. It is my argument that voting had the same effect, namely, the legitimation of patriarchy. Legal reforms in the areas of domestic violence and suffrage rights reflect the dialectical relationship between legal/political change and the structure of patriarchy.”. WEBSDAEL, Neil. Female Suffrage, Male Violence, and Law Enforcement in Lane County, Oregon, 1853 to 1960: An Ascending Analysis of Power. *Social Justice*, v. 19, n. 3, 1992, p. 82-106. Tradução nossa.

atrelar à questão de gênero a luta de classes e a teoria marxista. A partir dessa teoria, acredita-se que as mulheres são responsáveis por reproduzir a força de trabalho, em forma de pessoas, através da gestação, partindo da ideia de que a chave do sistema capitalista é a força de trabalho, ela produzida e reproduzida. Nesse contexto, a forma de um espaço de reprodução capitalista e em um local baseado em laços de parentesco, é o que chamamos de família. Portanto, nessa lógica a perpetuação da família, enquanto instituição burguesa, é um dos pilares do capitalismo e a mulher está no centro dessa equação, como um processo integrado. Em outras palavras, Bhattacharya argumenta que qualquer conversa que fale sobre o fim da opressão das mulheres, tem que passar pelo crivo do fim do sistema capitalista. Sem isso, a independência das mulheres sempre será nos moldes burgueses em que uma mulher pode ser capaz de oprimir uma outra mulher, através da hierarquia dos cargos nas empresas, por exemplo. Dessa forma, o melhor jeito de lutar contra a opressão das mulheres é na esfera trabalhista.<sup>433</sup>

Nos Estados Unidos dos anos 1960, a maioria das mulheres inseridas no mercado de trabalho de modo formal ou informal eram as mulheres negras, ao mesmo passo que havia, ainda, muitos relatos de violência doméstica contra essas mulheres, os quais poderiam se estender também para o ambiente não doméstico. A violência em lares afro-americanos, se dá por motivos raciais, como um fato estrutural,

O fator estrutural mais importante que contribui para atos de violência praticada por parceiro íntimo perpetrados por homens afro-americanos é sua exposição intergeracional à opressão racial e de gênero. Uma característica importante da experiência dos homens afro-americanos envolveu o enfrentamento dos desafios associados a serem vitimados por arranjos institucionais concebidos para impedir sua capacidade de alcançar igualdade política e econômica com os homens brancos. Na América, os padrões históricos e contemporâneos de discriminação racial são responsáveis por disparidades raciais significativas na educação, emprego e igualdade de renda entre brancos e afro-americanos.<sup>434</sup>

---

<sup>433</sup> Cf. BHATTACHARUA, Tithi, 2013.

<sup>434</sup> “The most important structural factor contributing to acts of intimate partner violence perpetrated by African American men is their intergenerational exposure to racial and gender oppression. A major feature of the experience of African American men has involved coping with the challenges associated with being victimized by institutional arrangements that have been designed to hinder their capacity to achieve political and economic equality with White men. In America, historical and contemporary patterns of racial discrimination are responsible for significant racial disparities in educational, employment, and income equality among Whites and African Americans.”. HAMPTON, Robert; OLIVER, William; MAGARIAN, Lucia. Domestic Violence in the African American Community – An Analysis of Social and Structural Factor. *Violence Against Women*, v. 9, n. 5, 2003, p. 533-557. Tradução nossa.

De fato, a comunidade negra nos Estados Unidos foi marcada pelo racismo e pela violência, porém há mais camadas nessa análise, considerando que o próprio racismo foi responsável por forjar estereótipos de mulheres e homens negros. Os homens negros podem ter sido embrutecidos pelas violências raciais e os desafios de viver em uma sociedade marcada pela segregação racial, mas o estereótipo animalizado dos homens negros, que coloca esses homens em um lugar de naturalmente violentos também deve ser combatido, como argumenta William Louis Conwill:

A mídia das décadas de 1960 e 1970, no entanto, normalmente apresentava homens afro-americanos de alto nível. Exemplos proeminentes incluem radicais como Malcolm X e H. “Rap” Brown; revolucionários do esporte como Tommy Smith, John Carlos, Muhammad Ali e Harry Edwards; e ativistas do Black Power, como Eldridge Cleaver, Huey Newton e Bobby Seale. A solidariedade do grupo e as demandas militantes estridentes desses homens negros amplamente reconhecidos galvanizaram a atenção nacional, abrindo caminho para a hipervisibilidade do homem negro. A hipervisibilidade se refere à cobertura bem organizada de representantes da masculinidade negra perigosa, violenta e sexualmente potente na mídia. A imagem familiar do homem negro violento e hiperpotente foi associada a ameaças crescentes à identidade masculina branca.

O homem negro, exibido na mídia como um criminoso violento e incontrolável, emergiu como o símbolo reinante da masculinidade americana agressiva, com os homens negros de classe baixa representando a ordem que é a desordem. De acordo com as imagens colocadas perante o público em aparelhos de televisão, filmes e jornais, os homens negros de classe baixa tinham maior probabilidade de agir de forma violenta e luxuriosa.<sup>435</sup>

Do mesmo jeito que o estereótipo atingiu os homens negros, as mulheres também foram afetadas e, por isso, mulheres negras vem lutando por derrubar os estereótipos sobre os corpos e mentes, como a ideia da *black venus*, a “vênus negra” que hipersexualiza as mulheres negras e coloca seus corpos em um lugar de desejo incontrolável

---

<sup>435</sup> “The media of the 1960s and 1970s, however, typically featured high-profile African American males. Prominent examples included radicals such as Malcolm X and H. “Rap” Brown; sports revolutionaries such as Tommy Smith, John Carlos, Muhammad Ali, and Harry Edwards; and Black Power activists such as Eldridge Cleaver, Huey Newton, and Bobby Seale. The group solidarity and strident militant demands of these widely recognized Black men galvanized national attention, paving the way for the hypervisibility of the Black male. Hypervisibility refers to the well-organized coverage of representatives of dangerous, violent and sexually potent Black masculinity in the media. The familiar image of the violent, hyperpotent Black male was associated with increased threats to White male identity. / The Black male, displayed in the media as an uncontrollable and violent criminal, emerged as the reigning symbol of aggressive American manliness, with lower-class Black males representing the order that is disorder. According to the images placed before the public on television sets, movies and newspapers, lower-class Black males were most likely to act out violently and lustfully.” LOUIS, William Conwill. Domestic Violence Among the Black Poor: Intersectionality and Social Justice. *International Journal for the Advancement Counselling*, v. 31, n. 32, 2010, p. 45. Tradução nossa.

por parte dos homens tanto negros quanto brancos, deixando essas mulheres vulneráveis à violência sexual. Como explica Conwill:

No Sul antes da guerra, ao longo do tempo, a disponibilidade sexual das mulheres negras para os homens brancos serviu de proteção para as mulheres brancas. Homens brancos podiam expressar seus desejos sexuais em mulheres negras livremente, sem preocupação com probidade ou consequências legais. Este *ethos* presumia-se que as mulheres negras eram selvagens, morenas, perigosas, exóticas, sexualizadas, desprovidas de respostas dinâmicas e preocupadas simplesmente com a existência cotidiana.

Em sua forma historicamente extrema, o estereótipo da Vênus Negra permitiu que os homens brancos se vissem como vítimas da luxúria feminina negra, aliviando-os assim da culpa pela exploração sexual das mulheres negras. Assim, um homem branco não poderia ser culpado por sua resposta voraz a uma mulher negra. Ao contrário, ele poderia presumir que a mulher negra foi a agressora por causa de sua suposta irresistibilidade.<sup>436</sup>

As mulheres negras são alvos de estereótipos que datam da escravização. Dentre eles, figuram o estereótipo da Jezebel e o da Mammy. De um lado, a Jezebel representa a sexualização do corpo negro feminino e incorpora esse corpo como algo pecaminoso. Na contramão desse estigma está a *mammy*, a qual é dotada de um amor supremo e incondicional pela família branca e é despida de qualquer possível sensualidade. Esses dois estereótipos nascem na plantation e na relação das mulheres escravizadas com a casa grande. Fazendo uma análise do passado escravista e como esse arquétipo criado afetou as mulheres negras, Bell Hooks afirma que:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas

---

<sup>436</sup> "In the antebellum South, over time, the sexual availability of Black women to White men served as a protection for White women. White men could act out their sexual desires on Black women freely, without concern for probity or legal consequence. This ethos presumed that Black women were dark, dangerous, exotic, sexualized savages, devoid of motional responses, and concerned simply with day-by-day existence. In its historically extreme form, the Black Venus stereotype allowed White men to see themselves as the victims of Black female lust, thereby relieving them from guilt over sexual exploitation of Black women. Thus, a White man could not be faulted for his rapacious response to a Black woman. On the contrary, he could presume that the Black woman was the aggressor because of her alleged irresistibility." LOUIS, William Conwill. Op. Cit., 2010, p. 35. Tradução nossa.



de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado..<sup>437</sup>

O caso de Nina Simone e o marido Andy não se diferencia, apesar da cantora ter boas condições financeiras e uma fama relativa, as agressões persistiram. A cantora afirma em sua autobiografia que mesmo sendo agredida, ela precisava daquele relacionamento para fugir da solidão e esse não era o primeiro relacionamento que a solidão era um fator determinante. “Eu não questionei esses arranjos porque eu precisava muito de Andy<sup>438</sup>” recorda Simone. Seu primeiro marido apareceu e permaneceu na vida da cantora exatamente pelo mesmo motivo.

Se Andy sáísse da minha vida, eu não teria ninguém de novo, ninguém para compartilhar meu sucesso, ninguém para voltar para casa, ninguém para me contar histórias engraçadas e me segurar em seus braços tarde da noite quando eu não pudesse dormir. No final, minha solidão e insegurança decidiram por mim. Andy era um homem forte e eu o amava. Obriguei-me a acreditar que ele não me bateria mais.<sup>439</sup>

Estudiosas de gênero e raça como Ana Claudia Pacheco,<sup>440</sup> Djamila Ribeiro,<sup>441</sup> e Carla Akotirene<sup>442</sup> vêm defendendo a teoria da solidão da mulher negra, a qual ultrapassa a solidão afetiva amorosa, mas pode ser vista como um fator impulsionado por questões raciais e o racismo em si. Outrossim, é importante salientar que, nesse caso, solidão é diferente de solidão, que é quando a mulher escolher estar sozinha em momentos específicos, para se conectar consigo. A solidão é um fator estrutural que exclui mulheres negras das relações de afeto, além de que em outras relações as mulheres negras também se vêm solitárias, como, por exemplo, no mercado de trabalho. As mulheres negras, em especial as mulheres negras retintas, como é o caso de Nina Simone, têm preenchido os gráficos de mulheres solteiras. De fato, historicamente mulheres negras são preteridas em relacionamentos, como resultado de uma percepção antiga que denota às mulheres negras, em especial mulheres retintas, estigmas sociais que fazem com que estas enfrentem a

---

<sup>437</sup> HOOKS, B. Intelectuais negras. SANTARRITA, Marcos (trad.). Estudos Feministas, v. 95, n. 1, 1995, p. 464-478.

<sup>438</sup> “I didn't question these arrangements because I needed Andy so Much.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 83. Tradução nossa.

<sup>439</sup> “If Andy were to go out of my life I would have nobody again, no one to share my success with, no one to go home to, no one to tell me funny stories and hold me in his arms late at night when I couldn't sleep. In the end my loneliness and insecurity made my mind up for me. Andy was a strong man and I loved him. I forced myself to believe he wouldn't hit me any more.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Op. Cit. 2003, 2. ed., p. 78. Tradução nossa.

<sup>440</sup> PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: ÉDUFBA, 2013.

<sup>441</sup> RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

<sup>442</sup> AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018.

solidão, quando não, relacionamentos tóxicos, em nome de uma afetividade não existente.<sup>443</sup> “A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor.<sup>444</sup>” explica a escritora Bell Hooks. Não ousaríamos aqui afirmar que Nina Simone se submeteu a relacionamentos abusivos com os dois maridos, e outros feitos, apenas por conta de uma solidão histórica das mulheres negras ou em busca de uma afetividade negada às pessoas negras historicamente. Porém, é importante levantar tais pontos para analisar essa parte da vida de Simone e entendê-la como fruto de uma sociedade racista e a qual, portanto, não deve ser dissociada de tais questões.

Esse trabalho não tem objetivo de colocar Nina Simone e Rosa Parks em um patamar de ídolo não passíveis de defeitos: essas mulheres são mulheres humanas e serão tratadas como tais e, se possível, exaltadas. Ana Claudia Pacheco foi a primeira acadêmica a conceituar a solidão das mulheres negras. Ela diz que:

As teorias do “ponto de vista”, também conhecidas como *Standpoint Theory*, formuladas por feministas negras norte-americanas e latino-americanas têm dado uma significativa contribuição as pesquisas nos contextos contemporâneos. Essas teorias têm enfatizado a necessidade de pensar a produção do conhecimento a partir de um “lugar” em que os sujeitos cognoscentes se situam. Um dos aspectos destacados por essa perspectiva diz respeito a crítica da produção científica hegemônica, afinal, quase sempre, está permeada pelos valores dominantes construídos pelo conhecimento androcêntrico, eurocêntrico e heteronormativo.<sup>445</sup>

A teoria do “ponto de vista” citado por Pacheco, no trecho acima, vem da formação do coletivo feminista negro americano *Combahee River* que cunhou o termo em uma convenção na década de 1970.<sup>446</sup> Nela, as feministas se levantavam contra a hegemonia do feminismo branco no país, invisibilizando as demandas das mulheres negras e reconhecendo, já naquela época, os cruzamentos entre as demandas de raça, classe e gênero. Segundo as feministas negras do Combahee River, o feminismo de mulheres brancas não abrangia as categorias de classe e raça no emprego das metodologias de luta contra a opressão de gênero, o que excluía automaticamente as

---

<sup>443</sup> KING, Anthony E. O. “African American Females’ Attitudes toward Marriage: An Exploratory Study.” *Journal of Black Studies*, v. 29, n. 3, 1999, p. 416–37.

<sup>444</sup> HOOKS, Bell. *Vivendo de amor*. In: WERNECK, Jurema et al. (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 188-198.

<sup>445</sup> PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Op. Cit., 2013.

<sup>446</sup> PEREIRA, Stefania; GOMES, Letícia Simões (trad.). Manifesto do Coletivo Combahee River. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, 2019, p. 197-207.

mulheres negras, ou ainda, colocava as mulheres como seres universais. A partir dessa teoria, as mulheres negras pontuavam que o pessoal é político, o que mais tarde traria o paradigma da Interseccionalidade.<sup>447</sup> Pesquisadoras vêm revisando as estatísticas e as categorias, a fim de analisar a afetividade, solidão e relacionamento de mulheres negras e sob quais óticas essas análises podem ser feitas, como o exemplo do livro sobre o coletivo Combahee River, *How We Get Free*, organizado por Keenga-Yamahtta Taylor.<sup>448</sup>

### 5.3. O blues, o soul, o jazz e Nina Simone

Antes de entender o estilo de música em que Nina Simone se encaixa, é necessário entender como se deu o surgimento da *black music* nos Estados Unidos e como os estilos advindos dela eram associados à cultura negra e à vivência das pessoas negras no país. Começamos pelo blues que é considerado o gênero que inspirou o nascimento de outros estilos americanos como o soul, jazz, rock e parte da música pop e folk dos anos 1960. Uma das primeiras composições gravadas de Nina Simone *Little Girl Blue* é do estilo folk, porém a música relembra um aspecto central do blues: representações tristes da vida. Na música, a garota triste e melancólica conta as gotas da chuva para espantar a desesperança e a solidão. Simone traduz, na letra, o blues como um sentimento. Paul Oliver tenta sintetizar uma definição do blues dizendo que:

o blues é um estado de espírito e a música que dá voz a ele. O blues é o lamento dos oprimidos, o grito de independência, a paixão dos lascivos, a raiva dos frustrados e a gargalhada do fatalista. É a agonia da indecisão, o desespero dos desempregados, a angústia dos destituídos e o humor seco do cínico. O blues é a emoção pessoal do indivíduo que encontra na música um veículo para se expressar (...).<sup>449</sup>

Acredita-se que o termo blues foi cunhado pela primeira vez no século XIX, apesar do termo, de fato, ainda, gerar controvérsias entre os estudiosos do assunto. O que se sabe é que o ritmo propriamente dito nasceu anteriormente a isso, nas plantations e no trabalho escravizado. Os *worksongs* seriam, dentro desta perspectiva da plantation, a música cantada pelos trabalhadores negros escravizados dentro das plantações e começou

---

<sup>447</sup> Cf. VIGOYA, Mara Viveros, 2016.

<sup>448</sup> TAYLOR, Keenga-Yamahtta. *How We Get Free: Black Feminism and The Combahee River Collective*. Chicago: Haymarket Books, 2017.

<sup>449</sup> OLIVER, Paul. *The story of the Blues*. New York: Penguin Books, 1978. apud. ALVES, Amanda Palomo. Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos. *Revista de História*, v. 1, n. 3. 2011, p. 50-70.

como um recurso do próprio escravizador para controlar e manter o ritmo de trabalho dos escravizados. Porém, essas *worksongs* eram utilizadas, também, pelos escravizados para traduzir, em canto, a experiência do trabalho cativo. Proibidos de utilizar instrumentos musicais, restou aos escravizados apenas a voz como instrumento e as entoavam nas regiões das margens do rio Mississippi. A proibição da utilização de instrumentos musicais de percussão e de sopro vinha não apenas como uma forma de erradicar a cultura dos africanos, pois em muitos lugares da África os instrumentos musicais e a música estavam ligadas ao cotidiano das pessoas; mas, como uma forma de evitar conflito.<sup>450</sup>

Esse gênero musical expressou brilhantemente a condição contraditória de ser “livre e cativo ao mesmo tempo”. As letras tocaram nas vicissitudes da exploração econômica e da discriminação racial, da solidão, das preocupações, e, sobretudo, dos desejos de escapar aos confinamentos de raça, classe e gênero.<sup>451</sup>

Outros especialistas no assunto acreditam que o blues também vinha parcialmente das igrejas, fruto das músicas religiosas e do “spiritual”. Segundo Amanda Palomo Alves, no início do século XIX, os escravizados africanos passaram por um processo de evangelização e conversão em massa; por isso, o canto religioso se tornou um meio de expressão importante, além de que, pode-se entender as “worksongs” e as músicas religiosas com o gospel em uma espiral de continuidade. “Essa música e seus intérpretes nasceram da capacidade desses homens de transformar os hinos batistas e metodistas em cantos que mesclavam as origens africana e europeia”.<sup>452</sup> Em outras palavras, essa mescla tem origem não só dos estilos musicais, mas do estado de espírito daqueles que as cantavam.

Nina Simone é um dos exemplos de artistas que vem de origem religiosa. O blues pode refletir, também, as relações de poder na sociedade escravizada, mas, com a abolição do tráfico de escravos nos Estados Unidos, no ano de 1808, o canto de hinos religiosos, que era compartilhados pelos brancos, tornou-se uma experiência exclusivamente dos negros. Alves continua: “Os temas da salvação, do acesso ao paraíso (céu) e da terra prometida expressavam o anseio pela liberdade na vida terrena, e as melodias se

---

<sup>450</sup> MACIEL, Fred; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. BLUES: Manifestação e inserção sociocultural do negro no início do século XX. *Revista Outros Tempos, Dossiê de História Atlântica e Diáspora Africana*, v. 8, n. 12, 2011, p. 221-238.

<sup>451</sup> PURDY, Sean. Op. Cit., 2007, p. 184.

<sup>452</sup> ALVES, Amanda Palomo. Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos. *Revista de História*, v.1, n. 3, 2011, p. 50-70.

reportavam à herança musical dos próprios negros”.<sup>453</sup> O blues se originou, então, da mistura das canções religiosas e das *worksongs*, as quais eram músicas com a capacidade de traduzir, no canto, o estado de espírito dos negros, que é o blues. Não há a intensão aqui de exaltar o sofrimento dos escravizados como origem de um ritmo musical, mas, sim, entender que a escravidão gerou mais do que violência, gerou uma cultura marcada por essa violência.

Acredita-se que o blues nasceu especificamente no delta do rio Yazoo e não o delta do rio Mississippi, como convencionou-se associar a esse estilo musical. “Inclusive, na língua dos índios Choctaw, este nome significa Rio da Morte, e a região do delta era conhecida como ‘cinturão negro’ devido ao alto índice de linchamentos de negros em Mississíppi, entre os anos 1920 e 1930”.<sup>454</sup> Destaca-se, nesse contexto, a grande imigração de negros do Sul do país para o Norte, em busca de melhores condições de vida, como aspectos habitacionais e profissionais, e fuga da segregação do Sul. Nina Simone também é um exemplo de migrante, pois anos depois ela se desloca do Sul para o Norte, em busca de melhores condições estudantis e profissionais.

Diante desse contexto de imigração de negros do Sul do país para o Norte, o bairro do Harlem em Nova York. Sobre a grande migração dos negros, o professor Sean Purdy afirma que:

Nos primeiros anos do século XX, a precarização da vida, o racismo e a oferta de trabalho nas indústrias do Norte provocaram o êxodo de negros do Sul dos Estados Unidos para o Norte, onde se uniram aos imigrantes na crescente economia industrial. Além de motivados por salários bem melhores do que os do Sul, os negros sulistas, sem direitos civis básicos onde viviam, mudaram-se atraídos pela possibilidade de, como escreveu W. E. B. Du Bois, escapar à condição de casta subordinada, “pelo menos nas suas feições pessoais mais agravantes”.<sup>455</sup>

A migração negra do Sul para o Norte se deu por conta da fuga da segregação racial e busca por emprego, já que no Sul agrário, os empregos se tornaram escassos para brancos e negros, e o contexto se tornou pior para os negros. Menores salários e más condições de trabalho imperavam nas plantações de algodão do Sul.<sup>456</sup> Já no Norte, a população negra e latina representava um exército de mão de obra para a indústria. Nesse

---

<sup>453</sup> Ibidem.

<sup>454</sup> DAVIS, Francis. *The History of the Blues: The Roots, the Music, the People*. Cambridge: Da Capo Press, 2003.

<sup>456</sup> LEHMANN, Nicholas. *The Promised Land: The Great Black Migration and How It Changed America*. New York: Vintage Books, 1992.

processo, também se nota a criação dos guetos, que hoje pode ser definido como um espaço socialmente determinado para as minorias. O Harlem é o típico exemplo de um gueto negro na cidade de Nova York.<sup>457</sup>

A década de 1920 trouxe, a partir da ebulição da grande migração e da movimentação musical no Norte, outras modalidades do blues e, conseqüentemente, também, a primeira gravação de uma canção de blues que foi a *Blues Crazy*, interpretada pela cantora mais famosa da época, Mamie Smith. A partir disso, surgiram, então, alguns estilos diferentes do blues entre os anos de 1925 e 1926.<sup>458</sup>

O repertório musical destinado ao público negro foi denominado, a princípio, de “black records” e, posteriormente, “race records”. A partir de 1922, todas as companhias fonográficas desenvolveram suas “race series”, buscando cada vez mais atrações diferenciadas para um público fiel e ávido por novidades. Assim, surgiram as “classic blues singers”, cantoras que abriram o mercado para as gravações do gênero. A maior parte delas aprendeu a cantar e representar em turnês de vaudeville, espetáculos itinerantes que percorriam os Estados Unidos vendendo “remédios miraculosos” e apresentando peças de teatro, esquetes cômicos e números circenses.<sup>459</sup>

A migração de negros para o Norte do país e a formação dos bairros de maioria negros, os guetos, influenciaram no blues enquanto ritmo musical. Era uma nova vida na cidade longe da segregação institucional, mas ainda vivenciando experiências de segregação social por conta da raça. Os artistas do blues traduziram essas vivências nas músicas. Como afirma Amanda Polomo Alves:

Apesar de todos os obstáculos comuns às grandes cidades, como miséria, desemprego e discriminação, o novo blues urbano expressava os ares de liberdade e se voltava para o amor. Devido às novas condições socioeconômicas, sua configuração musical sofreu importantes modificações com a eletrificação dos instrumentos e a integração da guitarra a amplificadores acústicos. Nesse período (década de 1920), Memphis (Tennessee), Saint-Loius (Missouri) e Chicago (Illinois) testemunharam a emergência de novos estilos de blues.<sup>460</sup>

Já no século XX, um ritmo se desenvolve de maneira independente em Nova Orleans. O “*Rhythm and Blues*” um termo que foi criado pela revista *Billboard* que tinha

---

<sup>457</sup> BOUNSTAN, Leah Platt. *Competition in the Promised Land: Black Migrants in Northern Cities and Labor Markets*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

<sup>458</sup> ALVES, Amanda Polomo. Op. Cit., 2011, p. 58.

<sup>459</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>460</sup> Ibid, p. 59.

a função de substituir a designação de “race music”. estilo caracterizado pelas baladas sentimentais e a predominância das peças rápidas. Daí as origens do jazz no país, muito influenciado pelo blues do século XIX. Além de que, a década de 1940 trouxe novos acordes para o blues e o surgimento de novos estilos como o rock n’ roll que despontava da interação da música negra com a música branca.

Da mesma forma que o blues tem origens nas worksongs, o jazz também faz parte da mesma gama de estilos que vieram dos escravizados africanos; a diferença é que o jazz tem origem na idade de Nova Orleans no Sul do país e foi marcado pela utilização de instrumentos musicais que eram usados pelos militares na época, como trompetes, saxofone e trombone. Muitos soldados negros que lutaram na Guerra de Secessão herdaram instrumentos das bandas militares, o que influenciou no ritmo no século XX. Outra característica predominante no jazz é a influência do gospel, que denota ao jazz uma característica ainda mais acentuada da cultura negra e da espiritualidade negra. Buddy Bolden é considerado o criador do jazz em Nova Orleans e ficou famoso pelos seus arranjos de trompete.<sup>461</sup>

Já na década de 1960, quando o movimento por direitos civis chegava ao seu auge e Nina Simone despontava na carreira artística, ficando nacionalmente conhecida, o soul e o jazz estavam em momento de ebulição, assim como sua carreira. Por isso, alguns especialistas classificam Simone como a Alta Sacerdotisa do Soul, como afirma Emily Lordi ao fazer uma análise sobre as performances das artistas negras, Nina Simone e Aretha Franklin. A autora acredita que o soul seja a reunião da cultura negra dos Estados Unidos em um ritmo que pode ser traduzido por artistas negros e negras, como as cantoras escolhidas pela análise. O soul não se trata apenas de interpretar uma música, mas sim performar a canção com voz, corpo e alma, e, para Lordi, Nina Simone era uma das cantoras que tinham o poder de transmutar o soul através de suas performances.<sup>462</sup> Como a própria cantora afirma no trecho:

Chamar-me de cantora de jazz era uma forma de ignorar minha formação musical, porque não me encaixava nas ideias dos brancos sobre o que um artista negro deveria ser. Foi uma coisa racista; "Se ela é negra, deve ser cantora de jazz." Isso me diminuiu, exatamente como Langston Hughes foi diminuído quando as pessoas o chamavam de "grande poeta negro". Langston foi um grande período, e cabia a ele e somente a ele dizer que parte a cor de sua pele tinha a ver com isso.

---

<sup>461</sup> HENTOFF, Nat. *At the jazz band ball: sixty years on the jazz scene*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2010.

<sup>462</sup> LORDI, Emily J. Op. Cit., 2016, p. 59.

Se eu tivesse que ser chamada de alguma coisa, deveria ser uma cantora folk, porque havia mais folk e blues do que jazz na minha forma de tocar.<sup>463</sup>

Como herança da sua formação em música clássica, Simone não permitia que a plateia não estivesse completamente envolvida durante uma apresentação, por isso, alguns shows já foram interrompidos pela cantora pelo mal comportamento da plateia. Isso aconteceu na casa de show Apollo, no Harlem em Nova York, em fevereiro de 1961. A plateia foi barulhenta e só fez silêncio após a cantora interromper o show e esperar em silêncio que a plateia voltasse a atenção para ela: “eu nunca mais toquei no Apollo, apesar de ser chamada muitas vezes”, afirma Simone. Essa atitude denotou a cantora a alcunha de ser excêntrica e algumas vezes exigente demais, segundo ela.

#### **5.4. A mulher cantora e a cantora mulher**

Dividida entre os shows e a vida de casada, Nina Simone ficou com a gravadora Colpix de 1959 até 1963, período em que a cantora gravou o álbum *Nina Sings Ellington* e quando estava grávida da primeira e única filha do casal, Lisa Celeste, que nasceu em setembro de 1962. Mas antes de dar à luz, Simone teve a sua primeira experiência no continente africano quando foi convidada para visitar Lagos em 1961, na Nigéria, ao lado de outros artistas negros como James Baldwin e Langston Hughes, para participar da Sociedade Americana de Cultura Africana [AMSAC – sigla em inglês] “(...) tudo a nossa volta eram rostos de pessoas negras e pela primeira vez senti um relaxamento espiritual por ser uma afro-americana que conseguiu chegar até a África<sup>464</sup>”, rememora Simone. Ela acrescenta que a África para ela representava um retorno a sua ancestralidade enquanto afro-americana, o sentimento de ter um lugar. “(...) era a África<sup>465</sup>” ela enfatizou.

A cantora se manteve um tempo fora dos palcos para cuidar da filha, ao mesmo tempo que começou a refletir sobre a carreira na música clássica e o sonho de ser uma pianista de orquestra. Tais ambições foram sendo abandonadas pela cantora em

---

<sup>463</sup> “Calling me a jazz singer was a way of ignoring my musical background because I didn't fit into white ideas of what a black performer should be. It was a racist thing; 'If she's black she must be a jazz singer.' It diminished me, exactly like Langston Hughes was diminished when people called him a 'great black poet'. Langston was a great poet period, and it was up to him and him alone to say what part the color of his skin had to do with that. If I had to be called something it should have been a folk singer, because there was more folk and blues than jazz in my playing.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p 69. Tradução nossa.

<sup>464</sup> “All around us were back faces, and I felt for the first time the spiritual relaxation any Afro-American feels on reaching Africa.”. Ibidem, p. 80. Tradução nossa.

<sup>465</sup> “it was Africa”. Ibidem, p. 81. Tradução nossa.



detrimento das produções que representavam maiores ganhos financeiros. Como ela afirma:

A música clássica tornou-se parte do meu passado quase sem que eu percebesse: simplesmente não havia mais tempo para praticar, nem motivação. Aquela jovem negra intensa que antes ardia com a ambição de tocar para uma orquestra no Carnegie Hall agora era esposa e mãe com uma carreira para cuidar e funcionários e suas famílias para sustentar.<sup>466</sup>

De fato, o início da década de 1960 representou para Nina Simone momento de mudanças. Uma dessas mudanças foi quando a cantora voltou sua atenção às manifestações que estavam acontecendo no país, organizadas pelo movimento por direitos civis e os avanços dos direitos dos afro-americanos. Eram fatores que ela não havia prestado atenção antes, não diretamente, por conta do modo como havia sido criada. A família Waymon fazia o possível para se inserir na sociedade, driblando o racismo sempre que possível. “[...] o jeito Waymon era se afastar do preconceito e viver sua vida da melhor maneira possível, como se reconhecer a existência do racismo fosse em si uma espécie de derrota”,<sup>467</sup> lamenta Simone. De fato, ela sabia que o racismo existia, porque a família vivia em uma cidade segregada e não se permitiu admitir que existia:

Como qualquer pessoa com metade do cérebro, acompanhei o desenvolvimento do movimento pelos direitos civis desde seus primeiros dias com Rosa Parks e Martin Luther King Junior e o boicote aos ônibus de Montgomery em 1955. Assistir ao protesto em Montgomery passou de uma determinação de mulher negra para sentar-se, apenas uma vez, na frente de um ônibus público, a um boicote negro de serviços públicos em toda a cidade, um boicote que sobreviveu por bem mais de um ano em face de intimidação brutal, compreendi pela primeira vez o poder da ação coletiva.<sup>468</sup>

---

<sup>466</sup> “Classical music became a part of my past almost without my realizing it: there just wasn't the time to practice any more, or the motivation. That intense young black girl who once burned with an ambition to play in front of an orchestra at Carnegie Hall was now a wife and mother with a career to take care of and employees and their families to support.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 85. Tradução nossa.

<sup>467</sup> “[...] the Waymon way was to turn away from prejudice and to live your life as best you could, as if acknowledging the existence of racism was in itself a kind of defeat.”. Ibidem, p. 86. Tradução nossa.

<sup>468</sup> “Like anyone with half a brain I had followed the development of the civil rights movement from its early days with Rosa Parks and Martin Luther King Junior and the Montgomery bus boycott in 1955. Watching the way the protest in Montgomery grew from one black woman's determination to sit, just once, in the front of a public bus, to a city-wide black boycott of public services, a boycott which survived for well over a year in the face of brutal intimidation, I understood for the first time power of collective action.”. Ibid, p. 86. Grifo nosso. Tradução nossa.

A admissão chega para Simone através da amizade com a dramaturga Lorraine Vivian Hansberry que foi a primeira dramaturga negra a ter uma peça na Broadway, *Raisin in the Sun*, que estreou em 1958. A peça destaca as vivências das pessoas negras vivendo em Chicago, que mesmo não segregada constitucionalmente, era segregada socialmente. O título da peça foi tirado do poema *Harlem* de Langston Hughes, também amigo de Nina Simone. O poema dizia "O que acontece com um sonho adiado? Ele seca como uma uva passa no sol?". Aos 29 anos, Hansberry ganhou o *New York Drama Critics Circle Award* e se tornou a primeira dramaturga afro-americana, a quinta mulher e a dramaturga mais jovem a ganhar tal prêmio.

A família de Hansberry lutou contra a segregação, contestando um pacto restritivo no caso da Suprema Corte dos Estados Unidos em 1940, *Hansberry v. Lee*.<sup>469</sup> Em Nova York, Hansberry trabalhou no jornal panafricanista *Freedom* onde trabalhou ao lado de intelectuais como Paul Robeson e W. E. B. Du Bois. Seu trabalho durante esse período referia-se às lutas africanas pela libertação e o seu impacto no mundo. Os escritos de Hansberry também discutiram seu lesbianismo e a opressão da homossexualidade.<sup>470</sup> "(...) nunca conversamos sobre homens ou roupas ou outras coisas sem importância quando estávamos juntos. Sempre foi Marx, Lênin e a revolução - conversa de garotas de verdade"<sup>471</sup> ressalta Simone sobre a amiga Lorraine. Diz ainda que "Lorraine era definitivamente uma intelectual e via os direitos civis como apenas uma parte da luta racial e de classes mais ampla".<sup>472</sup>

Um câncer ceifou a vida de Lorraine Hansberry com apenas 34 anos em 1965. A dramaturga, além de amiga, se tornou tutora de Nina Simone em relação a luta do movimento por direitos civis e da luta de classes. Com ela, Nina Simone começou a entender o que era ser mulher em um mundo governado por homens e ser negra em um mundo governado por brancos:

Percebi que era ignorante e tinha muito a aprender, mas meus professores de Lorraine em diante eram a nata do movimento: Stokely Carmichael, Godfrey Cambridge e muitos, muitos outros, a maioria dos quais eu nunca encontraria cara a cara, mas em seus escritos, discursos

---

<sup>469</sup> CHENEY, Anne. *Lorraine Hansberry*. Boston: Regenstein Bookstacks, Twayne, 1984.

<sup>470</sup> ANDERSON, Melissa. Lorraine Hansberry's letters reveal the playwright's private struggle. *The Village Voice*. Publicado em: 26 fev 2014. Disponível em: <<https://www.villagevoice.com/2014/02/26/lorraine-hansberrys-letters-reveal-the-playwrights-private-struggle/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>471</sup> "we never talked about men or clothes or other such inconsequential things when we got together. It was always Marx, Lenin and revolution - real girls' talk.". SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 87. Tradução nossa.

<sup>472</sup> "Lorraine was most definitely an intellectual, and saw civil rights as only one part of the wider racial and class struggle.". Idem. Tradução nossa.

ou apenas em suas ações. Como Rosa Parks quando ela se sentou na frente daquele ônibus em Montgomery e se recusou a se mover, não importa o quê - eles apontaram o caminho a seguir.<sup>473</sup>

Após a morte da amiga, Nina Simone escreveu uma canção inspirada no último trabalho de Hansberry, intitulado *To Be Young Gifted and Black*, trabalho que se tornaria uma peça autobiográfica da autora. Sua letra dizia:

Ser jovem, talentoso e preto,  
Oh, que lindo e precioso sonho  
Ser jovem, talentoso e preto,  
Abra seu coração para o que quero dizer  
Em todo o mundo que você sabe  
Há bilhões de meninos e meninas  
Que são jovens, talentosos e pretos,  
E isso é um fato!<sup>474</sup>

Na letra, Simone exalta o fato de haver meninos e meninas negros que são jovens e talentosos, assim como Hansberry era. A peça com o título homônimo conta a história de vida de Lorraine Hansberry a partir dos escritos da dramaturga e foi exibida pela primeira vez na Broadway em 1968 e 1969. A reunião de seus escritos foi feita pelo ex-marido e amigo em homenagem a ex-esposa e pelo poeta e compositor Robert Nemiroff. Com o falecimento da amiga, Simone se engajou ainda mais nos estudos do movimento por direitos civis e da luta antirracista, inspirada pelas ações de Stokeley Carmichael, Godfrey Cambridge e Rosa Parks.

Em 1963, a *Southern Christian Leadership Conference* (sigla em inglês, SCLC) iniciou o que ficou conhecida como a Campanha de Birmingham, a qual tinha o intuito de acabar com a segregação racial na cidade, além de combater as injustiças econômicas contra os afro-americanos. Liderados pelos reverendos Martin Luther King Jr. e Wyatt Tee Walker, os afro-americanos protestaram em marchas nas ruas e em lojas contra leis

---

<sup>473</sup> “I realized I was ignorant and had much to learn, but my teachers from Lorraine onwards were the cream of the movement: Stokely Carmichael, Godfrey Cambridge and many, many others, most of whom I would never meet face to face but in their writings, speeches or just in their actions. Like Rosa Parks when she sat in the front of that bus in Montgomery and refused to move, no matter what - they pointed the way forward.”. Idem.

<sup>474</sup> “To be young, gifted and black,  
Oh what a lovely precious dream  
To be young, gifted and black,  
Open your heart to what I mean  
In the whole world you know  
There are billion boys and girls  
Who are young, gifted and black,  
And that's a fact!”. SIMONE, Nina. *To Be Young, Gifted And Black*. *Letras. Mus*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nina-simone/185544/traducao.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

segregacionistas.; tudo com base no princípio da não violência. Enquanto isso, a polícia, liderada pelo xerife Eugene Bull Connor, atacava os manifestantes se utilizando de força bruta e muita violência.<sup>475</sup> A campanha de Birmingham alcançou a mídia e chocou os espectadores: tal era a violência que os manifestantes pacíficos eram recebidos pelos cães e batons da polícia. King e outros manifestantes foram presos e alguns outros responderam aos ataques da polícia também com violência. Apesar de tudo, os manifestantes dos direitos civis saíram vitoriosos da campanha, pois as leis segregacionistas foram afrouxadas na cidade e espaços públicos e lojas foram dessegregadas gradualmente. Em uma carta escrita dentro da prisão, King critica a posição dos cristãos católicos e judeus em relação ao movimento, pois ele recebia advertências religiosas por não ser a favor do gradualismo. Conquistar a igualdade aos poucos era uma sugestão dos religiosos, contudo King acreditava que os direitos dos negros necessitavam de urgência. Na carta, o líder ainda se utiliza de passagens da bíblia para rebater as críticas que recebia. “Vamos todos torcer para que as nuvens escuras do preconceito racial logo passem e a névoa profunda do mal-entendido seja levantada de nossas comunidades(...)”<sup>476</sup> argumenta King. Ele completa dizendo que:

Quase cheguei à conclusão lamentável de que o grande obstáculo no caminho do negro em direção à liberdade não é são os supremacistas brancos ou os membros da Ku Klux Klan, mas o branco moderado, que é mais devotado à "ordem" do que à justiça; que prefere uma paz negativa que é a ausência de tensão a uma paz positiva que é a presença da justiça; que diz constantemente: "*Concordo com você no objetivo que busca, mas não posso concordar com seus métodos de ação direta*"; que paternalisticamente acredita que pode definir o cronograma para a liberdade de outro homem; que vive por um conceito mítico de tempo e que constantemente aconselha o negro a esperar por uma "*período mais conveniente*". A compreensão superficial de pessoas de boa vontade é mais frustrante do que a incompreensão absoluta de pessoas de má vontade. A aceitação morna é muito mais desconcertante do que a rejeição total.<sup>477</sup>

---

<sup>475</sup> MCWHORTER, Diane. *Two Mayors and a King. In: Carry Me Home: Birmingham, Alabama: The Climactic Battle of the Civil Rights Revolution*. Nova York: Simon and Schuster, 2001.

<sup>476</sup> “Let us all hope that the dark clouds of racial prejudice will soon pass away and the deep fog of misunderstanding will be lifted from our fear-drenched communities [...]”. KING, Martin Luther. Letter From Birmingham Jail, 1963. Wayback Machine. S.d. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20130107002405/http://mlk-pp01.stanford.edu/index.php/resources/article/annotated\\_letter\\_from\\_birmingham/](https://web.archive.org/web/20130107002405/http://mlk-pp01.stanford.edu/index.php/resources/article/annotated_letter_from_birmingham/)>. Acesso em: 10 mar. 2022. Tradução nossa.

<sup>477</sup> “I have almost reached the regrettable conclusion that the Negro's great stumbling block in his stride toward freedom is not the White Citizen's Counciller or the Ku Klux Klanner, but the white moderate, who is more devoted to "order" than to justice; who prefers a negative peace which is the absence of tension to a positive peace which is the presence of justice; who constantly says: "I agree with you in the goal you seek, but I cannot agree with your methods of direct action"; who paternalistically believes he can set the timetable for another man's freedom; who lives by a mythical concept of time and who constantly advises the Negro to wait for a "more convenient season." Shallow understanding from people of good will is more

Em junho do mesmo ano, o presidente John F. Kennedy anunciou em um discurso propor a criação de uma legislação que acabaria com as leis segregacionistas no Sul, e desse a todos os americanos o direito de serem atendidos de forma igual nos estabelecimentos públicos. O presidente acrescentou que hotéis, restaurantes, teatros, piscinas, lojas e estabelecimentos similares também seriam dessegregados e o direito ao voto deveria ser garantido aos negros, assim como aos brancos.<sup>478</sup> Em julho de 1964, foi promulgada a Lei dos Direitos Civis, que tornava inconstitucional, a partir de uma lei federal, a segregação nos Estados Unidos.<sup>479</sup> Apesar da assinatura da lei levar o nome do presidente John F. Kennedy, essa conquista é do movimento por direitos civis, porque Kennedy servia apenas aos seus próprios interesses políticos. A Campanha de Birmingham teve grande influência no impulsionamento da Lei dos Direitos Civis e a Nina Simone foi uma das cantoras que compôs os protestos na cidade.

Em setembro de 1963, mais uma tragédia assolou a comunidade negra em Birmingham, a Igreja Batista da 16ª Avenida da Cidade, uma igreja negra, foi bombardeada. Quatro meninas que tomavam lições sobre a bíblia - Denise McNair, Cynthia Wesley, Carole Roberson e Addie Mae Collins - morreram no atentado. Nesse mesmo dia, a polícia assassinou um garoto negro e um homem negro foi espancado, até a morte, por um homem branco. Birmingham, no estado de Alabama, fazia parte do que os historiadores chamam de “cinturão negro”: esse termo é utilizado para localizar geograficamente a regiões nas quais havia mais violência às pessoas negras e, conseqüentemente, as leis segregacionistas eram mais severas. Tais regiões eram os estados do Alabama e do Mississippi.

O estado do Mississippi foi um dos primeiros estados a declarar separação da União durante a Guerra de Secessão e foi um dos seis países a fundarem os Estados Confederados, os quais possuíam o maior número de escravizados dentre os estados que partilhavam esse sistema. Mais de 80 mil soldados do Mississippi lutaram na guerra contra os soldados da União.<sup>480</sup>

---

frustrating than absolute misunderstanding from people of ill will. Lukewarm acceptance is much more bewildering than outright rejection”. KING, Martin Luther. Op. Cit., 1963. Grifo nosso. Tradução nossa.

<sup>478</sup> EDITORIAL. Transcrição e gravação de 11 de junho de 1963. *JFK Library*. S.d. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/civil-rights-radio-and-television-report-19630611>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>479</sup> WRIGHT, Susan. *A Lei dos Direitos Civis de 1964: Legislação contra a discriminação*. Landmark: Rosen Publishing Group, 2005.

<sup>480</sup> WILLIS, John C. *Forgotten Time: The Yazoo-Mississippi Delta after the Civil War*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2000.

Após a guerra dos libertos criaram suas próprias congregações religiosas e houve dessa forma um esvaziamento de afro-americanos das igrejas administradas por pessoas brancas. Esse evento aconteceu no Mississippi em relação a Igreja Batista do Sul. Já em 1895 foi criada a Convenção Batista Nacional composta pelas novas igrejas negras que eram do seguimento Batista, muito forte no Sul do país.<sup>481</sup>

No século XX, o estado do Mississippi os afro-americanos compunham a metade da população, contudo os empregos ainda ficavam restritos a população branca. Os negros eram em sua maioria faziam parte da terceira geração de famílias que perderam suas terras no pós-guerra e se tornaram meeiros a partir disso, enfrentavam, dessa forma, a pobreza. Além de que, no estado os negros sofriam com a segregação, linchamentos, violência por parte da polícia e ataques às igrejas. Em 1923 a NAACP declarou que “o negro sente que a vida não é segura no Mississippi e sua vida pode ser tirada impunemente a qualquer momento sob o menor pretexto ou provocação de um homem branco”.<sup>482</sup>

Os ataques em Birmingham despertaram em Simone um sentimento maior que indignação, como ela afirma, dizendo que “De repente, percebi o que era ser negro na América em 1963, mas não era uma conexão intelectual do tipo que Lorraine vinha repetindo para mim continuamente - veio como uma onda de fúria, ódio e determinação. Na linguagem da igreja, a verdade entrou em mim e eu 'vim'.”<sup>483</sup> Com o verbo vir a cantora expressa que a música foi uma das formas que ela encontrou de se dedicar a luta pela igualdade racial a sua maneira. Não adepta, completamente, da não violência, Simone afirma “A ideia de lutar pelos direitos do meu povo, matando por eles se fosse preciso, não me incomodava muito - mesmo naquela época não estava convencido de que a não violência pudesse nos dar o que queríamos.”<sup>484</sup>.

Dessa mistura de sentimento, nasceu a canção *Mississippi Goddam*, a qual elevaria a cantora a um patamar de “cantora de protesto” para aquele período, já que se acredita que essa composição foi a primeira “música de protesto” feita por Nina Simone.

---

<sup>481</sup> CAMPBELL, James T. *Songs of Zion: The African Methodist Episcopal Church in the United States and South Africa*. New York: Oxford University Press, 1995.

<sup>482</sup> EDITORIAL. The Louisville Leader. Louisville, Kentucky, Saturday, May 19, 1923. *African American Newspaper*, v. 07, n. 24, S. d. Disponível em: <<http://digital.library.louisville.edu/cdm/ref/collection/leader/id/9763>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>483</sup> “I suddenly realized what it was to be black in America in 1963, but it wasn't an intellectual connection of the type Lorraine had been repeating to me over and over - it came as a rush of fury, hatred and determination. In church language, the Truth entered into me and I 'came through'”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 89. Tradução nossa.

<sup>484</sup> “The idea of fighting for the rights of my people, killing for them if it came to that, I didn't disturb me too much - even back then I wasn't convinced that non-violence could get us what we wanted.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit, 2003, 2. ed., p.90. Tradução nossa.

Ao mesmo tempo, Simone recusa, em sua autobiografia, a alcunha de “cantora de protesto”, pois segundo ela tal adjetivação retirava dela e de outros artísticas a liberdade de serem artistas que pensam seu próprio tempo de uma maneira simplista. Tal determinação reduziria os artistas. A escritora Nadine Cohodas afirma que a música não foi “um lamento menor sobre a tragédia em Birmingham. A música tinha um ritmo incongruente com um ritmo insistente de duas batidas, sua letra mordaz mais comentário do que hino.”<sup>485</sup> *Mississippi Goddam*, assim como o blues, nasceu do sentimento de tristeza e melancolia pelas mortes em Birmingham, e o assassinato do ativista negro Medgar Evers em Jackson, Mississippi.<sup>486</sup> Para Nina Simone, lutar pelos direitos civis, através da sua arte, era responder aos constantes questionamentos da mãe de “por que você canta músicas que não são de Deus?”<sup>487</sup> Em *Mississippi Goddam*, Simone diz:

Piquetes de grevistas  
 Boicotes escolares  
 Eles tentam dizer que é uma conspiração comunista  
 Tudo que eu quero é a igualdade  
 Para minha irmã meu irmão meu povo e eu  
 Sim, você mentiu para mim todos esses anos  
 Você me disse para lavar e limpar meus ouvidos  
 E falar bem, como uma senhora  
 E você pararia de me chamar de Sister Sadie  
 Ah, mas este país está cheio de mentiras  
 Vocês todos vão morrer e morrerão como moscas  
 Eu não confio mais em você  
 Você continua dizendo: Vá com calma!  
 Vá com calma!<sup>488</sup>

<sup>485</sup> COHODAS, Nadine. *Princess Noire: the tumultuous reign of Nina Simone*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010, p. 145.

<sup>486</sup> EVERS-WILLIAMS, Myrlie; MARABALE, Manning. *The Autobiography Of Medgar Evers: A Hero's Life and Legacy Revealed Through His Writings, Letters, and Speeches*. New York: Basic Civitas Books, 2005.

<sup>487</sup> Cf. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. 2003 (2<sup>nd</sup> ed.).

<sup>488</sup> “Picket lines  
 School boycotts  
 They try to say it's a communist plot  
 All I want is equality  
 For my sister my brother my people and me  
 Yes you lied to me all these years  
 You told me to wash and clean my ears  
 And talk real fine just like a lady  
 And you'd stop calling me sister sadie  
 Oh but this whole country is full of lies  
 You're all gonna die and die like flies  
 I don't trust you any more  
 You keep on saying: Go slow!  
 Go slow”. SIMONE, Nina. *Mississippi Goddam. Letras. Mus.* Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/nina-simone/185487/>>. Acesso em: 17 mar. 2022. Tradução nossa.

Na letra Nina Simone chama de mentirosos os brancos, que mantiveram a ideia de que a segregação racial era natural da sociedade americana. Além disso, a cantora acusa de mentirosos aqueles que fazem os negros manterem um padrão de branquitude imposto, a qual os negros nunca alcançaram de fato, nem física e nem culturalmente. Essa ideia está materializada no resgate da figura da Sister Sadie citada na letra pela cantora. “Sister Sadie” era uma canção interpretada por Horace Silver no álbum *Blowin’ the Blues Away*, lançado em 1959. A personagem tem inspiração pela personagem do mesmo nome do romance *As Aventuras de Huckleberry Finn*, escrito por Mark Twain, que era esposa de um escravizado negro, fugitivo. Sadie trabalhava como cozinheira na casa de uma senhora branca, além de que era solicitada como curandeira pela comunidade negra, daí a alcunha de “irmã Sadie”. Ela se tornou uma referência para as mulheres negras do que não seguir, pois Sadie era vista como mulher que se adapta às condições impostas para alcançar a liberdade. Em outras palavras, a imagem da personagem sustava o estereótipo de mulheres negras eternamente resistentes, o símbolo da força suprema, aquela que aguenta tudo. Ao evocar a imagem de “Sister Sadie”, Simone afirma que apesar das dores, as mulheres negras têm mais do que apenas o sofrimento.<sup>489</sup>

Outro ponto ressaltado pela cantora, na letra, é a acusação de que ativistas negros, os quais lutavam por direitos civis, eram condizentes ao comunismo. É real que alguns ativistas do movimento, principalmente na década de 1960 com a criação do Partido dos Panteras Negras, estavam alinhados com a esquerda revolucionária socialista, contudo, mesmo antes da organização no movimento por direitos civis ativistas negros já compunham o movimento socialista e eram ligados ao movimento por direitos civis desde 1920. Ainda sobre a música *Mississippi Goddam*, a historiadora Ruth Feldstein afirma que:

“Mississippi Goddam” expressa em um terreno cultural a dor e a raiva. Também ofereceu uma das muitas perspectivas políticas que as pessoas dentro e fora dos movimentos estavam desenvolvendo no início dos anos 1960, muito além da ênfase no ativismo inter-racial que predominava entre os defensores liberais dos direitos civis. Ele sugere temas que este ensaio aborda mais longamente: o trabalho político que uma canção poderia fazer e as múltiplas maneiras em que a produção cultural importava para o ativismo negro - muito mais do que meramente a trilha sonora de fundo para o movimento, e não

---

<sup>489</sup> SANKOFA, Sayhername Morgan. Who is Sister Sadie?. Viva. Publicado em: out. 2019. Disponível em: <<https://vocal.media/viva/who-is-sister-sadie>>. Acesso em: 11 mar. 2022.



simplesmente como um reflexo de as aspirações preexistentes de ativistas políticos.<sup>490</sup>

A primeira vez que a música *Mississippi Goddam* foi interpretada por Nina Simone em público foi no Village Gate, no mesmo ano de sua composição. A plateia, impressionada, mostrou-se tão receptiva com a música quanto foi com as anteriores, apesar do palavrão *Goddam*. Explica Nina Simone que “[...] com o Mississippi Goddam, percebi que não havia como voltar atrás” e completa:

Após o assassinato de Medgar Evers, o atentado no Alabama e o 'Mississippi Goddam', toda a direção da minha vida mudou e, nos sete anos seguintes, fui movida pelos direitos civis e pela esperança da revolução negra. Eu tinha orgulho do que fazia e orgulho de fazer parte de um movimento que estava mudando a história. Eu transformei o que eu fazia para viver em algo muito mais valioso. Comecei a cantar porque era uma forma de ganhar mais dinheiro; então a fama veio e comecei a gostar das armadilhas do sucesso, mas depois de um tempo nem elas eram suficientes, e eu encontrei satisfação fora da música - do meu marido, da minha filha, da minha casa.<sup>491</sup>

O ano de 1963 representou uma reviravolta na carreira de Nina Simone. A música, a partir de então, começou a representar um outro tipo de satisfação, a política. A música era “dedicada a lutar pela liberdade e pelo destino histórico do povo negro”. As apresentações da cantora também sofrem uma modificação, que, segundo a pesquisadora Emily Lordi, foi o que permitiu que Nina Simone se tornasse um dos símbolos da luta por direitos civis. Levando em conta que durante a década 1960 o soul vai sintetizar e caracterizar a cultura negra, enquanto ritmo musical, os artistas do soul eram catalizadores da performatividade dessa cultura.<sup>492</sup>

---

<sup>490</sup> “‘Mississippi Goddam’ expressed on a cultural terrain pain and rage. It also offered one of the many political perspectives that people in and out of movements were developing in the early 1960s, well beyond the emphasis on interracial activism that predominated among liberal supporters of civil rights. It suggests themes this essay engages at greater length: the political work a song could do and the multiple ways in which cultural production mattered to black activism—far more than as merely the background sound track to the movement, and not simply as a reflection of the preexisting aspirations of political activists.”. FELDSTEIN, Ruth. “I Don’t Trust You Anymore”: Nina Simone, Culture, and Black Activism in the 1960s. *The Journal of American History*, v. 91, n. 7, 2005, p. 1350. Tradução nossa.

<sup>491</sup> “After the murder of Medgar Evers, the Alabama bombing and 'Mississippi Goddam' the entire direction of my life shifted, and for the next seven years I was driven by civil rights and the hope of black revolution. I was proud of what I was doing and proud to be part of a movement that was changing history. It made what I did for a living something much more worthwhile. I had started singing because it was a way of earning more money; then fame came along and I began to enjoy the trappings of success, but after a while even they weren't enough, and I got fulfillment outside of music - from my husband, my daughter, my home.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 91. Tradução nossa.

<sup>492</sup> Cf. LORDI, Emily J., 2016.

Naquela época [1960], o termo “soul” havia se tornado um marcador flexível, porém poderoso, da identidade negra, um termo para uma culinária culturalmente específica (soul food); eventos de mídia voltados para negros (Soul!, logo seguido por Soul Train); e um modelo de parentesco racial da era dos Direitos Civis codificado nos termos “sou brother” e “soul sister”.<sup>493</sup>

A própria Aretha Franklin definiu o soul em uma entrevista em 1968, como o “*soul é negro*”<sup>494</sup>, ou seja, o estilo fazia parte de uma cultura negra e de uma narrativa culturalmente particular dos afro-americanos, que envolve sofrimento e sobrevivência; e esses elementos não poderiam ser ensinados a nenhum artista. Por isso, os artistas negros tinham o soul como uma naturalidade em si:

Soul pode ser parcialmente definido como uma mistura de essência étnica, pureza, sinceridade, convicção, credibilidade e o bom e velho esforço (...) musicalmente, soul é uma síntese também — de blues, jazz e gospel.<sup>495</sup>

Como resultado, os artistas do soul devem ser entendidos a partir do prisma da performance negra, de um virtuosismo que só pode ser encontrado nas vivências experienciadas pelos afro-americanos em um contexto de racismo e segregação racial. Logo, vê-se a importância de entender o contexto histórico da efervescência do soul. Desse modo, os artistas do soul foram capazes de catalisar o sofrimento e privações, e transformá-los em uma forma expressiva superior, essa forma expressiva revaloriza o sofrimento. Seria como transformar dor em beleza, imbuída de uma espiritualidade que não é religiosa necessariamente,<sup>496</sup> assim como Nina Simone afirma em sua autobiografia:

Foi nessa época, em meados dos anos 60, que comecei a sentir o poder e a espiritualidade com os quais podia me conectar quando tocava para uma plateia. Já fazia dez anos que me apresentava, mas foi só nessa época que senti uma espécie de estado de graça tomar conta de mim nas ocasiões em que tudo se encaixava. Nessas ocasiões, eu dava um concerto que todos os que o testemunharam se lembrariam por anos e voltariam para casa sabendo que algo muito especial havia acontecido.<sup>497</sup>

---

<sup>493</sup> “By that time, the term “soul” had become a flexible yet powerful marker of black identity, a term for culturally specific cuisine (soul food); media events marketed to black people (Soul!, soon to be followed by Soul Train); and a Civil Rights-era model of racial kinship encoded in the terms ‘soul brother’ and ‘soul sister’.” LORDI, Emily J. Op. Cit., p. 55. Grifo e tradução nossos.

<sup>494</sup> “Soul is black”. Ibidem, p. 55. Tradução nossa.

<sup>495</sup> ALVES, Amanda Palomo. Op. Cit., 2011.

<sup>496</sup> Cf. LORDI, Emily J., 2016.

<sup>497</sup> “It was at this time, in mid-sixties, that I first began to feel the power and spirituality I could connect with when I played in front of an audience. I'd been performing for ten years, but it was only at this time that I felt a kind of state of grace come upon me on those occasions when everything fell into place. At such

Essa espiritualidade, citada pela autora no trecho acima, não está conectada à espiritualidade da religião cristã protestante, marcada pelo patriarcado, porque o patriarcado não seria capaz de entender a espiritualidade que envolvia o canto pela liberdade. Desse modo, o conceito de “biomitografia”, cunhado por Audre Lorde na obra *Zami*<sup>498</sup>, na qual a autora cria uma ficção a partir de várias fontes pessoais, e que a partir dessas vivências define o conceito de biomitografia, pode ser aplicado na ideia de que Nina Simone e outras artistas do soul trazem para as performances as vivências de sofrimento, as quais são originadas de diversas privações que o racismo proporciona. Como Lordi argumenta: “Essas privações são uma função de raça, religião, gênero e sexualidade, mas motivam reivindicações poderosas de múltiplos lares literários, musicais e institucionais.”<sup>499</sup> A partir do conceito de mitobiografia, pode-se entender qual o ponto de partida das artistas do soul, como Nina Simone, em suas performances, seja de músicas de protesto ou com outros tópicos. Assim, o corpo se torna parte expressiva da performance e se manifesta nas apresentações ao vivo, como argumenta Lordi no trecho:

Se, como sugeri, a linguagem do soul liga a alma ao corpo acelerado e reconfigura o corpo sobrecarregado como uma fonte de compaixão, prazer e orgulho, então a performance ao vivo é um aspecto-chave desse processo. Simone não canta apenas sobre o corpo, ela também se move; mesmo quando está sentada ao piano, ela é uma artista física. Os performers de soul valorizam o suor do corpo, o esforço da voz, os trajes fabulosos e até, no caso de um artista como James Brown, a dança rigorosa - o espetáculo de um corpo que possui seu próprio trabalho, tanto no plano econômico quanto nos sentidos coloquiais dessa frase que também são ativados na frase “working it”.<sup>500</sup>

Em outras palavras, o corpo e a sensualidade, sendo utilizadas no palco como meio de transmitir a emoção do ritmo e da apresentação, e fugindo dos estereótipos de

---

times I would give a concert tht everyone who witnessed it would remember for years, and they would go home afterwards knowing that something very special had happened.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed, p. 92. Tradução nossa.

<sup>498</sup> LORDE, Audre. *Zami: A New Spelling of My Name*. New York: Crossing Press, 1982.

<sup>499</sup> “These deprivations are a function of race, religion, gender, and sexuality, but they motivate powerful claims to multiple literary, musical, and institutional homes.”. LORDI, Emily J. Op. Cit., 2016, p.58. Tradução nossa.

<sup>500</sup> “If, as I have suggested, the language of soul links the soul with the raced body and refigures the burdened body as a source of compassion, pleasure, and pride, then live performance is a key aspect of this process. Simone doesn’t just sing about the body, she also moves; even when seated at the piano, she is a physical performer. Soul performers prize the sweat of the body, the strain of the voice, the fabulous costumes, and even, in the case of an artist like James Brown, rigorous dance – the spectacle of a body owning its own labor, in both the economic and colloquial senses of this phrase that are also activated in the phrase ‘working it’.” Ibidem, p. 62. Tradução nossa.

sexualização do corpo negro feminino.<sup>501</sup> Essas artistas transformaram a sexualização em uma sensualidade que faz parte de uma política libertadora negra. A sensualidade caminha em um espaço que vai para além da mera sexualização machista dos corpos femininos, isto é, uma liberdade de utilização do corpo como ferramenta de transmutação em uma performance artística. Tal efeito é exemplificado por Nina Simone, no trecho:

Para enfeitiçar o público, eu começaria com uma música para criar um certo clima. Continuo na próxima música e depois na terceira, até que criar um certo clímax de sentimento e então eles estariam hipnotizados. Para verificar, eu parava e não fazia nada por um momento e ouço um silêncio absoluto: eu os peguei. Sempre foi um momento estranho. Era como se houvesse uma fonte de energia em algum lugar à qual todos estivéssemos conectados, e quanto maior o público, mais fácil seria - como se cada pessoa fornecesse uma certa quantidade de energia.<sup>502</sup>

Rafael Cesar acredita que essa expressão artística de Nina Simone se apresenta também em sua interpretação da música “Pirate Jenny”, no álbum gravado *In Concert* de 1964. A música “Pirate Jenny” foi composta em 1928 para fazer parte da peça *A Ópera*, uma adaptação de *A Ópera do Mendigo*, escrita em 1728 por John Gay e Johann Pepusch. Fala sobre as contradições da sociedade londrina em que as atitudes dos personagens são apresentadas a partir de uma perspectiva conforme a expectativa e as pressões do público; em outras palavras, os personagens não podem ser analisados por aspectos dramáticos e psicológicos, eles satisfazem as determinações que o público cria no começo da apresentação, tendo em mente que os personagens fazem parte também de classes sociais em luta. Cesar analisa que “Macheath, o bandido profissional, Peachum, o burguês, sua filha Polly, o chefe de polícia Brown e Jenny; todos se relacionam entre si segundo os papéis sociais designados a cada um.”<sup>503</sup> No ato em que a música *Pirate Jenny* é entoada, a personagem Jenny acaba de se despedir do bandido Macheath que era seu amante e marido de Polly. Jenny, ao contrário de Polly, tinha uma condição social subalterna em relação à primeira. Essa condição é traduzida quando a jovem trabalhadora se põe a esperar um navio pirata que viria resgatá-la, a *Fragata Negra*. Os piratas resgatariam Jenny

---

<sup>501</sup> Cf. LORDI, Emily J., 2016.

<sup>502</sup> “To cast the spell over an audience I would start with a song o create a certain mood which. I carried into the next song and then on through into the third, until I created a certain climax of feeling and by then they would be hypnotized. To check, I'd stop and do nothing for a moment and I hear absolute silence: I'd got them. It was always an uncanny moment. It was a if there was a power source somewhere that we all plugged into, and the bigger the audience the easier it was - as if each person supplied a certain amount of the power.” SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 93. Tradução nossa.

<sup>503</sup> CESAR, Rafael Nascimento. *A Fragata Negra* – Tradução e Vingança em Nina Simone. São Paulo: MANA, v. 24, n. 1, 2018, p. 40.

e acabariam com seus opressores. Dessa forma, ao entoar a canção, com uma entonação subjetiva, a personagem leva o público a sua esperança de salvação.<sup>504</sup>

Nina Simone, por outro lado, sem mudar a letra, transforma a canção e leva o público às suas vivências racializadas, como afirma Cesar no trecho:

Nina Simone, por sua vez, apropriou-se da canção imprimindo-lhe os traços inconfundíveis de seu estilo. O arranjo sucinto, sustentado apenas por percussão e piano, e cadenciado em um andamento inconstante, tornava a versão de *In Concert* um bocado distinta da original. Permitindo-se entonações vocais variadas, ora percorrendo com graça as linhas melódicas de Weil, ora recitando asperamente certos versos com gritos e sussurros, a intérprete infundiu à canção uma gama de significados ouvidos pela plateia norte-americana em alto e bom som. A presença de coloquialismos como “*That’ll learn ya*” no lugar de “*That will teach you*” [“Isso vai ensiná-los”] e “*’Cause there’s nobody gonna sleep here tonight*” em vez de “*Because nobody will sleep here tonight*” [“Porque ninguém dormirá aqui hoje”]; o uso sarcástico do vocativo “*honey*” [“querido”] referindo-se a um dos algozes de Jenny; a repetição de expressões como “*You couldn’t ever guess to who you’re talking*” [“você jamais poderiam imaginar com quem estão falando”] e “*Right now!*” [“agora!”]; as pausas tensas entre certas frases e até mesmo uma ou outra risada de esgar sinistra, tudo isso fez com que a Londres do início do século XX cruzasse o Atlântico e se deparasse com os problemas advindos de um país atravessado por conflitos raciais violentos e de longa data.

Dessa forma, o autor acredita que Simone tem a capacidade de transformar a canção, que foi escrita em um contexto de entre guerras na Europa, para um contexto de segregação nos Estados Unidos, apenas através da performance, o que pode ser associado ao ativismo de Nina Simone, que, como a própria cantora acredita, ultrapassa os limites das músicas de protesto e chega ao artista em sua complexidade e completude.

Nina Simone não foi a única cantora a se envolver no movimento por direitos civis: houve outros artistas, como Mahalia Jackson, o escritor James Baldwin e o comediante Godfrey Cambridge. Além desses, um grupo de quatro jovens que se juntou no Colégio Estadual de Albany, na Geórgia, Bernice Johnson, Rutha Harris, Cordell Hull Reagon e Charles Neblitt formavam, em 1962, o *The Freedom Singers*<sup>505</sup>, o qual buscou fundir nas canções o estilo de canto batista e músicas de protesto. Mais uma vez, nota-se

---

<sup>504</sup> Ibid.

<sup>505</sup> EDITORIAL. Freedom Singer: “Without Music, There Would be No Movement”. *NPR*. Publicado em: 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.npr.org/2013/08/28/216422973/freedom-singer-without-music-there-would-be-no-movement>>. Acesso em: 10 mar. 2022.



A letra, ainda que com aspectos religiosos, impulsiona a resiliência do povo negro. Somado ao grupo The Freedom Singers, outro grupo de jovens negro também ganha destaque, o SNCC, mais conhecido pelas pessoas com o modo de pronúncia “snick”. A ideia de criar-se um grupo de jovens que combatessem a segregação a partir do lema da não violência começou em primeiro de fevereiro de 1960, quando quatro estudantes universitários se sentaram em uma lanchonete segregada, em Greensboro, na Carolina do Norte, e solicitaram atendimento, os bancos em que os jovens se sentaram eram exclusivos de pessoas brancas. Esses jovens eram David Richmond, Franklin McCain, Ezell Blair e Joseph McNeil, e esse ato provocou uma onda de ocupações e protestos semelhantes em lojas, restaurantes, bibliotecas e cinemas no Sul e no Norte, do país, essas manifestações ficaram conhecidas como Sit-In’s, ocupações como tática estratégica do movimento em massa. Dessa forma, negros ocuparam pacificamente espaços segregados no país, como forma de protesto.<sup>510</sup> O SNCC desempenhou um papel central no movimento na década de 1960, desde sua fundação em Raleigh, na Carolina do Norte. A ativista Ella Baker também teve participação na fundação do SNCC. Em abril de 1960, ela reuniu os estudantes na Universidade de Shaw em Albany, onde discursou e inspirou a criação do SNCC na região. A metodologia do grupo era confronto não violento, com a intenção de desafiar as leis segregacionistas ou exigir que as leis antissegregacionistas, já existentes, tornassem-se efetivas na prática; o grupo teve como base do movimento a atuação das mulheres, dos estudantes e de alguns brancos que poderiam ser considerados aliados, ao mesmo passo que, institucionalmente, o movimento era apoiado pelas igrejas negras<sup>511</sup>. “Também no SNCC são as mulheres o fator crucial que mantém o movimento funcionando no dia-a-dia.<sup>512</sup>”, afirma um grupo de mulheres do SNCC. Nina Simone, sempre simpatizou com os métodos do SNCC, por acreditar que a atitude desses jovens era semelhante aos pensamentos da jovem Eunice que cresceu em Tryon, ou pelo menos o que a jovem Eunice gostaria de ter sido, enquanto ativista. A cantora somou que alguns membros do SNCC também eram simpatizantes da cantora Nina Simone, como ela ressalta no trecho:

Outras pessoas do SNCC me disseram com orgulho que a única coisa que foi roubada de seus escritórios - ou seja, as únicas coisas que os

---

<sup>510</sup> PURDY, Sean. Op. Cit., 2007.

<sup>511</sup> EDITORIAL. The Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC). *Civil Rights Movement Archives*. S.d. Disponível em: <<https://www.archives.gov/research/african-americans/black-power/sncc>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>512</sup> Document: Position Paper, SNCC, Women in the Movement.

funcionários do SNCC roubaram uns dos outros - foram livros e os álbuns de Nina Simone, e que a única coisa garantida, que fazia os membros esquecerem o treinamento não violento, era descobrir que seus álbuns de Nina Simone estavam faltando.<sup>513</sup>

E acrescenta dizendo que:

Aqueles garotos do interior sabiam que eu fazia parte de sua luta antes que eu mesmo soubesse, e quando finalmente os encontrei, os 'stormtroopers do movimento' que não tinham a proteção da fama, dinheiro e uma casa confortável como eu, que arriscavam suas vidas todos os dias, isso me convenceu ainda mais de que eu não tinha escolha a não ser me alinhar ao lado deles. Você pode chamar do que quiser, mas para mim parecia o destino.<sup>514</sup>

No final de 1963, encerra-se o contrato de Nina Simone com a gravadora Colpix, e se inicia um novo contrato com a gravadora Phyllis, e as negociações eram feitas com Wilhelm Langerber, mais conhecido como Big Willy. Com essa gravadora, Simone gravou o que é considerado como primeiro álbum da Civil Rights. O *In Concert* é composto por três gravações feitas no Carnegie Hall, em Nova York e foi gravado, em 1964, metade sem acompanhamento de instrumentistas, apenas no estilo voz e piano, e a outra metade com outros músicos. No álbum, a cantora explicita nas letras e nas apresentações mensagens orientadas pelos direitos civis. Estão inclusas no álbum canções como “*Mississippi Goddam*”, que foi gravado pela primeira vez em um álbum, tendo sido lançada anteriormente apenas como single, além de outras canções como “*Pirate Jenny*”, “*Go Limp*” e “*Old Jim Crow*”, tais quais contribuíram através dos ideais políticos e dos direitos civis para o movimento, pois a música era, de forma metafórica, uma arma contra a segregação e o racismo. O álbum foi classificado como o 94º melhor álbum da década de 1960 pela Pitchfork.<sup>515</sup> A historiadora Ruth Fieldsten acredita que o álbum *In Concert* é, assim como outros álbuns de Simone, um blend de estilos, gêneros e humores, e, além, desafia a cultura convencional do jazz, “Na verdade, rejeitar qualquer definição singular

---

<sup>513</sup> “Other SNCC people told me proudly that the only thing that ever got stolen from their offices - meaning the only things SNCC workers stole from each other - were books and Nina Simone records, and that the only thing guaranteed to make members forget their non-violent training was for them to find out their Nina Simone records were missing.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 95. Tradução nossa.

<sup>514</sup> “Those kids out in the backwoods knew I was part of their fight before I knew it myself, and when I finally met up with them, the 'stormtroopers of the movement' who didn't have the protection of fame, money and a comfortable home like I did, who risked their lives every day, it convinced me further that I had no choice but to line up alongside them. You can call it what you like, but to me it seemed like destiny.”. Idem. Tradução nossa.

<sup>515</sup> UNTERBERGER, Richie. Nina Simone In Concert Review. *All Music*. S.d. Disponível em: <<https://www.allmusic.com/album/nina-simone-in-concert-mw0000691462?1626272423084>>. Acesso em: 11 mar. 2022.



de feminilidade afro-americana fazia parte da política racial do álbum e permaneceu central para a participação de Simone no ativismo negro além do In Concert”.<sup>516</sup> Afirma Feldstein. Dessa forma, Simone rejeita a ideia pré-concebida de protestos musicais. Em “*Pirate Jenny*” dá um prelúdio do que o álbum representaria, porque Simone não só fez com que a canção atravessasse o Atlântico como uma canção das violências que o racismo promovia para a população Negra americana, como também a cantora denuncia, nas entrelinhas, os abusos sexuais vivenciados pelas mulheres na Europa, na versão original, e nos Estados Unidos, na versão em que interpreta; neste caso, seriam mulheres negras abusadas por homens brancos. Poderosamente, Simone consegue interseccionar questões de gênero e raça em uma mesma performance. Como percebe Rafael Nascimento, no trecho:

Amiúde, a encruzilhada entre conflitos internos e externos, espécie de meio caminho entre loucura e revolução, foi sendo identificada pela crítica especializada como uma qualidade tão definidora da artista quanto o seu nome afrancesado ou a cor de sua pele. A notável habilidade de trazer os problemas vividos pela população negra norte-americana ao centro de suas composições e interpretações, fosse no registro íntimo das relações amorosas ou em dimensões da vida pública, fez das noções de gênero, sexualidade, classe e raça vigentes à época idiomas constitutivos de uma experiência social marcada por fortes renúncias e constrangimentos, ao passo que forjaram os alicerces do renome de Nina Simone.<sup>517</sup>

Outro exemplo que se destaca na performance da cantora no álbum é a canção “*Go Limp*”, em que a protagonista também era uma mulher, contudo pode ser classificada como uma paródia do *folk song*. Escrita por Alex Comfort, a letra conta a história de uma jovem ativista dos direitos civis que defende para sua mãe a escolha de se juntar aos manifestantes da NAACP, organização negra criada em 1930 e responsável por diversas conquistas legais do movimento. Todavia, a mãe faz uma série de advertências à filha, com medo de que a garota se tornasse uma mulher desrespeitada; é, então, que a filha promete contenção: permaneceria não violenta e virgem. “Simone usou o humor para sugerir que não seria fácil para a jovem atingir esses dois objetivos<sup>518</sup>”, ou seja, investe no humor sensual, ou até mesmo, à sensualidade da mulher negra, na contramão do que impunha a branquitude; em outras palavras, a cantora convida a plateia a entender a

---

<sup>516</sup> FELDSTEIN, Ruth. Op. Cit., 2005, p. 1363.

<sup>517</sup> CESAR, Rafael Nascimento. Op. Cit., 2018, p. 43.

<sup>518</sup> FELDSTEIN, Ruth. Op. Cit., 2005, p. 1363.

sensualidade e o sexo como algo natural.<sup>519</sup> Outrossim, o álbum *In Concert* também questiona o lema da não-violência, como algo muito paciente, questiona o cristianismo, o renascimento do folk interracial e celebra as músicas libertárias, questionando os padrões brancos ou embranquecidos de liberdade; ou seja, músicas que são criadas por brancos e para brancos. Ademias, no álbum, a cantora coloca a mulher como centro da luta por direitos civis, como era o que a cantora acreditava.

Simone minou uma política de gênero historicamente potente de respeitabilidade que persistiu no ativismo afro-americano do final dos anos 1950 e início dos 1960. Em uma crítica a brancos e negros, ela desafiou a noção de que certos tipos de papéis de gênero eram um caminho para melhorar as relações raciais. Suas letras desencadearam uma libertação de outro tipo - a libertação de fazer a coisa certa na esperança de ser reconhecida como merecedora.<sup>520</sup>

A partir da ideia do trecho citado acima, Ruth Feldstein argumenta que Nina Simone luta contra o patriarcado, desafiando o liberalismo, principalmente nas canções “*Pirate Jenny*” e “*Mississippi Goddam*”, e declara a independência das mulheres negras, mesmo dentro do movimento por direitos civis. Nessa linha de raciocínio, o feminismo negro americano se desenvolve a partir das lutas contra o racismo e o movimento por direitos civis, como afirmam as mulheres do coletivo Combahee River, em 1977 no manifesto:

A política feminista negra também teve uma conexão óbvia com os movimentos pela libertação negra, particularmente os dos anos 1960 e 1970. Muitas de nós fomos ativas nesses movimentos (pelos direitos civis, nacionalismo negro, Panteras Negras), e todas as nossas vidas foram grandemente afetadas e mudadas pelas suas ideologias, seus objetivos e pelas táticas usadas para atingir esses objetivos. Foi a nossa experiência e desilusão dentro desses movimentos de libertação, assim como a experiência na periferia da esquerda branca masculina, que nos levaram a desenvolver uma política que fosse antirracista, diferentemente daquela das mulheres brancas, e antissexista, diferentemente daquelas dos homens brancos e negros.<sup>521</sup>

As mulheres negras participaram efetivamente das múltiplas manifestações sobre a luta antirracista. A historiografia do movimento por direitos civis mostra que as lideranças de ponte do movimento eram femininas, mas, para além disso, as mulheres

---

<sup>519</sup> Ibidem.

<sup>520</sup> FELDSTEIN, Ruth. Op. Cit., 2005, p. 1365.

<sup>521</sup> PEREIRA, Stefania; GOMES, Letícia Simões. (trad.) Manifesto do Coletivo Combahee River. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 26. n.1, 2019, p.197-207.

eram produtoras de conteúdo intelectual sobre o movimento, invisibilizado pelas lideranças masculinas.<sup>522</sup> Nina Simone, antes da década de 1970, trazia as questões de gênero para sua arte, através da música. Dessa forma, Simone fazia parte de um grupo que era identificado, no final dos anos 1950 e na década de 1960, por “poetas, escritores e músicos negros ... para quem a emancipação de sua própria forma artística coincidiu com o movimento de liberdade africano,<sup>523</sup>” e, partindo desse pressuposto, Nina Simone se dedica, a partir de 1963, a estudar mais sobre a cultura africana e sua ancestralidade, e traz isso para suas performances no palco. “[...] o que eu tinha que fazer era educar a mim mesma e conhecer a minha história e entender as razões pelas quais eu deveria me orgulhar.<sup>524</sup>”, isto significa que a cantora se dedicou a conhecer a cultura africana, não apenas a cultura negra americana, e a história de luta do povo negro na América. E chega a conclusão, assim como os historiadores do tema, que os membros do movimento não concordavam em estratégia e tática completamente, o que é uma realidade natural de movimentos sociais; contudo, era um movimento em que os membros se dispuseram a argumentar e discutir os melhores caminhos a cada campanha, para alcançar vitórias. Assim, vieram conquistas como o *Civil Rights Act* em 1964, que acabava com a segregação racial no país e iniciou-se, a partir de então, um processo de dessegregação nos espaços públicos nos Estados Unidos. Outra conquista foi o *Voting Rights Act*, em 1965, a qual proibiu que os negros fossem inibidos ou coibidos a não se registrarem para votar no país.<sup>525</sup>

Nina Simone tinha, além da falecida amiga Lorraine Hansberry, outros amigos, que admirava e que a ajudavam, um deles era o ativista Stokely Carmichael. Os dois se conheceram em uma das vezes em que ele fez um discurso, como relembra a cantora no trecho:

Stokely sabia que eu estava na plateia e me apontou, dizendo que eu era a verdadeira cantora do movimento pelos direitos civis. A maneira como ele disse isso, me honrando na frente daquelas pessoas, me fez desmoronar e chorar. Ele me converteu ali mesmo, e eu teria entrado no fogo do inferno com ele sem olhar para trás. Depois daquele primeiro

---

<sup>522</sup> WILLIAMS, Rhonda Y. “Black Women and Black Power”. *OAH Magazine of History*, jul. 2008, p.22-26.

<sup>523</sup> “black poets, writers, musicians . . . for whom the emancipation of their own artistic form coincided with the African freedom movement.”. FELDSTEIN, Ruth. Op. Cit., 2005, p. 1374. Tradução nossa.

<sup>524</sup> “[...] the first thing I had to do was educate myself in my own history and understand the reasons why I should be proud of my own culture.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 96. Tradução nossa.

<sup>525</sup> JONES, William P. The Unknown Origins of the March on Washington: Civil Rights Politics and the Black Working Class. *Labor: Studies in Working-Class History of the Americas*, v. 7, n. 3, p. 33-52.

encontro, costumava vê-lo com frequência: ele vinha me ver tocar, ou eu o encontrava em uma passeata ou comício.<sup>526</sup>

Carmichael, se mudou com a família para Nova York, no Bronx, quando ainda era criança. Estudante de uma escola secundária, o jovem teve contato com os direitos dos negros, ainda que estudasse em uma escola socialmente segregada, assim como seu bairro. Essa foi a base da vida política que desenvolveria futuramente como líder do SNCC na luta contra o racismo, baseado no princípio da não violência, na mesma linha ideológica de Martin Luther King Jr. O jovem acreditava que pudesse ser criado um Estado capaz de integrar brancos e negros em uma mesma sociedade, no qual tivesse leis iguais, tanto para brancos quanto para negros. Esse princípio ficou conhecido como integracionismo e alguns ativistas eram adeptos a ideia de que as leis igualitárias poderiam proporcionar oportunidades iguais para brancos e negros. Ainda assim, a década de 1960 mostra um novo cenário para a luta negra, em que o SNCC e Carmichael estavam inseridos, como explica o historiador Henrique Rodrigues:

Em novembro de 1964, portanto, o SNCC sediou um retiro em Wavelan, Mississippi, com o intuito de reparar a desorganização institucional que afetava seus projetos no Sul e estabelecer planos para novas atividades. O encontro, contudo, trouxe à tona os embates que, à época, já dividiam a base do SNCC em torno de questões como a presença de ativistas brancos na organização, a discriminação de gênero, o papel das mulheres dentro do movimento e a relação do grupo com a democracia participativa – isto é, entre a ênfase, por um lado, na autonomia de decisão dos ativistas e das lideranças comunitárias e, por outro, a defesa por mais centralização e planejamento.<sup>527</sup>

Nesse mesmo período Carmichael começa a questionar sobre os ideais de separatismo, integracionismo e pan africano, assim como esclarece Nina Simone no trecho:

Como todos os líderes da vanguarda do movimento, Stokely estava pensando sobre a questão de para onde ir a seguir. Foi um grande debate que estava acontecendo ao meu redor e, depois de ouvir várias opiniões, percebi que a primeira coisa que eu tinha que resolver pessoalmente era se eu acreditava na integração ou no separatismo.<sup>528</sup>

---

<sup>526</sup> “Stokely knew I was in the audience and he pointed me out, saying I was the true singer of the civil rights movement. The way he said it, honoring me in front of those people, made me break down and cry. He made a convert of me there and then, and I would have walked into the fires of hell with him and never looked back once. After that first meeting I used to see him often: he'd come to watch me play, or I'd catch him at a march or rally.”. SIMONE, Nina; CLEARLY, Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 98. Tradução nossa.

<sup>527</sup> RODRIGUES, Henrique. Op. Cit., 2019, p. 73.

<sup>528</sup> “Like all the leaders in the vanguard of the movement, Stokely was thinking about this question of where to go next. It was a great debate that was going on all around me, and after listening to various opinions I

Os ativistas negros durante a década de 1960 começam a enfrentar questões que dividiam opiniões no movimento que era o separatismo e o integracionismo. Se, por um lado, os integracionistas acreditavam que existia a possibilidade de integrar negros e brancos em uma mesma linha de luta por direitos civis pra negros, mas que iria beneficiar os brancos também, atentando para os progressos que a dessegregação poderia gerar economicamente, principalmente no Sul. Já no outro lado, os separatistas acreditavam que brancos não teriam a possibilidade de se aliar completamente aos negros, pela história escravista do país, alinhado ao racismo.<sup>529</sup> Sobre essa divisão Nina Simone diz que:

Por mais que gostasse da ideia de o mundo ser como um só e quisesse que fosse verdade, quanto mais olhava ao redor, mais aprendia e menos pensava que isso aconteceria. Eram os muçulmanos negros, liderados por Malcolm X, cuja conversa sobre autossuficiência e autodefesa parecia ecoar a desconfiança que eu sentia da América Branca.<sup>530</sup>

Malcolm X era um dos líderes negros defensores do nacionalismo negro, o qual pregava a não integração de negros e brancos, o que, segundo esse pensamento, seria benéfico para os negros tendo em vista o contexto racial em que os Estados Unidos viviam, segregação e racismo. Desse modo, Malcolm X, que passou alguns anos na prisão por praticar atos ilícitos, tornou-se mulçumano, quando dotou o X no nome, e liderou uma mesquita em Chicago.<sup>531</sup> Em seus discursos, Malcolm defendia a união dos negros contra o racismo e os direitos plenos aos negros, além de que a religião era um aspecto importante das falas do líder, considerando que Malcolm via na religião islâmica o caminho para a libertação racial. A partir dos pensamentos de Malcolm X e outros ativistas do nacionalismo negro, foi que o movimento Black Power se baseou, porém o movimento sofreu com a perda de Malcolm X em 1965, assassinado durante um comício na Organização para a Unidade Afro-Americana (OAAU – *Organization of African American Union*), um grupo político pan-africanista. O álbum *In Concert* de Nina Simone foi gravado pouco tempo antes do assassinato de Malcolm X, “a morte de Malcolm X me

---

realized the first thing I had to sort out personally was whether I believed in integration or separatism.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 99. Tradução nossa.

<sup>529</sup> VALOCHI, Steve. The Emergence of the Integrationist Ideology in the Civil Rights Movement. *Social Problems*, v. 43, n. 1, 1996, p. 116-130.

<sup>530</sup> “Much as I liked the idea of the world being as one and wanted it to be true, the more I looked around, the more I learned, and the less I thought it would ever happen. It was the black Moslems, led by Malcolm X, whose talk of self-reliance and self-defence seemed to echo the distrust of white America that I was feeling.”. Ibidem.p. 99. Tradução nossa.

<sup>531</sup> EDITORIAL. Biography. *Malcolm X*. S.d. Disponível em: <<https://malcolmx.com/biography/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

trouxe pensamentos de que a violência iria ser inevitável na nossa luta se não entendêssemos isso iríamos morrer.<sup>532</sup>”, rememora Simone.

Aproximadamente um ano antes de seu assassinato, Malcolm havia rompido com a Nação do Islã, em funções de conflitos internos dele com o líder Elijah Muhammad. Os doze anos de trajetória com a Nação do Islã e do ativismo negro tornaram Malcolm mais famoso que o próprio líder da nação, considerado o profeta pelos fiéis. Essa notoriedade pode ter sido a fonte dos conflitos entre a Nação do Islã e Malcolm X, tendo em vista que ele foi “silenciado” como método de controle de suas falas ao público, por conta da repercussão da opinião de Malcolm frente ao assassinato de John F. Kennedy. Diante das divergências, Malcolm X decidiu “se divorciar fisicamente e psicologicamente<sup>533</sup>” da Nação do Islã e, após o referido divórcio, alguns estudiosos acreditam que Malcolm deu início a uma modificação na sua linha de pensamento em relação ao nacionalismo negro, trazendo falas em suas entrevistas que davam a entender uma certa tendência ao integracionismo.<sup>534</sup> Sobre o assassinato de Malcolm X, Nina Simone afirma que:

Eu nunca tinha conhecido Malcolm X cara a cara, embora o tenha ouvido falar no Harlem mais de uma vez, mas conhecia sua esposa, Betty Shabaz, porque era nossa vizinha em Mount Vernon. Ela estava se mudando para cá e para lá com seus filhos depois que Malcolm deixou Elijah Mohammed e a Nação do Islã porque sentia que estava se movendo em uma direção diferente, política e espiritualmente, do movimento muçulmano que o gerou. Então Malcolm foi assassinado e um grupo de pessoas se juntou para arrecadar dinheiro para Betty encontrar um lugar, e eu me envolvi nisso.

Sob outra perspectiva, mesmo com o duro golpe da morte de Malcolm X, que era o principal expoente do nacionalismo negro e do movimento Black Power, Stokely Carmichael e o SNCC, que representavam a nova geração do movimento de luta por direitos dos negros, desenvolveram novas ideais para o movimento de novos direcionamentos.<sup>535</sup>

Em maio de 1966, Stokely foi eleito presidente do SNCC. Quando foi fundado em 1960, o SNCC havia se comprometido com a não violência, então a eleição de Stokely mostra que tudo mudou em seis anos. Dois meses após a eleição de Stokely, o congresso CORE em Chicago adotou o conceito de Black Power, três dias depois a NAACP se desassociou do SNCC e - por implicação - da decisão do congresso CORE. O Dr.

---

<sup>532</sup> Cf. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 04.

<sup>533</sup> X, Malcolm; HALEY, Alex. LEMOS, A.B. Pinheiro de (Trad.). *A Autobiografia de Malcolm X com a Colaboração de Alex Haley*. Rio de Janeiro: Record, 1992..

<sup>534</sup> MANNING, Marable. *Malcolm X: Uma Vida de Reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>535</sup> RODRIGUES, Henrique. Op. Cit., 2019.

King e o SCLC eram, é claro, não violentos e exclusivamente cristãos. As principais organizações do movimento estavam tomando decisões diferentes sobre o caminho certo a seguir, refletindo a incerteza que muitas pessoas sentiam.<sup>536</sup>

Foi quando, em 1967, Carmichael se desvincula da direção do SNCC e se torna crítico da Guerra do Vietnam, assim como outros colegas do Partido dos Panteras Negras, junto a Luther King, que também criticou a Guerra do Vietnam em um dos seus discursos. Stokely fez nesse período diversas viagens pelo país e pelo mundo, em que pôde aprimorar seus conhecimentos e visitar países subjugados ao imperialismo americano e europeu, como a República Popular da China, Cuba, Vietnã do Norte e Guiné na África. Além de que, em 1969, o ativista casado com a cantora e ativista Miriam Makeba, muda-se para Guiné, na África, onde se tornou acesso do presidente Ahmed Sékou Touré. Acredita-se, portanto, que Stokely passou por um processo de radicalização, a qual se via necessária para o movimento negro da época. Na década de 1970, ele continuou suas viagens e produções escritas, consideradas de esquerda, e lançou sua autobiografia *Stokely Speaks: Black Power Back to Pan Africanism*, na qual expõe suas ideias a partir de uma visão socialista e de esquerda, a qual ele seguiria até o fim da vida. Além disso, Charmichael mudou seu nome Kwame Touré em homenagem aos líderes africanos Kwame Nkrumah e Sékou Touré, mostrando um resgate à cultura africana, durante sua estada na Guiné.<sup>537</sup> “À Stokely Charmichael se atribui a criação do movimento Black Power.<sup>538</sup>”, afirma o professor Flávio Francisco especialista no movimento negro americano.

O movimento Black Power surge aproximadamente em meados da década de 1960, na qual a juventude negra começa a pensar no movimento negro de uma forma diferente dos ideais da não violência pregadas no movimento por direitos civis. Alguns historiadores acreditam em descontinuidades e permanências do movimento Black Power

---

<sup>536</sup> “In May 1966 Stokely was voted in as chairman of SNCC. When was founded in 1960 SNCC had pledged itself to non-violence, so Stokely's election shows how much it had changed over six years. Two months after Stokely's election the CORE congress in Chicago adopted the concept of Black Power, three days later the NAACP disassociated itself from SNCC and - by implication - from the decision of the CORE congress. Dr. King and the SCLC were, of course, non-violent and exclusively Christian. The main organizations of the movement were making different decisions about the right way forward, reflecting the uncertainty many people felt.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 109. Tradução nossa.

<sup>537</sup> SPAN, Paula. The Undying Revolutionary: As Stokely Carmichael, He Fought for Black Power. Now Kwame Ture's Fighting For His Life. *The Washington Post*. Publicado em: 8 abr. 2008. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1998/04/08/the-undying-revolutionary-as-stokely-carmichael-he-fought-for-black-power-now-kwame-ures-fighting-for-his-life/4adb14ec-0db8-4668-8af6-84f877b3c61a/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

<sup>538</sup> BARRETO, Raquel; BORGES, Pedro; DOUGLAS, Emory. Panteras Negras, todo poder ao povo. *Alma Preta*. Publicado em: 31 ago. 2017. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/africa-diaspora/panteras-negras-todo-poder-ao-povo>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

em relação ao movimento por direitos civis.<sup>539</sup> Além da questão integracionista, o movimento Black Power valoriza a cultura e a identidade negra como um pilar importante do movimento e que os ganhos para os negros americanos deveriam ser conquistados com mais rapidez do que o que vinha acontecendo até então. Para eles, os direitos formais não eram tão ou mais importantes que direitos informais, como a questão da violência policial à população negra, em especial aos homens negros, a falta de empregos, a desigualdade racial no mercado de trabalho e a falta de políticas públicas voltadas para a população negra e não branca moradora dos guetos. Tais questões não desqualificam o movimento por direitos civis, e menos, significam que os jovens não admiravam ou respeitavam lideranças como Martin Luther King, o que evidencia o fato de que o movimento Black Power representa uma continuidade com rupturas e releituras das demandas da comunidade.<sup>540</sup> Desse modo, pode entender o movimento Black Power como uma filosofia de aspectos sociais políticos e culturais. E, partindo dessas ideias, o movimento foi capaz de ressignificar o termo “*negro*” que era utilizados de forma pejorativa pelos brancos, e impor o uso do ter “*black*” ou “*afro-american*” como símbolo de orgulho e identidade racial. Obviamente, atualmente nos Estados Unidos ainda se ouve o termo “*negro*” tanto entre os racistas como na comunidade negra como forma de ressignificação, mas o comum é se usar o “*black*” ou “*afro-american*” para se referir a uma pessoa que é negra, esse movimento de ressignificação aconteceu de forma semelhante, no Brasil, com o termo “*preto*”. Além, a partir das ideais do movimento Black Power, a comunidade negra resgata aspectos culturais africanos, como vestimenta e o penteado, o qual ficou conhecido na época como black power, que representava esse resgate das raízes africanas na comunidade negra.<sup>541</sup> Dentre os grandes nomes do movimento Black Power, destaca-se James Baldwin, escritor de best sellers como *The Fire Next Time* e *Note of a Native Son*. Baldwin apoiava o movimento gay e acreditava que a opressão havia tornado os afro-americanos mais fortes. James Baldwin era um dos amigos mais próximos de Nina Simone, no qual ela se inspirava e aprendia.<sup>542</sup> Nessa mesma linha de pensamento, Nina Simone seguia sua militância e reflete dizendo que:

À medida que adquiri mais conhecimento, cheguei às minhas próprias conclusões sobre o separatismo. No mundo do homem branco, o

---

<sup>539</sup> JOSEPH, Peniel. Op. Cit., 2009, p. 751-776.

<sup>540</sup> WILLIAMS, Yohuru. “Some Abstract Thing Called Freedom”: Civil Rights, Black Power, and the Legacy of the Black Panther Party. *OAH Magazine of History*, jul. 2008, p. 16-21.

<sup>541</sup> JOSEPH, Peniel. Op. Cit., 2009, p. 767.

<sup>542</sup> SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed.



homem negro sempre sairia perdendo, então a ideia de uma nação negra separada, fosse na América ou na África, fazia sentido. Mas eu não acreditava que houvesse qualquer diferença básica entre as raças - quem está no topo usa todos os meios que pode para manter o outro baixo, e se a América negra estivesse no topo, eles usariam a raça como uma forma de oprimir os brancos no exatamente da maneira como eles próprios foram pressionados. Qualquer um que tem poder só o tem às custas de outra pessoa e para tirar esse poder dela você tem que usar a força, porque ela nunca vai desistir por escolha. [...] Percebi que não importa o que o presidente ou a Suprema Corte possam dizer, a única maneira de conseguirmos a verdadeira igualdade seria se os Estados Unidos mudassem completamente, de cima para baixo. E essa mudança teve que começar com meu próprio povo, com a revolução negra.<sup>543</sup>

Por influência do movimento Black Power, aconteceram a criação de departamentos de estudos africanos e afro-americanos nas universidades; o movimento estudantil contra a guerra também se organizou em protestos; e a África, enquanto continente, tornou-se inspiração e aspiração dos militantes do movimento. O movimento valorizava o ser negro, como algum que inspira orgulho. Por isso, na época a frase “*Black is beautiful*” que em português significa *Negro é Lindo*, tornou-se um lema para os militantes. Em 1966, no Mississippi, Stokely Carmichael fez um discurso em que ele, pela primeira vez, cunhou o termo Black Power, portanto, é atribuído a ele o início do movimento.<sup>544</sup> Segundo Carmichael,

A adoção do conceito de Black Power é um dos desenvolvimentos mais legítimos e saudáveis na política americana e nas relações raciais de nosso tempo. É um chamado para que os negros neste país se unam, reconheçam sua herança, construam um senso de comunidade. É uma chamada para que os negros comecem a definir seus próprios objetivos, para liderar suas próprias organizações e para apoiar essas organizações. É um chamado para rejeitar as instituições e valores racistas desta sociedade.<sup>545</sup>

Em outras palavras, o Black Power é um chamado para a organização negra independente, assim como aconteceu com o Partido dos Panteras Negras, criado por

---

<sup>543</sup> “As I became more knowledgeable i came to my own conclusions about separatism. In the white man's world the black man would always lose out, so the idea of a separate black nation, whether it was in America or in Africa, made sense. But I didn't believe that there was any basic difference between the races - whoever is on top uses whatever means they can to keep the other down, and if black America was on top they'd use race as a way of oppressing whites in exactly the way they themselves were appressed. Anyone who has power only has it at the expense of someone else and to take that power away from them you have to use force, because they'll never give it up from choice. [...] I realized thatn matter what the President or The Supreme Court might say, the only way we could get true equality was if America changed completely, top to bottom. And this change had to start with my own people, with black revolution.”. Ibidem, p. 100. Tradução nossa.

<sup>544</sup> RODRIGUES, Op. Cit., 2019.

<sup>545</sup> TURE, Kwame; HAMILTON, Charles V. *Black Power: Politics of Liberation in America*. Nova York: Vontage Books, 1992, p. 41.

Bobby Seal e Huey Newton, que, ao contrário do que uma narrativa convencional e até mesmo mítica prega, não era uma organização de luta armada, apesar de terem acontecido episódios de trocas de tiro com a polícia e de violência dentro da organização; o radicalismo defendido pelos panteras não enfatizava uma luta de armada ou luta de guerrilha. A mídia e Hollywood foram responsáveis por essa imagem criada da organização. O Partido dos Panteras Negras era um partido inspirado na filosofia Black Power, com ideal do nacionalismo negro, na qual faziam uma releitura do marxismo à luz do nacionalismo negro e das lutas do “Terceiro Mundo”. Melhor dizendo, o Partido dos Panteras Negras era uma organização política, que teve origem e sede em Oakland na Califórnia, teve filiais em outras partes do país, como Chicago e Nova York; e dentro de seus cinco mil filiados na primeira fase do partido, que, acreditam os historiadores, vai de 1966 a 1971, havia divergências políticas e metodológicas, o que é genuíno em toda organização política.<sup>546</sup>

As primeiras ações dos Panteras giraram em torno do combate a injustiça racial e violência policial contra a população negra especificamente contra os homens negros. Em Oakland, o grupo vigiava as patrulhas e as ações da polícia munido de armas e uma cópia da legislação do estado, a qual permitia o porte de armas para os cidadãos. A intensão era impedir que houvesse qualquer abuso de autoridade por parte dos agentes do Estado, ou seja, a polícia. Tal ação causou pânico nas autoridades estaduais que se movimentaram para modificar de constituição da Califórnia e proibir o porte de armas pelos cidadãos. Se por um lado os militantes tiveram ações violentas, houve também ações sociais e afirmativas em prol da comunidade negra, partindo de um ideal de transformação social, um ideal revolucionário. Entre os projetos dos Panteras Negras estavam escolas que priorizavam os estudos a partir de uma ótica, que hoje é conhecida como, decolonial, apesar do termo não existir na época; ações em prol da saúde da comunidade negra, em combate da anemia falciforme, a qual era endemia na população negra; programas de café da manhã, partindo das estatísticas de que crianças alimentadas tinham maior facilidade de aprender; e entrega de cestas básicas para a população idosa.<sup>547</sup>

A história do Partido dos Panteras é marcado por perseguição policial e do FBI, assassinato de alguns membros e prisões políticas de outros, como o co-fundador da organização Huey Newton, o qual foi preso acusado de assassinato e comoveu a comunidade em uma campanha pela sua libertação, conhecida como Free Huey, que em

---

<sup>546</sup> JOSEPH, Peniel. O. Cit., 2009, p. 776.

<sup>547</sup> BARRETO, Raquel; BORGES, Pedro; Op. Cit., 2017.

português significa Huey Livre. Até o presente momento, existem presos políticos ex membros dos Pantera, ainda que o partido tenha dado seu último respiro em 1982, pois divergências políticas internas representaram uma parcela para o fim do partido. Um ponto importante a se salientar é que, apesar da má fama de machista, o Partido dos Panteras Negras era composto de aproximadamente 70% de mulheres, as quais tiveram participação ativa na organização, desde sua criação.<sup>548</sup> Contudo, não há como negar que a prática social da época era influenciada pelo patriarcado e, por isso, práticas machistas existiram. Diante disso, não há como negar a influência no Partido dos Panteras Negras no ativismo negro americano e fora dos Estados Unidos, como no Brasil.<sup>549</sup>



Figura 4 – Nina Simone posa para foto de divulgação e exibe o cabelo no estilo Black Power e trajes pretos que fazem referência ao Partido dos Panteras Negras e ao movimento Black Power.<sup>550</sup>

Quando você menciona o Black Power, as pessoas pensam automaticamente nos Panteras Negras, mas embora os Panteras tenham evoluído a partir dessas ideias, eles eram apenas parte da filosofia geral. Uma boa parte, pensei; Agradeço a Deus por eles, porque mostraram aos jovens negros que pensavam que o único meio de protesto era a não violência passiva que havia outro jeito, que eles não precisavam suportar toda a crueldade mental e física que os brancos lhes infligiam. Com a chegada dos Panteras, as crianças negras perceberam que existiam heróis negros que lutariam e morreriam se necessário para garantir que conseguissem o que queriam. Eu achei isso maravilhoso. Eles assustaram os brancos também, e certamente precisávamos disso;

<sup>548</sup> WILLIAMS, Yohuru. “Some Abstract Thing Called Freedom”: Civil Rights, Black Power, and the Legacy of the Black Panther Party.” *OAH Magazine of History*, jul. 2008, p. 16-21.

<sup>549</sup> BARRETO, Raquel; BORGES, Pedro; DOUGLAS, Emory. Op. Cit., 2017.

<sup>550</sup> A foto data outubro de 1969 e fez parte do editorial de Jack Robinson. Disponível em: <<https://robinsonarchive.com/product/music/nina-simone-11/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

precisávamos mostrar que nossa boa vontade não podia mais ser tomada como certa.<sup>551</sup>

O ativismo político de Nina Simone, assim como suas apresentações, foi se modificando, à medida que a cantora se deparava com novos conhecimentos sobre política, socialismo e luta antirracista. Ainda assim, pesquisadores acreditam que a cantora norteou seus trabalhos em relação ao movimento por direitos civis lidos a partir de uma ótica de gênero e de raça, munida da cultura negra para transpassar esses valores para os ouvintes. “Quanto mais difícil e perigosa a luta se tornava, mais otimista eu me tornava<sup>552</sup>”, reflete Simone sobre os caminhos que o movimento tomava aos finais da década de 1960. Sincronicamente, voltava de um tour feita no país em fevereiro de 1967. Nesse mesmo período, Andy, o marido, passou a empresariar a esposa e gerenciar a sua carreira. Essa mudança na administração da carreira musical da cantora representou uma sobrecarga de trabalho, e duas turnês, uma nos Estados Unidos e uma na Europa. Ao final da segunda turnê, Simone teve sua primeira crise da doença mental que a acometeria anos depois, a bipolaridade, como ela descreve no trecho:

Os problemas começaram quando Andy entrou no meu camarim e me encontrou olhando no espelho colocando maquiagem no cabelo, maquiagem marrom, porque eu queria ficar toda da mesma cor. Eu estava usando um vestido branco e tudo que eu conseguia pensar era em como a cor do meu vestido deveria contrastar com o resto de mim, que tinha que ser o mesmo. [...] eu estava em um estado em que estava meio fora de mim, observando meu comportamento peculiar de uma distância segura. Andy parecia assustado.<sup>553</sup>

Pesquisadores da saúde têm desenvolvido pesquisas em relação à saúde física e à saúde mental da população negra, e defendem a ideia de que o racismo é uma violência

---

<sup>551</sup> “When you mention Black Power people automatically think of the Black Panthers, but although the Panthers evolved out of these ideas, they were only part of the overall philosophy. A good part, thought; I thank God for them, because they showed young blacks who thought the only means of protest was passive non-violence that there was another way, that they didn't have to take all the mental and physical cruelty inflicted on them by whites. With the arrival of the Panthers black kids realized there were black heroes who would fight and die if necessary to make sure they got what they wanted. I thought that was wonderful. They scared the hell out of white folks too, and we certainly needed that; we needed to show that our goodwill could not be taken for granted any more.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 109. Tradução nossa.

<sup>552</sup> SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 110.

<sup>553</sup> “The problems started when Andy walked into my dressing room and found me starting into the mirror putting make-up in my hair, brown make-up, because I wanted to be the same color all over. I was wearing a white gown and all I could think about was how the color of my gown should contrast with the rest of me, which had to be the same all over. [...] I was in a state where I was half outside myself, observing my peculiar behavior from a safe distance. Andy looked scared.”. Ibidem, p. 110. Tradução nossa.

que aflinge a comunidade negra não só física como mentalmente.<sup>554</sup> Como afirma a médica Jurema Weneck:

Os dados epidemiológicos desagregados segundo raça/cor são consistentes o suficiente para indicar o profundo impacto que o racismo e as iniquidades raciais têm na condição de saúde, na carga de doenças e nas taxas de mortalidade de negras e negros de diferentes faixas etárias, níveis de renda e locais de residência. Eles indicam, também, a insuficiência ou ineficiência das respostas oferecidas para eliminar o gap e contribuir para a redução das vulnerabilidades e para melhores condições de vida da população negra.<sup>555</sup>

Não se pode afirmar que o desenvolvimento da doença mental que acometeu Nina Simone se deu por conta das suas vivências marcadas pela violência racial; todavia, é possível inferir que a luta pela liberdade dos afro-americanos afetou a saúde mental da cantora de forma veemente, como afirma a cantora no trecho:

Se eu tivesse pensado nisso, suponho que teria percebido que era algum tipo de aviso, mas quando me senti melhor não achei que valesse a pena pensar: havia muita coisa acontecendo para ficar doente agora. Era como Lorraine havia dito: eu precisava descobrir que tipo de revolucionário eu era, e a revolução - ou algo parecido - estava a caminho.<sup>556</sup>

A Plataforma e o Programa do Partido dos Panteras Negras, escrita por Huey Newton e Bobby Seale, também traz em um dos seus pontos de busca do partido a questão da saúde da população negra. O documento foi escrito em 15 de outubro de 1966 e seria publicado em 15 de maio de 1967, na segunda edição do jornal O Pantera Negra, que era um vínculo de comunicação semanal do partido. Mais tarde, o documento ficou conhecido como “Programa de dez pontos”, mas, em 1972, por influência de um dos redatores do documento, Huey P. Newton, o Partido dos Panteras Negras passa a reivindicar sua teoria de intercomunalismo. Essa mudança de pensamento implicou em uma série de alterações no documento programático. O trecho a seguir faz parte de uma dessas alterações:

---

<sup>554</sup> DAVIS, Kelly. Meet The 15 Students Changing Mental Health On Campus. *Mental Health America*. S.d. Disponível em: <<https://www.mhanational.org/blog/meet-15-students-changing-mental-health-campus#Miana%20Bryant>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>555</sup> WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde Social*, v. 25, n. 3, 2016, p. 541.

<sup>556</sup> “If I'd thought about it at all I suppose I would have realized it was some kind of warning, but once I felt better I didn't consider it worth thinking about: there was too much happening to get sick now. It was like Lorraine had said: I had to find out what kind of revolutionary I was, and the revolution - or something like it - was on its way.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 111. Tradução nossa.

Nós queremos um serviço de saúde completamente gratuito para todos os negros e povos oprimidos. Nós acreditamos que o governo deva fornecer, sem qualquer encargo, instalações de saúde para o povo, que não apenas tratem nossas doenças, muitas das quais resultantes de nossa opressão, mas que também desenvolvam programas médicos preventivos para garantir nossa sobrevivência futura. Nós acreditamos que a educação em saúde massiva e programas de pesquisas devam ser desenvolvidos para dar a todos os negros e povos oprimidos acesso aos avanços científicos e à informação médica, de modo que possamos providenciar para nós mesmos cuidados e atenção médicas apropriadas.<sup>557</sup>

Pouco tempo depois de sua recuperação em relação a crise, Nina Simone e o movimento negro estadunidense sofreriam um duro golpe, Martin Luther King Jr. foi assassinado em 4 de abril de 1968 em Memphis, enquanto participava de uma greve na cidade. A morte do líder simbolizou, para Simone, o regresso ao sul segregado e, aos aliados, o aumento da perseguição aos manifestantes, que assustava a todos. Nesse período, aproximadamente 38 manifestantes morreram ou foram assassinados e mais de vinte mil pessoas foram presas.

[...] mas eu não conseguia entender porque eles ficaram surpresos com o assassinato de Martin: nós já tínhamos perdido Malcolm, Medgar Evers, Emmett Till e centenas, milhares de outros ao longo de nossa história. O que aconteceu em 4 de abril não foi uma tragédia horrível, foi a tradicional tática americana branca para se livrar dos líderes negros que não poderia suprimir de outra forma. Um ato desesperado de um país que não tem mais onde se esconder. Estúpido também, porque a coisa que morreu junto com Martin em Memphis naquele dia foi a não violência, todos nós sabíamos disso. Foi um momento de amargura - quase engraçado se não tivesse sido tão triste.<sup>558</sup>

O que Simone quis dizer no trecho acima é que, antes da morte de Luther King, o movimento negro vinha se redirecionando para caminhos mais alocados com os ideais do Black Power, o que os historiadores acreditam que foi um período de radicalização do movimento, além de que, a partir das leis que iniciaram o processo de dessegregação no país, o movimento se volta para questões econômicas e se junta em algumas cidades com

---

<sup>557</sup> NEWTON, Huey; SEALE, Bobby. *Plataforma e Programa do Partido dos Panteras Negras. O que nós queremos. No que nós acreditamos.* In: JONES, Manoel; LANDI, Gabriel (Orgs.). *Raça, Classe e Revolução: A Luta pelo Poder Popular nos Estados Unidos.* São Paulo: Autonomia Literária, 2020, p. 85.

<sup>558</sup> “[...] but I couldn't understand why they were surprised by Martin's assassination: we'd already lost Malcolm, Medgar Evers, Emmett Till and hundreds, thousands of other down through our history. What happened on 4 April was no freak tragedy, it was the traditional white American tactic for getting rid of the black leaders it couldn't suppress in any other way. A desperate act by a country with nowhere to hide any more. Stupid, too, because the thing that died along with Martin in Memphis that day was non-violence, we all knew that. It was a time for bitterness - almost funny if it hadn't been so sad.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 114. Tradução nossa.

os sindicatos dos trabalhadores, tanto que King participava de uma greve quando foi assassinado.<sup>559</sup>

Mais do que assassinar um dos grandes líderes do Século XX, Martin Luther King Jr. representava o modelo de luta da não-violência. De acordo com os Panteras Negras da época, a sociedade norte-americana enterrou com Martin Luther King Jr. a possibilidade de dialogar e resolver o racismo e a violência contra a comunidade negra de modo pacífico.<sup>560</sup>

Outrossim, na década de 1970, o Partido dos Pantera Negras surgia no cenário nacional, reivindicando uma política de esquerda e alinha-se com o movimento negro antirracista. As mulheres também participaram desse movimento de inserir questões de classe no movimento feminista, como é o caso do Coletivo Combahee Rivers, como elas demonstram no trecho, no manifesto de 1977:

Nós compreendemos que a libertação de todos os povos oprimidos exige a destruição dos sistemas político-econômicos do capitalismo e do imperialismo, assim como do patriarcado. Somos socialistas, porque acreditamos que o trabalho deve ser organizado para o benefício coletivo dos que trabalham e criam os produtos, e não para o lucro dos patrões. Os recursos materiais devem ser igualmente distribuídos entre os que os criam. Entretanto, não estamos convencidas que uma revolução socialista que não seja, também, feminista e antirracista possa garantir a nossa libertação.<sup>561</sup>

Entender o processo econômico do país, a partir de uma ótica racial, de gênero e de classe, foi uma das renovações da nova geração do movimento negro nos Estados Unidos. Um ano antes de ser assassinado, King fez um discurso, na campanha no Norte por moradia e melhores empregos, e, no discurso, mostrava uma certa mudança no pensamento em relação à política racial no país, como mostra no trecho:

Os jovens negros que foram frustrados pela nossa sociedade são enviados ao Sudeste Asiático, para garantir, a mais de 12 mil quilômetros de distância, liberdades que inexistem aqui no sudoeste da Geórgia ou no leste do Harlem. Assim fomos repetidamente confrontados pela cruel ironia de assistir pela televisão a jovens negros e brancos morrerem lado a lado por uma nação que não permitiu que dividissem os mesmos bancos escolares. Assistimos, então, a essa brutal solidariedade que os levava a incendiar juntos as casas de uma

---

<sup>559</sup> SUGRUE, Thomas. Northern Lights: The Black Freedom Struggle Outside the South. *OAH Magazine of History*, v. 26, n. 1, 2012, p. 9-15.

<sup>560</sup> BARRETO, Raquel; BORGES, Pedro; DOUGLAS, Emory. Op. Cit., 2017.

<sup>561</sup> PEREIRA, Stefania; GOMES, Letícia Simões. (Trad.). Manifesto do Coletivo Combahee River. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*: São Paulo, v. 26, n. 1, 2019, p. 197-207.

aldeia, mas percebemos que dificilmente eles morariam no mesmo quarteirão em Chicago. Não poderia me silenciar diante de tão cruel manipulação dos pobres.<sup>562</sup>

Diante do trecho exposto acima, pode-se entender por que Nina Simone acreditava que o assassinato de King em 1968 foi o fim da não-violência, o começo de uma renovação do movimento negro e, talvez, um novo direcionamento para o movimento em relação à política. Sete dias após o assassinato de King, Nina Simone performou a música *Why? (The King of Love Is Dead)*, uma música em homenagem a King, que dizia:

Mas ele tinha visto o topo da montanha  
E ele sabia que não podia parar  
Sempre viver com a ameaça de morte à frente  
Gente é melhor você parar e pensar  
Todo mundo sabe que estamos à beira  
O que vai acontecer, agora que o rei está morto?<sup>563</sup>

“Acho que minha performance naquela noite foi um dos melhores, focado no amor e no desespero silencioso que todos nós sentimos por nossa perda.<sup>564</sup>”, relembra Simone. A canção foi gravada no álbum *Nuff Said*, lançado em 1968, que teve uma indicação ao Emmy. O álbum ainda contava com canções como *Ain't Got No ...I Got Life* e *I Put a Spell on You*, que, segundo a cantora, foram escritas ou reescritas, no caso de *Ain't Got No...I Got Life* em um contexto de repressão e perseguição policial e vigilância do FBI sob os militantes, principalmente os integrantes do Partido dos Panteras Negras, como Huey Newton e Rap Brown, além de que, Stokely Carmichael havia sido banido, nesse período. A música *Ain't Got No...I Got Life* é uma mistura, ou como se diz na linguagem musical, um medley de duas canções do musical *Hair*, “*Ain't Got No*” e “*I Got Life*” com as letras de James Rdo e Germe Ragni, que foram reescritas por Nina Simone, a fim de cumprir seu propósito de se tornar uma música de indignação com a situação racial no país em 1968. Ademais, quando a canção foi gravada, alcançou vários públicos, dos EUA

---

<sup>562</sup> KING, Jr, Martin Luther. *Além do Vietnã*. Apresentação do embaixador George McGovern. In: KING, Jr, Martin Luther. *Um Apelo à Consciência*: Os melhores discursos de Martin Luther King. CARSON, Claybourne; SHEPHERD, Kris (Orgs.). LOPES, Sérgio (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

<sup>563</sup> But he had seen the mountain top  
And he knew he could not stop  
Always living with the threat of death ahead  
Folks you'd better stop and think  
Everybody knows we're on the brink  
What will happen, now that the king is dead?”. SIMONE, Nina. *Why? (The King Of Love Is Dead)*. *Letras. Mus.* Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/nina-simone/185558/traducao.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022. Tradução nossa.

<sup>564</sup> “I think my performance that night was one of my very best, focused by the love and quiet despair we all felt at our loss.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 115. Tradução nossa.



e internacionais, como do Reino Unido e da Holanda, tendo em vista que a cantora saiu em turnê pela Europa, logo após a gravação do álbum *Nuff Said*, ao qual a música pertence. Daphne Brooks, professora de estudos afro-americanos, acredita que a música é “um novo hino negro”. Ou seja, a pesquisadora defende a ideia de que Simone fez uma releitura de duas músicas de uma forma “totalmente original e afirma que, nas performances da música, a cantora incorporava a “desolação, alienação e privação de direitos” representada pela parte correspondente de *Ain't Got No* e, depois, transicionava para uma “afirmação jubilosa” da segunda parte representada por *I Got Life*, momento em que as indagações do movimento negro vinham à tona.<sup>565</sup> Ao mesmo passo que Emily Lordi concorda que a música seria um hino para a população negra, prova, novamente, que Simone compõe as apresentações e as letras de diversas origens, não só raciais mas também corporais, o que faz com que as músicas se tornem, nas apresentações de Simone, mais significativas, uma ideia de uma alma coletiva, para a comunidade negra, a qual estava em luta naquele momento.<sup>566</sup>

Nessa mesma época, Simone sofria com problemas no casamento, a música “*Four Women*”, escrita alguns anos antes, é capaz de traduzir o sentimento da cantora em relação ao marido. Na canção, a protagonista é negra de pele retinta, contudo o tom da pele muda conforme a luz bate em sua pele, e “suas ideias de beleza e sua própria importância são profundamente influenciadas por isso.<sup>567</sup>”, relata Nina Simone sobre a música. A letra tem a intensão de externar os desafios estéticos das mulheres negras de pele retinta, que, assim como Simone, viam-se fora de todo e qualquer padrão de beleza. Assim como afirma a cantora no trecho:

Tudo o que a música fez foi contar o que passou pela cabeça da maioria das mulheres negras na América quando elas pensaram em si mesmas: seus cabelos - lisos, crespos, naturais, quais? - e o que outras mulheres pensavam delas. As mulheres negras não sabiam o que diabos queriam porque eram definidas por coisas que não controlavam, e até que tivessem a confiança para se definirem, seriam atingidas na mesma confusão para sempre - esse foi o ponto que a música fez.<sup>568</sup>

---

<sup>565</sup> BROOKS, Daphne. “Ain't Got No, I Got Life”: #OscarsSoWhite & the Problem of Women Musicians on Film. Los Angeles Review of Books. Publicado em: 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/aint-got-no-i-got-life-oscarssowhite-the-problem-of-women-musicians-film/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>566</sup> LORDI, Emily J. *The Meaning of Soul: Black Music and Resilience since the 1960s*. Durham: Duke University Press, 2020, p. 46.

<sup>567</sup> “their ideas of beauty and their own importance are deeply influenced by that.”. SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 117. Tradução nossa.

<sup>568</sup> “All the song did was to tell that entered the minds of most black women in America when they thought about themselves: their hair - straight, kinky, natural, which? - and what other women thought of them. Black women didn't know what the hell they wanted because they were defined by things they didn't control,

Em 1966, quando a música “*Four Women*” foi lançada, algumas rádios proibiram os DJs de a tocarem, com o argumento de que a música ofendia as mulheres negras. Nina acredita que o banimento aconteceu porque a música falava de coisas que os homens negros não estavam prontos para ouvirem no momento, que é a questão de gênero sendo colocada também para os homens negros. No feminismo negro americano houve um histórico de homens que negaram a necessidade da existência de um feminismo negro, por argumentarem que tal movimento dividiria homens e mulheres na luta por direitos raciais; contudo, algumas feministas acreditam que tal argumento revela que, marcados pelo patriarcado tanto quanto as mulheres, os homens negros nasceram sob julgo do machismo, e por isso teriam dificuldade de se desvencilhar dele. Além de que, como argumentam as mulheres do Coletivo Combahee River:

A reação dos homens negros ao feminismo tem sido notoriamente negativa. Eles se sentem, é claro, ainda mais ameaçados que as mulheres negras pela possibilidade de que as feministas negras possam se organizar para lutar pelas suas necessidades. Eles imaginam que podem perder não só aliadas valiosas e trabalhadoras nas suas lutas mas também que podem ser forçados a mudar as suas formas habitualmente sexistas de interagir com e oprimir mulheres negras. As acusações de que o feminismo negro divide a luta negra são poderosos freios ao crescimento de um movimento autônomo das mulheres negras.<sup>569</sup>

Simone consegue, dessa forma, entender as suas demandas enquanto mulher negra e traduzir isso em música, antes de despontar um feminismo negro organizado, como vimos no trecho acima. E, entre os problemas no casamento e após fazer um show em Newark em Nova Jersey, em março de 1970, para uma audiência ainda segregada, inteiramente negra, que transformou a esperança da cantora em ódio, Simone se exila em Barbados, sem a filha e sem o marido. A mudança representou a separação do casal. “América me traiu e traiu meu povo, acabou com as esperanças<sup>570</sup>”. O exílio durou pouco tempo, até surgir uma nova turnê pela Europa em 1971, mais ou menos no mesmo período em que Simone perdeu o pai John Waymon e a irmã mais velha Lucille. “Eu não tinha resposta para minhas próprias perguntas. Fugi para Barbados perseguida por fantasmas: papai, Lucille, o movimento, Martin, Malcolm, meu casamento, minhas esperanças.”<sup>571</sup>

---

and until they had the confidence to define themselves they'd be struck in the same mess forever - that was the point the song made.”. Idem. Tradução nossa.

<sup>569</sup> PEREIRA, Stefania; GOMES. Op. Cit., 2019, p. 197-207.

<sup>570</sup> SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 123.

<sup>571</sup> “I had no answer to my own questions. I fled to Barbados pursued by ghosts: Daddy, Lucille, the movement, Martin, Malcolm, my marriage, my hopes”. Ibidem, p. 128. Tradução nossa.

Se por um lado a década de 1960 representou pra Nina Simone uma revolução interna a externa em relação a militância e a sua arte, a década posterior representou a entrega da cantora à desesperança. A eleição de Richard Nixon, em 1969, representou para cantora um retrocesso nas conquistas dos negros, e para o movimento negro a eleição de Nixon representou a perseguição, pelo FBI, dos militantes das organizações do Black Power, principalmente dos militantes do Partido dos Panteras Negras.<sup>572</sup> Por outro lado, o cenário musical dava espaço para a *dance music*, em detrimento do jazz e o soul que ficaram restritos aos guetos. A indústria havia corrompido os artistas negros, segundo a visão de Simone. Em maio de 1974, aproximadamente cem mil afro-americanos reuniram-se, em Washington – DC, no *Human Kindness Day Celebration*, para um evento em que Nina Simone foi homenageada com medalha de honra por seus serviços prestados à comunidade negra. Infelizmente, a vida pessoal da cantora se encontrava turbulenta: entre dívidas e a falta de pagamento de impostos, a cantora teve a casa confiscada, o que a levou a mudar para a Libéria na África, a convite da amiga cantora Miriam Makeba.<sup>573</sup> Na Libéria, Simone, em um período de retorno às raízes, aproveita o momento para se reconectar com a própria espiritualidade e afetividade, o que a levou a relacionamentos curtos. Destes a cantora destaca, em sua autobiografia, o nome de CC Denis, o qual figurava entre os homens mais importantes do país. O noivado de Simone e Denis durou pouco tempo, dado o fato de que a noiva não se interessava em matrimônio novamente. Em relação à espiritualidade, Nina Simone afirma que na Libéria a espiritualidade compunha o cotidiano da população, de modo que a conexão com sua própria espiritualidade se tornou algo natural. Nina Simone deixou a Libéria, em 1976, a caminho do leste Europeu, acompanhada da filha, matriculada em um colégio internato na Suíça, período marcado por uma série de acontecimentos ruins na vida de Nina Simone. Solitária, em uma cidade muito fria, Simone volta a ter episódios de alucinação, que se tornaram casa vez mais frequentes.<sup>574</sup>

E longe da África e sem o apoio de uma carreira de sucesso, fiquei menos confiante; voltei a ser a mulher tímida que fui em Nova York no início dos anos sessenta. Sem o movimento que me empurrava e sem as constantes demandas por entrevistas, fotografias e aparições públicas, minha introversão, minha insegurança, que por tanto tempo consegui esconder, veio à tona mais uma vez.<sup>575</sup>

---

<sup>572</sup> BARRETO, Raquel; BORGES, Pedro; DOUGLAS, Emory. Op. Cit., 2017.

<sup>573</sup> SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed.

<sup>574</sup> Idem.

<sup>575</sup> “And away from Africa and without the support of a successful career I became less confident; I started to change back to the shy woman I had been in New York in the early sixties. Without the movement to

Sozinha e sem amigos, Simone se sentia que o clima frio da Europa não era o mais apropriado para que ela fosse feliz. Nessa mesma época, um acontecimento duro se abateu sobre a cantora: após um encontro com o agente de negócios Winfred Gibson, ela foi agredida e deixada no hotel em que os dois estavam com as despesas para pagar. Segundo a cantora, os funcionários do hotel e a polícia londrina, que era onde os dois se encontraram, não prestaram assistências humanizadas a ela, o que causou um trauma na cantora, que tomou uma dose exagerada de pílulas calmantes e quase terminou sua própria vida. Acordou no hospital confusa, sozinha e frente aos jornais que estampavam as notícias dizendo que “Nina Simone havia tentado cometer o suicídio”. Tal acontecimento retirou a cantora dos palcos por uns tempos, mas não por muito tempo. Sem empresário, Nina Simone fez shows pela Europa, França, Alemanha, Holanda e até mesmo em Suíça. De volta aos Estados Unidos, Simone teve que enfrentar a corte de Nova York e prestar esclarecimentos em relação aos impostos não pagos e não declarados, onde foi declarada culpada e obrigada a pagar os impostos atrasados. Apesar de ser um período turbulento na vida da cantora, foi também uma oportunidade para Nina Simone se reinventar, o que aconteceu em 1978 com a Tour em Israel. Simone foi recebida por agentes e audiência empáticas em Israel, o que deu uma injeção de ânimo na cantora, além de uma oportunidade de reconexão com a sua espiritualidade.

Na França, no início dos anos 1980, Simone decide seguir sua carreira tentando não ser engolida pela indústria midiática e os agentes, por isso ela mesma começou a gerenciar sua carreira. De volta aos bares, a cantora, determinada a organizar a sua carreira por conta própria, recusou propostas de agentes que ofereciam gerenciamento por mais de cinquenta por cento dos lucros dos shows. E coloca ainda que:

Por fim, consegui uma reserva em um minúsculo clube no Pigalle chamado Les Trois Maillets. Eu sabia que não era um grande lugar, mas imaginei que, quando as pessoas soubessem que eu estava lá, elas viriam me ver tocar, o lugar se esgotaria e eu teria uma oferta melhor. Lembro-me do que disse a mim mesma enquanto esperava no meu camarim - se é que se pode chamar o pequeno armário que eu tinha de camarim - na minha primeira noite. 'Não se preocupe, Nina', eu disse 'Não é por muito tempo'.<sup>576</sup>

---

push me on and without the constant demands for interviews, photographs and public appearances, my introversion, my insecurity, which I'd managed to keep hidden for so long, came to the surface once again.”. Ibidem, p. 155. Tradução nossa.

<sup>576</sup> “At last I managed to get myself a booking, at a tiny club in the pigalle called Les Trois Maillets. I knew it wasn't much of a place, but I figured that once people knew I was there they'd come to see me play, the place would sell out and I'd get offered something better. I remember what I said to myself as I waited in my dressing room - if you could call the tiny cupboard I had a dressing room - on my first night. 'Don't

Mas os fãs parisienses não apareceram como esperava a cantora. Isso aconteceu porque, segundo Nina, os fãs franceses de Nina Simone só eram ela. Se estivesse vivendo uma vida luxuosa e com o rosto estampando revistas e jornais, o que não era a realidade da vida da cantora na década de 1980, talvez tudo seria diferente. “Eu não era a pessoa que eles esperariam horas para ver<sup>577</sup>”, conclui Simone. Para a cantora, os fãs não apareceram porque não acreditaram que a famosa cantora Nina Simone pudesse estar cantando em bares. Apesar disso, esse recomeço não representava tristeza e sim felicidade para Simone, tanto que o álbum “*Baltimore*” foi gravado nessa mesma época com a gravadora Creed Taylor’s CTI, e, em 1981, ela fez um grande show no sul da França, o qual todo o lucro foi destinado para a gravação de um vídeo tape, que atualmente pode se entender como um vídeo clipe, com a gravadora VideoPix e assessorada pelo dono Anthony Sannucci, o qual tinha a intensão de divulgar o clipe em Los Angeles. Três anos depois, em 1984, o álbum “*Fodder in her Wings*” foi gravado, ainda em Paris. Para a cantora, esse foi o marco da sua reviravolta na vida e na carreira musical. Na capa do álbum, a arte mostra a intersecção de elementos da cultura africana e afro-americana que Simone trazia intrínseca nos seus trabalhos. Revigorante, ainda, foram as notícias que chegavam de outras partes da Europa, em que a gravadora Bethlehem, que agenciou o começo da carreira de Simone, mais especificamente o primeiro álbum em 1958, regravou o álbum “*Little Girl Blue*” que fazendo sucesso inesperado, respingou na carreira de Simone da década de 1980, e fez com que a cantora voltasse a fazer sucesso na Europa e na América. Shows, entrevistas, programas de TV voltaram a anunciar Nina Simone como artista principal, “eu estava me tornando cada vez mais confiante<sup>578</sup>” lembra a cantora. Nina Simone estava de volta à carreira e a ser uma diva.<sup>579</sup>

A “cantora da liberdade<sup>580</sup>”, “Alta sacerdotisa do soul<sup>581</sup>”, a “princesa Noire<sup>582</sup>”, como os historiadores já definiram Simone, demonstra no final da obra o motivo por todas essas alcunhas e finaliza sua autobiografia dizendo que:

---

worry, Nina," I said 'It's not for long.'". SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003, 2. ed., p. 166. Tradução nossa.

<sup>577</sup> Ibidem, p. 167.

<sup>578</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>579</sup> Cf. COHODAS, Nadine, 2010.

<sup>580</sup> MARSH, Dave. Op. Cit., 2003, 2. ed.

<sup>581</sup> LORDI, Emily J. Op. Cit., 2016.

<sup>582</sup> COHODAS, Nadine. *Princess Noire: the tumultuous reign of Nina Simone*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010.

Comecei a trabalhar neste livro, lembrando uma vida da qual, depois de pensar por meses e meses, não me arrependo. Muitos erros, alguns dias ruins e, o mais ressonante de tudo, anos de alegria - difícil, mas feliz ao mesmo tempo - lutando pelos direitos de meus irmãos e irmãs em todos os lugares; América, África, em todo o mundo, anos onde o prazer e a dor se misturaram. Eu sabia então, e ainda sei, que a felicidade que senti, e ainda sinto, ao avançarmos juntos, era do tipo que poucas pessoas já experimentaram.<sup>583</sup>

---

<sup>583</sup> “I started to work on this book, looking back over a life which, after thinking about for months and months, I have no regrets about. Plenty of mistakes, some bad days, and, most resonant of all, years of joy - hard, but joyous all the same - fighting for the rights of my brothers and sisters everywhere; America, Africa, all over the world, years where pleasure and pain were mixed together. I knew then, and I still do, that the happiness I felt, and still feel, as we moved forward together was of kind that very few people ever experience.” SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. Op. Cit., 2003 (2<sup>nd</sup> ed), p. 176. Tradução nossa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Rosa Parks e Nina Simone: Escrita de Mulheres Negras em Luta

“As suposições de superioridade masculina são tão difundidas e profundas e tão incapacitantes para a mulher quanto as suposições da supremacia branca são para o negro.” Documento: Position Paper, SNCC, Women in the Movement.<sup>584</sup>

Na contramão da construção de um ser universal, a interseccionalidade enquanto conceito auxilia na análise das particularidades dos agentes históricos. Apesar de ser um conceito cunhado a partir de perspectivas de gênero e raça, a interseccionalidade propõe um novo modo de análise das pessoas que não são universais e que algumas vezes combinam em si marcadores sociais estigmatizados pela a sociedade até hoje.<sup>585</sup> Dentro desta perspectiva buscou-se nessa pesquisa analisar de forma interseccional as escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone, traçando desse modo um paralelo entre as suas vivências individuais rememoradas nas autobiografias e o contexto de luta por direitos civis das pessoas negras nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960.

A partir de uma perspectiva de gênero, pode-se entender Rosa Parks e Nina Simone enquanto agentes históricos do seu tempo e como mulheres que enfrentaram múltiplos desafios durante sua trajetória de militância negra. Nos Estados Unidos das décadas de 1950 e 1960, elas desafiaram o racismo, o machismo, o classismo e serviram como inspiração e base para a luta de outras ativistas negras que se viam no mesmo contexto. Historiadores que decidiram combinar a questão de gênero e raça para analisar o movimento por direitos civis concluem que as mulheres negras serviram como ponte entre as lideranças masculinas das organizações negras e a comunidade negra, e notam ainda que muitas vezes as igrejas serviam como espaço de troca cultural e política da comunidade. Daí as particularidades do movimento.<sup>586</sup>

A escrita de autobiografias por pessoas famosas nos Estados Unidos é uma prática corriqueira no país, contudo, a partir da análise das autobiografias que compõem as escritas de si de Rosa Parks e Nina Simone foi possível entender que a escrita para mulheres negras representa uma quebra de barreiras impostas pelo patriarcado. Se por um

---

<sup>584</sup> Documento 43: (nome omitido por solicitação), Documento de Posição #24, (mulheres no movimento), Waveland, Mississippi, [6-12 de novembro de 1964], Elaine DeLott Baker Papers, Schlesinger Library, Radcliffe Institute, Harvard University.

<sup>585</sup> TAYLOR, Yvette; HINES, Sally; CASEY, Mark E. (Ed.). *Theorizing Intersectionality and Sexuality*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

<sup>586</sup> ROBNETT, Belinda. African-American Women in the Civil Rights Movement, 1954-1965: Gender, Leadership and Micromobilization. *American Journal of Sociology*, v. 101, n. 6, 1996, p. 1661-1693.

lado as escritas de si são características da produção feminina do século XVIII e XIX, para as mulheres negras vindas de um passado de escravização, as escritas de si podem representar a vontade de si colocar enquanto agente histórico.<sup>587</sup>

Rosa Parks ao escrever sua autobiografia leva em consideração suas vivências marcadas pelo racismo desde a infância. Propõe uma visão dela mesma que vai de desencontro com o senso comum do que foi construído sobre ela ao longo dos anos. Na obra Parks mostra que não era uma simples costureira cansada quando se recusou a ceder o seu assento para uma pessoa branca no ônibus em Montgomery, e sim uma ativista que se viu em um momento que poderia mudar a sua própria trajetória. Esse ato de coragem fez com que Rosa Parks se tornasse um dos maiores símbolos de luta por direitos civis nos Estados Unidos, um símbolo que foi romantizado e invisibilizado muitas vezes.

Através das escritas de si de Rosa Parks e da bibliografia complementar da pesquisa foi possível compreender a dinâmica de funcionamento e manutenção do boicote aos ônibus de Montgomery e para além disso pudemos entender que a segregação socioespacial de pessoas negras é significativa para a branquitude a partir do momento que cerceia a mobilidade dos negros e negras, delegando-os aos espaços específicos determinados pelos segregacionistas, espaços estes marginalizados.

Nos anos que sucederam o movimento por direitos civis Rosa Parks recebeu medalhas e honrarias por seu ato de coragem, estas que a autora não menciona em sua autobiografia, talvez por modesta ou talvez por não ser este o foco da obra. Ainda assim, o reconhecimento é tamanho que Parks entrou para o Hall da Fama de Mulheres do estado de Michigan em 1983. Recebeu ainda a Medalha Presidencial da Liberdade diretamente das mãos do então presidente Bill Clinton em 1996.<sup>588</sup>

Em 2005, aos 96 anos Rosa Parks faleceu em Detroit a cidade que morou boa parte da vida adulta. Além do legado imaterial, Rosa Parks deixou o Instituto Rosa e Raymond Parks fundado em 1987 com intuito de promover o autodesenvolvimento de jovens negros e negras. Na cidade de Montgomery foi levantado um memorial em homenagem a Rosa Parks e a linha de ônibus que passa pela Avenida Cleveland onde Parks foi presa em 1955 foi renomeada com o nome da heroína negra da cidade. Atualmente no museu Henry Ford

---

<sup>587</sup> RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

<sup>588</sup> THEOHARIS, Jeanne; BURGIN, Say. *Dez maneiras de ensinar Rosa Parks. In: A Terra é Redonda*, 13 abr. 2021. GABRIEL, Daiara; PURDY, Sean (Trads.). *History Resources, African American Women in leadership*, The Gilder Lehrman Institute of American History, 2019.



em Detroit há exposto uma réplica do ônibus que foi cenário do ato que mudou os rumos do movimento por direitos civis nos Estados Unidos.<sup>589</sup>

Dessa forma, como vimos no segundo e no terceiro capítulo, ao escrever a sua autobiografia Rosa Parks relembra sua trajetória de atuação política condensados a eventos história do movimento por direitos civis e sua vida pessoal. A partir do que a autora aponta na obra foi possível traçar um paralelo aos acontecimentos do país na época narrada por ela, como a situação das escolas segregadas, a falta de emprego para negros e negras no Sul do país, a revolta dos soldados negros sobreviventes da Segunda Guerra Mundial e a luta dos negros e negras pelo direito ao voto. Além disso, Parks enfatiza na obra nomes de ativistas negras que se destacaram no movimento como Septima Clark, Coretta King e Ella Baker.

No dia 21 de abril de 2003 os jornais dos Estados Unidos e da França noticiaram a morte de Nina Simone: aos 70 anos de idade a cantora faleceu na pequena cidade de Carry-le-Rouet no sul da França, vítima de um câncer de mama com o qual vinha lutando há alguns anos. O tratamento do câncer resultou em queda de cabelo e depressão, o que fez com que a irreverente Nina Simone perdesse um pouco do brilho de outrora e se isolasse em sua casa na cidade francesa. A revista americana *Rolling Stone* afirmou que naquele abril de 2003 o mundo perdia a cantora capaz de unir de forma emocionante e distinta o jazz, blues, gospel em um mesmo estilo, o que segundo Peter Keepnews garantia a Simone a unicidade de uma artista a frente do seu tempo. As notícias da morte de Simone lembram a vida da artista desde a infância e enfatizam o fato de que Nina Simone era engajada na política em prol da causa das pessoas negras.<sup>590</sup>

Analisando a historiografia do movimento por direitos civis, Nina Simone teve destaque em muitos trabalhos que tratam sobre a cultura no movimento e a importância da tradução artística dos anseios da população negra das décadas de 1950 e 1960 e através das músicas de protesto Simone lutou por direitos civis da população negra norte americana, o que a própria chamava de busca pela liberdade.

Nina Simone rejeitava qualquer definição singular de feminilidade e suas performances em público não fugiam a essa regra. Nesse sentido, enquanto artista Simone quebrou barreiras impostas a ela enquanto mulher, negra e artista e se tornou referência

---

<sup>589</sup> EDITORIAL. The Rosa Parks Bus. *The Henry Ford*. S.d. Disponível em: <<https://www.thehenryford.org/explore/inside/rosa-parks-bus/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>590</sup> KEEPNEWS, Peter. Nina Simone, 70, Soulful Diva and Voice of Civil Rights, Dies. *The New York Times*. Publicado em: 22 abr. 2003. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2003/04/22/arts/nina-simone-70-soulful-diva-and-voice-of-civil-rights-dies.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

mundial para mulheres negras. “Sua música vinha e um ponto de vista particular – performar o ativismo negro”<sup>591</sup> é o que afirma a historiadora Ruth Feldstein quando defende a ideia de que Nina Simone incorporava o ativismo como estilo de vida e que só assim seria possível suas performances serem tão ímpares e tocantes quanto foram. E que apenas uma cantora que levava o ativismo negro como um estilo de vida poderia tocar outros ativistas através da música como Simone o fizera. Partindo dessa ideia, chegamos ao conceito de *artivismo* que traduz a junção da arte e o ativismo de alguns artistas.

Em sua autobiografia Nina Simone não se define como a Princesa do Soul ou como Princesa Noir como alguns de seus biógrafos a definiram; ao invés disso a autora escolhe lembrar acontecimentos de sua vida pública e pessoal que contribuíram para que Eunice Waymon se tornasse Nina Simone. Na infância a autora enfatiza a criação rígida da mãe religiosa e a comunhão musical entre os irmãos. Salienta ainda a relação próxima com o pai que se perderia na vida adulta.

Sem contradizer algumas biografias e artigos de jornais, Simone mostra em sua autobiografia que sua vida era sim conturbada, mas que ela assim como outras mulheres negras são fruto direto das opressões de raça, gênero e classe nos Estados Unidos e que ainda assim conseguiram de forma genuína se fortalecer e criar novas narrativas. Na autobiografia Simone mostra ainda as nuances das vivências afetivas das mulheres negras, como solidão, busca por afetividade, maternidade solo e violência doméstica.

Além da autobiografia, consideramos nessa pesquisa as composições musicais de Nina Simone, entendendo que através das letras que compunha a cantora tinha objetivos traçados, como denúncia social dos crimes cometidos contra pessoas negras no país, além de abordar questões de autoconfiança e beleza feminina negra. Simone fala ainda, de questões sobre afetividade e relacionamentos.

Desse modo, vimos nos capítulos quatro e cinco que as escritas de si de Nina Simone são compiladas de vivências marcadas pelo racismo e ao mesmo tempo a dedicação e amor pela música desde pequena. Na construção da sua carreira a autora costurou todos esses elementos constitutivos da sua arte, a transformando em artivismo. Dessa forma, Simone mostra quais eventos foram mais relevantes para que esta se tornasse a artista admirada tal qual ela era, na época da publicação da sua autobiografia.

A análise das escritas de si como fontes privilegiadas de análise dos fatos históricos proporcionou traçar um paralelo entre as trajetórias de Rosa Parks e Nina

---

<sup>591</sup> FELDSTEIN, Ruth. “I Don’t Trust You Anymore”: Nina Simone, Culture, and Black Activism in the 1960s. *Journal of American History*, v. 91, n. 4, 2005, p. 1349-1379.

Simone enquanto mulheres negras ativas no movimento por direitos civis. Dessa forma, os documentos mostram que o movimento foi diverso geográfica e socialmente falando, as demandas eram locais, contudo, afetavam o país como um todo e principalmente percebeu-se que as mulheres tiveram participação ativa em todo o processo de conquista de direitos civis das pessoas negras nas décadas de 1950 e 1960. Sendo assim não haveria motivo plausível para seu apagamento na historiografia do período.

Esta pesquisa buscou contribuir com algumas reflexões sobre aspectos da heterogeneidade da historiografia do movimento por direitos civis. Partindo do pressuposto que as mulheres negras tiveram importante participação no movimento, acumulando em si marcadores sociais de gênero e classe além do de raça. Para tanto foram utilizadas como fontes as escritas de si dessas mulheres com o intuito de buscar novas narrativas para a historiografia do período.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **Fontes de pesquisa:**

PARKS, Rosa; HASKINS, Jim. *Rosa Parks: My History*. New York: Puffin Books, 1992.

SIMONE, Nina; CLEARY, Stephen. *I put a Spell on you: the autobiography of Nina Simone*. New York: Pantheon Books, 1992. 16

- **Fontes complementares:**

ACKER, Kerry. *Nina Simone. In: Women in the arts*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2009.

BRINKLEY, Douglas. *Rosa Parks*. New York: Penguin Books, 2000.

COHODAS, Nadine. *Princess Noire: the tumultuous reign of Nina Simone*. North Carolina: Pantheon Books, 2010.

HANSON, Joyce Ann. *Rosa Parks: a biography*. Colorado, 2011.

SIMONE, Nina. Lyrics. Disponível em: <<https://www.azlyrics.com/n/ninasimone.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

PARKS, Rosa. Rosa Parks Papers. *Library of Congress Online*. Disponível em: <<https://www.loc.gov/collections/rosa-parks-papers/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

- **Livros, teses e dissertações consultados:**

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018.

ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*.

DAVOGLIO, Pedro (trad.). São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Pedro Galas. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira*. Tese (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ARNESEN, Eric. *Encyclopedia of U.S. Labor and Working-Class History*. New York: Routledge, 2007.

BOND, Julian. *Ku Klux Klan a history of racism and violence*. BAUDOUIN, Richard (ed.). Montgomery: The Southern Poverty Law Center, 6. ed, 2011.

BOUNSTAN, Leah Platt. *Competition in the Promised Land: Black Migrants in Northern Cities and Labor Markets*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

- BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica. Usos & Abusos da História Oral*. São Paulo: FGV, 1996.
- BRANCH, Taylor. *Parting The Waters: America. In The King Years, 1954-63*. New York: Simon & Schuster/Touchstone, 1989.
- BRAXTON, Joanne M. *Autobiography and African American women's literature*. In: MITCHELL, Angelyn; TAYLOR, Danille K. (ed.). *The Cambridge Companion to African American Women's Literature*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- BRUN-LAMBERT, David. *Nina Simone: The Biography*. London: Aurum Press, 2009.
- BURNS, Stewart. *Overview...The Provin Ground. In: BURNS, Stewart. Daybreak of Freedom... The Montgomery Bus Boycott*. The University of North Carolina Press, 1997.
- CAMPBELL, James T. *Songs of Zion: The African Methodist Episcopal Church in the United States and South Africa*. New York: Oxford University Press, 1995.
- CHENEY, Anne. *Lorraine Hansberry*. Boston: Regenstein Bookstacks, Twayne, 1984.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- \_\_\_\_\_. *The Power of Self-Definition*, p. 97-122. In: COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2008.
- DARLING, Marsha J. Tyson (ed.). *Race, Voting, Redistricting, and the Constitution: Sources and Explorations on the Fifteenth Amendment*. New York: Routledge, 2001.
- DAVIS, Angela. *Uma autobiografia*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Francis. *The History of the Blues: The Roots, the Music, the People*. Cambridge: Da Capo Press, 2003.
- DENNING, Michael. *The Cultural Front: The Laboring of American Culture in the Twentieth Century*. New York: Verso, 1996.
- EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas Brasileiras: Teorias, Práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

- EVERS-WILLIAMS, Myrlie; MARABALE, Manning. *The Autobiography Of Medgar Evers: A Hero's Life and Legacy Revealed Through His Writings, Letters, and Speeches*. New York: Basic Civitas Books, 2005.
- FAIRCLOUGHT, Adam. *Better Day Coming: Blacks and Equality, 1890-2000*. London: Penguin, 2002.
- FIELDS, Barbara J. *Ideology and Race in American History. Region, Race, and Reconstruction. Essays in Honor of C. Vann Woodward*. KOUSSER, J. Morgan; McPHERSON, James M. (ed.). New York: Oxford University Press, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*, p. 129-160. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas*, p. 36-51. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas – CAPES, 2015.
- GELLMAN, Erik S. *Death Blow to Jim Crow: The National Negro Congress and the Rise of Militant Civil Rights*. Charlotte: The University of North Carolina Press, 2012.
- GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo*, p. 7-27. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escritas de si, escrita a história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GORDON, Samantha. *Power Dynamics of a Segregated City: Class, Gender, and Claudette Colvin's Struggle for Equality*. *Women's History Theses. Women's History Graduate Program. Sarah Lawrence College*, 2015.
- GOREAU, Laurraine. *Just Mahalia, Baby: The Mahalia Jackson Story*. Waco, Tex: Word Book, 1975.
- HAMPTON, Sylvia; NATHAN, David. *Nina Simone: Break Down and Let It All Out*. Charlote: Sanctuary Pub Ltd, 2004.
- HENTOFF, Nat. *At the jazz band ball: sixty years on the jazz scene*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2010.
- HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. New York: Routledge, 2015.
- HOOKS, Bell. *Vivendo de amor*. In: WERNECK, Jurema; et al. (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 188-198.

- HORTON, Myles. With Judith & Herbert Kohl. *The Long Haul: An Autobiography*. New York: Teachers College Press, 1998; HORTON, Myles e FREIRE, Paulo. *We Make the Road by Walking: Conversations on Education and Social Change*. Philadelphia: Temple University Press, 1990.
- JAMES, M. McPherson. *The Abolitionist Legacy: From Reconstruction to the NAACP*. Princeton University Press, 2. ed., 2005.
- JORDAN-LAKE, Joy. *Whitewashing Uncle Tom's Cabin: Nineteenth-Century Women Novelists Respond to Stowe*. Vanderbilt University Press, 2005.
- KELLEY, Robin D. G. *Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.
- KING, Jr, Martin Luther. *Além do Vietnã*. Apresentação do embaixador George McGovern. In: KING, Jr, Martin Luther. *Um Apelo à Consciência: Os melhores discursos de Martin Luther King*. CARSON, Claybourne; SHEPHERD, Kris (Orgs.). LOPES, Sérgio (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- KING, Jr, Martin Luther. *Discurso no Primeiro Comício da Associação Pelo Progresso de Montgomery*. Apresentação de Rosa Louise Parks. In: KING, Jr, Martin Luther. *Um Apelo à Consciência: Os melhores discursos de Martin Luther King*. CLAYBOURNE, Carson; SHEPHERD, Kris (Orgs.); LOPES, Sérgio (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- KLEPPNER, Paul. *Who Voted? The Dynamics of Electoral Turnout, 1870-1980*. New York: Praeger Publishers, 1982.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- LEHMANN, Nicholas. *The Promised Land: The Great Black Migration and How It Changed America*. New York: Vintage Books, 1992.
- LEJEUNE, Philippe. *A autobiografia doa que não escrevem*, p. 113-192. In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 134.
- \_\_\_\_\_. *L'autobiographie em France*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1971.
- \_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEVILLAIN, Phillippe. *Os protagonistas da biografia*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- LIGHT, Alan. *What Happened, Miss Simone?*. Edimburgo: Canogate Books, 2016.

- LITWACK, Leon F. *Trouble in Mind: Black Southerners in the Age of Jim Crow*. New York: Vintage Books, 1999.
- LORDE, Audre. *Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference*, p. 114-123. In: LORDE, Audre. *Sister Outsider*. New York: Crossing Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Sister Outsider*. New York: Crossing Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Zami: A New Spelling of My Name*. New York: Crossing Press, 1982.
- LORDI, Emily J. *The Meaning of Soul: Black Music and Resilience since the 1960s*. Durham: Duke University Press, 2020.
- LOWERY, Charles D.; MARSZALEK, John F.; ADAMS, Thomas Upchurch (Eds.). *Birmingham Confrontation*. In: *The Greenwood Encyclopedia of African American Civil Rights: From Emancipation to the Twenty-First Century*, 2. ed., Greenwood Press, 2003.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidades e violências – Gênero e mal estar na sociedade contemporânea*. In: SHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MANNING, Marable. *Malcolm X: Uma Vida de Reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MAYFIELD, Todd; ATRIA, Travis. *Traveling soul: the life of Curtis Mayfield*. Chicago: Chicago Review Press, 2016.
- McGUIRRE, Danielle L. *At the dark end of the street: Black Women, Rape, and Resistance – a New History of the Civil Rights Movement from Rosa Parks to the Rise of Black Power*. New York: Vintage Books, 2010.
- McWHORTER, Diane. *Two Mayors and a King*. In: *Carry Me Home: Birmingham, Alabama: The Climactic Battle of the Civil Rights Revolution*. Nova York: Simon and Schuster, 2001.
- MOTTA, Romilda Costa. *Práticas Políticas e representações de si. Os escritos autobiográficos da mexicana Maria Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão / Pagu*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- NAISON, Mark. *Communists in Harlem During the Depression*. Champaign: University of Illinois Press, 2004.
- NEUMAN, Shirley. *Autobiography and questions of gender: An introduction*. Prose Studies: History, Theory, Criticism. London: Routledge, 1991.



- NEWTON, Huey; SEALE, Bobby. *Plataforma e Programa do Partido dos Panteras Negras. O que nós queremos. No que nós acreditamos*. In: JONES, Manoel; LANDI, Gabriel (Orgs.). *Raça, Classe e Revolução: A Luta pelo Poder Popular nos Estados Unidos*. São Paulo: Autonomia Literária.
- NORTHUP, Solomon. *Doze anos de Escravidão*. CHANG, Caroline (trad.). São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014.
- OLSON, Lynne. *Freedom's Daughters: the unsung heroines of the civil rights movement from 1830 to 1970*. New York: Simon & Schuster, 2009.
- PACE, Ana Amélia Barros Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012, p. 46.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: ÉDUFBA, 2013.
- PADRÓS, Núria; COLLELLDEMONT, Eulàlia; SOLER, Joan. *Actas del XVIII Coloquio de Historia de la educación: arte, literatura y educación*. v. 1. Espanha: Editora da UniVic, 2015, p. 211-224.
- PURDY, Sean. *O Século Americano*. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- RAGO, Margareth. *A crítica feminista*, p. 27-31. In: *Epistemologia Feminista: Gênero e História*. CNT-Compostela, 2012, p. 27.
- RENOV, Michael. *Civil Rights on The Screen*. In: OLSSON, Jan; BOLTON, Kingsley (Org.). *Media, Popular Culture, and The American Century*. Sweden: National Library of Sweden, 2010.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROBIN, Régine. *La autoficción: el sujeto siempre en falta*. In: ARFUCH, Leonor (Comp.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.
- ROBINSON, Jo Ann Gibson; GARROW, David J. *The Montgomery Bus Boycott and the Women Who Started It: The Memoir of Jo Ann Gibson Robinson*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1987.

- RODRIGUES, Henrique. *Entre os Estados Unidos e o Atlântico Negro: o Black Power de Stokely Carmichael (1966 – 1971)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.
- SCHRECKER, Ellen. *Many are The Crimes: McCarthyism in America*. Little, Canada: Brown & Company, 1998.
- SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. In: *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.
- SINGH, Nikhil Pal. *Civil Rights, Civic Myths*. In: *Black is a Country: Race and the Unfinished Struggle for Democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- SMAILLWOOD, Arwin D; ELLIOT, Jeffrey M. *The atlas of African-American history and politics: from the slave trade to modern times*. Boston: McGraw-Hill, 1998.
- STONE, Lawrence. *O Ressurgimento da Narrativa: Reflexões sobre uma Nova Velha História*. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. (Org.). *Nova História em Perspectiva*, v. 2: Debates. São Paulo: CosacNaify, 2003, p. 8-36.
- STOVER, Johnnie M. *Rhetoric and Resistance in Black Women's Autobiography*. University Press of Florida, Gainesville, 2003.
- STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: or, Life Among the Lowly*. DILLER, Christopher G. (Ed.). Ontario: Broadview Editions, 2009.
- STRATTON, Jon. *Popular Music, Race and Identity*. In: *The Sage Handbook of Popular Music*. Sage Reference, 2015, p. 381-400.
- SUGRUE, Thomas. *Sweet Land of Liberty: The Forgotten Struggle for Civil Rights in the North*. New York: Random House, 2009.
- TAYLOR, Keenga-Yamahtta. *How We Get Free: Black Feminism and The Combahee River Collective*. Chicago: Haymarket Books, 2017.
- TAYLOR, Yvette; HINES, Sally; CASEY, Mark E. (Ed.). *Theorizing Intersectionality and Sexuality*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.
- THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. KARAM, Sérgio (Trad.). Porto Alegre: L&PM, 1997.
- TURE, Kwame; HAMILTON, Charles V. *Black Power: Politics of Liberation in America*. Nova York: Vantage Books, 1992.
- VALADARES, Guilherme Nascimento (Org.). *Papo de Homem*. São Paulo: BlogBooks – Singular, 2009.

WACQUANT, Loïc. “Uma cidade negra entre os brancos”. Revisitando o gueto negro da América. *Política & Sociedade*, 2004, p. 265.

WALD, Gayle. *Shout, Sister, Shout! The Untold Story of Rock-and-Roll Trailblazer Sister Rosetta Tharpe*. Boston: Beacon Press, 2007.

WALLACE-SANDERS, Kimberly. *A Love Supreme: Early Characterization of the Mammy*. Michigan: University Of Michigan Press, 2008.

WILLIS, John C. *Forgotten Time: The Yazoo-Mississippi Delta after the Civil War*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2000.

WRIGHT, Susan. *A Lei dos Direitos Civis de 1964: Legislação contra a discriminação*. Landmark: Rosen Publishing Group, 2005.

X, Malcolm; HALEY, Alex. LEMOS, A.B. Pinheiro de (Trad.). *A Autobiografia de Malcolm X com a Colaboração de Alex Haley*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ZUCKERMAN, Phil (Org.). *The Social Theory of W.E.B. Du Bois*. Estados Unidos: Sage Publications, 2004.

- **Artigos consultados:**

ALDERMAN, Derek H. Reexamining the Montgomery Bus Boycott: Toward an Empathetic Pedagogy of the Civil Rights Movement. *The Professional Geographer*, v. 65, n. 1, 2013, p. 137.

ALVES, Amanda Palomo. Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos. *Revista de História*, v. 1, n. 3, 2011, p. 50-70.

ARNESEN, Eric. Whiteness and the Historians’ Imagination. *International Labor and Working-Class History*, University of Illinois at Chicago, n. 60, 2001, p. 3-32.

AURELL, Jaume. Autobiographical texts as historiographical sources: rereading Fernand Braudel and Annie Kriegel. *In: Biogaphy. An Interdisciplinary Quarterly*. University of Hawai’i Press, v. 29, n. 3, 2006, p. 425-445.

AWKWARD, Michel. Race, Gender, and the Politics of Reading. *Black American Literature Forum*, v. 22, n. 1, *Black Women Writers Issue*, 1988, p. 5-27.

BASTOS, Remo Moreira Brito. Segregação racial e socioeconômica no sistema educacional básico dos Estados Unidos. *Pro-Posições*, v. 28, n. 1, 2016, p. 160-181.

BRANDON, Roseman. Equal Opportunities Do Not Always Equate to Equal Representation: How *Bartlett v. Strickland* is a Regression in the Face of the Ongoing Civil Rights Movement. *North Carolina Central Law Review*, v. 32, n. 1, 2009.

BRITTO, Livia Mayer Totola; KARNINKE, Tatiana Mascarenhas. “O Caso *Brown v. Board of Education*...”. *Anais do IV Congresso de Processo Civil Internacional*, Vitória, 2019, p. 273-278.

BUCK, Christopher. Fifteenth Amendment. In: ALEXANDER, Leslie & RUCKER, Walter. *Encyclopedia of African American History*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, v. 3, 2010, p. 768-770.

CALHOUN-BROWN, Allison. The Black Church, Nonviolence, and the Civil Rights Movement. *Political Science and Politics*, v. 33, n. 2, 2000, p. 168-174.

CALHOUN-BROWN, Allison. Upon This Rock: The Black Church, Nonviolence, and the Civil Rights Movement. *Political Science and Politics*, v. 33, n. 2, 2000.

CANADY, Andrew McNeill. The Limits to Improving Race Relations in the South: The YMCA Blue Ridge Assembly in Black Mountain, North Carolina, 1906-1930. *The North Carolina Historical Review*, v. 86, n. 4, 2009, p. 404-436.

CESAR, Rafael Nascimento. *A Fragata Negra – Tradução e Vingança em Nina Simone*. São Paulo: MANA, v. 24, n. 1, 2018.

CHA-JUA, Sundiata Keita; LANG, Clarence. The “Long Movement” as Vampire: Temporal and Spatial Fallacies in Recent Black Freedom Studies. *Journal of African American History*, v. 92, n. 2, Spring 2007, p. 265-288.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, 1991, p. 1241-1299.

DOWD, Jacqueline Hall. Longo Movimento por Direitos Cívicos e os Usos Políticos do Passado. VIEL, Jefferson Martins (trad.). *Journal of American History*, v. 91, n. 4, mar. 2005.

DOWD, Jacquelyn Hall. WALKER, Eugene P. “I train the people to do their own talking” Septima Clark and Women in the Civil Rights Movement. *Southern Cultures*, v. 16, n. 2, 2010, p. 31-52.

ENTIN, Jonathan L. “Destroying everything segregated I could find”: Fred Gray and integration in Alabama. *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, v. 7, n. 4, 2004, p. 252-278.

FELDSTEIN, Ruth. "I Don't Trust You Anymore": Nina Simone, Culture, and Black Activism in the 1960s. *The Journal of American History*, v. 91, n. 4, 2005, p. 1349-1379.

FRANTZ, Elaine Parsons. Midnight Rangers: Costume and Performance in the Reconstruction-Era Ku Klux Klan. *Journal of American History*, v. 92, n. 3, 2005, p. 811-836.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais*. Mediações, Londrina, v. 14, n. 2, 2009, p. 11-33.

GARRATY, John A. Unemployment during the great depression. *Labor History*, v. 17, n. 2, 1976, p. 133-159.

GARROW, David J. The Origins of the Montgomery Bus Boycott. *Southern Changes*, v. 7, n. 5, 1985, p. 21-27.

HAMPTON, Robert; OLIVER, William; MAGARIAN, Lucia. Domestic Violence in the African American Community – An Analysis of Social and Structural Factor. *Violence Against Women*, v. 9, n. 5, 2003, p. 533-557.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, 2014.

HIRSCH, Arnold. Massive Resistance in the Urban North: Trumbull Park, Chicago, 1953-1966. *The Journal of American History*, v. 82, n. 2, 1995, p. 522-550.

HOOKS, B. Intelectuais negras. SANTARRITA, Marcos (trad.). *Estudos Feministas*, v. 95, n. 1, 1995, p. 464-478.

JOHNSON, Walter. On Agency. *Journal of Social History*, v. 37, n. 1, Edição Especial, 2003, p. 113-124.

JOHNSON, Walter. On agency. *Journal of Social History, Oxford University Press*, v. 37, n. 1, 2003, p. 113-124.

JONES, William P. The Unknown Origins of the March on Washington: Civil Rights Politics and the Black Working Class. *Labor: Studies in Working-Class History of the Americas*, v. 7, n. 3, p. 33-52.

KATZ, Ellen D. Reinforcing Representation: Congressional Power to Enforce the Fourteenth and Fifteenth Amendments in the Rehnquist and Waite Courts. *Michigan Law Review*, v. 101, 2003, p. 2341-408.

- KELLY, Brian. Labor, Race, and the Search for a Central Theme in the History of the Jim Crow South. *Irish Journal of American Studies*, v. 10, 2001, p. 55-73.
- KING, Anthony E. O. African American Females' Attitudes toward Marriage: An Exploratory Study. *Journal of Black Studies*, v. 29, n. 3, 1999, p. 416-37.
- LATOUCHE, Miguel. Los dilemas de Antígona: Reflexiones en torno al problema de la desobediencia civil. *EPISTEME*, v. 31, n. 2, p. 25-44, 2011.
- LEVINE, Lawrence W. American Culture and The Great Depression. *The Yale Review*, v. 74, n. 2, 1985, p. 196-223.
- LORDI, Emily J. Souls intact: The soul performances of Audre Lorde, Aretha Franklin, and Nina Simone. *Women & Performance: a journal of feminist theory*, v. 1, n. 26, 2016, p. 55-71.
- LOUIS, William Conwill. Domestic Violence Among the Black Poor: Intersectionality and Social Justice. *International Journal for the Advancement Counselling*, v. 31, n. 32, 2010.
- MACHADO, Marilane. Biografia e História: da academia ao grande público. *Revista Tempo e Argumento*, v. 7, n. 14, 2015, p. 253-258.
- MACIEL, Fred; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. BLUES: Manifestação e inserção sociocultural do negro no início do século XX. *Revista Outros Tempos, Dossiê de História Atlântica e Diáspora Africana*, v. 8, n. 12, 2011, p. 221-238.
- NICHOLS, Charles. The Origins of Uncle Tom's Cabin. *The Phylon Quarterly*, v. 19, n. 3, 1958, p. 328-34.
- NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. *Ipotesi Revista de Estudos Literários*, v. 6, n. 2, 2018, p. 23.
- OLIVER, Paul. *The story of the Blues*. New York: Penguin Books, 1978, apud. ALVES, Amanda Palomo. Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da "black music" nos Estados Unidos. *Revista de História*, v. 1, n. 3, 2011, p. 50-70.
- ORTEGA, Francisco V. El *artivismo* como accion estratégica de nuevas narrativas artístico-políticas. *Calle 14*, v. 15, n. 10, 2015, p. 100-111.
- PEREIRA, Stefania; GOMES, Letícia Simões (trad.). Manifesto do Coletivo Combahee River. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, 2019, p. 197-207.

- PINHEIRO, Mariza de Oliveira. Escrita de si como *etopoiética* informacional: cartas e diários e os “lugares” epistêmicos de memórias e identidade. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, João Pessoa, 2015.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, 2008.
- RAPOSO, Paulo. Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4, n. 2, 2015, p. 3-12.
- ROBNETT, Belinda. African-American Women in the Civil Rights Movement, 1954-1965: Gender, Leadership and Micromobilization. *American Journal of Sociology*, v. 101, n. 6, 1996, p. 1661-1693.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Revista Estudos Avançados*, v. 33, n. 96, 2019, p. 137-154.
- SCHWARTZ, Barry. Collective Forgetting and the Symbolic Power of Oneness: The Strange Apotheosis of Rosa Parks. *Social Psychology Quarterly*, v. 72, n. 2, 2009, p. 123-142.
- STEWART, James B. Message in the Music: Political Commentary in Black Popular Music from Rhythm and Blues to Early Hip Hop. *The Journal of African American History*, v. 90, n. 3, 2005, p. 196-225.
- SUGRUE, Thomas J. Northern Lights: The Black Freedom Struggle Outside the South. *OAH Magazine of History*, v. 26, n. 1, p. 9-15.
- TAVARES, Derek. Escrita de si: uma ilusão autobiográfica. *Anais do 1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentalidade e Segurança*, João Pessoa, 2014.
- THEOHARIS, Jeanne; BURGIN, Say. *Dez maneiras de ensinar Rosa Parks*. In: *A Terra é Redonda*, 13 abr. 2021. GABRIEL, Daiara; PURDY, Sean (Trads.). History Resources, African American Women in leadership, The Gilder Lehrman Institute of American History, 2019.
- THURBER, Timothy N. Daybreak of Freedom: The Montgomery Bus Boycott. *History: Reviews of New Books*, v. 26, n. 4, 1998, p. 173-174.
- VALOCHI, Steve. The Emergence of the Integrationist Ideology in the Civil Rights Movement. *Social Problems*, v. 43, n. 1, 1996, p. 116-130.

WADE-LEWIS, Margaret. I Remember Rosa Parks: The Impact Of Segregation. *The Black Scholar*, v. 35, n. 4, 2015, p. 02-12.

WALD, Gayle. Rosetta Tharpe and Feminist “Un-Forgetting”. *Journal of Women’s History*, v. 21, n. 4, 2009, p. 157-160.

WEBSDAEL, Neil. Female Suffrage, Male Violence, and Law Enforcement in Lane County, Oregon, 1853 to 1960: An Ascending Analysis of Power. *Source: Social Justice*, v. 19, n. 3, 1992, p. 82-106.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde Social*, v. 25, n. 3, 2016.

WILLIAMS, Rhonda Y. Black Women and Black Power. *OAH Magazine of History*, jul. 2008, p. 22-26.

WILLIAMS, Yohuru. “Some Abstract Thing Called Freedom”: Civil Rights, Black Power, and the Legacy of the Black Panther Party. *OAH Magazine of History*, jul. 2008, p. 16-21.

- **Websites/referências consultadas online:**

AKOTIRENE, Carla. Hoje chegava ao mundo Rosa Parks. Página pessoal de Carla Akotirene. Publicado em: 4 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CZjeopWLZMk/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ANDERSON, Melissa. Lorraine Hansberry’s letters reveal the playwright’s private struggle. *The Village Voice*. Publicado em: 26 fev 2014. Disponível em: <<https://www.villagevoice.com/2014/02/26/lorraine-hansberrys-letters-reveal-the-playwrights-private-struggle/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BARRETO, Raquel. Angela Davis e Frederick Douglass: A escrita de si como ativismo. *Suplemento Pernambuco*. Publicado em: 10 abr. 2019. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2259-angela-davis-e-frederick-douglass-a-escrita-de-si-como-ativismo.html?tmpl=component&print=1&page=>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BARRETO, Raquel; BORGES, Pedro; DOUGLAS, Emory. Panteras Negras, todo poder ao povo. *Alma Preta*. Publicado em: 31 ago. 2017. Disponível em: <<https://alma.preta.com/sessao/africa-diaspora/panteras-negras-todo-poder-ao-povo>>. Acesso em: 10 mar. 2022.



Britannica, The Editors of Encyclopaedia. Frankfurt School. *Encyclopedia Britannica*, Publicado em: 22 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Frankfurt-School>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BROOKS, Daphne. “Ain't Got No, I Got Life”: #OscarsSoWhite & the Problem of Women Musicians on Film. *Los Angeles Review of Books*. Publicado em: 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/aint-got-no-i-got-life-oscarssowhite-the-problem-of-women-musicians-film/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BROWN v Board of Education Decision. *Civil Rights Movement Archive*. S.d. Disponível em: <<https://www.crmvet.org/tim/timhis54.htm#1954bvbe>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DAVIS, Kelly. Meet The 15 Students Changing Mental Health On Campus. *Mental Health America*. S.d. Disponível em: <<https://www.mhanational.org/blog/meet-15-students-changing-mental-health-campus#Miana%20Bryant>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DJOKIC, Aline. Colorismo: o que é, como funciona. *Blogueiras Negras*. Publicado em: 27 jan. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DUIGNAN, Brian. Loving v. Virginia: United States law case. *Encyclopedia Britannica*. Publicado em: 5 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Loving-v-Virginia>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. 1º de janeiro de 1863: Estados Unidos abolem a escravidão. *Portal Geledés*. Publicado em: 1º fev. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/1-de-janeiro-de-1863-estados-unidos-abolem-escravidao/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. 13th Amendment. *Legal Information Institute*. S.d. Disponível em: <<https://www.law.cornell.edu/constitution/amendmentxiii>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. 1968: Martin Luther King shot dead. On this Day. *BBC*. Publicado em: 4 abr. 1968. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/april/4/newsid\\_2453000/2453987.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/april/4/newsid_2453000/2453987.stm)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. About. *Stephen Cleary*. S.d. Disponível em: <<https://www.stephencleary.org/stephenclearyfilm-3>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Amendment-15. *Legal Information Institute*. S.d. Disponível em: <<https://www.law.cornell.edu/constitution-conan/amendment-15/section-1-2/grandfather-clauses>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Biography. *Malcolm X*. S.d. Disponível em: <<https://malcolmx.com/biography/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Breona Taylor: What happened on the night of her death?. *BBC*. Publicado em: 8 out. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-54210448>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Brown v Board of Education Decision. Civil Rights Movement History 1954. *Civil Rights Movement History*. S.d. Disponível em: <<https://www.crmvet.org/tim/timhis54.htm#1954bvbe>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Courier. *Chronicling America. Library of Congress*. Publicado em: 7 out. 2013. Disponível em: <<https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/2009263251/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida. *BBC*. Publicado em: 25 mar. 2021. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323\\_entenda\\_trayvon\\_florida\\_cc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Freedom Singer: “Without Music, There Would be No Movement”. *NPR*. Publicado em: 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.npr.org/2013/08/28/216422973/freedom-singer-without-music-there-would-be-no-movement>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Highlander Folk School. *Stanford University: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute*. S.d. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/highlander-folk-school>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. History & Culture. *Selma to Montgomery. National Historic Trail Alabama*. Publicado em: 20 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.nps.gov/semo/learn/historyculture/index.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Montgomery Improvement Association (MIA). *Stanford University: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute*. Publicado em: 5 dez. 1955. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/montgomery-improvement-association-mia>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Newport Folk Festival discography. Wirz’ *American Music*. S. d. Disponível em: <<https://www.wirz.de/music/newpofrm.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

EDITORIAL. Passage of the Voting Rights Act. Civil Rights Movement History 1965: Selma & The March to Montgomery. *Civil Rights Movement History*. S.d. Disponível em: <<https://www.crmvet.org/tim/tim65b.htm#1965vra65>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Quick Facts Montgomery County, Alabama. *United States Census Bureau*. S.d. Disponível em: <<https://www.census.gov/quickfacts/montgomerycountyalabama>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Sharecroppers. *The American Battlefield Trust*. S.d. Disponível em: <<https://www.battlefields.org/learn/articles/sharecroppers>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. The Louisville Leader. Louisville, Kentucky, Saturday, May 19, 1923. *African American Newspaper*, v. 07, n. 24, S. d. Disponível em: <<http://digital.library.louisville.edu/cdm/ref/collection/leader/id/9763>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. The Rosa Parks Bus. *The Henry Ford*. S.d. Disponível em: <<https://www.thehenryford.org/explore/inside/rosa-parks-bus/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

EDITORIAL. The Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC). *Civil Rights Movement Archives*. S.d. Disponível em: <<https://www.archives.gov/research/african-americans/black-power/sncc>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Voting Rights Acts. *National Voting Rights Museum and Institute*. S.d. Disponível em: <[http://nvrmi.com/?page\\_id=41](http://nvrmi.com/?page_id=41)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. What Makes Curtis Unique. *Curtis Institute*. S.d. Disponível em: <<https://www.curtis.edu/about/unique/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EDITORIAL. Women's Political Council (WPC) of Montgomery. *Stanford University: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute*. Publicado em: 1º mar. 1949. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/womens-political-council-wpc-montgomery>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

FORDHAM, John. Nina Simone, Nina Simone at the Town Hall. *The Guardian*. Publicado em: 11 mar. 2005. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2005/mar/11/jazz.shopping>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GRAHAM, C. SNCC Freedom Singers (1962-1966). *BlackPast*. Publicado em: 9 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/sncc-freedom-singers-1962-1966/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GREENBLATT, Alan. The Racial History Of The 'Grandfather Clause'. *Code Switch, NPR*. Publicado em: 22 out. 2013. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/code-switch/2013/10/21/239081586/the-racial-history-of-the-grandfather-clause>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HATFIELD, Edward A. Freedom Singers. *New Georgia Encyclopedia*. Publicado em: 2 nov. 2007. Disponível em: <<https://www.georgiaencyclopedia.org/articles/arts-culture/freedom-singers>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HARMON, David. Mahala Ashley Dickerson. *Encyclopedia of Alabama*. Publicado em: 29 jan. 2018. Disponível em: <<http://encyclopediaofalabama.org/article/h-1443>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

JOHN. Virginia Foster Durr and the Salvation of Alabama. *Wetmachine*. Publicado em: 30 jun. 2011. Disponível em: <<https://wetmachine.com/my-thoughts-exactly/virginia-foster-durr-and-the-salvation-of-alabama/#more-2681>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

KEEPNEWS, Peter. Nina Simone, 70, Soulful Diva and Voice of Civil Rights, Dies. *The New York Times*. Publicado em: 22 abr. 2003. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2003/04/22/arts/nina-simone-70-soulful-diva-and-voice-of-civil-rights-dies.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

KING, Martin Luther. Letter From Birmingham Jail, 1963. *Wayback Machine*. S.d. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20130107002405/http://mlk-kpp01.stanford.edu/index.php/resources/article/annotated\\_letter\\_from\\_birmingham/](https://web.archive.org/web/20130107002405/http://mlk-kpp01.stanford.edu/index.php/resources/article/annotated_letter_from_birmingham/)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LINDER, Douglas O. Without Fear or Favor: Judge James Edwin Horton and the Trial of the “Scottsboro Boys”. *Famous American Trials*, S.d. Disponível em: <<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/FTrials/trialheroes/essayhorton.html>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LONG, Heather. “We Should Be Talking About Class as Much as Race Issues in America”. *The Guardian*. Publicado em: 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/aug/28/martin-luther-king-poverty-message>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LUNGUMBU, Sandrine. 1 ano da morte de George Floyd: ‘Não há nada para se comemorar’. *BBC*. Publicado em: 25 maio 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57236428>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MELO, João Ozório. EUA celebram 50 anos de decisão judicial que foi “marco dos direitos civis”. *Conjur*. Publicado em: 16 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-jun-16/eua-celebram-50-anos-decisao-foi-marco-direitos-civis>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ORFIELD, G. LEE, C. Why segregation matters: Poverty and Educational Inequality. *The Civil Rights Project at Harvard University*. Publicado em: 13 jan. 2015. Disponível em: <<https://civilrightsproject.ucla.edu/research/k-12-education/integration-and-diversity/why-segregation-matters-poverty-and-educational-inequality/orfield-why-segregation-matters-2005.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

PIRES, Gabriela. Fragmentos do descobrir-se negra. *Geledés*. Publicado em: 22 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/fragmentos-do-descobrir-se-negra-por-gabriela-pires/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SANKOFA, Sayhername Morgan. Who is Sister Sadie?. *Viva*. Publicado em: out. 2019. Disponível em: <<https://vocal.media/viva/who-is-sister-sadie>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SIMONE, Nina. Mississippi Goddam. *Letras. Mus*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nina-simone/185487/>>. Acesso em: 17 mar. 2022. Tradução nossa.

SIMONE, Nina. To Be Young, Gifted And Black. *Letras. Mus*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nina-simone/185544/traducao.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SIMONE, Nina. Why? (The King Of Love Is Dead). *Letras. Mus*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nina-simone/185558/traducao.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SORRILHA, Marcos. O “Lugar” do Racismo nos EUA. *Deviante*. Publicado em: 29 out. 2020. Disponível em: <<https://www.deviante.com.br/noticias/o-lugar-do-racismo-nos-eua/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SPAN, Paula. The Undying Revolutionary: As Stokely Carmichael, He Fought for Black Power. Now Kwame Ture's Fighting For His Life. *The Washington Post*. Publicado em: 8 abr. 2008. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1998/04/08/the-undying-revolutionary-as-stokely-carmichael-he-fought-for-black-power-now-kwame-tures-fighting-for-his-life/4adb14ec-0db8-4668-8af6-84f877b3c61a/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

STANTON, Mary. “We Were Called Comrades Without Condescension or Patronage”. [Entrevistador: DILAWAR, Arvind]. *Jacobin*, Estados Unidos, 2020. Entrevista disponível na íntegra em: <<https://www.jacobinmag.com/2020/04/alabama-communist-party-usa-scottsboro-history>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

STRÖHER, Ademir Fábio Quinot. Você sabia que foi uma mulher que criou “Rock N’Roll”? *Pensador Anônimo*, S.d. Disponível em: <<https://pensadoranonimo.com.br/voce-sabia-que-foi-uma-mulher-que-criou-rock-nroll/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

TAYLOR-STONE, Chardine. Nina Simone was a Radical. *Jocabin*. Publicado em: 24 abr. 2021. Disponível em: <<https://jacobinmag.com/2021/04/nina-simone-radical-music-lorraine-hansberry>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

UNTERBERGER, Richie. Nina Simone In Concert Review. *All Music*. S.d. Disponível em: <<https://www.allmusic.com/album/nina-simone-in-concert-mw0000691462?1626272423084>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

WATKINS, Mel. James Haskins, an Author on Black History, Dies at 63. *The New York Times*. Publicado em: 11 jul. 2005. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2005/07/11/books/james-haskins-an-author-on-black-history-dies-at-63.html>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

- **Audiovisual:**

BOURKE-WHITE, Margaret. A fotografia e seus duplos III. *Iconica*. Publicado em: 14 nov. 2011. Disponível em: <<https://www.iconica.com.br/site/tag/margaret-bourke-white/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

EDITORIAL. Transcrição e gravação de 11 de junho de 1963. *JFK Library*. S.d. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/civil-rights-radio-and-television-report-19630611>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

OLIVEIRA, Gabriela; VIEIRA, Karina. Raiva. *Podcast AFETOS*. Publicado em: jan. 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3q8CgnIhidh6n2fZ4OQCCJ>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

ROBINSON, Jack. Disponível em: <<https://robinsonarchive.com/product/music/nina-simone-11/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

RODIS, Peter. ‘Liberdade’ por *Nina Simone* – trecho do documentário “Nina: a historical perspective”. *Revista Prosa Verso e Arte*, 1970. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/as-cores-da-minha-alma-nina-simone/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SIMONE, Nina. *Nina Simone: An Artist’s Duty*. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (51 seg). Publicado pelo canal: Nina Simone. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99V0mMNf5fo>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

UNIVERSITY, Boston. The Freedom Singers perform “We Shall Not Be Moved” at the March on Washington. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=duvoETGVvYU>>. Acesso em: 17 mar. 2022.